

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
NÍVEL DOUTORADO

RODRIGO SEVERO RODEMBUSCH

**RÁDIO COMUNITÁRIA E CIDADANIA COMUNICATIVA:**  
Interações entre comunicadores locutores e ouvintes das Rádios Comunitárias  
Lomba do Pinheiro e A Voz do Morro

São Leopoldo

2018

RODRIGO SEVERO RODEMBUSCH

**RÁDIO COMUNITÁRIA E CIDADANIA COMUNICATIVA:**

Interações entre comunicadores locutores e ouvintes das Rádios Comunitárias Lomba do Pinheiro e A Voz do Morro

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Jiani Adriana Bonin

São Leopoldo

2018

R687r Rodembusch, Rodrigo Severo.  
Rádio comunitária e cidadania comunicativa: interações entre comunicadores locutores e ouvintes das Rádios Comunitárias Lomba do Pinheiro e A Voz do Morro / Rodrigo Severo Rodembusch. – 2018.  
320 f. : il. color. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, 2018.  
“Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Jiani Adriana Bonin.”

1. Rádio comunitária – Porto Alegre. 2. Mídia digital. 3. Cidadania. 4. Locutores de rádio. 5. Radiouvintes. I. Título.

CDU 654.195

RODRIGO SEVERO RODEMBUSCH

**RÁDIO COMUNITÁRIA E CIDADANIA COMUNICATIVA:**

Interações entre comunicadores locutores e ouvintes das Rádios Comunitárias Lomba do Pinheiro e A Voz do Morro

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovado em 27 de março de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Jiani Adriana Bonin  
Professor(a) Orientador(a)

---

Prof. Dr. Juciano Lacerda

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Graziela Soares Biachi

---

Prof. Dr. Fabrício Lopes da Silveira

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Clara Jobst de Aquino Bittencourt

*Dedico este trabalho a todo e qualquer cidadão brasileiro  
que luta por representatividade, espaço e voz  
nos meios de comunicação.*

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado de um conjunto de fatores que, juntos, possibilitaram que ele pudesse ser concretizado a partir de um desejo inicial de pesquisa que nasceu logo após a defesa de Mestrado em 2011. Dessa forma, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS por aceitar o projeto, aos professores que compartilharam comigo seus saberes e, especialmente, à minha orientadora Jiani Adriana Bonin, por me acompanhar nessa jornada, por muitas vezes mais desafiadora do que esclarecedora. (Jiani, aprendi que são as perguntas que me levam a reflexões mais profundas e não suas próprias respostas).

Agradeço, ainda, aos meus colegas que, comigo, iniciaram essa jornada em 2014 e que, juntos, buscamos compreender um pouco mais do complexo universo da Comunicação. Em especial, Thais Aragão, minha companheira de discussões acaloradas e sempre válidas durante nossas viagens no Trensurb entre Porto Alegre e São Leopoldo, e Juliana Bortholuzzi, um ser humano especial, cuja amizade nasceu de angústias epistemológicas e que trago para fora dos espaços acadêmicos de pesquisa (#tâmojunto).

Especial lembrança aos comunicadores gestores, comunicadores locutores e comunicadores ouvintes que compreenderam a importância de levar para a academia as discussões sobre a radiodifusão comunitária. Obrigado pela acolhida, pelo café, pela troca de experiências e pelo aprendizado.

Não deixo de agradecer amigos, colegas, alunos e familiares que acompanharam, mesmo que distantes, os 4 anos de trajetória, que se concretizam na tese aqui apresentada.

Por fim, agradeço ao Leo e ao Chuleta que estiveram comigo desde o início e que, cada um do seu modo especial, me incentivaram e me deram força para não perder o foco.

*“Mein Gegner bin ich selbst.”*

(Autoria desconhecida)

## RESUMO

Esta pesquisa realiza uma análise dos processos comunicativos entre comunicadores de rádios comunitárias situadas em Porto Alegre e os comunicadores ouvintes que compõem seu público no contexto da digitalização na perspectiva de construção de uma comunicação comunitária e de cidadania comunicacional. Foram definidas, como recorte empírico, duas experiências de radiodifusão comunitária: Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, situada na região leste de Porto Alegre, e A Voz do Morro, na região norte. Como alicerce da investigação, no arcabouço teórico foram problematizados os conceitos de comunidade, comunicação comunitária, cidadania comunicativa, sujeitos comunicantes e midiaticização digital. Na pesquisa empírica, na fase exploratória foram mapeados os serviços de radiodifusão comunitária de Porto Alegre e realizadas entrevistas exploratórias com comunicadores gestores, comunicadores locutores e comunicadores ouvintes. Na fase sistemática, foram feitas entrevistas em profundidade com comunicadores locutores e ouvintes das duas rádios escolhidas para a pesquisa, levando em conta a diversidade de vozes e formas de participação presentes. Entre os resultados encontrados, pode-se perceber que existe um vínculo identitário maior entre os ouvintes da rádio que se utiliza de meios analógicos em comparação àquela que já está inserida no ambiente digital. Da mesma forma, as possibilidades de participação em meios digitais não significaram maior participação do público. Comunicadores locutores e comunicadores ouvintes teceram críticas à falta de participação efetiva do público na programação como fator primordial para a construção de uma comunicação comunitária de fato e o fomento da cidadania comunicacional, mesmo que identifiquem a presença de ambas no contexto de suas rádios comunitárias.

**Palavras-chave:** Rádio comunitária. Comunicação comunitária. Midiaticização digital. Comunicador ouvinte. Cidadania comunicativa.



## ABSTRACT

This research analyzes the communicative processes between community radio stations located in Porto Alegre and its listeners in the context of digitalization in the perspective of developing community communication and communicative citizenship. Two community radio were defined as empirical clipping: Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro and A Voz do Morro, both in the eastern part of the city. As a foundation for research, concepts of community, community communication, communicative citizenship and digital mediatization were problematized in the theoretical framework. In the empirical research, in the exploratory phase, the community broadcasting services of Porto Alegre were mapped and exploratory interviews were conducted with the respective managers, radio's speakers and listeners. In the systematic phase, in-depth interviews were conducted with radio's speakers and listeners of the two radios chosen for the research, taking into consideration the diversity of voices and different forms of participation for this study. The results showed a greater sense of identity among the listeners of the radio that uses analog means of communication in comparison to the one that is already inserted in the digital environment. Likewise, the possibilities of participation in digital media did not mean a more intense participation. Radio's speakers and listeners criticized the lack of effective public participation in programming as a key factor for building a *de facto* community communication and fostering communicative citizenship, even if they identify the presence of both in the context of their community radios.

**Key-Words:** Community radio. Community communication. Digital mediatization. Listener. Communicative citizenship.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa das regiões de planejamento e macrozonas com bairros vigentes.....	58
Figura 2 – Localização da Lomba do Pinheiro.....	60
Figura 3 – Fanpage da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro.....	62
Figura 4 – Número de telefone da RADCOM na Fanpage.....	63
Figura 5 – Site da Internet que transmite a programação da RADCOM.....	64
Figura 6 – Localização do Morro Santana.....	66
Figura 7 – Blog da Voz do Morro.....	72
Figura 8 – Fanpage da Voz do Morro.....	73
Figura 9 – Perfil do Twitter da Voz do Morro.....	73

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Sede física da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro.....	61
Fotografia 2 – Estúdio da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro.....	61
Fotografia 3 – Sede da rádio A Voz do Morro antes da reforma.....	67
Fotografia 4 – Espaço reformado e fachada da Voz do Morro.....	69
Fotografia 5 – Estúdio da Voz do Morro.....	70

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Programação da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro de segunda à sexta...	65
Quadro 2 – Programação da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro de sábado.....	65
Quadro 3 – Programação da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro de domingo.....	65
Quadro 4 – Programação da Voz do Morro.....	70

## LISTA DE SIGLAS

ABRAÇO	Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária
AGERT	Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão
AM	Amplitude Modulada
ANATEL	Agência Nacional de Telecomunicações
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
ECAD	Escritório Central de Arrecadação e Distribuição
FM	Frequência Modulada
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
MC	Ministério das Comunicações
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
RADCOM	Rádio comunitária
RMPA	Região Metropolitana de Porto Alegre
SMC	Secretaria Municipal da Cultura
TIC	Tecnologias da Informação e da Comunicação
TV	Televisão
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 OS CONTORNOS DA PROBLEMÁTICA INVESTIGADA.....	18
2.1 O problema da pesquisa.....	18
2.2 Os sentidos da investigação.....	28
2.3 Os objetivos.....	31
2.3.1 <i>Objetivo geral</i> .....	31
2.3.2 <i>Objetivos específicos</i> .....	31
3 AS RÁDIOS COMUNITÁRIAS E SUAS DIMENSÕES CONSTITUTIVAS.....	32
3.1 A trajetória histórico-política de constituição da comunicação comunitária radiofônica no contexto brasileiro.....	32
3.2 As especificidades das rádios comunitárias no Brasil.....	36
3.2.1 <i>Especificações técnicas</i> .....	37
3.2.2 <i>Sustentabilidade financeira</i> .....	37
3.2.3 <i>Programação</i> .....	40
3.2.4 <i>Participação e produção da comunidade</i> .....	42
3.2.5 <i>Propriedade e pressões externas</i> .....	44
3.3 O arcabouço legal das rádios comunitárias no Brasil.....	47
3.3.1 <i>Os marcos legais</i> .....	48
3.4 A midiatização e a convergência digital na perspectiva de novas modalidades de participação.....	50
3.5 A radiodifusão comunitária em Porto Alegre: Lomba do Pinheiro e Voz do Morro.....	56
3.5.1 <i>Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro</i> .....	58
3.5.2 <i>A Voz do Morro</i> .....	65
4 COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA, MEDIATIZAÇÃO DIGITAL E CIDADANIA COMUNICATIVA.....	74
4.1 Reconfigurações do conceito de comunidade.....	74
4.2 Comunicação popular e comunitária.....	80
4.3 A midiatização digital e as transformações na comunicação comunitária.....	89
4.4 Os comunicadores ouvintes e as apropriações midiáticas.....	96
4.5 A cidadania comunicativa nos processos de comunicação comunitária.....	105
5 TRILHAS METODOLÓGICAS.....	112

5.1 Reflexões sobre o método e a metodologia.....	112
5.2 A pesquisa da pesquisa.....	117
5.3 Explorações empíricas.....	120
5.3.1 <i>Entrevistas exploratórias I com comunicadores gestores</i> .....	125
5.3.2 <i>Entrevistas exploratórias II com comunicadores gestores</i> .....	136
5.3.3 <i>Entrevistas exploratórias com comunicadores locutores</i> .....	143
5.3.4 <i>Entrevistas exploratórias com comunicadores ouvintes</i> .....	156
5.4 Os processos e procedimentos da fase sistemática da pesquisa.....	165
5.4.1 <i>Entrevista sistemática com os comunicadores locutores</i> .....	168
5.4.2 <i>Entrevistas sistemática com os comunicadores ouvintes</i> .....	171
<b>6 OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS NA LOMBA DO PINHEIRO NAS PERSPECTIVAS DOS COMUNICADORES LOCUTORES E OUVINTES.....</b>	<b>173</b>
6.1 Perspectivas dos comunicadores locutores.....	174
6.1.1 <i>Vivências midiáticas e dos processos de digitalização e de convergência</i> .....	176
6.1.2 <i>Concepções, estratégias e realizações comunicacionais das rádios comunitárias relativas à participação do público</i> .....	179
6.1.3 <i>A comunicação digital e os processos comunicacionais entre os comunicadores ouvintes e suas rádios comunitárias</i> .....	186
6.1.4 <i>A construção da comunicação comunitária na perspectiva da cidadania comunicativa</i> .....	190
6.2 As perspectivas dos comunicadores ouvintes.....	193
6.2.1 <i>As vivências das transformações vinculadas à digitalização e à convergência</i> .....	197
6.2.2 <i>Formas de participação dos comunicadores ouvintes nos processos comunicacionais com as rádios comunitárias</i> .....	199
6.2.3 <i>A comunicação digital e os processos comunicacionais entre os comunicadores ouvintes e suas rádios comunitárias</i> .....	206
6.2.4 <i>A construção da comunicação comunitária na perspectiva da cidadania comunicativa</i> .....	208
6.3 Síntese analítica.....	213
<b>7 OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS NA VOZ DO MORRO NAS PERSPECTIVAS DOS COMUNICADORES LOCUTORES E OUVINTES.....</b>	<b>219</b>
7.1 Perspectiva dos comunicadores locutores.....	219
7.1.1 <i>Vivências midiáticas e dos processos de digitalização e de convergência</i> .....	224

7.1.2 <i>Concepções, estratégias e realizações comunicacionais das rádios comunitárias relativas à participação do público</i> .....	227
7.1.3 <i>A comunicação digital e os processos comunicacionais entre os comunicadores ouvintes e suas rádios comunitárias</i> .....	236
7.1.4 <i>A construção da comunicação comunitária na perspectiva da cidadania comunicativa</i> .....	240
7.2 <i>A perspectiva dos comunicadores ouvintes</i> .....	244
7.2.1 <i>Vivências midiáticas e dos processos de digitalização e de convergência</i> .....	246
7.2.2 <i>Formas de participação dos comunicadores ouvintes nos processos comunicacionais com as rádios comunitárias</i> .....	249
7.2.3 <i>A comunicação digital e os processos comunicacionais entre os comunicadores ouvintes e suas rádios comunitárias</i> .....	253
7.2.4 <i>A construção da comunicação comunitária na perspectiva da cidadania comunicativa</i> .....	256
7.3 <i>Síntese analítica</i> .....	261
8 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	266
REFERÊNCIAS .....	273
APÊNDICE A - <i>Mapeamento das rádios comunitárias</i> .....	288
APÊNDICE B - <i>Roteiro da entrevista exploratória I (comunicador gestor)</i> .....	294
APÊNDICE C - <i>Roteiro da entrevista exploratória II (comunicador gestor)</i> .....	295
APÊNDICE D - <i>Roteiro da entrevista exploratória (comunicador locutor)</i> .....	296
APÊNDICE E - <i>Roteiro da entrevista exploratória (comunicador ouvinte)</i> .....	297
APÊNDICE F - <i>Roteiro da entrevista sistemática (comunicador locutor)</i> .....	298
APÊNDICE G - <i>Roteiro da entrevista sistemática (comunicador ouvinte)</i> .....	301
APÊNDICE H - <i>Síntese das entrevistas exploratórias e sistemáticas</i> .....	304
APÊNDICE I - <i>Detalhamentos relativos ao contato com os comunicadores (gestores – locutores – ouvintes)</i> .....	307



## 1 INTRODUÇÃO

Frente a um movimento de reconfiguração a que os processos comunicacionais estão sujeitos a partir da perspectiva da presença do ambiente digital, os serviços de radiodifusão comunitária, que têm no comunicador ouvinte sua razão de existir, precisam ser problematizados quanto às possibilidades de participação que oferecem a seu público. Em uma realidade midiática hegemônica e protetora do *status quo* (COGO, 1998), as rádios comunitárias são, em um país de grande desigualdade social, como é o caso do Brasil, uma alternativa para “formação do senso crítico, estimulando a reflexão sem determiná-la” (NUNES, 2006, p.135).

Assim, como parte integrante do espectro midiático da produção de comunicação de caráter comunitário entre grupos marginalizados (MILAN, 2008) ou discriminados pela sociedade (PERUZZO, 2010), o rádio tem a capacidade de participar no processo de descentralização da informação (COGO, 1998), como o têm jornais, blogs, televisões alternativas etc. Porém, a força do meio radiofônica se dá, talvez, “pelo fato de ter um baixo custo, não exigir habilidades prévias de seus ouvintes, podendo ser consumido a qualquer hora e lugar” (COGO, 1998, p. 98).

Para atuar como um agente contra-hegemônico, é preciso que sejam estreitados, casa vez mais, os laços entre a comunidade pela qual, para a qual e sobre a qual o serviço de radiodifusão comunitária opera. É nesse cenário que esta pesquisa se insere e se propôs a analisar a relação entre comunicadores da rádio comunitária, sujeitos comunicantes e cidadania comunicativa a partir das interações comunicativas entre RADCOMs situadas em Porto Alegre e os comunicadores ouvintes que compõem seu público -na perspectiva de construção da cidadania comunicativa.

Foram definidas como recorte empírico, duas experiências de radiodifusão comunitária: Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, outorgada, situada no bairro de mesmo nome, na zona leste da capital, com programação ao vivo de segunda a segunda das 7h às 22h e em funcionamento há mais de dez anos, e A Voz do Morro, sem outorga, com programação aos domingos pela manhã e tarde ao vivo e gravada, situada também na zona leste de Porto Alegre, no bairro Morro Santana.

Ambas as rádios foram selecionadas após pesquisa exploratória em que foram mapeados os serviços de radiodifusão comunitária de Porto Alegre e, a partir deste levantamento, realizadas entrevistas exploratórias com os respectivos comunicadores gestores, comunicadores locutores e comunicadores ouvintes. Na fase sistemática, foram realizadas entrevistas em profundidade *in loco* com comunicadores locutores e ouvintes das duas rádios escolhidas para

a pesquisa, levando em conta a diversidade de vozes e formas oferecidas de participação para este estudo.

Assim, buscamos refletir sobre os processos comunicacionais, as relações com os comunicadores ouvintes, as implicações da abertura do ambiente *on-line* e os usos e apropriações do público. Dessa forma, essa tese apresenta um encadeamento de capítulos, a começar pelo que denominei de **Os contornos da problemática investigada**, onde é apresentada a construção do problema, bem como os objetivos geral e específicos que se pretende e a justificativa da pesquisa, com olhar para o sujeito inserido nos processos comunicativos com rádios comunitárias, isto é, o comunicador ouvinte e as relações de interação que constrói nos ambientes analógico e digital

No segundo capítulo, **Rádios comunitárias e suas dimensões constitutivas**, são apresentadas elementos de contextualização que incluem as especificidades das RADCOMs no Brasil, bem como um resgate histórico e político do serviço de radiodifusão comunitária no país desde sua origem nos anos 70. Nesse mesmo capítulo, são apresentados os dispositivos legais para outorga das rádios dessa natureza em território nacional. Também é apresentada **A radiodifusão comunitária em Porto Alegre: Lomba do Pinheiro e A Voz do Morro**, em que se aprofundam especificidades de ambas as emissoras, a fim de trazer para análise elementos importantes de suas histórias, organização e formas de participação oferecidas para o público.

O capítulo seguinte, **A midiatização e a convergência digital na perspectiva de novas modalidades de participação**, são discutidos os conceitos de convergência midiática e de midiatização digital, perspectivando as possíveis implicações desses processos nas formas participativas oferecidas pela RADCOM e a consequente interação do comunicador ouvinte.

No capítulo **Comunicação comunitária, midiatização digital e cidadania comunicativa** são problematizados os conceitos para a análise a que esta tese se propõe à luz de diversos autores, como comunicação comunitária e cidadania comunicativa. São feitos movimentos de reflexão acerca das reconfigurações do entendimento que se tem de comunidade, que extrapola a visão limitadora territorial. Também são trazidos ao debate o processo de digitalização e as transformações na comunicação comunitária, dada a necessidade de se repensar a relação emissor x receptor. Aqui serão problematizadas, ainda, concepções para pensar os sujeitos comunicantes.

O próximo capítulo é dedicado às **Trilhas metodológicas**, onde são abordados os fundamentos metodológicos orientadores da pesquisa e os métodos, processos e procedimentos de sua realização concreta. São expostos, ainda, os movimentos exploratórios da pesquisa com comunicadores locutores e comunicadores ouvintes, bem como suas respectivas pistas e

reflexões. Como fechamento, são explicitados os processos e procedimentos da fase sistemática da pesquisa e os critérios de seleção da amostra.

Os últimos dois capítulos antes das Considerações finais são destinados à análise dos dados empíricos colhidos nas entrevistas em profundidade realizadas com comunicadores locutores e ouvintes das rádios investigadas. Dessa forma, **Os processos comunicacionais na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro e Os processos comunicacionais na Voz do Morro** objetivam buscar respostas para os questionamentos propostos e que nortearam a construção desta tese.

Nas **Considerações finais**, apresento uma síntese do que foi a trajetória de pesquisa e, de forma sintetizada, as descobertas a partir dos achados empíricos e os respectivos cruzamentos com o arcabouço teórico proposto para esta tese.

## 2 OS CONTORNOS DA PROBLEMÁTICA INVESTIGADA

Este primeiro capítulo da Tese é dedicado à elucidação do problema, dos objetivos e da justificativa da pesquisa. Nele apresento perspectivas que levam à construção do problema, que nasce a partir de perspectivas conceituais fundamentais para a problematização do fenômeno a ser investigado, que inter-relaciona comunidade, comunicação comunitária, rádio comunitária e o sujeito que participa comunicativamente, isto é, aquele que produz comunicação a partir da sua relação com a rádio comunitária nas ambiências *off* e *on-line*<sup>1</sup>. Após a problematização, na justificativa para a realização da pesquisa, revelo a motivação e a pertinência do tema, uma vez que as possibilidades apresentadas pelo desenvolvimento tecnológico perpassam as diversas dimensões constitutivas da temática proposta e são campo fértil e ainda não muito explorado nas investigações do campo. Na sequência, explico os objetivos geral e específicos que orientam a investigação aqui proposta, relacionada aos processos comunicativos que as rádios comunitárias estabelecem com seu público.

### 2.1 O problema da pesquisa

Dentro do cenário midiático atual no Brasil, segundo a *Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 – Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*, o rádio é o segundo meio de comunicação mais acessado pela população.<sup>2</sup> De acordo com a referida pesquisa,

[...] aproximadamente dois em cada três entrevistados afirmam ouvir rádio, sendo que por volta da metade destes o faz todos os dias. A principal forma de acesso é por aparelhos de rádio tradicionais, especialmente através da Frequência Modulada. Ouve-se rádio mais entre segunda e sexta-feira, sendo que a média de tempo do acesso diário é próxima de três horas (SECOM, 2016, p.33).

Em 2015, quando questionados sobre o acesso diário, 30% disseram ouvir rádio todos os dias. No Rio Grande do Sul, o percentual era de 54%<sup>3</sup>, dados que demonstram a amplitude do

---

<sup>1</sup> Os aprofundamentos teóricos dos marcos conceituais serão apresentados nos capítulos de Contextualização e de Problematização Teórica.

<sup>2</sup> Conforme o levantamento da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, “a TV é o meio de comunicação mais acessado pelos entrevistados, sendo mencionada pela quase totalidade da amostra. Pouco mais de três quartos dos entrevistados assistem TV todos os dias da semana. O acesso é mais frequente entre segunda e sexta-feira, e o tempo médio de acesso supera as três horas diárias” (SECOM, 2016, p.33). Os dados aqui apresentados não podem ser tomados como absolutos da realidade brasileira. São apenas indicativos de um cenário midiático a partir de levantamento com 15.050 entrevistados. Mais informações: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view> Acesso: 06 abr. 2016.

<sup>3</sup> Como o ouvinte que interessa para esta pesquisa tem origem em classes menos favorecidas sócio e economicamente, é importante que os dados aqui apresentados sejam representativos também para esse grupo. Assim, conforme a PBM 2015, “a amostra retrata adequadamente cada um dos 26 estados e Distrito Federal”

acesso a esse meio de comunicação entre os brasileiros e gaúchos. Ainda entre estes últimos, ouvintes com escolaridade inferior à 4ª série do ensino fundamental escutam mais rádio do que aqueles com ensino médio. É nesse recorte da realidade midiática, relativo ao rádio, que a comunicação comunitária focalizada nessa pesquisa está inserida. Porém, antes de avançar na construção do problema, é importante estabelecer o que penso ser comunidade, o que me auxiliará, também, na compreensão do que entendo como comunicação comunitária.

À luz dos argumentos de autores como Peruzzo (2007a), Esposito (2007), Cogo (1998), Miani (2011), Paiva (2007) e Mata (2006), reflito que, mesmo sendo relevante a questão da territorialidade para esta tese, a compreensão de comunidade precisou ser alargada, já que a midiatização digital trouxe novas possibilidades, antes não aventadas pelo debate contextualizado em uma realidade analógica. Concordo com Hjarvard ao afirmar que “vivemos uma midiatização intensiva da cultura e da sociedade que não se limita à formação de opinião pública, mas atravessa quase todas as instituições sociais e culturais. Cada vez mais, outras instituições necessitam de recursos da mídia”. (2014, p.21).

Dessa forma, penso ser limitador conceber uma comunidade apenas na perspectiva de um sentimento de pertencimento a um determinado grupo a partir de um elemento em comum (etnia, religião, ideais, realidade socioeconômica etc.) ou uma comunidade como uma delimitação de espaço/território. Da mesma forma, desencorajo a visão quase determinista de que o desenvolvimento tecnológico é/foi o responsável pelas mudanças ocorridas na sociedade no que se refere às interações sociais, os meios de comunicação comunitários, além da relação entre emissor e receptor e o próprio conceito de comunidade.

Assim, nesta pesquisa, estou pensando a comunidade como uma coletividade constituída em torno de um elemento agregador com o qual os sujeitos se identificam, a rádio comunitária. Ela é formada por sujeitos plurais, que não precisam estar no mesmo espaço geográfico para estabelecerem relações comunicativas entre si, uma vez que são sujeitos multiterritorializados. Ainda assim, considero que o vínculo territorial ainda é fundamental para que diversos processos comunicacionais ocorram entre a rádio comunitária e seu público, o comunicador ouvinte. Embora o território – o cenário – pelas questões de tecnologia hoje – pode não estar mais circunscrito só a um espaço geográfico físico – possivelmente as identificações vão se dar ainda em vínculo com a comunidade local. Em outras palavras, as pessoas que vivem no território da rádio são elementos constituintes da própria identidade da rádio. Vejo o território da rádio comunitária (RADCOM) como cenário concreto, mesmo que esteja atravessado por processos tecnológicos novos. Destaco, assim, que o ambiente digital

pode vir a trazer novas reconfigurações neste cenário. Falamos, hoje, de um comunicador ouvinte multiterritorial – a depender do olhar que lançamos sobre ele.

Paiva propõe um questionamento que tem relação com o que entendo por comunidade: “O que seria uma vida comunitária na atualidade?”. (2007, p.136). Percebo a questão da atualidade como as possibilidades que o digital constrói nos processos comunicativos das RADCOM e seus públicos.

É a partir do conceito de comunidade que o entendimento de comunicação comunitária se dá, no que tange aos agentes deste processo. A ambiência digital também demanda um conceito mais amplo do que pode ser essa modalidade comunicativa, já que outras possibilidades de comunicação se fazem presentes, como os dispositivos móveis, por exemplo. Dessa forma, penso comunicação comunitária como o processo que, independente do meio utilizado (mediado ou não; presencial, digital ou analógico), assegure a qualquer integrante da comunidade a possibilidade de participação. É uma comunicação plural, que respeita as diferenças, produz conteúdos que buscam desenvolver a comunidade nas suas diversas dimensões constitutivas, visando a manutenção/ampliação da cidadania. Outro elemento importante é que tal comunicação surge a partir da mobilização<sup>4</sup> de grupos populares movimentos sociais ou coletivos<sup>5</sup>, como associações de moradores.

Quanto ao meio de comunicação propriamente dito, os critérios formais estabelecidos nos debates apresentados na literatura caminham para uma caracterização de RADCOM com especificidades que diferem, em parte, da compreensão aqui adotada. Entendo como constitutivos fundamentais de uma rádio comunitária para o que se pretende investigar nesta pesquisa, um meio de comunicação com ou *sem* concessão<sup>6</sup>, autorização ou permissão<sup>7</sup>, oriundo de mobilizações de comunidades, com uma programação voltada às demandas desse conjunto

---

<sup>4</sup> Minha compreensão de mobilização parte dos estudos de Bernardo Toro e Nísia Werneck no livro *Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação* em que os autores afirmam que “a mobilização ocorre quando um grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade decide e age com um objetivo comum, buscando, quotidianamente, resultados decididos e desejados por todos” (2004, p.13).

<sup>5</sup> Aqui também cabe uma referência ao que se entende por movimento popular. Para Scherer-Warren, “não há, todavia, um acordo sobre o conceito de movimento social. Para alguns, toda ação coletiva com caráter reivindicativo ou de protesto é movimento social, independente do alcance ou do significado político ou cultural de luta” (2009, p.18). Esta compreensão trazida por Scherer-Warren é a que tenho sobre o termo, exceto quando a autora apresenta o caráter limitador, isto é, o “alcance limitado de sua ação política” (2009, p.115). Com as apropriações do ambiente digital, também este conceito precisa ser alargado.

<sup>6</sup> De acordo com a legislação brasileira, colocar uma estação de rádio ilegal em funcionamento, isto é, sem autorização, é um crime federal. Para mais: <http://www.mc.gov.br/radio-comunitaria>. Acesso em: 20 mar. 2016.

<sup>7</sup> Conforme a literatura, a rádio sem concessão, autorização ou permissão é denominada *rádio livre* ou *rádio pirata*. Para esta pesquisa, o caráter comunitário tem relação com a gestão, a participação e o conteúdo veiculado pela emissora, já que o fenômeno que se busca compreender independe de licença de funcionamento. Faz-se aqui um questionamento pertinente: uma rádio inteiramente veiculada na internet (webrádio), com origem em uma associação de moradores de bairro, que atende as demandas da comunidade, fomenta a participação ativa dos ouvintes e promove a cidadania comunicativa não poderia ser denominada de comunitária por estar fora do arcabouço legal?

de pessoas, que conta com a participação/produção da comunidade.

Assim, a razão de ser é a criação de um meio que vise a ampliação da cidadania comunicativa, noção que, na perspectiva de Mata “ultrapassa a dimensão jurídica e alude à consciência prática, à possibilidade de ação” (2006, p.13), garantindo o desenvolvimento de práticas que busquem o direito de acesso a meios de comunicação, expandindo, assim, o espaço democrático. Em suma, em alinhamento a proposta de Peruzzo (2004a) entendo a rádio comunitária como um espaço de comunicação popular alternativa e de participação-poder<sup>8</sup>.

Sem ferir os elementos constitutivos do que entendo como RADCOM<sup>9</sup>, não considero características excludentes do conceito-núcleo de uma rádio comunitária um provável viés econômico – uma vez que as RADCOM precisam encontrar estratégias ou alternativas que garantam sua subsistência dentro de uma realidade de mercado e, também, a possível presença de propriedade que não ade caráter coletivo. Me alinho, dessa forma, com Peruzzo ao lembrar que

[...] há casos históricos em que mesmo faltando um ou outro desses aspectos (por exemplo, quando uma emissora é criada e conduzida por lideranças sem o envolvimento amplo da comunidade), uma rádio consegue prestar bons serviços às comunidades onde se insere e caracterizar-se como comunitária. Há também emissoras de caráter religioso que se revelam como comunitárias em seus princípios e nas práticas cotidianas. Por isso, costumo dizer que é preciso analisar individualmente as práticas das emissoras antes de classificá-las de modo apressado como comunitárias ou não comunitárias. Em última instância, a rádio comunitária típica é aquela feita pela e para a comunidade (2005, p.2).

Com base no que foi exposto, a produção de comunicação de caráter comunitário é uma realidade presente, principalmente entre os grupos subalternos e marginalizados (MILAN, 2008, p.34) ou, conforme Peruzzo, “segmentos da população empobrecidos e discriminados socialmente”. (2010, p.1). São jornais, programas de televisão e rádios que atendem demandas significativas de parcelas da população que não se sentem contempladas por decisões das esferas municipal, estadual e/ou federal (PERUZZO, 2000). E são estes sujeitos que, no contexto da comunicação comunitária, precisam ser repensados e problematizados quanto aos usos e apropriações que fazem dos meios a eles oferecidos, nesse caso em especial, pelas rádios comunitárias – não podendo esquecer de novas relações e processos que podem se estabelecer, agora, também no ambiente digital.

Assim, em alinhamento a proposições como as Peruzzo (2007a), Cogo (1998), Mata

---

<sup>8</sup> Os aprofundamentos teóricos dos marcos conceituais serão apresentados nos capítulos de Contextualização e de Problematização Teórica.

<sup>9</sup> “Ferir os elementos constitutivos do que entendendo como RADCOM” significa qualquer característica que impeça a rádio comunitária de exercer sua razão de ser, que para este estudo é a criação de um espaço democrático para o desenvolvimento e ampliação da cidadania comunicativa.

(2006), Maldonado (2014) e Scherer-Warren (1993), entendo este sujeito social não como um receptor passivo. Dessa forma, nesta pesquisa, mantereí a compreensão de que se trata de um *ouvinte*, entretanto, estou ciente de que a ele são atribuídas novas competências<sup>10</sup> quando comparado à mídia tradicional: um protagonismo no processo de comunicação, oriundo de uma especificidade da comunicação comunitária: o fomento à participação ativa da comunidade por intermédio dos meios de comunicação a ele oferecidos, constituindo-o, assim, um *comunicador ouvinte*.<sup>11</sup> Nesse mesmo sentido, entendo que a supracitada especificidade- ser comunicador - estende-se a outros dois papéis relacionados à radiodifusão comunitária: tem-se, assim, na minha concepção, um *comunicador gestor*, isto é, aquele que além de sujeito social comunicante, exerce uma função administrativa na rádio comunitária estando envolvido com ela na gestão e, nas rádios estudadas nessa pesquisa, também na apresentação; além dele, tem-se um *comunicador locutor*, isto é, aquele sujeito social comunicante que está inserido no processo de apresentação de programas. Em síntese, comunicador não é entendido nesta tese como um sinônimo de apresentador, mas sim como uma característica a partir do que é oferecido pela rádio comunitária, a possibilidade de comunicar. Os três termos integram essa tese e estarão presentes no decorrer do desenvolvimento do texto.

As rádios comunitárias (RADCOMs) têm o potencial de auxiliar no desenvolvimento da democracia, uma vez que “oferecem a possibilidade de integrar o processo de descentralização da informação”. (COGO, 1998, p.75). Além disso, “num país com elevado grau de analfabetismo como o Brasil, as rádios comunitárias teriam papel importante ao influenciar na formação do senso crítico, estimulando a reflexão sem determiná-la”. (NUNES, 2006, p.135).

Nesse raciocínio, Guareschi contribui quando afirma que os detentores dos processos de comunicação determinam, inclusive, como certos grupos sociais devem ser definidos “como sendo melhores ou piores, confiáveis ou não confiáveis, tudo de acordo com os interesses dos detentores do poder (2004, p.15). Peruzzo (2000, p.64) argumenta também que o surgimento das rádios comunitárias é um “basta à concentração absoluta dos veículos de comunicação de massa nas mãos dos grandes grupos controladores do poder econômico e político”. Nessa mesma linha, Miani reforça que “a comunicação comunitária é considerada, em tempos de

---

<sup>10</sup> Conforme Peruzzo, entre as novas competências do comunicador ouvinte engajado nos processos comunicacionais das rádios comunitárias é também referente ao “uso das técnicas e tecnologias” (2007b, p.90), isto é, o acesso à *expertise* técnica propriamente dita que garante que a emissora se mantenha operando.

<sup>11</sup> A ambiência digital não teria, nesta situação, atravessamento que implicasse na reconfiguração do conceito de ouvinte de uma rádio comunitária, uma vez que o ambiente *on-line* ampliaria as opções de formas de comunicação e participação e não certas competências já presentes no ouvinte em uma realidade *off-line* ou analógica nesta modalidade de comunicação.



globalização, uma alternativa importante para se contrapor ao monopólio midiático imposto pelas grandes corporações nacionais e internacionais de comunicação”. (2011, p.221). Cabral Filho e Oliveira lançam um olhar para o período de origem do movimento que constituiu tais processos comunicacionais ao afirmarem que “a compreensão de que as mídias criadas a partir da própria comunidade viabilizavam a produção e a circulação de conteúdos diversificados dos tradicionais, colocando-se numa perspectiva contra-hegemônica, fazia crescer a importância da luta pela democratização da comunicação para o fortalecimento das lutas mais gerais”. (2017, p.69).

A visão de Castells (2006) dialoga com a de Guareschi (2004), Peruzzo (2000) Miani (2011) e Cabral Filho e Oliveira (2017) no que tange à questão do poder e sua relação com as renovadas dinâmicas constituídas pela comunicação digital. Para Castells,

[...] a informação é poder. A comunicação é contrapoder. E a capacidade de mudar o fluxo de informação a partir da capacidade autônoma de comunicação, reforçada mediante as tecnologias digitais de comunicação, realça substancialmente a autonomia da sociedade com respeito aos poderes estabelecidos (2006, p.231).

A partir dessa percepção apresentada à luz dos autores citados, é possível reconhecer que tais mobilizações compartilham a busca pela “descentralização do poder” (SCHERER-WARREN, 2009, p.51), no caso em questão, o midiático<sup>12</sup>. Nesse sentido, para que as possibilidades que as RADCOMs oferecem a suas comunidades se concretizem é preciso, entre outras coisas, um vínculo comunicacional constante com seus ouvintes, aqui denominados como comunicadores ouvintes, que garanta uma participação ativa e plural. Esses vínculos, que no passado comumente se constituíam presencialmente, ou ainda por telefone, cartas etc., na atualidade, no contexto contemporâneo podem se dar, também, pela mediação da comunicação digital (*on-line*)<sup>13</sup>. Para compreender esse novo cenário, faço uma breve retrospectiva histórica.

As primeiras experiências nacionais com rádios comunitárias datam dos anos 70 e 80, período de comunicação analógica ou *off-line*, isto é, da existência de meios sem a intermediação de redes digitais de telecomunicação/computadores. A rádio *Paranáica*, de

<sup>12</sup> A autora denomina as referidas mobilizações de novos movimentos sociais ou NMS, dando como exemplo os movimentos de bairro. Scherer-Warren (2000) destaca, ainda, que os NMS têm potencial para o desenvolvimento de uma sociedade mais democrática. Como lembra, “existe um ideal básico que substancia o agir destes NMS: o da criação de um novo sujeito social, o qual redefine o espaço da cidadania” (SCHERER-WARREN, 2009, p.55).

<sup>13</sup> Para esta pesquisa, entende-se como meios de comunicação *off-line* aqueles que criam vínculo comunicacional entre a RADCOM e o ouvinte sem a mediação de redes digitais de telecomunicações/computadores, como por exemplo, a carta, o telefonema, o recado entregue na RADCOM, etc. Ressalto que são modalidades de comunicação também mediadas, porém, por outros suportes como papel, aparelho telefônico etc. Integra, ainda, esse modo de comunicação a própria visita presencial do ouvinte à estação de rádio. Deixo claro que são possibilidades de comunicação que ainda ocorrem na realidade de diversas rádios comunitárias brasileiras, devido, entre outros fatores, à exclusão de acesso às mídias digitais.

Vitória, no Espírito Santo, é considerada a primeira rádio livre do Brasil, tendo sido criada em 1971 por dois irmãos adolescentes (PERUZZO, 2009). Porém, duas décadas mais tarde é que se configuram esses espaços de comunicação protegidos por um arcabouço legal. Assim, a regulamentação do rádio comunitário surge em 1998, com o Serviço de Radiodifusão Comunitária<sup>14</sup> criado pela Lei nº 9.612/98 e assinada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso.

Outras alterações foram feitas em anos subsequentes, no que diz respeito ao período de licença e a abrangência do sinal. Mesmo assim, as críticas acerca da burocracia que envolve a criação legal das RADCOMs ainda se fazem presentes na atualidade (LEAL, 2006, p.9). Uma delas é a restrição de alcance de cobertura do sinal, que não ultrapassa um raio inferior a 3,5 km. Coelho Neto (2002) caracteriza como injusta a luta judicial que as rádios comunitárias enfrentam para ter o serviço outorgado devido à burocratização, o que levaria muitas, de acordo com o autor, a operar na ilegalidade.

Quanto às possibilidades de comunicação entre as RADCOMs e seus ouvintes, que nos interessam nesta pesquisa, com o desenvolvimento da internet, os processos comunicacionais mediados por redes digitais de telecomunicação/computador tornaram-se uma alternativa, juntamente com modalidades e meios de comunicação analógicos ou off-line<sup>15</sup>. Entre as encontradas, hoje em dia, estão o correio eletrônico (e-mail), o microblog *Twitter*, o aplicativo gratuito para troca de mensagens *WhatsApp*, *Fanpages* no site de redes sociais *Facebook*, o serviço de chat *on-line* no *site* da emissora comunitária etc. Porém, a oferta e a própria utilização de tais meios pelos comunicadores ouvintes dependem de particularidades relativas aos diferentes contextos sociais, econômicos e políticos, nos quais as RADCOM estão inseridas, bem como dos entraves que sofrem nesses mesmos contextos como, por exemplo, a instrumentalização política e as dificuldades de acesso propriamente ditas.

Para contornar alguns dos problemas enfrentados pelas comunidades que desejam estabelecer um meio de comunicação de caráter comunitário, como as dificuldades burocráticas, consideradas um obstáculo à participação da sociedade e ao desenvolvimento local, o Ministério das Comunicações decidiu, em setembro de 2015, facilitar o processo de

---

<sup>14</sup> O próprio entendimento de Serviço de Radiodifusão Comunitária no Art 1º da Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, como um “serviço de radiodifusão sonora, em frequência modulada, operado em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a fundações ou associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na área de execução do serviço”, precisa ser alargado quanto aos seus entendimentos frente ao cenário digital que reconfigura os processos e as relações. Ver: Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998 - Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9612.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9612.htm). Acesso em: 15 set. 2015

<sup>15</sup> Entende-se que a comunicação digital ou on-line é aquela mediada por redes digitais de telecomunicações/computador, como o e-mail, páginas de redes sociais (*Facebook*), microblogs (*Twitter*), aplicativos de bate-papo (*WhatsApp*), espaços de envio de mensagens nas páginas/sites das próprias emissoras etc.

constituição desses meios de comunicação, passando de 33 para 7 os documentos necessários para o processo de outorga de novas rádios comunitárias (PORTAL BRASIL, 2015). De acordo com a Portaria nº 4.334/2015, o Ministério das Comunicações “pode abrir editais de seleção de rádios comunitárias a qualquer tempo, além dos já previstos no *Plano Nacional de Outorgas* (PNO)”. (PORTAL BRASIL, 2015). O destaque é que a regra nos novos editais valerá exclusivamente para certas populações específicas, como o índio e os moradores de áreas rurais. No caso dos afrodescendentes, o governo federal, por intermédio do ministro das Comunicações, André Figueiredo assegurou, em março de 2016, que tais comunidades serão “beneficiadas com novas rádios comunitárias, além de contar com um reforço nas políticas de inclusão digital”. (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2016).

Apesar dos esforços, as RADCOM são objeto de estudo em relatórios no que tange uma possível instrumentalização política. Há cerca de cinco anos, o *Konrad-Adenauer-Stiftung Democracy Report*<sup>16</sup> destacou a situação peculiar das rádios comunitárias em alguns países da América Latina, inclusive no Brasil, com relação ao fato de políticos serem os *donos* das emissoras e recomendava alterações legais significativas como garantia da liberdade de imprensa (GRABOW & RIECK, 2008, p.162). Corroborando com esse cenário, pesquisa realizada entre 1999 e 2004 apontou que a classe política controla mais da metade das rádios comunitárias investigadas no país (LIMA & AGUIAR, 2007, p.40-43).

Mesmo com os entraves legais e as limitações do espectro radiofônico, uma pesquisa do IBGE realizada uma década depois da criação do marco regulatório das rádios comunitárias sinalizou que, do total de 5.561 municípios brasileiros, em 52,6% deles pelo menos uma RADCOM operava legalmente<sup>17</sup> (IBGE, 2009, p.62).<sup>18</sup> Em números percentuais, as rádios comunitárias estavam presentes em 48,6% dos municípios brasileiros em 2006. Em 2012, eram 59,3% municipalidades com, pelo menos, uma RADCOM (IBGE, 2012, p.87).

A partir dos dados apresentados, os autores concordam que, com relação às rádios

---

<sup>16</sup> A Fundação alemã Konrad-Adenauer (KAS) está presente no Brasil desde 1969 e trabalha com “instituições do Estado, partidos políticos, organizações da sociedade civil, assim como camadas da sociedade que podem promover o bem-estar comum”. Nesse sentido, a entidade realiza pesquisas e levantamentos na América Latina, cujas temáticas são relevantes para o desenvolvimento político, social e econômico da região, a fim de promover a “participação ativa dos cidadãos no processo político”. De acordo com a KAS, “a cooperação com os programas regionais da Fundação Konrad Adenauer na América Latina é mais um importante instrumento de complementação das atividades no Brasil e para geração de efeitos sinérgicos. Três iniciativas se sobressaem: o Programa de Estado de Direito, o Programa de Política Social na América Latina e o Programa de Meios de Comunicação”. Mais informações: [www.kas.de](http://www.kas.de). Acesso em: 20 mar. 2016.

<sup>17</sup> A informação tem caráter sinalizador do cenário midiático comunitário, uma vez que, como visto anteriormente, operar legalmente não é um dos critérios considerados fundamentais para caracterizar uma rádio comunitária neste estudo, uma vez que o escopo está nos processos e vínculos comunicacionais da RADCOM com seu público e a licença não é impeditivo de funcionamento do meio de comunicação.

<sup>18</sup> Em uma comparação com o número de emissoras de caráter comercial, as rádios em AM (1.186) e as em FM (1.949) passaram por pouco, juntas, do número de rádios comunitárias (2.927) (IBGE, 2009, p.269).

comunitárias, há um cenário complexo com certos “limites que dificultam o seu funcionamento (PERUZZO, 2010, p.7-8): um arcabouço legal ainda restritivo, apesar da referida tentativa da esfera federal de facilitar o processo de outorga e possíveis influências políticas e econômicas que podem ser obstáculo para a razão de ser da rádio. Mesmo assim, registram um crescimento exponencial dado o curto tempo de existência legal.

Quanto ao uso das mídias digitais no Brasil, o país é o terceiro no *ranking* mundial no que tange ao número de horas passadas conectado à internet, além de ser a 19ª nação em relação à penetração da internet sobre o total da população<sup>19</sup>. São dados que apontam para a realidade digital presente em território brasileiro. Pesquisa do IBGE realizada em 2010 sinalizava que 27,4% dos domicílios tinham acesso à internet em 2010 (IBGE, 2010). Levantamento mais recente da Presidência da República indica que, em 2014, praticamente metade dos brasileiros usa internet (48%) e o percentual de pessoas que a utilizam todos os dias chega a 37%. Outro dado que mostra crescimento a cada ano é o hábito do uso de internet, que alcançou a marca de 4h59 por dia durante a semana e 4h24 nos fins de semana – valores superiores aos obtidos pela televisão, meio de comunicação mais acessado no país (SECOM, 2014).

Com uma população superior aos 200 milhões de habitantes o Brasil tem, hoje, 110 milhões de internautas ativos. Já o número de conexões móveis ultrapassa os 270 milhões. Nesse universo, as contas ativas de mídias sociais chegam a 96 milhões. Transportado para as plataformas móveis, o número é de 78 milhões.<sup>20</sup> Ainda sobre as redes sociais, o *Facebook* (25%) como a plataforma mais acessada, seguido pelo *WhatsApp* (24%), *Facebook Messenger* (22%), *Skype* (14%), *Google+* (13%) e *Twitter* (11%). Quanto ao crescimento da internet no país, dados do mesmo levantamento apontam que a previsão é de aumento anual de 12% no número de contas ativas de mídias sociais e 15% no número de contas de mídias sociais móveis, informações essas, importantes para o problema-objeto desta pesquisa.

Mesmo com um cenário favorável e apesar do crescente espaço que a internet vem ganhando, a pesquisa da Presidência da República apontou que o acesso ainda é restrito, uma vez que 51% dos entrevistados afirmaram que ainda não utilizam a internet. A análise dos dados aponta que “no Brasil, as características sociodemográficas da população têm um grande impacto no uso da internet, principalmente se comparada aos outros meios de comunicação. Renda e escolaridade criam um hiato digital entre quem é cidadão conectado e quem não é”. (BRASIL, 2015, p.49). São informações que auxiliam a compreender o cenário digital

---

<sup>19</sup> Para mais: <https://www.ecommercebrasil.com.br/noticias/pesquisa-mostra-dados-da-internet-no-brasil-em-2015/> Acesso em: 06 nov. 2015.

<sup>20</sup> Para mais: <https://www.ecommercebrasil.com.br/noticias/pesquisa-mostra-dados-da-internet-no-brasil-em-2015/> Acesso em: 07 nov. 2015.

brasileiro.

É nessa realidade digital que as rádios comunitárias estão inseridas, algumas delas se apropriando das possibilidades advindas do digital para expandir suas formas de se comunicar com seus ouvintes, outras mantendo ainda meios tradicionais de comunicação, incluindo as visitas dos ouvintes à estação de rádio. É dentro desse contexto de midiatização que os processos de comunicação direta entre a rádio comunitária e seu público, que nos interessam nesta pesquisa, com o desenvolvimento tecnológico e as inúmeras possibilidades que o ambiente digital oferece aos usuários.

Para que eu pudesse concretizar empiricamente a proposta desta pesquisa, realizei um primeiro movimento exploratório na perspectiva de construir um mapeamento inicial de rádios comunitárias na área recortada para a pesquisa – Porto Alegre<sup>21</sup>. De um resultado total de 11 RADCOM encontradas inicialmente, depois de eliminadas aquelas que não estavam operando, as que não tinham programação ao vivo e as que não se dispuseram a participar desta pesquisa, o número restringiu-se a duas emissoras: Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, outorgada, com programação de segunda a segunda das 7h às 22h, situada na zona leste da capital, especificamente no bairro que dá o nome a ela – Lomba do Pinheiro – área de vulnerabilidade social de Porto Alegre, e em funcionamento há mais de dez anos; e A Voz do Morro, sem outorga, com programação aos domingos pela manhã e tarde, situada também na zona leste de Porto Alegre, no bairro Morro Santana – outra área com problemas sociais. As pistas e constatações obtidas a partir de outros movimentos exploratórios permitiram ver que existem modalidades comunicacionais distintas entre comunicadores e ouvintes nestes dois cenários.

A pesquisa se volta, então, para os processos de comunicação que se realizam entre os comunicadores ouvintes e as seguintes rádios comunitárias: Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro e A Voz do Morro, e para a participação dos meios de comunicação analógicos e/ou digitais nesses processos. Se existe a compreensão de que a mídia comunitária é construída pela, para e sobre a comunidade, os processos comunicacionais realizados têm na figura do comunicador ouvinte o próprio sentido de existência da rádio comunitária. Nessa direção, a questão central que orienta a pesquisa é a seguinte: *Como se constituem os processos comunicativos entre comunicadores das rádios comunitárias Lomba do Pinheiro e A Voz do Morro, situadas em Porto Alegre, e os comunicadores ouvintes que compõem seu público num*

---

<sup>21</sup>Para tal, foram utilizadas fontes diversas no ambiente on-line, além de buscas em pesquisas já realizadas no âmbito da comunicação comunitária, com foco em Porto Alegre. Assim, os meios de comunicação foram contatados a partir dos canais disponíveis na internet. Os questionários exploratórios aplicados foram direcionados, inicialmente, aos gestores das rádios e tratam de questões que me auxiliaram a encontrar aqueles meios que concretizam o que compreendo como uma rádio comunitária, já referido anteriormente. Mais detalhes sobre este primeiro movimento exploratório são apresentados no capítulo Trilhas Metodológicas.

*cenário de digitalização na perspectiva de construção de uma comunicação comunitária e de cidadania comunicativa?* Esta questão se desdobra em outros questionamentos que especificam aspectos que interessam investigar:

- Que concepções, estratégias e realizações comunicacionais relativas à participação do público apresentam as rádios comunitárias e seus comunicadores?
- Como os comunicadores ouvintes se comunicam com as rádios comunitárias? De que modo se dá esta participação comunicativa e que produções comunicacionais são realizadas por eles nas suas relações com as rádios comunitárias?
- Como as mídias digitais se inserem nas interações comunicativas que se realizam entre os comunicadores ouvintes e locutores das RADCOMs?
- Os processos de interação comunicativa que se realizam entre os comunicadores das rádios comunitárias e seus públicos permitem a construção de uma comunicação comunitária na perspectiva da cidadania comunicativa?

## **2.2 Os sentidos da investigação**

As rádios comunitárias são importantes meios no processo de democratização da produção da informação. Concordo com a afirmação de Peruzzo de que “democratizar a comunicação não significa apenas aumentar o número de meios (canais), mas democratizar a própria comunicação, entendida em todo o seu processo de planejamento, gestão, geração de conteúdos e sua difusão”. (2007a, p.153). A concentração das mídias pode obstruir o pluralismo de informação, oferecendo riscos à liberdade de expressão e de opinião—dois direitos muito caros para grupos marginalizados em uma sociedade caracterizada pelo monopólio midiático, isto é, a concentração dos meios de comunicação. Para se contrapor a esse cenário, a produção caracterizada como comunitária se firma como uma alternativa importante na disputa pela hegemonia no campo da comunicação.

Assim, desde seu surgimento e disseminação, as rádios comunitárias têm sido uma das poucas alternativas que possibilitam o acesso a um meio de comunicação para populações em desvantagem socioeconômica, que não têm suas demandas representadas pelos meios de comunicação tradicionais, geralmente em sociedades em desenvolvimento. Compartilho com Cogo a ideia de que, na escolha do meio de comunicação comunitário, o rádio é o que tem “maior capacidade tecnológica de se introduzir no cotidiano de suas audiências, pelo fato de ter um baixo custo, não exigir habilidades prévias de seus ouvintes, podendo ser consumido a qualquer hora e lugar”. (1998, p. 98).

Nesse sentido, através dos anos, as rádios comunitárias se tornaram espaço para o debate e a discussão acerca de temas de interesse local, “despertando a atenção pública e governamental”. (EGARGO, 2008, p. 24-25). Mas para que isso ocorra, é preciso um fluxo constante e significativo de trocas entre a RADCOM e seu público. Nesse sentido, meios de comunicação são elementos fundamentais para a manutenção e existência da rádio comunitária.

Se as rádios produzidas e veiculadas em suas respectivas comunidades podem alterar a percepção do cidadão quanto ao seu papel social, é necessário dar um segundo passo para a compreensão deste fenômeno, focalizando os mecanismos e as motivações que levam a sua manutenção. Em países com significativas diferenças sociais, como o Brasil, fica claro o papel de espaços democráticos de expressão no estabelecimento de diferentes vozes que compõem a esfera pública, espaço habitado, até então, por um grupo restrito e homogêneo de atores sociais – um contexto de comunicação massiva e de concentração de mídia, que é questionado em um cenário digital.

Para uma possível mudança da realidade enfrentada por populações vulneráveis social e economicamente, a rádio comunitária precisa manter os preceitos de independência e autonomia. Além disso, necessita oferecer meios de comunicação que permitam ao comunicador ouvinte participar. Com as transformações oriundas do desenvolvimento da tecnologia, que redesenhou o cenário do produtor-consumidor de informação, bem como as formas de participação e colaboração, algumas rádios têm a possibilidade de oferecer outros espaços comunicacionais, que não os analógicos.

Comunicadores ouvintes participativos de uma mídia com vocação cidadã podem se encontrar no ambiente on-line, garantindo a troca de informações e a pluralidade de vozes antes inacessíveis. Dessa forma, a rádio comunitária pode expandir uma característica que é preconizada pela UNESCO<sup>22</sup> como fundamental para sua preservação como mídia alternativa: a criação de uma diversidade de vozes e opiniões no ar. Como argumenta Luz, é a partir da multiplicidade que a rádio comunitária oferece que é possível

[...] provocar a reflexão, fazer perguntas, formular propostas com a população, educar, promover a arte e a cultura, aprender com o povo, questionar o latifúndio da educação, fazer crítica aos meios de comunicação, enfrentar os grandes temas, desaprender o que é ultrapassado, ser moderna, não ter medo do novo e mostrar a realidade (2007, p.24).

---

<sup>22</sup> Para mais informações, ver Fraser, C.; Estrada, S. R. *Community Radio Handbook*. Paris: UNESCO, 2001, p.18-22.

Assim, é necessário pesquisar seus processos comunicacionais, as relações que estabelecem com os ouvintes, as consequências da abertura do ambiente *on-line*, da inclusão da rádio comunitária como um dos “atores envolvidos no processo de formação da rede social intermediada pelo computador” (RECUERO, 2011, p.16-17) e os usos e apropriações são feitos pelo público a partir dessa plataforma. Nesse aspecto, é importante investigar a rádio comunitária e refletir sobre o papel destes usos e sobre a possibilidade de mais alcance e liberdade por meio das mídias sociais.

É importante mencionar que o processo de migração e/ou adaptação a meios de comunicação digitais é recente, principalmente para aqueles grupos que não têm acesso fácil à tecnologia. Assim, analisar este novo cenário e suas respectivas implicações é questão vital para compreender o fenômeno na atualidade, que pode ter papel significativo na construção da comunicação comunitária e da cidadania comunicativa. Esta pesquisa se justifica, ainda, porque se insere em um momento de transição específico: a passagem dos processos comunicacionais massivos para os digitais em diferentes esferas da sociedade, que atinge inclusive as camadas mais desfavorecidas e com menor acesso à tecnologia. Esse referido momento, segundo Bianchi, tem estreita relação com o processo de midiatização, “tudo isso ambientado em uma realidade que se passou a viver, especialmente a partir da segunda metade do século XX, onde outros processos, como é o caso da globalização, também propiciaram o desenvolvimento cada vez maior da midiatização das sociedades”. (2013, p.129).

Sendo a pesquisa uma produção acadêmica que se inscreve na trajetória do investigador, é importante dizer que esta proposta guarda uma continuidade com estudos realizados por mim *in loco* no Brasil e na África do Sul durante meu curso de Mestrado, entre os anos de 2009 e 2011, em Bonn, na Alemanha<sup>23</sup>. Este projeto tem por justificativa, então, compreensões que ultrapassam as delimitações estritamente acadêmicas: minha vontade particular, como jornalista e pesquisador, de melhor compreender, conhecer e conviver com as pessoas que têm nas rádios comunitárias muitas vezes sua única voz na sociedade. Uma reflexão pertinente à trazida por Cecília M. Krohling Peruzzo, pesquisadora reconhecida na área na qual este projeto

---

<sup>23</sup>Tal pesquisa buscou compreender o papel das rádios comunitárias na construção de uma identidade local e de um sentimento de pertença a uma esfera pública, desde a perspectiva dos seus públicos. Foram pesquisadas duas rádios no Nordeste brasileiro (Fortaleza) e duas no continente africano (África do Sul). No total, foram feitas dez entrevistas com ouvintes das RADCOMs e duas entrevistas com os responsáveis pela manutenção da programação no ar, em cada meio. As análises foram feitas a partir das seguintes categorias: (1) rádio comunitária como um bem pertencente à comunidade, (2) rádio comunitária como uma possibilidade de interação, (3) rádio comunitária como uma plataforma para solução de problemas, (4) rádio comunitária como personificação/extensão da família.



está inserido e que, para mim, sintetiza sobremaneira o que acredito enquanto pesquisador é a de que “a melhor forma de entender a mídia é fazer mídia”. (2007b, p.84).

## **2.3 Os objetivos**

### ***2.3.1 Objetivo geral***

O objetivo geral desta pesquisa é analisar as interações comunicacionais que se realizam entre comunicadores das rádios comunitárias Lomba do Pinheiro e A Voz do Morro de Porto Alegre e seus comunicadores ouvintes num contexto de midiatização digital na perspectiva de construção de comunicação comunitária e de cidadania comunicativa.

### ***2.3.2 Objetivos específicos***

- Contextualizar aspectos referentes à trajetória de constituição da comunicação popular relativa a rádios comunitárias e seus vínculos com os ouvintes, no contexto brasileiro e porto-alegrense e às transformações que os processos de midiatização digital e de convergência acarretam nesse âmbito;
- Descrever e analisar as concepções, estratégias e realizações comunicacionais dos comunicadores das rádios comunitárias estudadas relativas à participação comunicativa do público;
- Investigar as concepções e práticas de participação comunicativa dos ouvintes nas rádios comunitárias;
- Entender como as mídias digitais se inserem nos processos comunicacionais que se realizam entre os comunicadores ouvintes e suas RADCOMs.
- Analisar se e como os processos comunicativos que se realizam entre os comunicadores das rádios comunitárias e seus públicos permitem a construção de uma comunicação comunitária na perspectiva da cidadania comunicativa.

### 3AS RÁDIOS COMUNITÁRIAS E SUAS DIMENSÕES CONSTITUTIVAS

Antes de apresentar os eixos de contextualização, é interessante pensar o sentido da reconstrução de aspectos do contexto para a pesquisa. As visualizações multicontextuais devem se fazer presentes na pesquisa porque os fenômenos comunicacionais são complexos e multifacetados (MALDONADO,2013). Habermas apresenta uma argumentação relevante para o universo da pesquisa relacionada ao papel da contextualização. Para o pesquisador, “um saber especializado apenas em pretensões de validade que, de modo contextualmente não específico, embata em toda a extensão do espectro de validade da *práxis* do cotidiano, desequilibra a infraestrutura comunicacional do mundo da vida”.(MALDONADO, 1989, p.312). É nessa via que outros autores também caminham ao dar atenção às relações multidimensionais que devem ser consideradas numa investigação.

Eis um ponto de destaque—levar em conta os contextos que atravessam e são elementos constituidores das problemáticas que envolvem os objetos de estudo. Eles são múltiplos, não são/estão isolados ou fragmentados, não são elementos externos. Ignorar dimensões constituintes, isto é, isolar o pensamento, segundo Morin (1986) pode levar à cegueira – entendida como a falta de visão para elementos importantes – ou ao delírio – entendido como aceitação de uma única perspectiva que possa responder aos questionamentos científicos propostos, ignorando outros fatores.

A partir do que foi referido acerca da relevância e do sentido da contextualização para a investigação científica, a proposta desenvolvida para trabalhar esse âmbito na construção da pesquisa inclui os seguintes eixos: elementos relativos à trajetória de constituição das rádios comunitárias (legais, políticos, técnicos, midiático/comunicacionais, socioculturais) e seus vínculos com os públicos no contexto brasileiro; aspectos referentes à digitalização<sup>24</sup>, aos processos de convergência e às transformações que se instauram na constituição da comunicação comunitária, em particular, no âmbito das rádios comunitárias.

#### **3.1 A trajetória histórico-política de constituição da comunicação comunitária radiofônica no contexto brasileiro**

Para compreender o cenário atual em que se encontram as rádios comunitárias, é preciso fazer um breve resgate histórico da própria trajetória do rádio no país. Nesse sentido, a primeira

---

<sup>24</sup> Esta tese não objetiva uma discussão da digitalização do sinal analógico, apesar de temática rica para reflexões, mas sim os processos comunicacionais entre comunicadores locutores e ouvintes do serviço de radiodifusão comunitária na perspectiva do ambiente digital. Dessa forma, não será trazido à discussão o arcabouço legal do referido processo de digitalização das transmissões de rádio no Brasil.

grande figura relacionada a esse meio massivo é o Padre Landell de Moura (1861 – 1928). De acordo com a literatura, o religioso gaúcho realizou transmissões da sua própria voz por meio das ondas do rádio, em São Paulo, nos anos de 1893 e 1984, antes do italiano Guglielmo Marconi, considerado o pai do rádio (CÉSAR, 2005, p.191).

Em 1919, os habitantes de Recife, capital do estado de Pernambuco, tiveram a oportunidade de acompanhar a primeira transmissão de rádio no Brasil ainda em caráter experimental. Somente três anos mais tarde, no dia 07 de setembro – Centenário da Independência – é que ocorre a primeira transmissão oficial, na capital à época, Rio de Janeiro, quando “o presidente Epitácio Pessoa se dirigiu à nação pelas ondas do rádio”. (CÉSAR, 2005, p.193). Conforme César, o Brasil contava com 80 rádios receptores importados dos Estados Unidos, que foram distribuídos na cidade juntamente com diversos alto-falantes.

Nos anos 20, a primeira rádio é fundada no território nacional - Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (CALABRE, 2004). Conforme Fernandes, os serviços pioneiros de radiodifusão no país tinham sua organização na forma de “clubes de ouvintes ou sociedades sem fins lucrativos”. (2009, p.49). Essa realidade ganha novos contornos a partir de 1932, quando o então presidente Getúlio Vargas aprovou a publicidade no rádio, cujo espaço não poderia exceder 10% da programação<sup>25</sup>. A medida proporcionou às estações de rádio o aumento dos lucros. O crescimento do aporte financeiro ocorreu em concomitância com a popularização do meio na sociedade brasileira, alcançando seu apogeu na década de 1940 com o período conhecido como a Era de Ouro do Rádio.

Uma vez estabelecidas, algumas rádios começaram a ter seus modelos de produção de conteúdo copiados por estações concorrentes. É o caso da Rádio Nacional que, entre 1935 e 1945, teve sua programação e formatos radiofônicos replicados pelo país (CALABRE, 2004, p.32), o que disseminou os musicais, radionovelas e programas de auditório<sup>26</sup>. No primeiro ano da Segunda Guerra Mundial, Vargas cria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) para controlar o setor, que crescia exponencialmente até enfrentar seu declínio na década de 50.

Com a chegada da televisão no Brasil, a publicidade migrou para o novo meio de comunicação. Para não perder audiência, o rádio precisou pensar alternativas para não sucumbir frente ao novo cenário televisivo. Para tanto, “as emissoras começaram a preencher os espaços perdidos para a TV com músicas gravadas, ao invés do ao vivo, notícias, no lugar das telenovelas, e serviços, em substituição aos programas de auditório”. (ORTRIWANO, 1985, p.21-23). Nos anos 60, surgem as rádios FM e um segundo momento marcante para a história

---

<sup>25</sup> Para mais informações, consultar: <http://www.mc.gov.br/o-ministerio/historico/historia-da-radiodifusao>. Acesso em: 20 mar. 2016.

<sup>26</sup> Em 1940 a Rádio Nacional foi declarada patrimônio nacional por meio de Decreto do presidente Getúlio Vargas.

do rádio no país ocorre nessa década: o Golpe de 64 (CALABRE, 2004), quando o DIP retoma um importante *status* como instrumento de censura, restringindo sobremaneira a liberdade de imprensa e de expressão. Este foi o cenário político-midiático do Brasil por mais de duas décadas.

É então, nas décadas de 70 e 80, em pleno regime militar, que as primeiras experiências de comunicação contra-hegemônica por meio do rádio acontecem. Conforme Cogo, entre as razões para tal crescimento destacou-se “um desenvolvimento significativo, em todos os continentes, do que se costuma denominar ‘uso das tecnologias de baixo custo’ para a produção e distribuição de mensagens”. (1998, p.73). De acordo com Peruzzo (2010) o que existia nesse período eram experiências de caráter experimental com megafones, passando aos alto-falantes - rádio poste -até o surgimento das rádios livres, sem outorga. Em um curto retrospecto, conforme a autora, a rádio comunitária

[...] surge num primeiro momento como rádio popular (ou comunitária) por meio de alto-falantes, que por sua vez foram precedidos dos megafones (bocas sonoras portáteis para amplificação da voz), depois como rádio livre comunitária em FM (que já podia ser captada no dial), e em seguida a rádio comunitária em FM, propriamente dita, na forma como é institucionalizada a partir de 19 de fevereiro de 1998 (2010, p.3).

Como exemplo deste processo, Malerba lembra que “no que se refere à América Latina, seja qual for o enfoque levado em conta – pioneirismo histórico, proporção numérica, incidência política, representatividade social – as rádios comunitárias se destacam, quando comparadas aos seus pares no mundo”. (2017, p.9). É nesse espaço geográfico que estão concentrados grupos midiáticos que monopolizam o cenário dos meios de comunicação e que estabelecem uma relação muito próxima com esferas econômicas e políticas de poder (MENDEL, 2013).

Nunes (2007) traz o exemplo de uma comunidade do Peru, mais especificamente da Vila El Salvador em Lima, que buscou na instalação de alto-falantes um meio de comunicação para mobilizar e educar. A experiência peruana seria, conforme a autora, a inspiração para a “implantação de sistemas de alto-falantes na zona leste de São Paulo”. (NUNES, 2007, p.100). Cogo menciona as primeiras experiências com alto-falantes no país nos anos 80 em São Paulo e Recife resultado, em parte, do protagonismo peruano, ao frisar que “os alto-falantes ou cornetas começam a se consolidar como mais uma opção dentro da diversidade de experiências que constituem a comunicação comunitária”. (1998, p.19). A partir de estudo acerca das primeiras produções latino-americanas de comunicação comunitária, Malerba identificou, ao olhar para o fenômeno no Brasil, o que seriam “três as principais vertentes que constituem a

história da radiodifusão comunitária brasileira: eclesiástica, livre e comunitária”. (2017, p.9). Cogo (1998) destaca as vertentes católica e sindical de constituição dos primeiros serviços radiofônicos comunitários no país.

No Brasil, a *Rádio Paranóica*, de Vitória no Espírito Santo, é o primeiro registro de rádio livre no país<sup>27</sup>, tendo sido idealizada e executada por dois irmãos adolescentes em 1971 (PERUZZO, 2009), permanecendo no ar por somente um mês. Como segundo registro na literatura, a rádio *Spectro*, de Sorocaba, em São Paulo, foi ao ar em 1976. Conforme Nunes, “a imprensa informou que essa cidade chegou a ter mais de quarenta emissoras desse tipo no início da década de 80”. (NUNES, 2007, p.101).

Outro exemplo na literatura é a *Rádio Favela*<sup>28</sup>, criada em Belo Horizonte (MG), em 1981 (CUNHA; HAUSSEN, 2003), inicialmente como uma rádio livre recebendo, mais tarde, a outorga. A década de 90 foi marcada pelo crescimento do serviço de radiodifusão comunitária, a partir de um conjunto de fatores, como

[...] o fim das ditaduras nos anos 80 na maioria dos países latino-americanos, a perda de espaço da chamada Igreja progressista ligada à Teologia da Libertação, as lutas sociais que culminaram com a institucionalização de projetos como o das rádios e das televisões comunitárias no Brasil no final dos anos 90, a aceleração dos processos de segmentação e fragmentação tecnológica, com a expansão da Internet [...](COGO, 2005, p.1)

Cabe lembrar que as emissoras de rádio comunitárias, que surgiram a partir das rádios livres, alcançaram a legalização em 1998. As RADCOM tiveram, e ainda têm, uma relação estreita com as esferas de poder<sup>29</sup>. De acordo com pesquisa, entre os anos de 1985 – fim do período militar, e 1988, foram outorgadas mais de mil concessões. Desse total, 91 políticos receberam uma ou mais concessões, do total de 559 parlamentares que compuseram, à época, a Assembleia Constituinte, responsável pela Constituição de 1988 (MOTTER, 1994). No mesmo período, o então presidente da República, José Sarney, entre 1985 e 1990, utilizou as concessões para benefício político próprio (HUDSON, 1997), ao distribuir mais de 1.000 concessões entre março de 1985 e setembro de 1988, meses antes da promulgação da atual Constituição brasileira.

<sup>27</sup> Também denominadas na literatura como *rádio pirata*, que tinham como objetivo permitir o acesso de diferentes comunidades a um meio de comunicação.

<sup>28</sup> De acordo com Nunes, a Favela FM “é uma emissora criada por favelados, em 1981, com a ajuda da Igreja Católica e da associação de moradores, com o objetivo de atender às necessidades da localidade, principalmente aos problemas de segurança e de drogas” (2007, p.103).

<sup>29</sup> Reportagem da Revista Rolling Stones traça uma relação estreita entre políticos e concessões de rádios. Mais informações em: <http://rollingstone.uol.com.br/edicao/7/donos-de-tvs-e-radios-parlamentares-desrespeitam-a-constituicao#imagem0> Acesso em: 23 mar. 2016.

Conforme Göergen (2009), a distribuição de concessões no período Sarney teve como destino a classe política, isto é, políticos que *ganhariam* o direito de explorar um meio de comunicação em troca do voto a favor do mandato presidencial de 5 anos. Cabe aqui outro destaque da estreita relação entre políticos e o meio de comunicação: a partir da Constituição de 1988, que estava em construção à época, as concessões são feitas pelo Congresso Nacional.

No que tange às rádios comunitárias, a realidade não difere do cenário já apresentado. Apesar de a outorga ocorrer por intermédio da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), levantamento entre os anos de 1999 e 2004 sinaliza um cenário já apresentado pelo relatório da Fundação *Konrad-Adenauer*: o controle de mais da metade das rádios comunitárias investigadas por políticos (LIMA & AGUIAR, 2007).

### 3.2 As especificidades das rádios comunitárias no Brasil

Antes de focarmos a atenção nas especificidades das rádios comunitárias no Brasil, cabe um rápido registro acerca do que são, a partir dos marcos legais e da compreensão de uma gama de autores, as características constitutivas de um meio de comunicação comunitário, com uma perspectiva no cenário urbano, já que busco observar os processos comunicacionais de duas rádios comunitárias com seu público na capital do estado do Rio Grande do Sul – Porto Alegre<sup>30</sup>. Peruzzo sintetiza o que seriam para ela as particularidades dos canais<sup>31</sup> de comunicação comunitários:

Ao canal comunitário não basta ser local. Suas práticas de gestão e sua programação devem traduzir posturas de cunho coletivo, facilitar a participação ampliada do cidadão e das organizações que o representam em todos os níveis, assim como disponibilizar programas voltados para o desenvolvimento da educação, da cultura e da cidadania, sempre colocando o interesse público acima dos interesses particulares e de grupos (2007a, p.111).

Avançando na compreensão dos meios de comunicação comunitários, cabe aqui o registro de que o termo rádio comunitária foi institucionalizado em 1995, durante o *I Encontro Nacional de Rádios Livres Comunitárias*, ocorrido em São Paulo. Essa compreensão ocorre décadas depois do surgimento das primeiras experiências e três anos antes da edição da primeira lei para o setor. Conforme Nunes, as RADCOMs foram entendidas como um serviço de

<sup>30</sup> O IBGE sinaliza que Porto Alegre tinha, em 2015, uma população estimada de mais de 1.400.000 habitantes. Conforme o Instituto, no Censo 2010, mais de 190 mil recenseadores visitaram 67,6 milhões de domicílios nos 5.565 municípios brasileiros. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

<sup>31</sup>Peruzzo utiliza a palavra *canal*, o que, para esta pesquisa, não responde às demandas do fenômeno a ser investigado, logo, opto pela utilização de *meio*.

radiodifusão “que tem gestão pública, operam sem fins lucrativos e têm programação plural”. (2007, p.107).

Como já referido, dentro do que se entende como sendo as especificidades de uma rádio comunitária faço, aqui, uma retomada de propostas de autores que refletem sobre o conceito. Algumas características serão problematizadas, uma vez que o meu entendimento do que é uma rádio comunitária não obedece a todos os parâmetros apresentados por alguns autores, porém, eles não deixarão de ser trazidos para a discussão.

### ***3.2.1 Especificações técnicas***

A rádio comunitária é uma modalidade específica de emissora com potência de transmissores variando de 20 a 500 watts (FRASER e ESTRADA, 2001). No Brasil, existe uma limitação geográfica de abrangência do sinal da emissora, uma vez que a legislação determina que a radiodifusão comunitária opere com baixa potência - até 25 watts.<sup>32</sup> Conforme o Ministério das Comunicações, essa área de cobertura abrange, em média, um quilômetro a contar da antena transmissora. Entretanto, o MC destaca que “essa abrangência de um quilômetro não é um limite e que o sinal da rádio pode ultrapassar essa distância, considerando as características do terreno e a área onde está sendo executado o serviço”<sup>33</sup>. Outra especificidade técnica obrigatória da RADCOM outorgada é ter o equipamento certificado pela ANATEL.

### ***3.2.2 Sustentabilidade financeira***

Uma rádio comunitária é um meio de comunicação sem fins lucrativos (FRASER e ESTRADA, 2001), o que é entendido como um serviço de radiodifusão que não visa o lucro. Na perspectiva do governo federal, “a outorga para prestar o Serviço de Radiodifusão Comunitária será dada apenas para pessoas jurídicas constituídas na forma de associação ou fundação e, portanto, que não tenham finalidade lucrativa”. (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES). Conforme Cabral Filho, são três os modelos de sustentabilidade da comunicação comunitária:

---

<sup>32</sup> Para mais informações, acessar o Ministério das Comunicações em <http://www.mc.gov.br/radiodifusao-comunitaria> Acesso em: 24 mar. 2015. Em outras experiências desta modalidade de comunicação, como na África do Sul, o alcance do sinal e o poder dos transmissores não propostos pelos grupos e movimentos sociais que desejam colocar no ar uma rádio comunitária. A partir da proposta, o órgão responsável faz a análise e outorga ou não o pedido.

<sup>33</sup> Para mais informações em <http://www.mc.gov.br/noticiass/27263-radios-comunitarias-ganham-novo-prazo-para-renovar-outorgas-vencidas> Acesso em: 25 mar. 2016.

1. Fundos públicos ou editais de fomento, implementados por algum órgão de governo, incluindo aqui a publicidade governamental;
2. Publicidade comercial, geralmente restrita à forma de patrocínio como apoio cultural ou compreendendo princípios sociais de vinculação, tais como negócios locais;
3. Modos independentes e autônomos de fomento, pautados na mobilização de recursos próprios para gerar atividades socioculturais de levantamento de recursos, além de doações ou encaminhamento de projetos a fundações e agências públicas ou privadas que fomentam o terceiro setor (a radicalização desse último modelo não concebe tal possibilidade) (2017, p.26 e 27).

A partir de Cabral Filho (2017) e das incursões ao campo na pesquisa exploratória, é possível afirmar que existe uma tendência de privilegiar a busca por recursos a partir da mobilização da comunidade envolvida com a RADCOM e do comércio local. De acordo com o Ministério das Comunicações, contribuições locais, denominadas de *apoios culturais*, podem advir de entidades de direito público e também de direito privado. Conforme a Norma nº1/2011 – Serviço de Radiodifusão Comunitária, aprovada pela Portaria nº462 de 14 de outubro de 2011, um *apoio cultural* é definido como:

[...] a forma de patrocínio limitada à divulgação de mensagens institucionais para pagamento dos custos relativos à transmissão da programação ou de um programa específico, em que não podem ser propagados bens, produtos, preços, condições de pagamento, ofertas, vantagens e serviços que, por si só, promovam a pessoa jurídica patrocinadora, sendo permitida a veiculação do nome, endereços físico e eletrônico e telefone do patrocinador situado na área de execução do serviço (BRASIL, 2011).

A título de exemplo acerca das limitações impostas com relação à arrecadação, Peruzzo lembra que, para a TV, o apoio cultural, tecnicamente falando, é uma “inserção de uma vinheta com a logomarca da empresa/produto e um slogan com até oito palavras. No slogan não é permitido aparecer o endereço, telefone ou qualquer outra mensagem de cunho comercial. Ele deve ser de cunho institucional, portanto, sem a menção de apelos ao consumo”. (2007a, p.62).

A questão da sustentabilidade financeira é elemento presente do debate dos autores que investigam o tema. Dentro de uma realidade de mercado, onde as rádios comunitárias estão inseridas, é preciso desenvolver estratégias de subsistência a médio e longo prazo. Dessa forma, para essa pesquisa, programas ou quadros patrocinados pela iniciativa privada podem não ser elemento excludente do que considero uma RADCOM, a partir do momento em que a programação e a participação da comunidade não sejam afetadas.

Esta característica foi observada durante as saídas acampo, ao visitarmos as rádios comunitárias: o uso de espaço publicitário, pelas RADCOM outorgadas, que descumpre o determinado por lei. São *spots* e *jingles* de cunho comercial fazendo referência explícita ao



produto. Devido a isso, Peruzzo é enfática ao afirmar que “a inserção de publicidade em meios comunitários públicos de comunicação é um tema muito polêmico”. (2007a, p.63). Me alinho à autora quanto a essa questão – a captação de anúncios – pensando-a como:

[...] uma saída para a sustentabilidade de meios comunitários de comunicação, em decorrência da carência de recursos próprios nas associações comunitárias, das dificuldades em obter recursos pelos mecanismos de incentivo cultural, da falta de financiamento por parte de fundos públicos e da escassez de doações de entidades de fomento ao desenvolvimento social (PERUZZO, 2007a, p.63-64)

Fica claro que o ideal neste cenário seria a existência de alternativas que possam garantir a independência editorial e de produção de conteúdo da rádio comunitária, bem como a autonomia política e ideológica, mesmo que a RADCOM seja subsidiada por publicidade. Esse é o entendimento para essa pesquisa: dentro de cada realidade e contexto, o serviço de radiodifusão comunitária busca mecanismos para sua sobrevivência e manutenção da emissora no ar.

Como Peruzzo assinala, “ser sem fins lucrativos não significa proibição de gerar recursos. Significa não ser movida por interesses financeiros e que os recursos sejam revertidos para a operacionalização do próprio veículo de comunicação e não para o lucro particular de alguém”. (PERUZZO, 2007b, p.77-78). Cabral Filho se alinha a Peruzzo e ressalta o aspecto negativo do arcabouço legal no que se refere à sustentabilidade da RADCOM. Para o autor,

[...]a legislação em vigor, relacionada com os canais comunitários de TV a cabo (1995), com as rádios comunitárias (1998) e, mais recentemente, com os canais da cidadania da TV digital (2006), restringe consideravelmente as possibilidades de financiamento das iniciativas de comunicação comunitária e compromete a continuidade de vários projetos relevantes ou leva outros tantos às alternativas do amadorismo ou da desobediência civil (2017, p.24).

Nesse sentido, o debate acerca dos mecanismos que são buscados para sustentar o serviço de radiodifusão comunitário ganhou força nos anos 90, já que dizem respeito à lógica e interesses de quem investe na rádio (CABRAL FILHO, 2017). O mesmo autor lembra que

[...] a publicidade comercial no âmbito local sempre foi vista como descaracterização de suas atividades e relacionada a um possível atrelamento à lógica de mercado de um modo geral e de seus mantenedores de um modo particular. Em relação ao suporte financeiro oriundo de governos, algo semelhante, na medida do atrelamento à afirmação de políticas e a um tipo de cooptação com a qual evitavam se identificar (2017, p.29).

É nessa relação do que se pode fazer para que o serviço seja mantido e o que se deve (ou não) fazer que as RADCOM se encontram. O que no passado era entendido, conforme Cabral Filho, como uma ameaça à razão de ser da rádio é, hoje, incorporado por algumas. Entendo, como já dito, que a RADCOM não perde seu caráter comunitário e de fomento à cidadania comunicativa pelo fato de recorrer à publicidade – uma vez que existam critérios que não firam os elementos constitutivos da rádio. O referido autor lembra que “a mobilização de sócios e voluntários em diversas áreas, que permitem a manutenção da infraestrutura e da programação das emissoras, ou a manutenção de contribuições mensais voluntárias de seus usuários são estratégias que precisam ser compreendidas na mesma lógica de contribuição para o sustento das emissoras”. (2017, p.32 e 33).

Aponto, também, que o que ocorre – publicidade na programação – pode ter um aspecto diferenciado da venda de espaço de programação propriamente dita. Esta segunda modalidade de arrecadação de recursos para a manutenção da RADCOM teria, na minha percepção, um risco maior de instrumentalização e criação de conteúdos de interesses particulares e não coletivos.

### **3.2.3 Programação**

Este é um elemento entendido como fundamental para a compreensão, nesta pesquisa, do que seja uma rádio comunitária. O serviço de radiodifusão comunitária serve à comunidade, auxiliando seus integrantes a desenvolver o “sentido de pertencimento à sociedade e o desenvolvimento social”. (PERUZZO, 2004a, p. 252-253). Nesse sentido, o conteúdo produzido e veiculado necessita estabelecer uma relação com o comunicador ouvinte e ser plural, características que precisam ser mantidas como garantia da própria participação nos processos de comunicação da RADCOM.

Para Milan, a rádio comunitária é compreendida como um “espaço onde qualquer um pode veicular qualquer tipo de conteúdo, desde que tenham relação com os valores da estação e com as diferentes comunidades de interesse e não ser restringido aos valores clássicos do jornalismo ou valores comerciais”. (2008, p.41). A *Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão* apresenta uma perspectiva quanto à programação de uma RADCOM. Para a AGERT, a pluralidade de conteúdos oferecidos deve permear toda a programação, “sem discriminação de raça, religião, sexo, convicções político-partidárias e condições sociais”. (AGERT, 2015).

Cogo (1998, p.75) concebe que a radiodifusão comunitária auxilia a sociedade a se tornar mais democrática, uma vez que permite que todos possam integrar o processo de descentralização da informação. Porém, para que isso aconteça, na prática é preciso respeitar

as pluralidades dentro de um mesmo grupo de pessoas, uma vez que são “veículos produzidos pela comunidade para a comunidade”. (NEUMANN, 1991, p.116). Nesse sentido, é necessário haver uma representatividade de conteúdos veiculados e de formas de comunicação oferecidas que permitam uma identificação do comunicador ouvinte com *sua* rádio. Peruzzo sintetiza a questão da programação ao destacar que “os meios comunitários trabalham principalmente com pautas de interesse mais específico de segmentos sociais (assuntos dos bairros, do trabalho, dos movimentos sociais, questões de violência, esclarecimentos quanto aos perigos relacionados às drogas e outras problemáticas de segmentos sociais excluídos)”. (2003, p.2).

A mesma autora acrescenta que a programação do veículo comunitário tem, em última análise, o propósito de fomentar a mobilização social, cuja compreensão para esta pesquisa parte dos estudos de Toro e Werneck, como já referido anteriormente. A pesquisadora assinala que, no que tange aos conteúdos, por exemplo, “quanto mais democrático for uma rádio comunitária, mais estará contribuindo para ampliar o exercício dos direitos e deveres de cidadania”. (PERUZZO, 2007b, p.77).

Nunes retoma a questão do que é produzido e aponta que, “no caso de um bairro, uma rádio pode buscar caráter comunitário se trabalhar com conteúdo retirado do cotidiano local, do que une a todos na vida real e no dia a dia (2007, p.98). Cogo (1998), a partir dos estudos de Martín-Barbero, também aponta o bairro como elemento de reconhecimento para as classes populares ao destacar que é um espaço que media duas realidades: o mundo privado – a casa – e o mundo público – a cidade.

Dessa forma, uma programação voltada para o local, focada no que ocorre e o que interessa aos seus moradores oferece elementos identitários, isto é, o morador se reconhece no que é veiculado pela emissora. As argumentações de Peruzzo vão na mesma direção, pensando que “os conteúdos são aqueles que encontram pouco ou nenhum espaço na grande mídia. Em geral, abordam assuntos que afetam diariamente a vida das populações em seu local de moradia e na vida cotidiana”. (2006b, p.48).

Em suma, a organização na qual está envolvida uma rádio comunitária tem muito a dizer acerca de uma pauta recorrente no que tange a comunicação comunitária: o estabelecimento de uma relação de igualdade entre cidadãos e o respectivo acesso a meios de comunicação que possibilitem que suas agendas sejam veiculadas e ouvidas. Nesse sentido, Ruas ressalta que em se tratando desse tipo de comunicação,

[...] as práticas e os conteúdos alienantes dos meios massivos de comunicação possibilitaram a organização de movimentos sociais que lutaram contra as injustiças e iniquidades do poder da classe dominante e do monopólio sobre esses meios, na perspectiva de criar um tipo de comunicação, em que o conteúdo da programação pudesse ser tudo o que realmente interessava, pois o que é difundido pode determinar

a aproximação da emissão da recepção (2004, p. 45-46).

Segundo a referida autora, e assim também entendo esse elemento constitutivo de uma rádio comunitária, o conteúdo veiculado é elemento fundamental para que exista o reconhecimento e a criação de uma relação de proximidade entre os sujeitos. É, a partir dessa conexão, que é possível o estabelecimento de laços identitários e, por consequência, uma possível manutenção dessa modalidade de comunicação.

### ***3.2.4 Participação e produção da comunidade***

Antes das possibilidades apresentadas pela realidade digital, atores dedicados ao tema compreendiam esta especificidade da rádio comunitária como participação e produção *locais*, vinculadas à abrangência do sinal da RADCOM era restrita a uma área específica, isto é, onde o sinal fosse captado. Como as reconfigurações dos conceitos de comunidade a partir do digital, a participação e a produção podem ter um caráter diferenciado, isto é, sem o elemento limitador territorial. Entende-se por participação as diversas formas de relação comunicacional que se estabelecem entre a rádio comunitária e o comunicador ouvinte, inclusive a visita presencial à estação.

Demo reforça a reflexão aqui feita e complementa que a participação “não é dada, é criada. Não é dádiva, é reivindicação. Não é concessão, é sobrevivência. A participação precisa ser construída, forçada, refeita e recriada”. (DEMO, 1988, p.82). Peruzzo complementa que a mobilização em prol do avanço da cidadania encontra terreno fértil nas experiências de radiodifusão comunitária, já que “elas podem contribuir efetivamente para o avanço do desenvolvimento social e local a partir de várias maneiras, desde os conteúdos que divulgam até a participação no próprio processo de fazer rádio”. (PERUZZO, 2007b, p.77).

É a partir deste processo de construção participativa que Peruzzo apresenta as três modalidades de participação: passiva, controlada e participação poder, ou como ela denomina, “da passividade à participação-poder”. (2004a, p.78). No entendimento da autora, a forma participativa mais restritiva é a passiva, uma vez que a postura do cidadão é submissa, sem possibilidade de protagonismo. A segunda forma, controlada, “é limitada, ou seja, é favorecida e possível somente nos aspectos ou até o ponto que as instâncias detentoras do poder permitirem”. (PERUZZO, 2004a, p.79). A última, denominada participação-poder é a que interessa para esta pesquisa, já que culmina no que penso ser a razão de ser da rádio comunitária, isto é, uma “participação democrática, ativa e autônoma, propiciando, de modo mais completo,

o crescimento das pessoas ou das organizações coletivas enquanto sujeito”. (PERUZZO, 2004a, p.81).

Por meio da comunicação comunitária, é possível envolver os cidadãos, permitindo que os mesmos construam um vínculo com o meio de comunicação, pois a RADCOM é “o produto de muitas mãos colaborando com um mesmo objetivo”. (MILAN, 2008, p.38). Assim, esse meio radiofônico permite a participação cidadã em um espaço discursivo que reúne diferentes formas de uso, como manifestações, protestos, mobilizações, reivindicações etc., que são (quase sempre) impraticáveis em outros meios – aqui entendidos como hegemônicos.

Tabing resume o conceito de rádio comunitária como sendo um meio “que é operado na comunidade, para a comunidade, sobre a comunidade e pela comunidade”. (2002, p.11). Na mesma linha, Nunes concebe que uma emissora autenticamente de caráter comunitário “conta com gestão participativa e representação plural dos habitantes em sua programação, totalmente elaborada pela comunidade”. (2006, p.133). Percebe-se a horizontalidade das relações que podem ser estabelecidas a partir da compreensão de Tabing (2002) e Nunes (2006), uma vez que a participação e a produção da comunidade precisam levar em consideração as individualidades dos comunicadores ouvintes. A participação pode seguir caminhos distintos de significação. Conforme Girard,

[...] participação é, ao mesmo tempo, o propósito e a força da rádio comunitária. É o propósito porque rádios comunitárias buscam oferecer um fórum para a comunidade e é a força porque é através da participação que as pessoas e seus organizadores transformam seus conhecimentos, experiências, pesquisas, opiniões, culturas e habilidades na programação de emissora (2007, p.23).

Ainda no que se refere à participação, o Ministério das Comunicações coaduna com os diversos autores aqui estudados ao afirmar que “toda e qualquer pessoa da comunidade, ainda que não associada, poderá emitir opiniões, manifestar ideias, propostas, sugestões, reclamações ou reivindicações, em plena programação, sobre quaisquer assuntos ali abordados” (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2014). Peruzzo resume este elemento constitutivo fundamental de uma rádio comunitária – a participação, ao olhar o comunicador ouvinte a partir de suas novas competências, já que “ao se envolver na dinâmica radiofônica a pessoa se desenvolve, aprende a [...] reconhecer a realidade que a cerca e se interessar em contribuir para mudanças (2005, p.8).

A autora destaca, por fim, que o participar não leva em consideração como é feito, já que relevante é a forma como deve ser realizado: de modo democrático. Segundo ela, “o morador pode não participar diretamente da gestão, mas ter espaço para programas, participar das reuniões de pauta etc. Pode não participar das reuniões de pauta, mas ter voz ativa na

programação”. (PERUZZO, 2009, p.140). Mesmo assim, na prática, a mesma autora elenca o que poderiam ser formas de participação. Para ela, “numa rádio comunitária, por exemplo, exercendo funções como a de redator, locutor ou de operador de som, criando roteiros de programas e participando da discussão e da tomada de decisões, as pessoas se desenvolvem”. (PERUZZO, 2007b, p.83).

Em uma realidade que possa ser atravessada pelo ambiente digital, o morador a quem Peruzzo se refere pode ser entendido como integrante da comunidade que, mesmo distante territorialmente da rádio comunitária, tem uma relação com a RADCOM e, com ela e por meio dela, engaja-se em processos comunicativos. A partir da discussão feita e das contribuições trazidas pelos diversos autores acerca do tema participação e produção da comunidade, entendo que este aspecto é fundamental no que diz respeito às especificidades de uma rádio comunitária. O comunicador ouvinte precisa, necessariamente, se ver representado no meio para que possa partir para um segundo movimento, que é o da participação mais efetiva e, talvez, em um processo mais complexo, o de produção de conteúdo.

Compreendo também que esta participação precisa necessariamente ser efetivada pelo comunicador ouvinte, isto é, creio que o fato de existir a possibilidade de fazer uso do meio de comunicação comunitário no momento em que ele deseja para comunicar recados, demandas, reclamações, denúncias etc. não configuraria, de certa forma, o que entendo ser a participação e a produção da comunidade: o meio de comunicação comunitário disponível ou comunicador ouvinte.

### ***3.2.5 Propriedade e pressões externas***

A quem pertence uma rádio comunitária? No Brasil, de acordo com a legislação vigente, os proprietários podem ser qualquer instituição legalmente constituída, situada em uma comunidade, cujos responsáveis são brasileiros, maiores de 18 anos de idade e moradores da referida comunidade (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2011)<sup>34</sup>. Ainda conforme a lei brasileira, mesmo antes de receberem a outorga, essas mídias comunitárias não podem ter relação ou vínculo “que as subordinem ou as sujeitem a qualquer outra entidade (partido político, igreja, outra Rádio Comunitária, um grupo de comunicação, etc.) ou mesmo a uma família”. (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2014).

Para Peruzzo, “a rádio comunitária não deve ter dono. Ela deve pertencer à comunidade”. (2007b, p.71) na qual está inserida, não mais apenas geograficamente, mas na

---

<sup>34</sup> Para mais, consultar <http://www.mc.gov.br/radiodifusao/perguntas-frequentes/radio-comunitaria>. Acesso em: 12 mar. 2016.

compreensão de que é um serviço que pode alcançar outros territórios que não aqueles cobertos pelo raio de cobertura do sinal, isto é, a comunidade entende a RADCOM “como sendo sua e por isso a protege e dela participa ativamente”. (ibid). Nunes condena a prática de serviços de radiodifusão que passam pelo processo de “instrumentalização política<sup>35</sup>”. (2006, p.127). Segundo levantamento feito pela autora no estado do Ceará e que pode servir de indicador para uma realidade macro do cenário brasileiro, a quase totalidade das RADCOM

[...] vem assumindo um papel nitidamente instrumental, seja para fins político-partidários nos períodos de campanhas eleitorais, seja para fins comerciais, desvirtuando-se de seu verdadeiro objetivo: a promoção dos interesses autenticamente comunitários. Políticos que desejam se eleger pela primeira vez ou tentam a reeleição, ou mesmo empresários, montaram redes de rádios comunitárias para utilizá-las durante o período eleitoral (NUNES, 2006, p. 127-128).

Este aspecto talvez seja o que traz mais reconfigurações acerca do que penso ser uma rádio comunitária, uma vez que, para o que se propõe nesta pesquisa, uma RADCOM com origem que não a determinada pelo Ministério das Comunicações pode exercer sua função fim, isto é, fomentar o desenvolvimento de uma comunicação comunitária e de cidadania comunicativa. Da mesma forma, a questão de possíveis pressões, como a econômica, incide diretamente no conceito de RADCOM, como já referido anteriormente. Nunes resume as implicações negativas advindas da instrumentalização de espaços que deveriam, por natureza, serem democráticos, plurais e de fomento à cidadania comunicativa; ao

[...] reproduzir a programação das emissoras comerciais, apresentar composição comunitária artificial e reunir associações comunitárias forjadas em sua maioria pela ação de cabos eleitorais, essas emissoras – indevidamente chamadas de comunitárias – apropriam-se do espaço comunitário e privatizam a dimensão pública do que seria um espaço coletivo de articulação, organização e conscientização política das comunicações que não dispõem de instrumentos de comunicação próprios (NUNES, 2006, p.128)

Para Nunes (2006), a instrumentalização tem ligação com a incapacidade de a comunidades perceberem as implicações da mobilização coletiva em prol de seus direitos enquanto cidadãos. Outro ponto nevrálgico no que tange à independência do serviço de radiodifusão comunitária é trazido por Peruzzo que lembra, ao referir-se à questão da sustentabilidade financeira, que “a restrição às inserções publicitárias é uma forma de dificultar

---

<sup>35</sup> Nunes entende como instrumentalização direta “aquela que apresenta divulgação do nome do candidato, o ‘dono’ da rádio, e seus objetivos” (2006, p.130). Em situações assim, conforme a autora, o serviço de radiodifusão comunitária deveria e ser identificada como de domínio comunitário. Já na instrumentalização indireta, ocorre a “divulgação de obras realizadas pelos candidatos” (2006, p.131). Nessa modalidade, as mensagens têm caráter casual e de descompromisso.

o desenvolvimento dos canais públicos habitualmente incluída pelo *lobby* da grande mídia privada, evitando uma possível concorrência com os canais em poder da iniciativa privada”. (PERUZZO, 2007a, p.63). A mesma autora, apresenta a questão da instrumentalização ao resumir que

[...] ocorre que indivíduos e instituições no Brasil - por interesses políticos-eleitorais, financeiros, religiosos ou de outro tipo -, por vezes se apropriam do espectro de radiodifusão comunitária com outras finalidades. Este tipo de apropriação é uma distorção, pois a radiodifusão comunitária representa a conquista do acesso aos meios de comunicação por parte dos movimentos populares e das comunidades (PERUZZO, 2007b, p.72).

A autora ressalta, ainda, que os serviços de radiodifusão poderiam ser mais autônomos caso houvesse uma legislação específica que atendesse as rádios locais. Ela conclui assinalando as perseguições sofridas pelas RADCOM e a “legislação que procura mais dificultar do que favorecer sua ação. Afinal, o desenvolvimento social não interessa a todos os setores da sociedade”. (PERUZZO, 2007b, p.76).

Ainda no âmbito dos obstáculos e entraves que interferem na construção plena dos processos comunicacionais comunitários, entendidos, aqui neste item, como *pressões externas*, Cogo menciona pesquisas realizadas no país e que “reafirmam que a ocupação dos espaços institucionalizados da comunicação por atores e movimentos sociais, como é o caso dos processos de regulamentação das rádios e tevês comunitárias na década de 90 no Brasil não assegura a instauração de processos democráticos”. (2006, p.15). Pelo contrário cria-se, segundo a pesquisadora, um espaço de tensão e conflito entre mídia alternativa e mídia corporativa, em uma relação entre hegemônico x contra-hegemônico.

Ainda na década de 90, com a aprovação da Lei 9.612/98, a concessão de rádios comunitárias se tornou moeda corrente de trocas políticas no final do segundo governo de Fernando Henrique Cardoso e no de Luís Inácio Lula da Silva. Conforme ampla pesquisa de Lima e Aguiar, entre 1999 e 2004 foi instaurado um coronelismo eletrônico de um outro tipo e as rádios comunitárias estavam no centro do negócio. De acordo com a investigação, as associações que concorreram para um canal deste tipo necessitam de um *padrinho político* que determina não só a aprovação do pedido, como sua velocidade de tramitação.

Os pesquisadores descobriram a existência de um sistema de informática no Ministério das Comunicações, o “Pleitos” para gerenciar especificamente os pedidos de concessões de rádios comunitárias apadrinhadas por lideranças políticas. “Para os 86 processos apadrinhados por políticos do Partido dos Trabalhadores a média de tempo de tramitação na Presidência da República – Casa Civil/SRI foi de 280 dias. Já para os 184 processos apadrinhados pela base



aliada, esse tempo foi de 326 dias. E para os 44 de interesse da oposição, o tempo médio de tramitação subiu para 374 dias (LIMA & AGUIAR, 2007).

Os dados colhidos ainda demonstram que, das 2.205 RADCOM integrantes da amostra, 1.106 (50,2%) possuem vínculos políticos com candidatos das últimas eleições, doadores de campanha, ocupantes de direção em diretórios e comissões provisórias municipais ou estaduais de partidos políticos, ocupantes de cargos de 1º e 2º escalões nos poderes Executivo e Legislativo, familiares de detentores de mandatos eletivos ou familiares de candidatos. Segundo Lima e Aguiar, a utilização política das outorgas acontece em dois níveis:

[...] no municipal, em que as outorgas têm valor no ‘varejo’ da política, com uma importância bastante localizada; e no estadual/federal, no qual se atua no “atacado” por meio da construção de um ambiente comunicacional formado por diversas rádios comunitárias controladas por forças políticas locais que devem o “favor” de sua legalização a um padrinho político. (2007, p.49).

Por isso a necessidade de estabelecer critérios para a diferenciação dos serviços de radiodifusão comunitários daqueles que não o são. Também daí parte a minha compreensão de que a outorga não pode ser fator excluyente daquelas RADCOM que têm uma natureza comunitária e origem em movimentos sociais, grupos marginalizados, regiões em vulnerabilidade social, mas por ‘infortúnio’ não detêm a permissão ‘legal’ para seu funcionamento.

Dessa forma, no que diz respeito à questão da propriedade e das pressões externas, os autores aqui apresentados traçam um importante cenário da realidade brasileira. Percebo uma instrumentalização política de alguns meios de comunicação comunitários e pressões sofridas devido à lógica capitalista de mercado. Entendo também que as RADCOM precisam se manter rentáveis financeiramente, algumas vezes não respeitando as regras – para o caso das rádios outorgadas – dos apoios culturais e recorrendo a outras formas de sustentabilidade econômica. Penso, entretanto, que sejam fatores que podem desestabilizar as dimensões constitutivas básicas de uma rádio comunitária, uma vez que podem operar sobre a razão de ser da rádio: a criação de um espaço democrático de comunicação com vistas à manutenção da cidadania comunicativa e uma horizontalização nos processos decisórios do que é produzido e de quem pode participar.

### **3.3 O arcabouço legal das rádios comunitárias no Brasil**

Entre os elementos constitutivos considerados fundamentais de uma rádio comunitária, no entendimento que trabalho nesta pesquisa, a concessão não se faz obrigatória. Parto de um

questionamento de Cogo sobre a outorga oferecido aos leitores do livro *No ar...uma rádio comunitária*: “Legalização é sinônimo de legitimidade ou mesmo de democratização?”. (1998, p.15). A questão é muito pertinente a esta pesquisa, uma vez que compreendo que estar sob o abrigo da legalidade nada significa se não forem observados outros fatores que garantam o exercício da cidadania e da democracia comunicacionais.

Corroborar com a minha compreensão sobre as RADCOM sem outorga, a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRAÇO)<sup>36</sup> que entende como “legítima e necessária a resistência e a pulverização desse meio de comunicação comunitário pelo país, mesmo que a sua existência extrapole os marcos da legalidade, pois os mesmos parlamentares que fazem as leis no Brasil são os donos de emissoras de rádio e televisão, legislando, assim, em causa própria”. (2006).

Dessa forma, como já mencionei anteriormente, não considere como critério inicialmente excludente para a pesquisa exploratória voltada ao mapeamento e à exploração das rádios comunitárias o fato de os serviços de radiodifusão comunitários não terem recebido a outorga; aquelas experiências de radiodifusão à margem da lei deverão, por outro lado, cumprir o que acredito ser um propósito comunitário à luz do referencial teórico e da compreensão de cidadania comunicativa e comunicação comunitária.

No universo possível de RADCOMs consideradas nesta pesquisa estão aquelas outorgadas, isto é, que operam com licença, o que justifica uma breve contextualização do arcabouço legal das RADCOM no Brasil.

### ***3.3.1 Os marcos legais***

A Constituição Federal (BRASIL, 1988) dedica um capítulo especial ao tópico Comunicação Social, que busca garantir a pluralidade de fontes de informação.<sup>37</sup> Para compreender em que cenário legal as RADCOM estão inseridas traço, agora, uma linha do tempo olhando para o surgimento dos primeiros marcos legais do serviço de comunicação no país. A primeira norma no setor é promulgada no governo de Getúlio Vargas (1930 – 1945), mais precisamente em 1932 por meio do Decreto nº 21.111. No mesmo ano, a publicidade no rádio é autorizada.

À época, cabia ao governo as outorgas e a determinação da potência das emissoras de rádio. Em 27 de agosto de 1962, é instituído o Código Brasileiro de Telecomunicações por meio

---

<sup>36</sup> Mais informações sobre a ABRAÇO e seu braço regional, a ABRAÇO/RS, serão trazidas na sessão Explorações Empíricas.

<sup>37</sup> Ver: Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 26 mar. 2016.

da Lei nº 4.117<sup>38</sup>, modificado e complementado pelo Decreto nº 236, de 28 de fevereiro de 1967. Ainda na mesma década, em 1963, o Regulamento dos Serviços de Radiodifusão é aprovado pelo Decreto nº 52.795<sup>39</sup>, de 31 de outubro.

São mais de 80 anos após o primeiro instrumento legal para regulação do serviço de radiodifusão no país. Período que até 1988 tinha na figura do presidente da República o detentor do poder de outorga das concessões. Com a Constituição de 1988, esta decisão passou ao Congresso Nacional. Nesse processo, a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), criada em 1997, assumiu a tarefa de supervisão de emissoras de rádio comerciais, públicas/educativas e comunitárias quanto às regras de telecomunicações brasileiras (Coelho Neto, 2002).

Um ano mais tarde, em 1998, o governo federal edita a Lei nº 9.612/98, marco legal das rádios comunitárias. O *Serviço de Radiodifusão Comunitária* foi assinado pelo então presidente da República Fernando Henrique Cardoso (Decreto nº 2.615 de 03/06/98)<sup>40</sup> e regulamentou aspectos técnicos, os objetivos e os públicos-alvo relacionados às RADCOMs. Conforme Fuser,

[...] essas rádios, diz a legislação, devem ser operadas necessariamente por fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, dando oportunidade à difusão de ideias e elementos de cultura da comunidade, prestando serviços de utilidade pública, contribuindo para o aperfeiçoamento profissional em jornalismo e radialismo e transformando-se em instrumento de capacitação no exercício do direito de expressão (2006, p.143).

A lei original de 1998 também estabelecia um período de licença de 3 anos. Entretanto, a Lei nº 10.597<sup>41</sup>, de 2002, alterou o prazo para 10 anos, renovável pelo mesmo período caso os requisitos legais sejam cumpridos.

Outra modificação levou em consideração o raio de alcance do serviço de radiodifusão comunitária: originalmente as estações tinham a permissão de transmitir até 1 quilômetro de distância a partir de sua antena. De acordo com a Norma Complementar nº 191, de 06/08/98<sup>42</sup>, as rádios comunitárias podem transmitir a uma área de até 3,5 quilômetros. Ainda no que tange às adequações legais do serviço de radiodifusão comunitária, a Medida Provisória nº 2.216-37,

---

<sup>38</sup> Ver: Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1967 – Institui o Código Brasileiro de Telecomunicações. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4117.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4117.htm) Acesso em: 30 mar. 2016.

<sup>39</sup> Ver Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963 - Aprova o Regulamento dos Serviços de Radiodifusão. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/Antigos/D52795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D52795.htm) Acesso em: 30 mar. 2016.

<sup>40</sup> Ver: Decreto nº 2.615, de 3 de junho de 1998 – Aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D2615.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2615.htm). Acesso em: 15 set. 2015.

<sup>41</sup> Ver: Lei nº 10.597, de 11 de dezembro de 2002 – Altera o parágrafo único do art. 6º da Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, que instituiu o Serviço de Radiodifusão Comunitária, para aumentar o prazo de outorga. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2002/L10597.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10597.htm). Acesso em: 15 set. 2015.

<sup>42</sup> Ver: Norma Complementar do Serviço de Radiodifusão Comunitária. Disponível em: <http://www.mc.gov.br/radiodifusao/legislacao/sonora/radcom/portarias/norma-complementar-do-servico-de-radiodifusao>. Acesso em: 15 set. 2015.

de 31 de agosto de 2001, em seu art. 19, alterou o parágrafo único do art. 2º da Lei 9.612/98, ao possibilitar a emissão de autorização provisória para o funcionamento de estação de RADCOM.

Em 2011, a Norma nº1/2011 – Serviço de Radiodifusão Comunitária, aprovada pela Portaria nº462<sup>43</sup> de 14 de outubro de 2011, complementou as disposições instituídas pela Lei 9.612, de 1998. Já em 2013, a Norma referida anteriormente foi alterada pela Portaria nº197<sup>44</sup>, de 1º de julho de 2013, no intuito de desburocratizar o processo de licença de operação de RADCOM.

Entre as alterações está a exclusão da obrigatoriedade do projeto técnico, uma exigência para a outorga das emissoras comunitárias, bastando apenas análise documental. Também ficou definido que os responsáveis pela emissora, isto é, seus comunicadores gestores, precisam residir na área de cobertura do sinal. Por fim, como mais recente instrumento legal a envolver as rádios comunitárias está a Portaria nº4.334/2015 (Norma 1/2015)<sup>45</sup> – que regulamenta, no âmbito do Ministério das Comunicações, o Serviço de Radiodifusão Comunitária.

### **3.4 A midiaticização e a convergência digital na perspectiva de novas modalidades de participação**

A relação que se constrói entre a midiaticização, o papel da mídia e a construção da cidadania, segundo Sabbatini (2006), parte do pressuposto de que as tecnologias de informação e comunicação (TICs) podem ser um ponto de partida, isto é, um impulso para, por meio de ações de inclusão digital, promover a inclusão social. De acordo com Bonin,

[...] a problemática da recepção ganha novos contornos nesse contexto. Entre as mudanças que se afiguram, verifica-se a disseminação e o domínio progressivo de recursos e de práticas de produção tecnológica de comunicação; inauguram-se novas formas de participação, compartilhamento e geração de produtos culturais digitalizados por produtores diversos. Alteram-se os modos como os sujeitos participam dos processos e produtos midiáticos das grandes mídias, quando elas se

---

<sup>43</sup> Ver Norma nº1/2011 - Serviço de Radiodifusão Comunitária. Disponível em: <http://www.mc.gov.br/component/mtree/por-tipo/portarias/portaria-n-462-de-14-de-outubro-de-2011> Acesso em: 30 mar. 2016.

<sup>44</sup> Ver Portaria nº197, de 1º de julho de 2013 – Estabelece data limite para a apresentação de pedido de renovação de outorga de serviço de radiodifusão comunitária e altera a Norma nº 1/2011, aprovada pela Portaria nº 462, de 14 de outubro de 2011. Disponível em <http://www.mc.gov.br/portarias/27271-portaria-n-197-de-1-de-julho-de-2013> Acesso em: 30 mar. 2016.

<sup>45</sup> Ver: Portaria nº4.334/2015 (Norma 1/2015) – Regulamenta, no âmbito do Ministério das Comunicações, o Serviço de Radiodifusão Comunitária Disponível em: [http://www.mc.gov.br/documentos/imagens/2015/Portaria\\_4334\\_2015\\_Dispoe\\_sobre\\_o\\_servi%C3%A7o\\_de\\_radiodifus%C3%A3o\\_comunit%C3%A1ria.pdf](http://www.mc.gov.br/documentos/imagens/2015/Portaria_4334_2015_Dispoe_sobre_o_servi%C3%A7o_de_radiodifus%C3%A3o_comunit%C3%A1ria.pdf) Acesso em: 02 abr. 2016.

incorporam aos cenários digitais - o que leva a redesenhos de processos produtivos, de formas de vínculos com os públicos, do lugar-papel dos sujeitos nos processos (2016, p.216).

Para Bonin (2016), compreender as implicações dos redesenhos é fundamental para entender até onde se estendem as formas de participação dos sujeitos, aqui entendidos como comunicadores ouvintes, e importantes para a problematização desta tese. Em outra publicação, a mesma autora ressalta esse cenário. Conforme Bonin, as pesquisas devem levar em consideração as novas reconfigurações e consequentes implicações para a comunicação, uma vez que o ambiente digital pode oferecer novos circuitos de circulação de informação – o que põe em xeque a hegemonia das mídias tradicionais. A autora ressalta que tais possibilidades

[...] permitiram romper com o lugar de receptor de mensagens tradicionalmente delineado aos sujeitos pelas mídias massivas, conferindo a possibilidade de produção comunicativa para além dos limites anteriormente definidos por essas mídias e a construção (em processo) dos sujeitos produtores de informação e de comunicação (BONIN, 2013, p.25).

Se o atual cenário midiático demanda reconfigurações, qual é o ‘novo’ lugar do sujeito comunicante? A que acessos ele tem direito para que possa se apropriar da tecnologia e, concretamente, participar? Outros questionamentos instigações são apresentados por Quadros et al. (2017, p.190).

[...] ainda é possível falar somente em ouvinte, com um tipo específico de características, ou temos a necessidade de expandir o conceito? E nesse sentido, de que formas esse conceito de ouvinte precisa e pode ser repensado? Essas são algumas das questões que instigam ao melhor entendimento da recepção radiofônica atual. Para tanto, é importante considerar pontos como a própria evolução do meio ao longo dos anos, e, especialmente, as transformações ocorridas no relacionamento do rádio com seus públicos.

A partir do que nos apresentam Quadros et al., é inegável nessa cronologia de transformações do rádio, o desenvolvimento da tecnologia e de diferentes formas de interação do ouvinte com o meio radiofônico. Os autores concluem que “o ouvinte de rádio é uma categoria social que surge com o próprio meio e, ao longo de sua trajetória, tem transformações não somente nos seus modos de ouvir, como também de participar da programação e interagir socialmente”. (QUADROS ET AL., 2017, p.191). Assim, para que seja possível aprofundarmos

esse tema, é necessário atentar para aspectos referentes ao cenário midiático brasileiro para que se entenda as implicações, facilidades, obstáculos e desafios do comunicador ouvinte brasileiro.

No Brasil, o uso das redes sociais é um movimento que cresce a cada ano. Em 2010, o Ibope apresentou dados que indicavam uma mesma representatividade entre os estratos A,B e C no que tange às redes: 45%<sup>46</sup>. Três anos mais tarde, em 2013, levantamento encomendado pelo *Facebook* divulgou que o público brasileiro utilizava a rede por 12 horas por mês, o que colocou o país em segundo lugar no *ranking* de utilização das redes sociais, atrás dos Estados Unidos - no *Twitter* e no *Facebook*<sup>47</sup>.

Outro dado que ajuda a constituir um panorama do cenário digital no Brasil foi apresentado pela Pesquisa Brasileira de Mídia 2015<sup>48</sup>: a internet aparece como o meio de comunicação que mais atrai a atenção dos brasileiros e o que mais cresce. Segundo o levantamento, um quarto da população acessa a rede de segunda a sexta-feira, com uma intensidade média de 3h39 minutos durante a semana e 3h49 nos finais de semana. Com relação ao usuário propriamente dito, a faixa etária de até 25 anos concentra 77% do total. A maioria dos usuários (84%) acessa a internet pelo computador. A pesquisa aponta que “o hábito de acessar a internet é mais comum na população mais jovem, nos maiores centros urbanos e nos estratos de maior renda e escolaridade”. (SECRETARIA de Comunicação Social, 2015).

No que diz respeito às mídias e redes sociais, “o uso de aparelhos celulares como forma de acesso à internet já compete com o uso por meio de computadores ou notebooks, 66% e 71%, respectivamente”. (SECRETARIA de Comunicação Social, 2015). Conforme o levantamento, o uso de redes sociais tem participação no resultado apresentado. Entre os internautas, ainda segundo a pesquisa, mais de 90% estão conectados por meio de redes sociais, sendo as mais utilizadas *Facebook* (83%), *WhatsApp* (58%) e *Youtube* (17%). Recente pesquisa do IBGE<sup>49</sup>, divulgada em abril de 2016, sinalizou que o telefone atingiu, pela primeira vez, a primeira posição entre os meios utilizados para o acesso à internet nos domicílios brasileiros, deixando os computadores em segundo lugar. Em contrapartida, o mesmo estudo destacou que os *sem-internet* representam, na sua maioria, idosos e os menos escolarizados. Se Castells (2006, p.227) é enfático ao afirmar que “a preservação da liberdade de expressão e comunicação

---

<sup>46</sup> Para mais informações, ver [http://www4.ibope.com.br/download/Redes\\_Sociais.pdf](http://www4.ibope.com.br/download/Redes_Sociais.pdf) Acesso em: 29 set. 2015.

<sup>47</sup> Para mais informações, ver <http://blogs.estadao.com.br/link/em-2013-brasil-vira-potencia-das-redes-sociais/> Acesso em: 29 set. 2015.

<sup>48</sup> A pesquisa brasileira de mídia 2015 foi elaborada pelo Ibope em parceria com a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. O levantamento faz um panorama dos hábitos da população brasileira em relação às mídias. Disponível em <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf/view> Acesso em: 06 abr. 2016.

<sup>49</sup> Para mais informações, ver <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/04/1757972-celular-se-torna-principal-meio-de-acesso-a-internet-nos-lares-diz-ibge.shtml> Acesso em: 09 abr. 2016.

na internet” é um dos objetivos principais na contemporaneidade, abro aqui um rápido parêntesis para fazermos um paralelo quanto ao crescimento do número de usuários da internet no mundo e suas possíveis implicações.

Dados de 2015<sup>50</sup> apontam uma penetração mundial superior a 45% (MINIWATTS MARKETING GROUP, 2016). Em levantamento realizado acerca do acesso à rede em 2008, Fragoso e Maldonado (2009) destacam que a distribuição territorial dos usuários não é equânime, com destaque para uma presença marcante dos países da América do Norte. Ressaltam, ainda, que “esse padrão reflete uma correlação entre as diferenças de acesso e as disparidades econômicas entre os continentes, como também sugere a importância de outros fatores socioculturais, dentre os quais o mais evidente é a língua”. (FRAGOSO e MALDONADO, 2009, p.13). Castells (2006) contribui para a caracterização desse cenário de desigualdade ao ressaltar que a era da informação não é equânime quanto às possibilidades de acesso. Para o autor, “é um processo de transformação multidimensional que é, ao mesmo tempo, incluyente e excluyente em função dos valores e interesses dominantes em cada processo, em cada país e em cada organização social”. (CASTELLS, 2006, p.225).

Em uma comparação que nos permite reconhecer o crescimento da rede, dados de 2008 apontavam que “a penetração da internet na América Latina (22,6%) está ligeiramente acima da média mundial (21,1%)” (ibidem). Ao trazer para o levantamento de 2015, essa penetração atinge índice de 56%, percentual que segue superior à média mundial, de 46% (MINIWATTS MARKETING GROUP, 2016). São dados que apontam para um processo, no ambiente digital, que permitiria expressões múltiplas e ao alcance de todos (DRUETTA, 2009).

Castells conclui essa ideia ao salientar que a internet “põe as pessoas em contato numa ágora pública, para expressar suas inquietações e partilhar suas esperanças. É por isso que o controle dessa ágora pública pelo povo talvez seja a questão política mais fundamental suscitada pelo seu desenvolvimento”. (2003b, p.135). O mesmo autor, ao mencionar esse novo deslocamento de cidadãos ou comunidades para o ambiente digital, destaca que

[...] as redes são montadas pelas escolhas e estratégias de atores sociais, sejam indivíduos, famílias ou grupos sociais. Dessa forma a grande transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade” (CASTELLS, 2003a, p. 106-107).

Nesse raciocínio, esse novo ambiente comunicacional não significa apenas pensar em uma ferramenta tecnológica por si só, mas em todo um contexto de características sociais,

---

<sup>50</sup> Para dados estatísticos, consultar: <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>. Acesso em: 06 mai. 2016.

culturais e econômicas, pois é dentro desse espaço digital que a sociedade contemporânea se mobiliza, troca informações e bens simbólicos. Maldonado avança nesse raciocínio ao afirmar que as pessoas “nesta conjuntura de mudança cultural, vão dando continuidade a suas culturas midiáticas históricas (radiofônicas, cinematográficas, televisivas, jornalísticas) e, ao mesmo tempo, combinam-nas com as possibilidades de experimentação que o novo *tempo/espaço* digital permite”. (2013, p.91).

Por mais positivos e favoráveis que sejam os levantamentos que auxiliam a compreender a crescente realidade midiática digital no país, faz-se necessária a observação de que *ter acesso* não significa *conseguir fazer algo*, no que diz respeito às discussões aqui apresentadas pelos autores trabalhados. Entendo que o ambiente digital permite uma gama de ações que visam o fortalecimento da democracia e da cidadania comunicativa, porém, são atravessados por diferentes dimensões que podem impedir que se concretizem, como já mencionado anteriormente. Bonin complementa ao lembrar que “as apropriações digitais dependem, também, das possibilidades de acesso dos sujeitos a essas mídias, bem como do domínio efetivo de competências tecnológicas e multimidiáticas, entre outros elementos, para realizarem-se plenamente”. (2016, p.218).

É neste cenário que emerge, também, um processo de convergência midiática com suas implicações tecnológicas, sociais, econômicas e culturais. Entre elas, destaca Maldonado, está o fato de que “os receptores dos meios massivos transformaram a sua condição de leitores, telespectadores e radiouvintes, optando por um agir comunicacional multidimensional, em especial, na rede digital mundial e nas redes sociais de vida contemporânea”. (2013, p.93). Para o autor, essa transformação tem ligação com a complexificação dos processos de participação, muito em decorrência da convergência midiática. Como observa Bonin,

[...]a expansão sistêmica das mídias foi acompanhada de reestruturações nos componentes e nas relações de conjunto dos sistemas midiáticos, nos seus processos produtivos; nas configurações dos seus produtos, nas relações, vínculos e afetações que instauram ao penetrar e permear as práticas e configurações simbólicas de diferentes campos, instituições, grupos, coletivos e sujeitos” (2013, p.24).

Jenkins (2009) propõe que convergir é quebrar paradigmas, uma vez que esses campos são impactados diretamente pela nova maneira com que as mídias operam. Para o autor (2009) as novas tecnologias levam o público a querer expandir a participação. E este é um processo que ocorre internamente, isto é, no próprio cérebro das pessoas. o autor ressalta, ainda, que se as pessoas tiverem opções para explorar, elas o farão. Nesse contexto, as plataformas digitais podem ser um lugar de experimentação que possibilita às pessoas se manifestarem. Gómez destaca que “todos os meios, velhos e novos, assim como as diversas tecnologias



videoeletrônicas e digitais que os tornam possíveis, coexistem, conformando ou não convergências em sentido estrito, porém constituindo ecossistemas comunicativos cada vez mais complexos”. (2006, p.84).

Gillmor (2005) complementa as ideias de Jenkins (2009) e Gómez (2006) ao afirmar que “precisamos ouvir o que elas têm a nos dizer. Estão mostrando a todos e a cada um de nós – cidadão, jornalista, objeto da notícia – que existem novas formas de falar e de aprender”. (p. 19). Nesse sentido, a convergência midiática oferece outros canais de atuação e interação para os sujeitos comunicantes.

Com a evolução da web, a sociedade passou a conviver com as redes sociais de uma maneira mais presente. Segundo Recuero (2011), o conceito de redes tem como base os atores e suas conexões, vinculando pessoas que compartilham dos mesmos objetivos. E é inevitável a constatação de que as relações de poder foram abaladas com as apropriações feitas da plataforma digital, principalmente no que tange a questões que envolvem os sujeitos comunicantes. Como propõe Castells,

[...] a conjunção de degradação das condições materiais de vida e crise de legitimidade dos governantes encarregados de conduzir os assuntos públicos leva as pessoas a tomar as coisas em suas próprias mãos, envolvendo-se na ação coletiva fora dos canais institucionais prescritos para defender suas demandas e, no final, mudar os governantes e até as regras que moldam suas vidas (2013, p.157).

Conforme o referido autor, a apropriação pode ter, então, resultados positivos, como mudanças de realidades e mobilizações em prol de uma mesma agenda. Já Cremades (2009) entende essa mudança de postura social como *micropoder*, isto é, o protagonismo do cidadão em expor de forma relevante seu ponto de vista – até então rejeitado – graças às comunicações eletrônicas. É um processo de transferência de poder, uma vez que possibilita ao cidadão acesso a meios de comunicação antes indisponível. Cremades destaca que esse fenômeno consegue “alterar, de maneira geral, a natureza da era da informação e, de maneira particular, a própria democracia e os direitos dos cidadãos (...) poder que os indivíduos têm para participar e um projeto coletivo que está mudando a sociedade em que vivemos”. (2009, p.17). O que pode ser percebido nas experiências de radiodifusão comunitária é que o micropoder, proposto por Cremades, se materializa na medida em que demandas e mobilizações em torno de um tema saem do ambiente digital e chegam às instâncias responsáveis, geralmente o poder público.

Para o autor (2009), este fenômeno é recente e tem por consequência um processo de agendamento democrático que só acontece devido às novas possibilidades tecnológicas. São duas visões que se relacionam com os processos analisados nesta pesquisa: a comunicação das RADCOM e seus ouvintes. Entendo que os usos e apropriações feitos no ambiente digital por

parte dos comunicadores ouvintes de rádios comunitárias, somados à uma relação em rede desses mesmos sujeitos, reconfiguram as possibilidades comunicativas podendo, inclusive, ganhar força a partir da agenda a que se propõe.

Ainda dentro do cenário de convergência no qual o serviço de radiodifusão comunitária está inserido, Peruzzo ressalta que a RADCOM “incorpora com naturalidade a tecnologia de transmissão em frequência modulada e se inclui de forma crescente na internet”. (2010, p.4). A contribuição de Peruzzo precisa, entretanto, levar em consideração as próprias competências dos comunicadores gestores das rádios comunitárias que entendo serem os principais articuladores da inclusão de novas tecnologias e processos no dia a dia da emissora. Mesmo com a possibilidade de usufruir do ambiente digital em áreas urbanas, alguns serviços de radiodifusão comunitária se mantêm fiel ao modelo analógico de transmissão por escolha ou decisão de seus representantes. O que pode significar também que as escolhas dos comunicadores ouvintes se dão no sentido de aderirem ou não às novas possibilidades de comunicação, quer seja por fatores sociais, culturais e/ou tecnológicos.

### **3.5 A radiodifusão comunitária em Porto Alegre: Lomba do Pinheiro e Voz do Morro**

Parto da compreensão de que as comunidades são complexas em sua constituição e existência. São atravessadas por múltiplos aspectos que, dentro do que se propõe como questionamentos desta pesquisa, devem se fazer presentes. É nesse sentido que julgo necessário fornecer informações que possam sustentar as compreensões acerca dos contextos em que existem e funcionam os dois serviços de radiodifusão comunitária da capital gaúcha importantes para a pesquisa, isto é, os bairros Morro Santana e Lomba do Pinheiro.

Dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010, apontam para uma população porto-alegrense de 1.409.351 habitantes e uma estimativa atual, segundo o próprio instituto, de 1.481.019 habitantes. Em termos de área, a capital gaúcha tem 496.684 km<sup>2</sup>.

No que tange à divisão geográfica interna, a história da criação dos bairros de Porto Alegre tem como marco a década de 50, período em que a municipalidade começou o processo de delimitação dos bairros. Nesse sentido, a primeira Lei “é de 1957 e, posteriormente, em 1959, através da Lei nº 2.022, que, além da delimitação do Centro, foram criados outros 57 bairros, consagrando denominações já utilizadas pela população local”. (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE). Entre os anos de 1963 e 1998 outros 20 bairros foram

incorporados e entre 2009 e 2011, mais três. Dessa forma, a capital gaúcha contabilizava 81 bairros oficiais<sup>51</sup> até 2015, quando outros 15 novos foram criados (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2015a), porém dois foram extintos (Figura 1). Conforme o projeto aprovado, “a proposta do Executivo, juntamente com as emendas aprovadas, altera o número de bairros na Capital, que passa dos atuais 79 para 94” (2015). Entre as criações está o bairro Morro Santana que, segundo a Prefeitura, é uma área sem denominação entre Agronomia, Jardim Carvalho e Mário Quintana.

Em relação aos bairros contemplados pelos serviços de radiodifusão comunitária investigados, eles se encontram, no mapa apresentado, nas regiões entre 4 e 7 (Morro Santana - A Voz do Morro) e 7 (Lomba do Pinheiro – Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro).

No que tange a outros aspectos, a partir de levantamento do IBGE (2014), Porto Alegre tem um indicativo de rendimento financeiro médio mensal de 4,2 salários mínimos. Quanto à escolaridade, a capital gaúcha apresenta um índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB) com nota média de 4,8,<sup>52</sup> que mede a qualidade do ensino oferecido, variando de 0 a 10. Outro indicador é o coeficiente de Gini, que mede o grau de desigualdade na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita.<sup>53</sup> Em Porto Alegre, “de 1991 a 2010 o indicador piorou 5,77%, variando de 0,5700 para 0,6029”. (PROCEMPA, 2017). A mesma fonte aponta para uma melhoria na expectativa de vida ao nascer, uma vez que “de 1991 a 2010 o indicador melhorou 9,37%, variando de 69,87 para 76,42 anos de vida”. (PROCEMPA, 2017).

Os dados apresentados auxiliam a visualizar aspectos do cenário econômico e social da cidade onde estão inseridas as duas RADCOMs focalizadas nesta pesquisa, regiões que, após observações realizadas durante as entrevistas exploratórias e sistemáticas, podem ser descritas como deficitárias em transporte público, uma vez que os deslocamentos até os locais das entrevistas – sede das rádios e/ou residência dos entrevistados – se deu por meio de ônibus. Também é possível constatar as condições precárias de saneamento básico no entorno das RADCOMs, de recolhimento de lixo e de pavimentação. Há um pequeno comércio à disposição da comunidade nas duas regiões visitadas e, no que tange à organização espacial da comunidade e as moradias de suas populações ali instaladas, é perceptível a baixa renda de seus moradores.

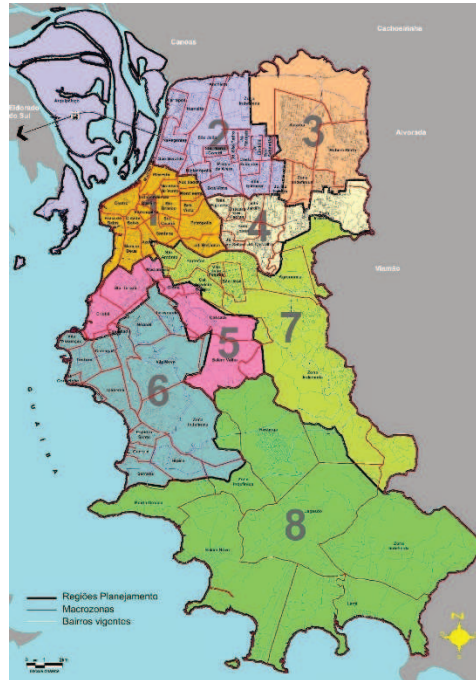
---

<sup>51</sup> Para mais informações: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p\\_secao=129](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=129) Acesso em: 02 ago. 2017.

<sup>52</sup> O IDEB é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino.

<sup>53</sup> O valor do coeficiente de Gini é 0 quando não há desigualdade, isto é, a renda domiciliar per capita de todos os indivíduos tem o mesmo valor, e tende a 1 à medida que a desigualdade aumenta.

Figura 1 – Mapa das regiões de planejamento e macrozonas com bairros vigentes



Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre (2017).

As observações, registradas em diário durante as mais de cinco idas a campo em cada uma das rádios são importantes para contrastar com as informações colhidas acerca de Porto Alegre em fontes oficiais e levantamentos. A partir do cruzamento desses dados e das observações em campo, há um forte indicativo que ambas as regiões, Morro Santana e Lomba do Pinheiro, padecem de políticas públicas, de atenção do Executivo municipal em comparação com outras áreas de Porto Alegre.

### ***3.5.1 Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro***

O bairro Lomba do Pinheiro, localizado na região leste de Porto Alegre, foi criado pela Lein° 7954 de 8 de janeiro de 1997 (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2017), porém sua história é anterior aos anos 50. Conforme a Secretaria Municipal da Cultura,

[...]a Lomba do Pinheiro é heterogênea em sua ocupação: nela convivem núcleos densamente povoados e áreas verdes, de preservação ecológica. Inicialmente, a região estava dividida em grandes extensões de terras pertencentes a famílias de origem portuguesa que cultivavam a terra e criavam animais (2017).

De características originalmente rurais, a região começou a receber moradores de outras áreas da cidade nos anos 60 e 70, juntamente com o início do processo de urbanização. No que diz respeito às mobilizações locais, os dados da Secretaria Municipal da Cultura destacam que:

[...]uma das características da Lomba do Pinheiro é a organização comunitária e a busca de seus moradores por melhores condições de vida no bairro. A necessidade de regularização de terrenos e a busca por melhor infraestrutura foram as principais influências para a organização das associações de moradores” (2017).

Conforme dados da municipalidade de 2015, a região conta com mais de 50 mil habitantes em 8.434 domicílios distribuídos em uma área de 2.455 hectares. O “rendimento médio mensal dos responsáveis pelo domicílio/2000 é de 2,92 salários mínimos”. (PROCEMPA, 2017). É nessa região que a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro está inserida (Figura 2).

A Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro (87.9 FM) funciona em um espaço de uma sala comercial no Beco da Taquara, número 336, sala 8, zona leste de Porto Alegre, e conta com uma programação diária veiculada ao vivo das 7h às 22h, de segunda a segunda. É fruto de mobilização da Associação de Moradores do Serra Verde (Fotografia 1).

O ex-comunicador gestor Flávio Cassal – que deixou a coordenação da rádio e da Associação no final de 2017 – foi importante mobilizador para a criação do meio de comunicação comunitário, uma vez que esteve à frente do processo de outorga, desde 1998. A autorização ocorreu em 2001 e a primeira transmissão, em 2002. O novo comunicador gestor, Paulo Silva, está na rádio desde 2002 e, segundo ele, “a notícia que se tem é que somos a primeira rádio comunitária de Porto Alegre. Nós ficamos uns 3 meses com outorga sem botar a rádio no ar porque a gente não tinha todo o equipamento”.

Figura 2 – Localização da Lomba do Pinheiro



Fonte: Prefeitura de Porto Alegre (2017)

Fotografia 1 – Sede física da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro



Fonte: Rodrigo Rodembusch (2016)

No *estúdio*, os apresentadores comandam seus programas, atendem ao telefone e recebem ouvintes (Fotografia 2) em um espaço sem portas ou isolamento acústico, o que permite o livre acesso dos ouvintes.

Fotografia 2 – Estúdio da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro



Fonte: Fanpage da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro (2016)

Durante observações realizadas nas visitas ao local para a realização das entrevistas de caráter exploratório e sistemático ao longo de 2017 e 2018, foi possível perceber um movimento de revitalização do espaço. Com a troca de direção da Associação de Moradores do Serra Verde,

responsável pela rádio comunitária, houve uma mudança significativa na forma de entender o papel e o alcance da RADCOM. Do ex-diretor Flávio Cassal, figura presente no início dessa pesquisa, a Paulo Silva, novo comunicador gestor, a Lomba do Pinheiro trocou equipamentos, como transmissor, microfones, reorganizou os espaços internos da rádio, substituiu a discoteca de CD pelo acesso a músicas em *playlists* no ambiente digital e ofereceu, no final de outubro de 2017, um número de WhatsApp para a comunicação do ouvinte com a rádio (985838252), além do telefone fixo (3319.4566).

Além da rádio física, a Lomba do Pinheiro também está presente no ambiente digital no *site* de redes sociais Facebook (Figura 3), sendo esta a única extensão da RADCOM no cenário digital até o final de 2017, quando ingressou em um espaço de *streaming*.

Figura 3 – *Fanpage* da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro



Fonte: <https://www.facebook.com/pages/R%C3%A1dio-Comunit%C3%A1ria-Lomba-Do-Pinheiro/439194412813514> (2017)

A Figura 4 mostra, mais uma vez, a *Fanpage* da RADCOM, com destaque para os locais onde o telefone fixo é apresentado – no canto inferior esquerdo e no canto superior direito.

Figura 4 – Número de telefone da RADCOM na *Fanpage*





Fonte: <https://www.facebook.com/pages/R%C3%A1dio-Comunit%C3%A1ria-Lomba-Do-Pinheiro/439194412813514#> (2017)

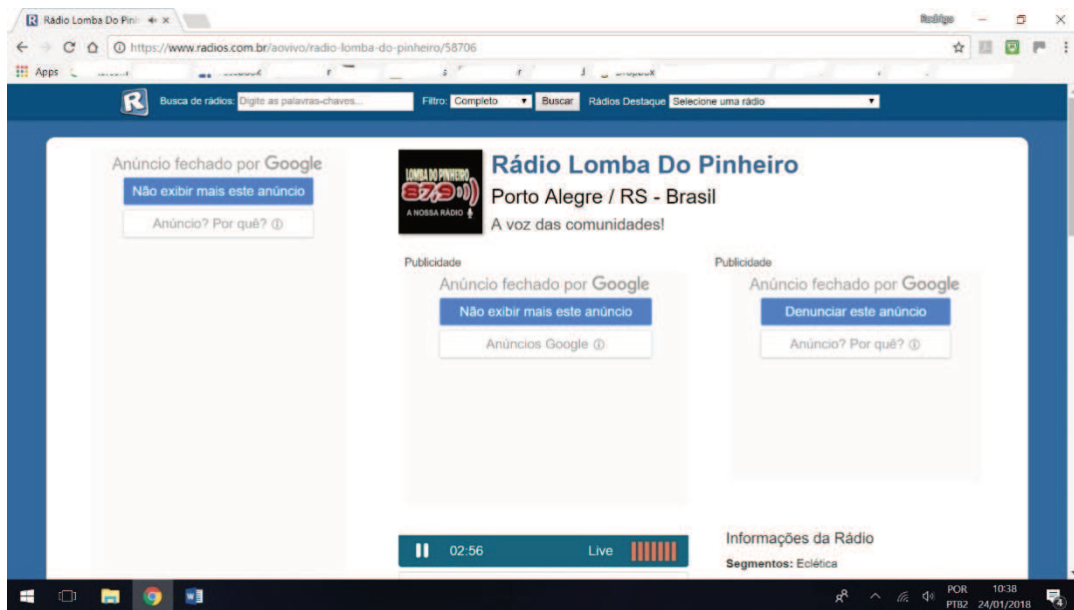
Ainda referente à presença no ambiente digital, a *Fanpage* conta com poucas interações de ouvintes de forma mais assídua. A partir de observações realizadas na *Fanpage*, foi possível perceber que postagens são raras.<sup>54</sup> A baixa participação do ouvinte e até mesmo dos comunicadores nesse espaço demonstra possivelmente um foco mais voltado para outros meios de comunicação não digitais no que se refere à comunicação com a rádio.

Como já referido, a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro oferece, desde o dia 31 de outubro de 2017, a possibilidade de o ouvinte migrar ao ambiente digital para escutá-la. O serviço de *streaming* (Figura 5) foi uma sugestão do novo comunicador gestor, Paulo Silva, e integra um processo de mudança proposto por ele para melhorias na RADCOM, conforme postagem do dia 20 de dezembro em seu perfil pessoal: “A Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro acompanha a era digital com aparelhagem supermoderna para melhor atender nossos ouvintes e apoiadores”.<sup>55</sup> Para ele, a rádio feita por Flávio Cassal era de caráter “artesanal” e está “em um momento de transição”.

Figura 5 – Site da Internet que transmite a programação da RADCOM

<sup>54</sup>As últimas cinco, todas de ouvintes, ocorreram no ano de 2017 nas seguintes datas: 07 de janeiro, 18 de março, 25 de março, 07 de agosto e 08 de outubro.

<sup>55</sup> Fonte: <https://www.facebook.com/DiretorPauloSilva/> Acesso em: 24 jan. 2018.



Fonte: <https://www.radios.com.br/aovivo/radio-lomba-do-pinheiro/58706> (2017)

No que tange à programação, conforme entrevista realizada no dia 21 de setembro de 2017 com o comunicador gestor, a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro conta com oito comunicadores. Para Paulo Silva, mesmo com a falta de comunicadores os programas são sempre ao vivo. Sobre a qualidade dos voluntários que vão ao ar, ele é enfático:

Porque às vezes tu tens um comunicador com um português ruim. Tu tens que pegar o cara que é honesto, que não falhe, e que fale a língua do povo, mas tem muita gente que faz erros de português. Essa é uma preocupação minha. Nunca vi ninguém se preocupar com isso. Sempre em reuniões eu batia...olha vamos procurar falar direito, não dizer besteira no ar.

A grade de programas é diversificada, sendo dividida em dias da semana, sábado e domingo e pode ser conferida nos Quadros de 1 a 3. O que se observa é uma programação com características variadas a depender do dia em que os programas são veiculados, bem como a manutenção dos nomes dos programas, caso o comunicador não o apresente mais, isto é, o que troca é quem leva ao ar o programa e não o produto veiculado em si.

Quadro 1 – Programação da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro de segunda à sexta

<b>Horário</b>	<b>Programa</b>	<b>Comunicador</b>
7h às 10h	Bom dia Lomba do Pinheiro	Rosa Maria Nunes da Silva (Gastão Moreira da Rocha às segundas)
10h às 13h	Comunidade em Ação	Paulo Silva (Rogério Oliveira às segundas)
13h às 16h	Café da Tarde	José Getúlio da Silva
16h às 19h	Cai a Tarde no Pinheiro	Jorge Geraldo dos Santos
19h às 20h	Voz do Brasil <sup>56</sup>	
20h às 22h	Assim Canta o Rio Grande	Paulo Silva

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Quadro 2 – Programação da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro de sábado

<b>Horário</b>	<b>Programa</b>	<b>Comunicador</b>
7h às 10h	Bom dia Lomba do Pinheiro	Rosa Maria Nunes da Silva
10h às 13h	Comunidade em Ação	Leonel Schutz
13h às 16h	Programa de Entrevista	“Dorneles”
16h às 19h	Cai a Tarde no Pinheiro	Jorge Geraldo dos Santos
19h às 22h	Assim Canta o Rio Grande	Edson da Rosa Rodrigues

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Quadro 3 – Programação da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro de domingo

<b>Horário</b>	<b>Programa</b>	<b>Comunicador</b>
7h às 10h	Assim Canta o Rio Grande	Edson da Rosa Rodrigues
10h às 13h	Domingo Alegre	Itamar Silveira dos Santos
13h às 16h	Festival de Bandas	Marco América
16h às 20h	Cai a Tarde no Pinheiro	Jorge Geraldo dos Santos
20h às 22h	Seresta na Comunitária	“Walmor”

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

### 3.5.2 A Voz do Morro

O Morro Santana, na zona leste de Porto Alegre, é um bairro recente dentro do cenário constitutivo da divisão da capital gaúcha. Conforme a Secretaria Municipal da Cultura, o início da ocupação da região do Moro Santana ocorreu no século 18 e “está ligado à doação da sesmaria a Jerônimo de Ornellas e à fundação de sua fazenda”. (2017). A urbanização ocorreu nos anos 50 com a instalação de empresas. No Morro Santana destaca-se ainda a mobilização comunitária e, segundo a Secretaria Municipal da Cultura, “a primeira associação criada foi a Sociedade Beneficente Recreativa da Vila Protásio Alves – SOBREVIPA. A partir dos anos 80, novas entidades comunitárias foram criadas na região, com o objetivo de intermediar as questões relativas à comunidade junto ao poder público”. (2017).

<sup>56</sup> Atransmissão de “A Voz do Brasil” é uma determinação aos serviços de radiodifusão comunitária a partir da Lei nº 9.612/98, art. 16. Disponível em <http://www.anatel.gov.br/legislacao/procedimentos-de-fiscalizacao/811-portaria-958>. Acesso em: 26 jan. 2018.

Quanto à geografia (Figura 6), situa-se na região o Morro Santana, que é o ponto culminante da cidade, com 311m de altitude. As pedreiras ali localizadas, que foram desativadas ainda nos anos de 1980, bem como a vegetação ali presente são atrativos para os moradores da região e estudiosos das áreas ligadas ao meio ambiente e geografia (PENTER et al., 2008).

Figura 6 – Localização do Morro Santana



Fonte: Prefeitura de Porto Alegre (2017)

A Rádio A Voz do Morro (88.3 FM), não outorgada, funciona aos domingos em um espaço que era parte de uma residência na esquina entre o Acesso 20 e o Acesso 3, sem número. A Fotografia3 apresenta a rádio entre os anos 2007 e 2008 – sem a fachada atual.

Fotografia 3 – Sede da rádio A Voz do Morro antes da reforma



Fonte: Arquivo pessoal de Rodrigo Rodrigues (2014)

Quanto à história da RADCOM<sup>57</sup>, o comunicador Rodrigo Rodrigues explicou que ele e outros colegas participavam do Centro de Mídia Independente (CMI) em 2000, período em que se discutia a questão da manipulação da mídia:

O CMI estava em vários países. Aqui no Brasil a gente ficou sabendo após uma manifestação em São Paulo, onde o grupo de lá foi bastante reprimido. E a única coisa que saiu para além da mídia oficial foi o material que os próprios manifestantes fizeram e divulgaram em fita VHS. O A-20 como ficou conhecido [...] quando a gente teve contato com essa fita, a gente pensou na necessidade de fazer alguma coisa de transformação.

À época, Rodrigo Rodrigues residia em Gravataí, cidade da região metropolitana de Porto Alegre, porém, sua família era do Morro Santana. Também integrante da Resistência Popular, tinha o desejo de “fomentar alguma coisa porque quando começamos com CMI fez a gente pensar”. O período foi marcado pela comunicação pela internet,

[...] só que a gente percebeu que quando chegava nos bairros, e foi uma tentativa nossa

<sup>57</sup> Informações a partir de entrevista concedida por Rodrigo Rodrigues no dia 21 de agosto de 2017, mesmo dia em que foi realizada a segunda entrevista exploratória com os comunicadores gestores da Voz do Morro e Rádio Ipanema Comunitária.

de chegar na periferia porque o pessoal não tinha acesso à internet. E a gente queria chegar na mão dos vizinhos, no Morro Santana, na Restinga. E foi tentando responder a essa pergunta que acabamos entrando em contato com as rádios comunitárias. Na época tinha a RDC Camaquã e a Restinga e já funcionava a Ipanema Comunitária (Rodrigo Rodrigues).

A fita de VHS A-20 como era denominada, foi enviada por correio para diversos pontos do país, conforme o comunicador gestor da Voz do Morro, e começou a ser copiada e redistribuída.

Uma menina gravou uma cópia e emprestou pra gente. Isso foi um horizonte. Era quase um documentário. E logo nessa sequência quase que concomitante a gente teve contato com o pessoal da população de rua porque na época era tudo uma gurizada nova, com um pé na contracultura. E um dia, numa conversa com um pessoal, a gente se deu conta que estava enxugando gelo. O que estava errado era muito mais coisa. Então nos organizamos para fazer algo. A pegada é começar a organizar a partir de nós mesmos (Rodrigo Rodrigues).

Com a iniciativa de mobilização, surgiu a ideia da rádio-poste por volta de 2003 – data que não pode ser precisada pelo entrevistado. Conforme Luciana Ferreira Soares<sup>58</sup>, companheira de Rodrigo Rodrigues e comunicadora locutora da Voz do Morro, a mobilização ocorria aos domingos.

A gente colocava a caixa de som e falava como forma de as pessoas se sentirem protagonistas de alguma coisa, que seja pegando o microfone e reclamando do posto de saúde, mas sentindo que tem voz, que tem condições, que alguém vai ouvir, que alguém vai estar interessado em ouvir. Essa era a ideia. As pessoas tinham muito medo de falar o que elas pensavam num coletivo. Depois de a gente ter os problemas que a gente teve nas Laranjeiras, a gente desceu para a Tijuca e ali a gente não tinha espaço. E as pessoas com muito medo de que *desse* polícia. A gente dizia, ‘a gente não tem nada, não tem CNPJ, a gente é uma rádio alternativa’. Então as pessoas ficavam com medo. Acabou que a gente fez na nossa garagem (Luciana Ferreira Soares).

Luciana Ferreira Soares explicou que, já na Vila Tijuca, a RADCOM funcionava na garagem de sua residência. “Não é como é agora. Era só um telhadinho com nossas coisas juntas, com as coisas das crianças. E a mesa com os equipamentos” (Luciana Ferreira Soares). O primeiro transmissor foi instalado em uma caixa de ferramentas e outro, que substituiu o anterior, “funcionava quando ele queria, superaquecia, então tinha que colocar vários ventiladores em cima dele”, lembrou. Com o desligamento de Rodrigo Rodrigues foi possível dar fim ao problema do equipamento.

---

<sup>58</sup> Luciana Ferreira Soares esteve junto com Rodrigo Rodrigues desde o início da Voz do Morro, acompanhando todos os processos e sendo reconhecida pelos comunicadores locutores e comunicadores ouvintes como integrante do grupo inicial da emissora. Dessa forma, sua memória é fundamental para a reconstrução da história da RADCOM. A entrevista com Luciana foi realizada em 18 de dezembro de 2017.

Ele foi demitido de uma empresa e disse ‘Vamos comprar de uma vez um transmissor decente’. Como se não tivesse mais nada para comprar para a casa. O telhado todo quebrado. A gente comprou e teve algumas pessoas que ajudaram. Conseguiram um microfone, uma mesa emprestada. Mas aí o transmissor era um bom transmissor. Era outorgado, pelo menos isso. A gente ficou um tempo com o transmissor da Restinga, depois comprou esse aí (o atual) (Luciana Ferreira Soares).

Quanto à outorga, Rodrigo Rodrigues é claro: “Não é a nossa maior preocupação. A rádio tem o direito de ser reconhecida, mas a gente entende que hoje, a gente teria que adequar a rádio à lei e tem muita arbitrariedade. Tem que fazer a luta para adequar a lei à realidade das rádios.”

Sobre as instalações, o local passou por algumas sedes e, onde está situado hoje, é resultado de uma reforma para oferecer melhores condições para a veiculação da programação, oficinas de rádio e operação, além de ter sido espaço para aulas de pré-vestibular – que migraram para a sede da Associação de Moradores da Vila Tijuca, no Morro Santana (Fotografias 4 e 5).

Fotografia 4 – Espaço reformado e fachada da Voz do Morro



Fonte: Rodrigo Rodembusch (2017)

Fotografia 5 – Estúdio da Voz do Morro



Fonte: Blog da Voz do Morro (2017)

Quanto à programação da Voz do Morro, a rádio transmite seus programas aos domingos nos turnos tarde e noite, conforme o Quadro 4 - confeccionado a partir de uma atualização da grade realizada no dia 24 de janeiro de 2018.

Quadro 4 – Programação da Voz do Morro

<b>Horário</b>	<b>Programa</b>	<b>Comunicador(es)</b>
12h às 13h	História em Pauta	Rafael da Silva Freitas e Fábio Melo
13h às 15h	Escola de Luta	Luciana Ferreira Soares e Pablo Silva Figueiredo
15h às 17h	Voz Literária	Mai Passos
17h às 19h	Visão Periférica	Filipe Rossau e Lorenzo Leuck
19h às 21h	Nós por Nós	Vinnye
21h às 23h	Koisarada	Rodrigo Rodrigues
23h à 01h	DJ Chakal	DJ Chakal

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

O que se observa quanto aos programas é uma flexibilidade de acordo com o tempo e, também, o interesse do voluntário envolvido com a rádio, isto é, a programação varia muito, tendo programas que vão ao ar sem a garantia de que se manterão na grade após os períodos de recesso que ocorrem no final de cada ano. Dessa forma, a grade aqui apresentada expressa o que foi colhido na data antes referida, sem a certeza de que os comunicadores responsáveis pelas temáticas dos programas estarão na grade ao longo do corrente ano. Outra informação



que dá o indicativo da efemeridade dos programas é a coletada na segunda entrevista exploratória realizada com Rodrigo Rodrigues – comunicador gestor – no dia 20 de agosto de 2017. O relato a seguir é a resposta do questionamento sobre a grade de programação:

A gente começa com História em Pauta, às 11h, voltado à discussão de temas da história passada e recente também sempre lincando com acontecimentos de agora com Fábio Melo e Rafael Freitas. Até 13h. Apresentação feita por dois historiadores da FAPA. Depois tem o Educação em Debate, também são professores, ele tem duas horas, até às 15h com Pablo Luciano e Leonardo. Das 15h às 17h tem uma menina, Marcela, que apresenta o Voz Literária, mora no Mário Quintana. Depois das 17h pensamos no programa A Voz do Morro de duas horas com Rodrigo Rodrigues, Lorenzo, Felipe e Gustavo. Estamos usando material de campo mesmo, de sair na rua, passar nas casas. Erguer alguma pauta. Por isso estamos pensando em ter mais colaboradores. Pessoal que possa editar um vídeo, por exemplo. Um programa mais colaborativo. Até 19h. Depois tem o Koisarada, meu programa, música diversa, assuntos variados, eventualmente alguma coisa de conjuntura. No intervalo entre os programas – alguns podem ter até 2h – a gente quer terminar eles um pouco antes para ter algum bloco musical e spots para campanhas sociais. Depois das 21h até 22h estamos com bloco musical que toca muita coisa, cena independente. Das 22h até meia-noite é o Locomotiva, com o DJ Chakal.

Percebe-se que os programas Educação em Debate e A Voz do Morro não aparecem no Quadro 4 e os programas Escola de Luta, Visão Periférica e Nós por Nós estão ausentes do relato de Rodrigo Rodrigues. Já DJ Chakal permanece na programação, porém teve o nome do programa alterado.

Os programas podem ser ouvidos no 88.3 FM ou pela internet (<http://avozdomorro.blogspot.com.br/>). O ouvinte que perde algum programa pode recorrer ao blog - que mantém um arquivo daqueles programas que os comunicadores da Voz do Morro acreditam que sejam relevantes (Figura 7). Além de um conteúdo *on demand*, isto é, que pode ser acessado pelo internauta interessado, há um espaço denominado “Deixe seu Recado” – canto direito da Figura 12. Nele é possível observar mensagens de questionamentos, dúvidas e informações sobre a rádio. Observação nesse meio de comunicação indica mensagens enviadas desde 19 de maio de 2013 a 03 de dezembro de 2017.

Figura 7 – Blog da Voz do Morro



Fonte: <http://avozdomorro.blogspot.com.br/> (2017)

A rádio ainda está presente, no ambiente digital, no Facebook (Figura 8), um espaço que conta com mais de 4.000 inscritos e seguidores até o fim de 2017. As postagens nesse espaço são frequentes por parte do comunicador gestor e dos comunicadores locutores da RADCOM. As formas de participação, menores em comparação ao material publicado, porém existentes, se dão por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários.

Outro espaço em que a Voz do Morro se faz presente no ambiente digital é o microblog Twitter (Figura 9), que conta com mais de 120 seguidores e teve a última postagem – no período de confecção desta tese – no mês de setembro de 2017. Após observação no ambiente digital, é possível constatar que é baixa a frequência de postagens da Voz do Morro no Twitter.<sup>59</sup>

<sup>59</sup> As últimas cinco mensagens foram publicadas respectivamente em 01 de setembro de 2017, 06 de agosto de 2017, 17 de maio de 2017, 26 de março de 2017 e 19 de março de 2017.

Figura 8 – Fanpage da Voz do Morro



Fonte: <https://www.facebook.com/avoz.morro/> (2017)

Figura 9 – Perfil do Twitter da Voz do Morro



Fonte: <https://twitter.com/avozdomorro> (2017)

## **4 COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA, MUDIATIZAÇÃO DIGITAL E CIDADANIA COMUNICATIVA**

A problemática teórica é determinante na construção do objeto de pesquisa; a teoria que alicerça o projeto, deve dialogar claramente com o problema/objeto e com demandas advindas do fenômeno escolhido para ser investigado (Bordieu et al., 1999). Assim, a problematização teórica precisa ser conscientemente construída pelo pesquisador para responder a esses desafios. Neste capítulo apresento as linhas de problematização teórica que vislumbro para alicerçar teoricamente a pesquisa. Cada um desses eixos conceituais embasa compreensões acerca das questões específicas da problemática proposta na pesquisa.

Assim, na problematização sobre a midiática digital, busco elementos para entender as especificidades e implicações para os processos comunicacionais das rádios comunitárias quando vinculados e atravessados pelo ambiente digital; o eixo da comunicação popular e comunitária busca trabalhar perspectivas para problematizar os processos comunicacionais desenvolvidos enquanto comunicação comunitária pensando, também, especificidades vinculadas à sua configuração no âmbito da rádio comunitária; as problematizações relativas aos comunicadores ouvintes e às apropriações midiáticas incluem perspectivas para entender os processos comunicacionais desenvolvidos na perspectiva dos “públicos”; no eixo cidadania comunicativa, serão trabalhadas perspectivas conceituais para entender e interrogar os processos comunicacionais das rádios comunitárias enquanto espaços de construção de cidadania.

A organização dos eixos da teorização aqui apresentada não tem caráter limitador, isto é, um conceito não vai operar somente na referida dimensão. Ele se faz presente na mesma, mas dialoga com as demais, uma vez que são diversos os atravessamentos dos diferentes elementos constituintes da pesquisa. Inicialmente será apresentada uma reflexão sobre o conceito de comunidade, uma vez que entendo ser uma dimensão importante para o desencadeamento dos demais conceitos propostos nesta pesquisa.

### **4.1 Reconfigurações do conceito de comunidade**

Adentrando na temática da comunicação comunitária, diferentemente do jornal, que demanda educação formal para que seja acessado, o rádio é um dos meios de comunicação mais acessíveis (ORTRIWANO, 1985, p.37) e democráticos (PRADO, 1989, p.18). Ouvir rádio não implica em dominar as habilidades de ler e escrever. No que tange à esfera comunitária, as rádios preenchem os espaços ou possibilidades deixadas pela mídia tradicional, que não serve

comunidades não representadas (COELHO NETO, 2002, p.68). Nesse mesmo sentido, Cabral Filho e Oliveira destacam que “a mídia tradicional também atua significativamente na deslegitimação e estigmatização das iniciativas comunitárias de comunicação junto à sociedade, contribuindo para desprestigiá-las e reduzindo as possibilidades de atuação e propagação dessas iniciativas, autônomas e descomprometidas [...]”. (2017, p.67). Para uma compreensão do que foi referido por Coelho Neto, é preciso aprofundar o conceito de comunidade, uma palavra, cuja compreensão é polissêmica.

Peruzzo oferece um ponto de partida ao lembrar que “assim como o adjetivo popular é constituído da expressão ‘comunicação popular’ e deriva da palavra povo, a expressão ‘comunicação comunitária’ tem ligação com os conceitos de comunidade. Estes são complexos e estão em transformação”. (2008). São essas reconfigurações que interessam para esta pesquisa, já que o ambiente digital atravessa as diferentes dimensões que constituem os conceitos com os quais estou operando, inclusive o de comunidade.

Ao trazer a questão da epistemologia da comunidade, Esposito oferece uma reflexão sobre suas significações. Para o autor, a comunidade não é “um sujeito coletivo, nem mesmo um conjunto de sujeitos” (2007, p.19), mas o próprio ser em relação, ou como Sodré explica “o limiar em que se encontram sujeitos individuais”. (2007, p.8). É perceber na comunidade o elemento *relação* que se estabelece entre os sujeitos. Ao trazer Esposito (2007) para esta pesquisa, percebo que a própria relação que se estabelece em torno da rádio comunitária é um elemento constituinte da comunidade. Em outras palavras, é compreender nas possibilidades do ambiente digital que os processos comunicacionais de uma RADCOM com seu público são constitutivos do sentido de comunidade.

Avançando na compreensão da palavra, etimologicamente, comunidade pode significar pessoas que dividem um mesmo espaço geográfico, o que Ferdinand Tönnies (apud PAIVA, 2007, p.135) denominou como *comunidade de proximidade*. Para o mesmo autor, a comunidade pode também ter o laço sanguíneo, isto é, o parentesco biológico como elemento unificador dos sujeitos, o que ele chamou de *comunidade cosanguínea* (ibid). Por último, há a *comunidade espiritual* (ibid), que reuniria os sujeitos em torno de “interesses, sentimentos, afetos em comum” (ibid). Para Paiva, trazendo essas formas de convívio para a atualidade, seria

[...] eleger pura e simplesmente a comunidade espiritual para classificar as relações humanas via tecnologia; a de vizinhança para caracterizar principalmente as comunidades dos espaços populares, ficando a de parentesco relegada ao abismo do qual ninguém se dispõe a falar, já que a própria concepção de família se encontra totalmente modificada [...]. Ou talvez hoje se tenham fundido todos os estágios [...] (2007, p.135)

Na mesma linha, Palácios entende que, no que se refere à rádio comunitária, a questão espacial deixa de existir como único elemento determinante, já que comunidade pode ser um grupo de pessoas que dividem problemas similares ou têm os mesmos objetivos (1997), conceito que não pode ser confundido “com uma simples localidade”. (PERUZZO, 2007a, p.110). Egargo também apresenta o que seria sua percepção de comunidade:

[...] grupo de pessoas, que têm um senso de propósito comum e/ou interesse para que assumam responsabilidade mútua, que reconhecem sua interconexão, que respeitem as diferenças individuais entre os membros e que se comprometam com o bem-estar um do outro e a integridade e bem-estar do grupo (2008, p.6-7).

Por isso, um grupo de pessoas dividindo o mesmo espaço geográfico não necessariamente representa uma comunidade porque internamente eles, ainda que estejam no mesmo espaço, podem não compartilhar das mesmas aspirações ou da mesma realidade (SOUZA, 2008, p.18). O sentido contrário também é verdadeiro, isto é, pessoas distantes umas das outras podem constituir uma comunidade no momento em que em suas relações exista uma identificação, quer seja ela étnica, religiosa, econômica, cultural, social etc. Assim, elas se reconhecem enquanto grupo, mesmo não dividindo o mesmo espaço físico (rua, bairro, região, cidade ou país), uma vez que são nas relações que os sujeitos se identificam.

Sobre a questão da territorialidade, Peruzzo nos oferece uma reflexão produtiva ao fazer um apanhado histórico acerca do desenvolvimento da sociedade e, por consequência, do conceito de comunidade, dadas as reformulações oriundas desse processo. Para a pesquisadora,

[...] as mudanças na sociedade que motivaram muitos teóricos a revisitar os conceitos de comunidade desde o século passado continuam ocorrendo e impingem novas nuances aos seus conceitos, a exemplo da quebra da noção de territorialidade geográfica, como condição sine qua non para existir comunidade, e a noção de comunidade como perfeitamente unida em torno de ideias e modos pacíficos de convivência (PERUZZO, 2007a, p.109)

Miani avança no que compreende como uma comunidade ao vê-la como uma “possibilidade que se realiza como decorrência da dinâmica social estabelecida por um conjunto de indivíduos que se reconhecem como construtores de um sentimento coletivo de pertencimento no interior de um grupo social”. (2011, p.226 – 227). Entretanto, tem-se aí um novo território, não mais geograficamente limítrofe, mas que “pode ter base cultural, ideológica, idiomática, de circulação de informação etc.”. (PERUZZO, 2006b, p.45). Conforme a autora, um espaço tão importante quanto uma referência física. A autora ainda explica que

[...] dimensões como as de familiaridade no campo das identidades histórico-culturais (língua, tradições, valores, religião etc.) e de proximidade de interesses (ideológicos, políticos, de segurança, crenças etc.) são tão importantes quanto as de base física. São

elementos propiciadores de elos culturais e laços comunitários que a simples delimitação geográfica pode não ser capaz de conter (PERUZZO, 2006b, p.45).

Por esse aspecto, é pertinente afirmar que as relações existentes dentro de uma comunidade representam a conversão de uma experiência singular/única em coletiva (HOLLANDER et al., 2012, p.23-25), característica essa que está entre os elementos constitutivos das rádios comunitárias. Entendimento que se alinha ao da *Associação Mundial de Rádios Comunitárias* ao conceituar comunidade como um espaço de interesses e aspirações compartilhados e não mais como uma área geográfica delimitada<sup>60</sup>. Peruzzo também alerta para as transformações sofridas no conceito de comunidade, uma vez que

[...] as noções clássicas de base territorial limitada e autossuficiência, princípios muito importantes durante décadas, enquanto fundantes de comunidades não resistiram às transformações da sociedade nos últimos anos, pelo menos não enquanto conceito universal. O que significa dizer que tais princípios continuam válidos apenas para realidades específicas (2006a, p.6-7)

Assim também pensa Coêlho, que entende comunidade como “adensamentos interacionais, espaços de fortalecimento de vínculos e de construção identitária, gerando senso de pertencimento. São estruturações marcadas por elementos como territorialidade – embora não haja necessidade de localização dos sujeitos no mesmo espaço geográfico – e cooperação – para o alcance de interesses em comum”. (2014, p.3). Peruzzo complementa a noção de territorialidade ao inferir que, em sendo uma das principais características da comunidade, “passa a não ter mais um valor universal”. (2002a, p.277). Diante do exposto, é possível compreender os elementos interação, vínculo, identidade e pertencimento – que alicerçam o conceito de comunidade e os quais são também constitutivos do que entendo como comunidade. Bauman também colabora nessa linha de raciocínio, ao destacar que

[...] se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e de responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos (2003, p.134).

Entretanto, existe um movimento necessário de revisão de seu significado frente às mudanças das últimas décadas. Dessa forma, o conceito de comunidade, com o desenvolvimento da tecnologia e das possibilidades de comunicação através de plataformas digitais, precisa ser reconfigurado. É o caso de seu uso para pensar rádios comunitárias que

---

<sup>60</sup> Para mais: ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE RÁDIOS COMUNITÁRIAS. **Conceito**. Rio de Janeiro, [2016?]. Disponível em: < <http://amarcbrasil.org/conceito/> >. Acesso em: 02 abr. 2016.

ultrapassam seus limites de sinal e alcançam públicos antes não imaginados por meio da rede mundial de computadores. Hjarvard faz uma conexão com o processo de mediação e a relação que se estabelece com a virtualidade e a geografia social ao afirmar que

[...] a crescente complexidade dos territórios na interação mediada atesta um efeito geral da mediação: a virtualização das instituições sociais. Anteriormente, as instituições eram mais ligadas a locais específicos [...] Como consequência da intervenção dos meios de comunicação, os indivíduos podem participar e partilhar de muitas diferentes instituições sociais, independentemente de sua localização física (2013, p.61).

Tanto Hjarvard como Peruzzo percebem esse novo cenário como um momento que se abre a possibilidades de as comunidades, entendidas aqui como instituições sociais, serem formadas sem a necessidade presencial entre seus integrantes constitutivos, uma vez que podem estar “interligados num outro tipo de território demarcado pela proximidade de interesses, objetivos e outros sentidos de vida comum”. (PERUZZO, 2007a, p.110). A mesma autora complementa que

[...] há alterações fundamentais nas dimensões conceituais de comunidade, como a noção de territorialidade geográfica, antes tida como um elemento central na configuração de uma comunidade e que nos dias atuais foi superada pelas novas possibilidades de interação através da CMC – comunicação mediada por computadores (PERUZZO, 2002a, p.275).

Egargo argumenta que a rádio comunitária é uma das várias possibilidades que as comunidades têm de participar em sociedade, pois “reduz a ausência de comunicação e cria oportunidades para continuamente criar uma comunidade”. (2008, p. 24-25).

Peruzzo (2006a) reúne, no que chamou de síntese da síntese, as características de uma comunidade a partir do intenso debate de diversos autores. São elas, o “sentimento de pertença; participação; interação, objetivos comuns; interesses coletivos acima dos individuais; identidades; cooperação; confiança, cultura comum etc.”. (2006a, p.6-7)<sup>61</sup>. A autora não elenca a proximidade territorial como imprescindível, já que é possível *fazer parte* à distância, uma das possibilidades do ambiente digital: pertencer sem coexistir. Para a pesquisadora, “hoje está superada a noção do território geográfico como determinante do local e do comunitário”. (PERUZZO, 2006b, p.45).

A partir do exposto, entendo uma comunidade como um conjunto de sujeitos, que poderão ser plurais em suas dimensões constitutivas de pertencimento, objetivos e interesses

---

<sup>61</sup> Para Peruzzo, as características elencadas não precisam estar presentes ao mesmo tempo e com igual intensidade em qualquer comunidade.



em comum, laços e/ou elementos socioculturais, que não precisam estar no mesmo espaço geográfico para estabelecerem uma relação de comunicação entre si, tendo como um dos elementos agregadores a rádio comunitária com a qual se identificam<sup>62</sup>.

García Canclini (2010) relaciona cidadania, consumo e comunidade, sendo que as duas primeiras implicariam na redefinição da última. Para o autor, de uma percepção inicialmente macro de pertencimento, isto é, da compreensão de entidades como nação ou classe, parte-se para uma relação com grupos menores, como, em minha compreensão, associações de bairro ou de moradores. Para Nunes, “um traço comum a estas comunidades atomizadas é que elas se organizam mais em torno de consumos simbólicos do que em relação a processos produtivos”. (2007, p.110).

Seguindo nesse raciocínio e trazendo para a realidade que aqui nos é importante, a das rádios comunitárias, a comunidade estaria, então, consumindo bens simbólicos produzidos por ela mesma por meio da programação da emissora em um processo que Nunes (2007) entende como de reconstrução, “colocando-se, assim, em sintonia contínua com os ouvintes da emissora comunitária que integram uma espécie de comunidade virtual, unida por uma linguagem única permeada por interesses coletivos múltiplos”. (ibid, p.110).

Compactuo da mesma observação de Peruzzo (2002a) no que tange à questão da formação de comunidades no ambiente digital, uma vez que o emprego do termo precisa ser empregado com cautela. Para a autora, “não é conceitualmente correto chamar de comunidade virtual toda e qualquer forma de agregação eletrônica. Muitas delas se constituem apenas como redes de contatos ou grupos de interesse sem chegar a constituírem-se comunidades”. (PERUZZO, 2002a, p.285-286). Assim, estar conectado, ou em rede, não representa o estabelecimento de uma comunidade, isto é, a agregação de sujeitos que, por meio de alguma forma de laço, se agrupam – nesse caso, no espaço digital.

Ainda no mesmo raciocínio sobre esses processos comunicativos na atualidade, Cogo (2006) lembra que, inseridos em um ambiente digital, isto é, com possibilidades de (re)conexões entre seus integrantes, a comunidade absorve para si a característica de estar em rede. Para a autora,

[...] a noção de rede assume protagonismo, instigando à (re)utilização do entendimento de dinâmicas em que as experiências de pertencimento a comunidades ou grupos sociais e as estratégias e táticas de solidariedade se cruzam com múltiplas modalidades de acesso e uso de recursos comunicacionais e midiáticos para assegurar a (re)criação permanente de um determinado cenário [...] (2006, p.19).

---

<sup>62</sup> Como já referido na Construção do Problema, em um cenário da realidade digital, onde as noções de território são postas em xeque, é a própria rádio comunitária um dos elementos definidores e agregadores de uma comunidade e não o contrário.

Para Maldonado, tais cenários estariam relacionados às revoluções tecnológicas, entre elas, a que proporcionou o desenvolvimento da internet e seus consequentes desdobramentos para os modos de vida sociais, agora, “organizados em sistemas e redes, cada vez mais vinculados com as estruturas eletro-eletrônicas-cibernéticas e midiáticas [...]”. (2003, p.4).

## 4.2 Comunicação popular e comunitária

Como parte da rede de conceitos que estruturam o arcabouço teórico desta pesquisa, é importante destacar a *comunicação popular e comunitária*, bem como a construção da *identidade comunitária*. O debate relativo às definições e especificidades da comunicação popular e/ou alternativa é intenso. São diversos os atravessamentos que aproximam e afastam a compreensão conceitual dos processos comunicativos de caráter não-hegemônico ou contra-hegemônico. Como assinala Dornelles,

[...] não é fácil, no entanto, definir o que é Comunicação Popular, usada praticamente como sinônimo de Comunicação Comunitária, Comunicação Participativa, Comunicação Alternativa, Comunicação Dialógica (horizontal) etc. Regina Festa (1986) identificou 33 tentativas de definir comunicação popular e/ou alternativa na América Latina (2007, p.5)

Assim, como ponto de partida para a constatação da profusão de termos, Peruzzo destaca que “a comunicação popular foi também denominada alternativa, participativa, participatória, horizontal, comunitária, dialógica e radical, dependendo do lugar social, do tipo de prática em questão e da percepção dos estudiosos”. (2008). Ressalta que é um tipo de comunicação “caracterizada como de pequena escala, também denominada alternativa, popular ou comunitária, mas que se torna expressiva porque está dispersa por todo o país e se multiplica de diferentes maneiras e em diferentes lugares, dentro do Brasil e no mundo”. (PERUZZO, 2004b, p.5).

Benevenuto Júnior faz um estreitamento da compreensão dos termos ao afirmar que a produção alternativa é “um processo de divulgação, de formação da consciência crítica, de organização e de resistência contra o domínio de uma classe sobre a outra, isto é, uma forma de comunicação dialética de caráter dialógico de transmissão de cultura e interlocução com seus pares”. (2002, p.140).

Gindre (2004) apresenta um complemento à Peruzzo (2008) e a Benevenuto Júnior (2002) ao conceituar o alternativo como o projeto de comunicação que visa a enfrentar a grande mídia, ou mídia hegemônica, geralmente oriunda de estratos sociais com certo poder

econômico, como a classe média<sup>63</sup>. Um outro atravessamento que incide entre as duas concepções – comunitário e popular – é o de mídia local. A autora faz uma distinção entre o que seriam as especificidades do *local* quando compreendido como sinônimo de comunitário. Para a autora,

[...] diversas práticas de empresas comerciais regionais também se apresentam como comunitárias, embora nem toda comunicação local possa ser assim denominada. Trata-se de uma confusão natural, visto que o comunitário não pressupõe uma compreensão uníssonas, e a comunicação popular não tem o propósito de trabalhar exclusivamente com temas comunitários (PERUZZO 2006b, p.44-45)

Peruzzo (2008) observa que o popular e o comunitário têm entendimentos distintos que, entretanto, se assemelham – como também pensa Milan (2008) quando dizem respeito “às lutas de segmentos subalternos por sua emancipação, mesmo havendo algumas características próprias em cada um dos processos”. (PERUZZO, 2008). Ao avançar na reflexão acerca dos grupos subalternos, Peruzzo os entende como o povo, considerado como “o protagonista principal e como destinatário” (2008) da comunicação popular e comunitária. A mesma autora entende e reconhece os atravessamentos do popular com o comunitário, misturando-se e também apresentando especificidades distintas, “por exemplo, às vezes se desconecta de movimentos sociais e assume feições diversificadas quanto às bandeiras defendidas e mensagens transmitidas”. (PERUZZO, 2008).

É nesse sentido que traço um primeiro elemento divergente entre ambos os termos trazido por Cogo (2005). Para a autora, as denominações alternativo, popular, local ou comunitário agrupam meios de comunicação latino-americanos, porém, é o último – o comunitário – que

[...] assume centralidade para definir as experiências e projetos envolvendo as mídias locais e de bairro, as mídias produzidas e geridas por comunidades e movimentos sociais organizados. O comunitário assume essa centralidade em um momento em que o cenário da comunicação e das mídias se pluraliza como resultado da reconfiguração de processos e práticas políticas, econômicas e socioculturais em âmbito nacional e internacional (2005, p.1).

A partir do pensamento de Cogo (2005), é possível distanciar a comunicação popular da comunitária pelo elemento constitutivo da segunda: a comunidade. Sem ela, não existe comunicação, diferente da experiência popular, que não necessita deste alicerce para existir. Para Campos e Barros (2012), o elemento-chave da comunicação comunitária é a doação à

---

<sup>63</sup>Para mais informações sobre a classe média brasileira e sua definição, acessar: <http://www.sae.gov.br/imprensa/noticia/destaque/assuntos-estrategicos-social-e-renda-a-classe-media-brasileira/>. Acesso em: 20 mai. 2016.

comunidade. Na concepção dos autores, “esse tipo de comunicação procura valorizar a cultura, tradição e história da comunidade” (2012, p.6) e recuperar a identidade individual e coletiva do espaço em que se vive. Corroboram Lahni e Coelho ao afirmarem que

[...] a participação na comunicação tem sido apontada como uma maneira de exercer a cidadania. Apesar da importância do exercício da comunicação, em especial para os jovens, os meios de massa, em geral, não oferecem espaço para que o cidadão desfrute de um direito que é seu. Também não proporcionam a reflexão do conteúdo e tampouco a participação direta na elaboração de uma mensagem. Nesse contexto, a comunicação comunitária, [...], pode ser um espaço para esse exercício (2009, p.98).

Compartilho com Cogo a ideia de a comunidade exercer papel distintivo dos conceitos e trago para o debate Peruzzo que se apropria da própria compreensão de comunidade para lançar uma outra reflexão. Para a pesquisadora, mesmo levando em consideração as formulações clássicas para o entendimento do que é uma comunidade, em um processo de atualização da definição, “a mobilização social fez surgir um novo tipo de comunicação comunitária, inerente a organizações e movimentos populares”. (PERUZZO, 2006b, p.44).

Assim, adensando a reflexão acerca da compreensão de comunicação que para esta pesquisa é relevante, Peruzzo (2004) destaca que, para entender o popular como comunitário é preciso, primeiro, distinguir as três modalidades de popular: alternativo, massivo ou folclórico.

O popular alternativo tem relação com organizações e movimentos sociais<sup>64</sup> vinculados às classes subalternas. Já o popular folclórico diz respeito a manifestações de caráter cultural e o massivo, à compreensão de produção de conteúdo para as massas. Dessa forma, a comunicação comunitária pode ser entendida como comunicação popular, desde que o entendimento de popular seja o alternativo que, conforme Peruzzo (2004), tem a possibilidade de conscientizar e criar condições de educar.

Como características do que seria uma comunicação comunitária Peruzzo (2006a, p.9) aponta: “não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de desenvolver a educação, a cultura e ampliar a cidadania”. Hadland e Thorne distinguem cinco características-chave: “ser de propriedade e controle da comunidade, por meio de seus representantes; não ter fins lucrativos; ser acessível aos integrantes da comunidade a que serve; a comunidade precisa ser geográfica ou uma comunidade de interesse; e estar a serviço de comunidades em desvantagem”. (2004, p.16)<sup>65</sup>. Já para Paiva (2003), esse tipo de comunicação tem como características, além das já

---

<sup>64</sup>Para Scherer-Warren, “não há, todavia, um acordo sobre o conceito de movimento social. Para alguns, toda ação coletiva com caráter reivindicatório ou de protesto é movimento social, independente do alcance ou do significado político ou cultural da luta” (2009, p.18).

<sup>65</sup> Tradução minha. Original em inglês.

mencionadas, um comprometimento político, a mudança nos critérios de noticiabilidade – uma vez que o que será veiculado deve interessar à comunidade, e a promoção da educação. A mesma autora, quatro anos mais tarde, sistematiza o que reconhece como pilares da perspectiva comunitária no campo comunicacional

1. A comunicação comunitária constitui uma força contra-hegemônica no campo comunicacional. 2. A comunicação comunitária atua na direção de uma estrutura polifônica. 3. A comunicação comunitária produz novas formas de linguagem. 4. A comunicação comunitária capacita-se por interferir no sistema produtivo. 5. A comunicação comunitária gera uma estrutura mais integrada entre consumidores e produtores de mensagens. 6. A Comunicação comunitária atua com o propósito primeiro da educação. 7. A Comunicação comunitária pode engendrar novas pesquisas tecnológicas. 8. A Comunicação comunitária como lugar propiciador de novas formas de reflexão sobre a comunicação (PAIVA, 2007, p.137-147)<sup>66</sup>.

Peruzzo também apresenta uma síntese do que entende como uma comunicação comunitária. Para a autora:

[...] quando se fala em comunicação comunitária, está implícito o sentido de um processo que envolve a participação popular autônoma, da gestão à produção de conteúdos, ou seja, trata-se de uma comunicação destinada a atender demandas locais mediante o exercício da cidadania a partir dos próprios cidadãos. Suas diferenças em relação à mídia local comercial são claras, embora possa atuar no mesmo universo territorial e temático (PERUZZO, 2006b, p.48).

Para a referida autora, a comunicação comunitária extrapola os requisitos básicos que a caracterizariam como tal e aqui já apresentados. É um processo comunicacional que, de acordo com Peruzzo, tem entre suas razões de ser a tentativa de oferecer ao cidadão a oportunidade de participação e “como protagonista, propicia a constituição de processos educacionais favoráveis ao desenvolvimento mais ágil do exercício da cidadania”. (2008). Em outras palavras, uma comunicação responsável pelos interesses da comunidade. Conforme Paiva, ela compromete “o indivíduo com o exercício de sua cidadania, que possa permitir-lhe uma atuação no seu real-histórico, podendo transformar, inclusive, sua existência e a das pessoas à sua volta”.(2003, p. 49).

O protagonismo do cidadão é uma constante nos estudos de diversos autores, como Ribeiro e Ortiz (2007), Paiva (2003) e Lahni e Coelho (2009). Nessa perspectiva, ao cidadão é oferecido o exercício de um direito fundamental: o da comunicação. Para Ribeiro e Ortiz, a

---

<sup>66</sup> Como já referido, para este estudo, algumas especificidades foram entendidas como fundamentais para o que se compreende por comunicação comunitária, o que também implica diretamente no conceito de rádio comunitária. No caso de Peruzzo (2006a) e Hadland e Thorne (2004), busco problematizar a questão do caráter comercial e da propriedade coletiva, pois não são fundamentais nesta pesquisa.

questão é “ser sujeito e não objeto da comunicação” (2007, p.5), uma realidade presente na comunicação hegemônica. Argumentam que o cidadão inserido em um sistema de comunicação comunitária deve participar de maneira ativa do meio de comunicação para, assim, construir um canal cada vez mais estreito entre cada indivíduo componente deste sistema. Nesse cenário está evidente um aspecto dinâmico e reivindicatório de acordo com os interesses comuns dos grupos. Paiva (2003) ressalta que os cidadãos ativos nos projetos de comunicação comunitária, como em rádios, podem recuperar uma ação importante na sociedade: opinar e ter voz. Quanto à participação do cidadão na mídia comunitária, Lehni e Coelho argumentam que

[...] a mídia comunitária é caracterizada pelo papel de protagonista das pessoas, pelo papel de divulgar assuntos específicos das comunidades, que geralmente são esquecidos pela grande imprensa. A estratégia usada para tal é a participação direta das pessoas do lugar. Produtor, redator e locutor são cidadãos comuns, não necessariamente profissionais (2009, p.101).

Campos e Barros salientam que uma comunicação comunitária legítima é aquela que necessariamente precisa ser “feita pelos moradores da comunidade, pois são eles que sabem a melhor forma de traduzir o assunto a todos e todas e quais são os meios mais adequados de se comunicar”. (2012, p. 7). Nesse raciocínio, Paiva conclui que “os indivíduos agrupados por interesses comuns podem retomar como cidadãos a possibilidade que lhes foi negada, de interferir nas decisões do poder público”. (2003, p. 56-57). Ainda em relação a esta problemática e pensando a comunicação comunitária para o âmbito da rádio comunitária, Peruzzo (2005) lembra que existem emissoras de rádio “pseudocomunitárias” (2005, p.2), isto é, serviços de radiodifusão outorgados, porém, não cumpridores das funções que se esperam ser exercidas por uma RADCOM. A autora explica, portanto, que

[...] a rádio comunitária que faz jus a este nome é facilmente reconhecida pelo trabalho que desenvolve. Ou seja, transmite uma programação de interesse social vinculada à realidade local; não tem fins lucrativos; contribui para ampliar a cidadania melhorando o nível de informação, educação informal e cultura dos receptores sobre temas diretamente relacionados à sua vida; permite a participação ativa das pessoas residentes na localidade e de representantes de movimentos sociais e de outras formas de organização coletiva na programação, nos processos de criação, no planejamento e gestão da emissora (PERUZZO, 2005, p.2).

A autora aprofunda a questão dos tipos de rádios comunitárias ao oferecer quatro modelos distintos já perspectivando, inclusive, o ambiente digital. Com referência às especificidades constitutivas de cada serviço oferecido, há rádios comunitárias legalmente constituídas, rádios livres comunitárias, rádio de alto-falante e rádios virtuais comunitárias (PERUZZO, 2010). Para esta pesquisa, qualquer uma das modalidades apresentadas pela autora

pode ser considerada comunitária, a partir da minha compreensão acerca do termo e da sua relação com a comunicação comunitária e cidadania comunicativa. Ainda conforme a autora, os diferentes modelos reproduzem a complexidade do campo e suas possibilidades de concretização enquanto serviços de radiodifusão, já que “não há um modelo único, apesar de existirem características centrais que a caracterizam [a mídia comunitária]. Cada vez mais a comunicação comunitária vai se revelando numa pluralidade de formas e mostrando sua validade no contexto das comunidades, mesmo que não expressem mecanismos puros de autogestão”. (PERUZZO, 2004b, p.23).

Cabe destaque, entretanto, para a introdução da realidade digital no cenário das RADCOMs. Peruzzo lembra que “a rádio comunitária neste início de século XXI incorpora com naturalidade a tecnologia de transmissão em frequência modulada e se inclui de forma crescente na internet (2010, p.4). A implicação do cenário digital nessa reflexão também se faz pertinente. Ela é lembrada por Lago, ao ressaltar que, “com a adoção da tecnologia digital, o sistema de produção apoiado em uma cultura de consumo massivo deu lugar a novas condições sociais das quais se precipita uma nova estrutura de antagonismos de classes”. (2012, p.72).

Nessa relação entre o analógico e o digital, se encontra a questão central desta pesquisa perspectivando as rádios comunitárias, uma vez que não entendo como fato dado a assertiva de que o digital reconfigura todos os processos comunicativos. O que pretendo é justamente compreender como se constituem tais processos entre rádios comunitárias situadas em Porto Alegre e os ouvintes que compõem seu público no contexto da midiatização digital na perspectiva de construção de uma comunicação comunitária e cidadania comunicativa. Nesse sentido, apresentam-se novas possibilidades de apropriação e uso pelo público de rádios comunitárias, de espaços digitais criados pelos referidos meios de comunicação.

Uma vez que as rádios comunitárias são meios de comunicação muito presentes na América Latina<sup>67</sup>, García Canclini (2008) e Martín-Barbero (1998) oferecem um horizonte que pode ser relevante para esta pesquisa no que se refere ao rádio e suas implicações neste espaço geopolítico. Somam-se a eles, Peruzzo (2012), que dirige o olhar à realidade brasileira e Cortina (2005), que oferece uma complexa rede de proposições necessárias e que podem ser produtivas para a reflexão que se pretende sobre o cidadão e a mídia comunitária.

A *questão da identidade* tem relação direta com a da cidadania porque, conforme Cortina (2005), a primeira é um elemento definidor da segunda, isto é, um conceito completo de cidadania pressupõe três elementos: *status* legal e moral e uma identidade. Interessa neste

---

<sup>67</sup> Para mais informações: acessar <http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/extraprensa/article/view/84> Acesso em: 02 abr. 2016.

momento a questão da identidade. García Canclini ressalta que estudar a identidade e a cidadania é um dos maiores desafios da contemporaneidade (2010). Para a autora, pensar esse conceito nos dias atuais e nas diferentes sociedades implica na presença de um componente fundamental: a dignidade. Tal palavra se fez presente em uma gama de mobilizações sociais, como por exemplo, no movimento na Tunísia, que se automeou, conforme Castells (2013), como uma revolução pela liberdade e pela dignidade. Além disso, para Cortina, a identidade “conta também com esses elementos específicos de cada indivíduo e de cada comunidade étnica, religiosa ou nacional às quais pertencem, e que são os que lhes propõem formas de vida boa”. (2005, p.25).

Nessa linha de raciocínio, é importante retomar um questionamento da autora no que tange à identidade e à questão cultural: “Como saber-se e sentir-se cidadão igual quando a própria cultura é preterida? Como aceitar as normas políticas de uma cultura que se revela estranha?”. (2005, p.140). Ambas as indagações remetem a uma realidade presente na atualidade: o multiculturalismo, seus mecanismos de representação e a necessidade da coexistência em um mesmo espaço geográfico de grupos com diferentes tradições. Entre as possíveis consequências desta interação está a desvalorização de culturas locais e/ou de grupos minoritários, isto é, a valorização de uma em detrimento à outra. Para Hall, o multiculturalismo é um termo “enredado” (2009, p.51), em referência à sua constituição complexa.

Ao apresentarmos anteriormente o que entendo por comunidade, resalto a questão da pluralidade dos sujeitos e a possibilidade de desterritorialização ganha força com a comunicação digital. Autores como Peruzzo (2004a), destacaram inicialmente que o local onde os grupos marginalizados vivem é considerado um elemento-chave de uma rádio comunitária e um aspecto relevante na busca de uma identidade local própria. Porém, com o avanço das mídias digitais, o cenário foi sendo reconfigurado. A própria autora, anos mais tarde, reconhece que

[...] o sentimento de pertença, a participação, a conjunção de interesses e a interação, por exemplo, são características que persistem ao longo da história, enquanto a noção de lócus territorial específico como elemento estruturante de comunidade está superado pelas alterações provocadas pela incorporação de novas tecnologias de informação e comunicação (PERUZZO, 2008).

Assim, tem-se cada vez mais a urgência de compreender que sujeito é esse que não necessita mais coexistir em um mesmo espaço geográfico e que, agora, poderá dividir uma característica em comum – a relação com uma rádio comunitária – com grupos de diferentes



tradições, mas que têm em comum o objetivo de desenvolver a comunidade, visando a manutenção/ampliação da cidadania.

García Canclini avança nesse debate e, a partir de seu conceito de hibridação, ressalta que é esse processo que permite que “a multiculturalidade evite o que tem de segregação e se converta em interculturalidade”. (2008, p.19). O antropólogo argentino lembra, entretanto, que a compreensão do termo varia de acordo com a região em que é perspectivado, isto é, “na América Latina o que se tem chamado de pluralismo ou heterogeneidade cultural é entendida como parte da nação, enquanto no debate estadunidense, como explicam vários autores, multiculturalismo significa separatismo”. (2010, p.20).

Como García Canclini (2008), Hall (2009) também aborda o conceito de hibridismo ao tensionar a questão da globalização e as culturas. É nesse sentido que o autor menciona “estar dentro da Europa sem ser dela” (2009, p.74), o que claramente denota o sentido de certos grupos em desvantagem cultural, social e econômica que integram geograficamente o universo social, porém, de alguma forma não se sentem parte da sociedade. No que tange a esta pesquisa, buscam-se elementos que devem auxiliar a compreender o papel que o meio digital tem para essas comunidades e que uso esses sujeitos comunicantes fazem das possibilidades on-line a eles oferecidas.

Nesse sentido, apresenta-se a seguinte interrogação pertinente: os meios de comunicação comunitários oferecem possibilidades de se estabelecer como espaço para a expressão e para o reconhecimento de culturas preteridas - nesse caso específico, pelas mídias hegemônicas? De acordo com Maldonado, estudos desde os anos 80 apresentam um cenário preocupante, onde a grande mídia latino-americana busca

[...] reduzir, enfraquecer, ocultar, desvalorizar e negar a realidade latino-americana nas suas riquezas (históricas, culturais, cosmológicas, ecológicas, sociológicas, naturais) e nos seus problemas (econômicos, políticos, sociais, comunicativos, etc.). O exercício da cidadania comunicativa na concepção dos “donos da mídia” no Brasil e na América Latina está restrito ao consumo comercial dos seus produtos, em proveito de suas empresas e dos negócios das elites (2011, p.2).

Martín Barbero (1998, p.317) oferece elementos para esta reflexão, a partir de um estudo nas rádios de Lima, no Peru, nos quais observa que o reforço de características locais na programação como a língua falada na rua garantiu constituição de uns “nós popular” e, em consequência disso, a ativação de “dimensões da vida cultural do país desconhecidas ou negadas nas emissoras de corte transnacional”. O resultado disso, para o autor, é o rádio como um espaço de identidade. Não posso deixar de mencionar o sujeito, como centro de todo este processo, especialmente se ele assume um protagonismo nos processos de produção de

comunicação pois, no caso das rádios comunitárias, esse sujeito tem outras competências que não somente a de ouvinte. A ele cabe o papel de comunicador ao apropriar-se dos meios para fazer comunicação.

Para Martín-Barbero (1998), esse meio de comunicação oferece a possibilidade de incluir elementos característicos de certos grupos o que garantiria, assim, a preservação de uma identidade própria. O rádio mesmo territorialmente mais abrangente, manteve regionalismos e culturas locais. No ambiente digital, o rádio pode ter aproximado, ainda mais, determinados grupos, distantes entre si geograficamente. Por outro lado, conforme observa o autor, a televisão “unifica para todo o país numa fala na qual, exceto para efeitos de folclorização, a tendência é para a erradicação das entonações regionais”. (1998, p.271). Sobre esta pesquisa, os atravessamentos da dimensão digital, uma vez incidindo sobre a rádio comunitária e em seus processos de comunicação com seus públicos, demanda novas reflexões acerca do que constitui a identidade cultural, pois redesenha o peso dado ao fator geográfico.

García Canclini (2008, p.259) também dá atenção ao rádio ao afirmar que em toda a América Latina este meio permite que se “leve à cena a linguagem e os mitemas do povo que quase nunca a pintura, a narrativa, nem a música dominante incorporavam”. A relevância dessa constatação é exposta por Cortina ao trazer à tona uma outra questão: a da autonomia, considerada por ela peça-chave na constituição de uma identidade. Ainda conforme a autora, o pertencer a um grupo segue sendo um dos maiores desafios e deste sentimento é que se desenvolve a identidade coletiva (CORTINA, 2005).

Para Cortina, “a trama da cidadania é urdida com dois tipos de fios: aproximação dos semelhantes e separação em relação aos diferentes”. (2005, p.32). Essa dialética envolvendo a temática cidadã precisa ser compreendida dentro e fora da esfera midiática, uma vez que novas formas de comunicação são uma realidade nos dias de hoje e integram os fatores responsáveis por mudanças na sociedade. Como reforça Peruzzo, a comunicação comunitária retrata a “passagem de uma comunicação mais centrada no protesto e na reivindicação e muito ligada aos movimentos populares para uma comunicação mais plural e de conteúdo abrangente”. (2003, p.9).

Dentro do que foi referido sobre a comunicação popular e comunitária, López Vigil (2008) propõe uma reconfiguração do que se entende como um serviço de radiodifusão comunitário. Para o autor, é possível que a compreensão de uma rádio cidadã, ao invés de comunitária, englobe uma dimensão maior e mais abrangente do que realmente seja esse tipo de comunicação. A partir do que Vigil nos oferece como reflexão, penso que não só os

processos comunicacionais passam por uma transformação e por necessários alargamentos de conceitos, como também a própria compreensão do sentido de RADCOM.

### **4.3 A midiatização digital e as transformações na comunicação comunitária**

Pensar a atualidade dentro da ótica dos processos comunicacionais é levar em consideração novas possibilidades de produção e circulação de informação e conteúdo, a reconfiguração do papel do receptor e o funcionamento propriamente dito dos meios de comunicação como estruturas de poder. Conforme Braga, “já não é tão simples distinguir ‘pontos iniciais’ e ‘pontos de chegada’, produção e recepção como instâncias separadas”. (2012, p.40). São características que estão presentes no nosso dia a dia e que têm relação direta com o processo de midiatização. Porém, esse cenário é recente e representa o resultado – ainda que não concluído – de processos de construção, trocas e interação entre mídia e sociedade.

Há não muito tempo, “a construção das relações entre produção e recepção repousava em torno da ocorrência de um ato cujas complexidade e indeterminação estavam colocadas fora de cena”. (FAUSTO NETO, 2010, p.56). A partir do exposto, cabe lembrar, antes de avançarmos em reflexões acerca da midiatização, que é um processo caracterizado pela sua “incompletude”. (BRAGA, 2006, p.9). É necessário pensar a complexidade da midiatização e seus atravessamentos, com destaque, no que tange a esta tese, para os processos comunicacionais comunitários e suas respectivas (e possíveis) imbricações entre recepção e produção de comunicação. Bonin alerta para o risco de estudos perderem a profundidade necessária caso não sejam levados em consideração “as complexidades, os poderes e as dissimetrias constitutivas dos processos comunicacionais/midiáticos”. (2016, p.218).

Aqui, trago Gomes que complementa a ideia de pensar a contemporaneidade comunicacional à luz da midiatização, uma vez que entende midiatização como um elemento central das mudanças que vivemos atualmente na forma de nos comunicarmos. Para o autor,

[...] a midiatização tornou-se cada vez mais um conceito chave, fundamental, essencial para descrever o presente e a história dos meios e a mudança comunicativa que está ocorrendo. Desse modo, se se tornaram parte do todo, não se pode vê-los como uma esfera separada [...] É necessário desenvolver uma compreensão de como a crescente expansão dos meios de comunicação muda nossa construção da cultura, da sociedade e das diferentes práticas sociais. Nessa perspectiva, a midiatização é usada como um conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural (2016, p. 34).

Braga (2006) explica, nesse processo de expansão dos meios de comunicação, uma característica importante para esta tese e que deve se fazer presente nos processos comunicacionais comunitários: o desenvolvimento de lógicas próprias, isto é, a forma de produzir comunicação e transmitir mensagens diferente do tempo presente. O mesmo autor lembra que “junto com os novos meios e dispositivos técnicos, aparecem outros procedimentos, muitos dos quais experimentais, acionados pelos diversos setores sociais, que desenvolvem e testam outras lógicas”. (2015, p.16). São estas ‘novas’ práticas que precisam ser problematizadas, uma vez que têm implicações em um amplo contexto comunicacional.

Avançando no tema, Hjarvard nos traz uma definição que serve de ponto de partida para minha compreensão do processo de mídiatização da cultura e da sociedade, que extrapola a compreensão de um processo com foco em dispositivos tecnológicos de comunicação:

[...] tal processo é caracterizado por uma dualidade, no sentido de que os meios de comunicação passaram a estar integrados às operações de outras instituições e esferas culturais, ao mesmo tempo que adquiriam o status de instituições sociais por seu próprio direito. Como resultado, a interação social – dentro das respectivas instituições, entre as instituições e na sociedade em geral – realiza-se cada vez mais por intermédio dos meios de comunicação (2012, p.64).

Em uma sociedade como a brasileira, ‘estar na mídia’ traduz em muito o que Hjarvard entende como a interação social acontecer via meio de comunicação. A reflexão é pertinente em comunidades que necessitam dos serviços de radiodifusão comunitária, por exemplo, para dialogar com a sociedade e com as instituições responsáveis por suas demandas. Braga entende que é justamente por meio “de processos interacionais pelos quais os indivíduos e grupos e setores da sociedade se relacionam” (2006, p.3) que a realidade social é construída. Por outro lado, Hjarvard ajuda a avançar nessa reflexão ao afirmar que

[...] o conceito de mídiatização [...] não endossa a ideia de que a realidade mediada reina soberana, tampouco a alegação de que as distinções ontológicas convencionais tenham “desmoronado”. A mídiatização, tal como aqui a concebemos, sugere antes uma expansão das oportunidades de interação nos espaços virtuais e uma diferenciação do que as pessoas percebem como real (2012, p.54).

Em síntese, a partir do pensamento de Hjarvard se compreende a mídiatização como

[...] um processo de dupla face no qual a mídia se transformou em uma instituição semi-independente na sociedade à qual outras instituições têm que se adaptar. Ao mesmo tempo, a mídia se integrou às rotinas de outras instituições, como política, família, trabalho e religião, já que um número cada vez maior das atividades destes

domínios institucionais é realizado através tanto dos meios de comunicação interativos quanto dos meios de comunicação de massa (2012, p.53).

O referido autor salienta, ainda, que a sociedade contemporânea está permeada pela mídia e que essa relação quase que simbiótica não permite que enxerguemos ambas de forma individual, já que “a mídia é, ao mesmo tempo, parte do tecido da sociedade e da cultura”. (HJARVARD, 2012, p.54-55). Nessa ótica, os estudos envolvendo as mídias, conforme o mesmo autor, resumiam-se a duas direções: o que a mídia faz com as pessoas ou o que as pessoas fazem com a mídia. Já a teoria da midiaticização, segundo Hjarvard, entende que “a cultura e a sociedade contemporâneas estão a tal ponto permeadas pela mídia, que talvez não seja possível concebê-las como algo separado das instituições culturais e sociais”. (2013, p.15).

Fausto Neto também pensa que o conceito de midiaticização procura compreender como ocorrem os processos midiáticos comunicacionais da contemporaneidade, que são caracterizados por novas relações de produção e consumo e que, segundo ele, geram “um novo feixe de relações”. (2008, p.96). Maldonado nos ajuda nesta compreensão, ao propor que

[...] a midiaticização estruturada pelos processos históricos/econômicos/políticos gera formas de vida social e culturas específicas que controem modelos, nos quais o campo midiático tem um lugar estratégico na configuração das sociedades contemporâneas. Ele possui a característica de atravessar todos os outros campos, condicioná-los e adequá-los às formas expressivas e representativas de mídia. São demonstrativos dos processos de midiaticização os campos político, econômico, religioso, cultural e social (2002, p.7).

Nessa ótica, o processo de midiaticização atravessa todas as práticas em sociedade, em uma teia que é invisível aos olhos, porém perceptível dependendo do ângulo em que é observada. Como observa Bianchi, “falar em processos de midiaticização implica dizer que os meios passam a operar em diferentes esferas da sociedade e, inclusive, no interior das culturas. Passam a atuar, nesse caso, como possibilidade de construção de identidades, de imaginários, de culturas midiaticizadas”. (2013, p.129). É também para Mata, uma nova estruturação das práticas sociais, a partir da presença dos meios (1991).

Neste contexto, o desenvolvimento da tecnologia, com especial atenção ao ambiente digital, possibilita novas formas de expressão do cidadão no que tange ao protagonismo nos processos comunicativos. Neste novo espaço, a cidadania comunicativa pode ganhar novos contornos uma vez que, perspectivando a realidade brasileira, a popularização da internet é um fator significativo na (re)configuração do cenário midiático no país.

Antes de compreendermos os conceitos e as implicações da digitalização e seu impacto na realidade dos sujeitos, trago brevemente, dados do Suplemento de Tecnologias de

Informação e Comunicação (TIC) da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2014, que nos auxiliarão a contextualizar o momento em que se encontra o Brasil, resultado do desenvolvimento e evolução tecnológicos.

Conforme o levantamento, “o uso do telefone celular para acessar a internet ultrapassou o do computador pela primeira vez no Brasil” (AGÊNCIA BRASIL, 2016), o que sinaliza o crescimento das mídias móveis entre a população. No que tange ao acesso de internet nos domicílios, a pesquisa indica que “mais da metade dos 67 milhões de domicílios brasileiros passaram a ter acesso à internet em 2014 (54,9%). Em 2013, esse percentual era 48%. Mais de 60% dessas casas estavam na área urbana” (ibidem). Sobre o celular, a Pnad apontou que o dispositivo móvel para navegar na rede estava presente em mais de 80% das casas com acesso à internet, “já o computador para esse fim estava em 76,6% desses domicílios”. (ibid).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2014 também trouxe informações sobre o uso da banda larga móvel, que aumentou em comparação ao ano anterior, com destaque para as regiões Norte e Nordeste. Esse dado corrobora com o próximo indicador que se relaciona com o que se pretende nesta pesquisa de Doutorado:

[...] o número de pessoas que acessou a internet por equipamentos eletrônicos diferentes do computador teve crescimento de 155,6% de 2013 para 2014, alcançando 10,5% da população de 10 anos ou mais de idade. O acesso à internet era uma realidade em 88,9% dos domicílios com rendimento mensal domiciliar *per capita* de mais de 5 salários mínimos. Apenas 25,3% dos domicílios com renda inferior a um quarto do salário mínimo tinham internet (AGÊNCIA BRASIL, 2016).

Quanto ao uso propriamente dito do celular, são mais de 135 milhões de brasileiros, acima dos 10 anos de idade que têm, pelo menos, um aparelho. Um crescimento de 5% em relação a 2013.

A partir desse cenário, é importante consideraras possibilidades que se criam a partir da expansão da comunicação digital. Como observa Peruzzo, o acesso à tecnologia “é uma possibilidade sem igual para o exercício da liberdade de comunicação, cerceada apenas pelo impedimento do acesso às infraestruturas necessárias e à educação para o uso das novas tecnologias”. (2004b, p.34).

Isso coloca a necessidade de considerar que o processo de expansão da comunicação digital ainda encontra restrições vinculadas ao acesso aos meios e à constituição de competências digitais. Conforme Maldonado, “ao mesmo tempo em que a cultura da tecnicidade proporciona a estruturação de um mundo inteiramente conectado e amplia os horizontes daqueles que têm acesso ao mundo digital, ela exclui uma parcela considerável da população, excluída das redes informacionais”. (2011, p.155).

O mesmo autor acrescenta que, mesmo com uma parcela excluída das possibilidades que o digital oferece, alguns modos comunicacionais, alheios à realidade hegemônica capitalista “superam, na sua essência configurativa, a lógica dos monopólios e do lucro de poucos”. (MALDONADO, 2008, p.32). Os argumentos de Castells (2006) se alinham aos de Maldonado ao apresentar esse contraponto significativo em relação à internet enquanto possibilidade de democratização comunicacional. Para Castells,

[...] a arquitetura da internet foi desenhada deliberadamente para dificultar seu controle, mas não a vigilância da mensagem. E por isso, a internet, mesmo sofrendo cada vez mais interferências à livre comunicação, é o meio de comunicação local-global mais livre que existe, permitindo descentralizar os meios de comunicação de massa (2006, p.227).

É neste cenário que se situam as rádios comunitárias que pesquisamos, num contexto de mediatização digital. Volpato (2014) ressalta que é notória a percepção de que a comunicação em seus processos vive um novo momento, em especial a de caráter comunitário uma vez que, com o acesso à tecnologia, é possível ampliar vozes para reivindicar direitos. Assim e, por mais que existam diferentes compreensões de seu significado, trago à discussão, a noção de neutralidade da rede digital(LINARES, 2016)<sup>68</sup>, que permite perspectivar as reflexões aqui apresentadas acerca do acesso às novas tecnologias de comunicação e de informação. Conforme Linares, a referida neutralidade é um marco para o acesso do cidadão, uma vez que

[...] o novo espaço comunicacional crescentemente digitalizado está delineado pela expansão de serviços de banda larga de internet em domicílios, espaços educativos e de trabalho; pela utilização massiva dos telefones móveis e inteligentes para a comunicação interpessoal e como forma de acesso à internet e a produções audiovisuais;[...] Isso obriga a ampliar e renovar as definições iniciais de acesso e participação cidadã – pensadas inicialmente em um contexto midiático analógico(2016).<sup>69</sup>

Dessa forma, os ambientes digitais representam mais uma possibilidade de espaço para manifestação e/ou veiculação de demandas, como as das comunidades que compõem as rádios

---

<sup>68</sup> Segundo Linares, “Se entiende a la neutralidad de la red como la garantía de redes abiertas a la libre circulación, por la que operadores del servicio deben brindar la conexión con un trato igualitario a todos los contenidos, sin establecer discriminaciones por tipo de uso, origen, o aplicación [...]. Allí también se demanda que los intermediarios de la red “sean transparentes respecto de las prácticas que emplean para la gestión del tráfico o la información”. Estas definiciones procuran evitar que los operadores de la red (generalmente compañías telefónicas y cable-operadoras) implementen prácticas anticompetitivas, el cobro diferenciado según los usos de los usuarios o que la organización de internet habilite vías diferenciadas según la capacidad de pago de proveedores de contenidos (2016). Para mais: LINARES, Alejandro, 2016. Acceso y participación ciudadana. Uma actualización de indicadores para la democratización de las comunicaciones. INTERCON – RBCC, São Paulo, v.39, n.3, p. 37-54, 2016.

<sup>69</sup> Tradução minha. Original em espanhol.

comunitárias. Em um cenário analógico as opções, já restritas pela hegemonia de certos meios de comunicação, são reconfiguradas pelo digital. Peruzzo (2004b) lembra que as tecnologias digitais, à medida em que são desenvolvidas e incorporadas nas práticas da sociedade, têm a potencialidades, uma vez acessíveis, de reduzir desigualdades entre os cidadãos, isto é, de diminuir de certa forma o *gap* digital e fomentar a cidadania. Para a autora, “o ciberespaço é um novo ambiente para se exercitar a cidadania comunicacional, facilitado pelas possibilidades oferecidas pela interatividade, pelo intertexto e pela comunicação de todos com todos”. (PERUZZO, 2004b, p. 11). Para a autora, esse processo se daria de forma autônoma e livre, onde os entraves enfrentados seriam infraestruturais e de “educação para o uso das novas tecnologias”. (2004b, p. 11). Josgrilberg acrescenta que

[...] a inovação tecnológica e a própria tecnologia, entendidas como conhecimento humano aplicado devem estar voltadas para o desenvolvimento social e contribuam para a superação das desigualdades. [...] devem garantir redes de comunicação locais, por exemplo, com a transmissão de voz e de dados disponibilizando serviços de multimídia de qualidade a toda a população (2010, p. 191).

Lacerda (2002), em perspectiva similar, dá destaque ao ciberespaço, um ambiente que demanda uma reorganização do que se entende como território e da compreensão das novas especificidades do emissor e receptor. Para o autor,

[...] é este novo lugar proporcionado pela comunicação em rede, que faz surgir os ciberlugares, os territórios digitais, que geram as comunidades virtuais, lugar onde se confundem sujeito simbólicos produtores de sentido e que reduz a distância entre emissão e recepção, o que se pode chamar de interatividade” (LACERDA, 2002, p.101).

É na possibilidade da construção de comunidades virtuais e/ou no estabelecimento de redes que possam reunir demandas, antes individuais e agora coletivas, que as interações entre os atores sociais têm a força de mobilização. Em suma, é nesse ambiente que os atores sociais se “conectam, formam grupos de discussão, trocam informações, enfim, aproximam-se por afinidades que não ligadas a suas localizações geográficas. Vivem, comunicam-se, trocam experiências em territórios digitais”. (DUARTE, 1999, p.28).

É importante avançar no exame das transformações na comunicação comunitária neste contexto de mediação. Para Sodré (2006), a sociedade contemporânea   regida pelo processo de media o, que  , a “tendência   virtualiza o das rela oes humanas, presente na articula o do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias da comunica o”. (SODRÉ, 2006, p.20). Maldonado lembra que “a media o   um processo histórico singular que aconteceu de forma expansiva e intensa



no século XX, como necessidade sistêmica das formações sociais” (2002), já que foi um período de intenso desenvolvimento tecnológico o que acarretou, por consequência, transformações em diferentes modalidades de comunicação. O mesmo autor destaca que já no século passado, os sistemas midiáticos

[...] estabeleceram conjuntos de redes de funcionamento, penetração e divulgação que mediatizaram as sociedades modernas de maneira intensiva, enquadrando os hábitos sociais cotidianos em agendas midiáticas programadas que condicionaram (e orientam) significativamente os costumes, valores, posicionamentos, ideologias, gostos, imaginários e sensibilidades dos cidadãos (MALDONADO, 2012, p.5)

Esse processo pode ter limitado as possibilidades de ação dos cidadãos no que tange à cidadania comunicativa, uma vez que se constituiu em atravessamentos nas diferentes dimensões constitutivas do sujeito, fortalecendo e perpetuando um pensamento hegemônico e limitando possibilidades de produção comunicacional midiática destes sujeitos. Entretanto, com a digitalização, novas possibilidades se apresentaram ao campo comunicacional com renovadas formas de participação, como no caso da comunicação comunitária, na qual os sujeitos são protagonistas nos processos comunicativos.

É importante considerar que a mediatização não pode ser pensada sem que se leve em conta múltiplos fatores que incidem nos processos comunicacionais. Isto porque compartilho com Maldonado a ideia de que

[...] os processos de comunicação estão atravessados, também, por *mediações* conjunturais, circunstanciais, situacionais, interacionais, temporais, (tecnológicas, estratégicas, sociais (macro: estrutura de classes/ micro: grupos de pertença), políticas (poderes, campos de força), institucionais, religiosas, sexuais e econômicas (consumo/produção/trabalho; propriedade/possessão/desposuir) (2002).

Nesta perspectiva, as mediações podem ser pensadas como um conjunto de atravessamentos que operam sobre os processos de comunicação e que dão particular textura aos processos de mediatização. Maldonado segue contribuindo para o debate acerca das implicações do processo de mediatização ao afirmar que

[...] na última década, o desenvolvimento das redes digitais multimídia sintetiza as competências tecnológicas alcançadas pela eletrônica e a informática, que ofereceram ao campo da comunicação suportes de realização midiática cada vez mais flexíveis e complexos. Não temos condições de pensar, planejar, programar, compreender e interpretar os processos comunicacionais atuais sem uma problematização dos processos de mediatização (2003, p.3 e 4).

Conforme o autor, as mídias hegemônicas, com suas lógicas de produção massiva, são confrontadas por grupos que também, por meio do acesso à tecnologia, são capazes de produzir comunicação. Tais sujeitos “enriqueceram suas possibilidades de inter-relação simbólica de modo intenso e abrangente, mudando suas cotidianidades, seus círculos sociais, suas habilidades de construção de signos e sua concepção do que é fazer comunicação”. (2012, p.14). É importante não esquecer que existe, no cenário latino-americano, uma desigualdade de acesso às tecnologias e, dessa forma, mesmo com o crescimento da penetração da internet nesse espaço geográfico, diferentes níveis de acesso e uso se fazem presentes.

Então, a partir dos conceitos aqui apresentados é importante demarcar nosso lugar. Assim, considero que o processo de midiatização pode trazer benefícios para a sociedade no que tange ao acesso a estruturas comunicacionais por parte de grupos marginais – no caso específico desta tese – comunidades que buscam espaços de comunicação na radiodifusão comunitária.

A midiatização poderia, por assim dizer, oferecer a tais grupos um sentido de autonomia. Com o processo de midiatização há uma penetração da mídia no modo de ser dos sujeitos – uma sociedade midiatizada; em que se percebe uma presença (quase que) ubíqua das mídias, não mais como um dispositivo transmissor de mensagens a seus receptores, mas como um dispositivo de produção de sentido. Como resume Braga, “[...] percebemos hoje a midiatização da sociedade como uma criação e recriação contínua de circuitos, nos quais, articulados com processos de oralidade e processos do mundo da escrita, os processos que exigem ou exercem intermediação tecnológica se tornam particularmente caracterizadores de interação”. (2012, p.50). Mesmo com essa perspectiva de um processo ‘sem volta’, cabe ressaltar que, no cenário digital, ainda existe um hiato no acesso à tecnologia. Logo, como já referido anteriormente, formas tradicionais de interação e mediação sociais ainda existem e não foram substituídas pelo processo de midiatização (digital).

#### **4.4 Os comunicadores ouvintes e as apropriações midiáticas**

O ponto de partida para as discussões aqui apresentadas sobre os comunicadores ouvintes e as apropriações midiáticas no que tange à comunicação comunitária precisa de um registro em termos de sua distinção com proposições relativas aos primeiros estudos de recepção, já que o sujeito que hoje se apresenta nessa tese difere, em muito, de como era percebido em décadas anteriores – uma evolução desde os estudos acerca da teoria hipodérmica, nos anos 20 e 30. Hoje, esse sujeito comunicante é concebido como fruto de uma construção

em sua trajetória de vínculos com os meios de comunicação social e a sociedade; é atravessado pelo processo de midiaticização – incluindo a digital, como novas modalidades de produção e transmissão de informação, que demandaram alargamentos nos conceitos de receptor e produtor. Assim Fausto Neto lembra que

[...] o destino dos sujeitos em recepção não seria mais do que aquele de consumir os meios e o de se submeter aos efeitos por eles presumidos. Interessante que ao determinismo funcionalista se apresentou um outro, aquele que vem denunciar a existência de coletivos, desprovido de condições, desnudo em suas defesas, contra a avalanche midiática. Uma e outra posição, apoiados por modelos teóricos diferentes, enfatizam a dominância de uma ação unidimensional do dispositivo midiático, enquanto única instância geradora de efeitos previstos pela própria operação emissora (2010, p.59).

Conforme reflete Fausto Neto, o lugar dado ao receptor precisou ser repensado e as lógicas reconfiguradas, uma vez que houve uma mudança “diluído fronteiras outrora cristalizadas”. (2010, p.65). Maldonado é mais explícito no que se refere à relação que se estabelece com o termo receptor e as significações associadas a dele. Segundo o autor,

[...] para aprofundar a problemática dos sujeitos comunicantes, é relevante romper com a restrição discursiva e conceitual que nomeia essas pessoas como receptores, consumidores, usuários ou massa. Todas essas acepções têm um profundo condicionamento das concepções instrumentais, estruturais, funcionalistas, tecnicistas e mercadológicas (MALDONADO, 2013, p.88).

Como argumenta o autor, esse sujeito, antes entendido como receptor, não está isolado e não age de forma *mecânica* a partir do que lhe é apresentado. É um sujeito que estabelece inter-relações “de acordo com as realidades socioculturais nas quais experimentam seu cotidiano. As inteligências, competências e sensibilidades múltiplas dessas pessoas, desses grupos e sujeitos impedem a estruturação de alienações fixas, de discursos todo-poderosos, de condicionamentos estáveis e de embrutecimentos simbólicos eternos”. (MALDONADO, 2013, p.99).

Seguindo nesta linha de pensar um receptor a partir de uma perspectiva funcionalista e instrumental, Barros acrescenta que

[...] o comunicador é tomado como o agente do processo, o sujeito da ação. Já o receptor é visto como ‘público-alvo’ – objeto – da ação que se desenvolve. Naquela perspectiva, cada qual cumpre a sua ‘função’. O receptor sofre a ação, frente à qual lhe cabe a reação; ele é atingido, sofre o impacto da mídia. O ‘comunicador’ é aquele que realiza intencionalmente – e competentemente – o ato comunicativo (2012, p.81).

Maldonado aprofunda essa compreensão oferecendo, a partir de diferentes pontos de vista, o significado da palavra receptor – o que nos dá indicativos consistentes de que é preciso

assumir a complexidade que a constrói e o temor em compreendê-la de forma rasa. Dessa forma, são oferecidos entendimentos, nas esferas biológica, socioeconômica, política, sociológica, histórica, semióticos etc. (2013). Todos apontam para o fato de que “os sujeitos em comunicação, hoje, são seres sociais que vivem e experimentam suas práticas de sentido em contextos múltiplos [...], em diversas esferas (técnicas, semióticas, psíquicas, sociais) e em múltiplas dimensionalidades [...]”. (MALDONADO, 2013, p.90). Assim, os processos comunicacionais de hoje precisam ser pensados a partir de uma comunicação com um “caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também o produtor”. (MARTÍN-BARBERO, 1998, p.299). O *antigo* receptor é, desta maneira, compreendido na contemporaneidade como um

[...] agente ativo no processo da comunicação: porta-se criticamente ante as mensagens, é um agente social, construtor de significados e com o advento do controle remoto, seu poder de escolha e decisão aumenta. O receptor não recebe o significado da mensagem, mas o negocia diante de diversas circunstâncias. O entendimento da recepção como dependente de fatores particulares de cada indivíduo também é pouco comum entre os trabalhos, o que resulta numa recepção sempre única e distinta: as pessoas lerão, ouvirão e prestarão atenção com base nas suas próprias experiências e características (poder financeiro, conhecimentos, educação, posição social). O ambiente da recepção modifica a atenção e a retenção da informação pelo receptor, podendo o mesmo produto ser recebido de formas diferentes (JACKS; FRANKE, 2006, p.87)

Cabe aqui a reflexão sobre o que os autores supracitados falam sobre a relação entre o controle remoto e o poder de escolha e decisão do receptor. Mesmo com uma compreensão que vai ao encontro do que entendo como essa nova reconfiguração do receptor, é importante atentar para o fato de que ele – o receptor – escolhe o que ver dentro de uma plêiade de opções pré-determinadas pelos meios de comunicação hegemônicos. Nessa definição, não é levada em consideração a questão do receptor também produtor de conteúdos e de comunicação, apenas um selecionador dentre um rol de possibilidades. Mesmo assim, as questões trazidas por Jacks e Frank são importantes para a compreensão, na atualidade, das especificidades deste sujeito comunicante.

Avançando nessa reflexão, Bonin considera que tanto a digitalização como o próprio processo de convergência “vêm impactando profundamente o campo que convencionalmente chamamos de recepção e demandando repensar métodos, processos e procedimentos investigativos para dar conta dessas realidades dinâmicas e complexas”. (2016, p.214). Bianchi complementa ao afirmar que “o relacionamento cotidiano e em trajetória com as mídias capacitam, instruem, possibilitam desenvolver habilidades nesse convívio. Nessa trajetória, os sujeitos tornam-se

hábeis e competentes para se relacionar com as lógicas midiáticas”. (2013, p.134). Ambas autoras dialogam e convergem no sentido de que os serviços de radiodifusão comunitária podem ter relação direta com a construção de um *novo* sujeito.

Ressalto, entretanto, que uma construção teórica de peso deve levar em consideração às contribuições de estudos anteriores. O que quero dizer é que, ao entender o sujeito com novas especificidades frente ao cenário midiático que se apresenta, não descarto todas as achados e reflexões pertinentes ao receptor. Como bem argumenta Bonin, “elaborações teóricas e compreensões que foram se desenvolvendo na tradição da chamada recepção legaram-nos elementos produtivos com os quais ainda temos operado nas construções de nossas pesquisas”. (2016, p.217).

Como não se pode compreender fenômenos em sua totalidade de forma isolada, uma vez que existem diversos atravessamentos complexos que os constituem e os redefinem, a questão dos ouvintes das rádios comunitárias demanda essa reflexão, pois os cenários analógico e digital podem operar sobremaneira nos elementos constitutivos desse sujeito, enquanto integrante dos processos comunicativos comunitários. Bonin explicita que

[...] os sujeitos participantes de processos de recepção foram ganhando um entendimento complexo. Foram situados em suas trajetórias socioculturais concretas, vinculadas a contextos micro e macrosociais e suas produções de sentido foram pensadas também a partir dessas vinculações. Foram problematizados as relações de poder nos processos de recepção e o papel dos meios na constituição da hegemonia cultural da sociedade (2016, p.217).

Também a partir de Silva (2012), é possível compreender que o desenvolvimento tecnológico e a consequente oferta de meios de comunicação – agora no ambiente digital – têm impacto social e cultural, em razão de novas maneiras “de produzir, consumir e partilhar informação. Os conteúdos estão cada vez mais propagáveis e a mobilidade, velocidade e interatividade são aspectos peculiares a essa sociedade cada vez mais interconectada”. (2012, p.2). Quadros et al. contribuem para essa discussão ao apontar que “nessas configurações em curso, como nos demais meios de comunicação, observamos o fenômeno da recepção no rádio se transformar (2017, p.190).

Nesse sentido, Rabelo traça um cenário de transição que ilustra a mudança dos perfis dos ouvintes e dos respectivos processos nos quais estão incluídos. Para a autora,

[...] seguem em uso rádios cornetas, os fantoches e os murais. Mas a recente revolução tecnológica, além das novas mídias, democratizou as possibilidades de acesso e

produção nas antigas e novas. O padrão “todos por um” rapidamente está sendo substituído pelo “todos por todos”. Hoje, tecnicamente, mais que meros receptores, todos podemos ser produtores (RABELO, 2007, p.120).

Aqui, cabe destacar a tipologia dos ouvintes desenvolvida por Quadros et al. (2017) que busca, a partir de diferentes estudos, encontrar especificidades do comunicador ouvinte enquanto sujeito comunicante ao longo de todo o seu processo de transformação desde os primórdios do rádio. Para esta pesquisa, cabe ressaltar que nos interessam três tipos: ‘ouvinte em cena’ – ‘ouvinte participativo’ e ‘ouvinte convergente’. É necessário pontuar que a classificação proposta pelas autoras não compartimenta o ouvinte em espaços delimitados de características. É preciso pontuar que existem atravessamentos e características que permeiam mais de um momento, uma vez que a construção desses tipos levou em consideração o contexto social, interacional, comunicativo, etc. em que estavam inseridos.

Assim, em relação ao *ouvinte em cena*, apesar de trazer um claro elemento constitutivo, o auditório, e nos remeter ao período de ouro do rádio, existe uma clara conexão com a comunicação radiofônica comunitária, uma vez que se observa “a mudança de *habitus* quando os sujeitos mudam de campo de atuação. Para o ouvinte, escutar seu nome ou sua história no ar reforça o sentido de pertencimento e existência social”. (QUADROS ET AL., 2017, p.201). Essa é uma condição constitutiva dos serviços de radiodifusão comunitária conforme as propostas de diversos autores, como Peruzzo (2012) e Cogo (2006). Já o *comunicador ouvinte participativo*, é o produto de um contexto, “em todas as fases de seu desenvolvimento, o rádio sempre abriu espaço para que o ouvinte fosse participativo” (ibid). Nesse processo, o acréscimo de meios digitais de comunicação como alternativas às possibilidades analógicas já existentes configura o cenário em que o ouvinte da atualidade está inserido. Por fim, o *comunicador ouvinte convergente*, conta com inúmeras formas de interação, uma vez que é entendido enquanto receptor/emissor. Esse é o caso dos sujeitos comunicantes que integram as rádios comunitárias e ultrapassam os limites antes compreendidos como recepção e assumem o papel de emissão no momento em que buscam participar, por meio das ondas radiofônicas, na programação de sua RADCOM.

Nesse sentido, o exercício da comunicação comunitária em um outro ambiente que não o analógico, coloca em xeque questões que se perpetuaram por décadas na academia no que tange os papéis de emissor e do receptor<sup>70</sup>. Como observam Campos e Barros, a “comunicação

---

<sup>70</sup> Por estabelecer esse contraste trago, a partir de Beltrán, uma percepção (hoje defasada) do modelo clássico de comunicação e a posição que assumia o sujeito, visto como um mero receptor de mensagens que “[...] é passivo e está submetido, uma vez que nunca se lhe dá a oportunidade adequada para atuar também como verdadeiro e livre emissor, seu papel consiste em escutar e obedecer. Tão vertical, assimétrica e quase autoritária relação social constitui, a meu ver, uma forma antidemocrática de comunicação”. (BELTRÁN, 1981, p.23).

comunitária não pode ser uma prática importante apenas para quem faz. Tem que ter o envolvimento do receptor, neste caso toda a comunidade”. (2012, p.7). Os autores reforçam que é o *comunicador comunitário*, entendido por mim nessa pesquisa como o comunicador gestor ou o comunicador locutor, o responsável pelas mobilizações na comunidade, que instiga a participação na resolução de problemas existentes na comunidade (2012). Volpato acrescenta que “a comunicação comunitária, praticada neste início de século, tem, ainda, estimulado a difusão de conteúdos criados pela própria população e, por isso, de natureza autóctone, dando visibilidade midiática à diversidade e pluralidade cultural das minorias e propiciando a “liberdade de expressão e opinião”. (2014, p. 229).

A partir do exposto, é interessante refletir sobre a questão: o que motivaria uma pessoa a buscar mudar uma/sua realidade por meio de um *smartphone*, uma câmera ou uma rádio comunitária? Ou a motivação intrínseca por comunicar-se com sua RADCOM ou, por intermédio dela, com outras pessoas? Para Brambilla (2006) a motivação referida tem relação com o desejo de pertencer a um contexto, de aperfeiçoamentos pessoais e de obtenção de respostas sociais. Nesse sentido, os sujeitos envolvidos nos processos ligados à radiodifusão comunitária não podem ser considerados meros *receptores* do que é produzido, uma vez que estão envolvidos nos processos. Como propõe Targino, se acrescentarmos nesse cenário o ambiente digital, temos possibilidades voltadas mais fortemente para a cidadania (2009). Segundo a autora, “é o uso ativo da Rede como recurso para assegurar e consolidar a democracia e que confirma a proposição popular ‘de que, quando os meios não chegam, chegam os cidadãos’ às trincheiras da divulgação dos fatos e dos acontecimentos, em sua versão mais genuína, como vem acontecendo em democracias e até em regimes totalitários [...]”. (TARGINO, 2009, p.59). Uma outra razão, é também, para participar de forma mais presente em assuntos que preocupam a sociedade. Dessa forma, as novas tecnologias disponíveis ao cidadão permitem uma participação ativa com possíveis impactos na sociedade. Para Castells (2003a), essa organização é construída a partir de interesses comuns.

Democratizar a comunicação, como argumenta Peruzzo, implica uma série de ações, entre elas está “potencializar mecanismos para que qualquer cidadão possa sair da condição de receptor para a de emissor, como sujeito da produção e difusão de conteúdos”. (2007b, p.89). Wolton reconhece o papel *dos receptores*– aqui entendido como comunicadores ouvintes– e dos excluídos com relação à plataforma digital ao afirmar que “o receptor é o quebra-cabeça da comunicação. É preciso de resto lembrar a existência da desigualdade de conhecimentos, de

---

competências, mas também de interesses. Para alguns, a Internet é uma nova fronteira; para outros, um simples instrumento; para outros ainda, uma obrigação de comunicação suplementar”. (WOLTON, 2004, p. 152).

Maldonado (2014) destaca a fraqueza do termo *receptor* quando se trata de entender o lugar dos sujeitos no processo de comunicação. O sujeito comunicante, termo utilizado pelo autor, não pode ser reduzido a uma simples figura que recebe a informação sem questionamentos ou que nada faz ou nada pode fazer com o que lhe é ofertado. Ele possui especificidades que extrapolam características reducionistas e passivas, como o espírito crítico e o engajamento social – a vontade e o interesse em participar, de ser ouvido. Essa reflexão está presente, também, no pensamento de Pinheiro ao salientar que, para sobrepor a submissão do receptor, “a palavra de ordem dos críticos exigia a conquista dos meios e sua transferência para o público” (2006, p.75), o que entendo como um processo possível na esfera comunitária por meio das apropriações dos cidadãos com relação aos meios de comunicação. A mesma autora destaca que, ainda dentro da dimensão do receptor,

[...] outra perspectiva teórica via nos atos da recepção uma leitura produtiva e significativa que escapava ao controle dos emissores, indicando certa autonomia do receptor diante do pólo produtor, possível pela reserva de valores e sentido da sociedade, que ainda escapava das mensagens uniformes produzidas pela mídia (PINHEIRO, 2006, p.75).

Guareschi (2004) também elenca características daquele ator social, que engajado na construção de uma comunicação comunitária, abandonaria uma posição de submissão, massificação e dependência. Para o autor, tal processo estaria relacionado a um sujeito democrático, autônomo e mais equilibrado. Pensamento semelhante é trazido por Fuser, que argumenta que “algumas experiências têm sido construídas com base na preocupação de romper com o modelo tradicional de divisão entre emissor e receptor e na valorização dos aspectos locais e do cotidiano das comunidades em que e inserem”. (2006, p.142)

Em relação aos modos de compreensão dos sujeitos comunicantes, Maldonado contribui ao propor que “pensar o espaço/tempo da receptividade comunicativa leva-nos, necessariamente, a situar os públicos na sua história pessoal, familiar, de classe, de região, de raça, de etnia, de tribo, de talentos-competências, de concepções e de subjetividades comunicativas”. (2014, p.21). Em outras palavras, a complexidade dos atravessamentos que constituem os sujeitos comunicantes precisa ganhar um espaço de destaque no universo da pesquisa. Para o autor, o reducionismo traz prejuízos para a compreensão dos processos comunicativos que levam em conta os sujeitos e suas apropriações. A inclusão de *pesquisados* dentro do universo da pesquisa precisa extrapolar o sentido – por vezes simplório e superficial



- de seres passivos. “São sujeitos que têm a contribuir em suas falas, ações, questionamentos etc.”. (2014, p.27).

As ideias de Hall (2009) se alinham às de Maldonado quando propõe que “é preciso levar em consideração os cenários que constituem o indivíduo”. Hall (2009) faz um resgate da construção acerca do sujeito, que foi compreendido no âmbito do funcionalismo como um ser desconectado do seu contexto e influenciado pelos meios de comunicação. Tal visão foi quebrada por certos pesquisadores dos Estudos Culturais que reconheceram que os sujeitos são situados contextual e culturalmente e que são produtores de sentidos que tem marcas destes contextos.

É nesse cenário que a estratégia transmetodológica é necessária justamente para dar conta, para conseguir contemplar a diversidade de atravessamentos que constitui o sujeito comunicante. Quiçá somente com essa perspectiva multifacetada seja possível chegar a uma realidade mais próxima dos verdadeiros porquês e das reais motivações dos referidos sujeitos.

Segundo dados da Unesco<sup>71</sup>, mais de 2 bilhões de pessoas no mundo recorrem à mídia comunitária como canal de comunicação. Entre suas especificidades está a potencial liberdade, ou capacidade de formular suas próprias regras e não sofrer com pressões externas, como políticas, econômicas e sociais, por exemplo. Maldonado (2014, p.17) observa que “parte dos públicos e dos sistemas midiáticos contemporâneos sabe aproveitar as assimetrias, as brechas, as potencialidades e as facilidades que as condições técnicas comunicativas oferecem”. É neste sentido que os entremeios, os atalhos, ou o que Certeau (1994) denominou de *táticas* podem ajudar a constituir a autonomia, uma das premissas para a construção de uma comunidade independente e que se reconhece internamente a partir de características em comum.

Ainda dentro da temática que alicerça uma das dimensões de pesquisa está a questão da autonomia em relação a outra plataforma: a digital. Sobre o tema, Castells (2013, p.14) ressalta que “os meios tradicionais de comunicação têm como seus principais controladores, empresas e governos. Por outro lado, a sociedade em rede dispõe de canais com menos obstáculos e, conseqüentemente, menos influência de terceiros, como as redes sociais mediadas por computador”. É neste novo ambiente que são possíveis diferentes formas de apropriação e resgate de identidades locais, bem como de manutenção do sentimento de pertença – a um grupo ou a uma causa, por exemplo. Em outras palavras, o fazer parte é um fator motivacional para a integração e o engajamento. García Canclíni afirma que “movimentos populares inserem suas reivindicações no rádio” (2005, p.18), em uma sinalização de que o dispositivo pode ser

---

<sup>71</sup> Para mais informações: *Community Radio Handbook* – Unesco. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001245/124595e.pdf> Acesso em: 10 ago. 2015.

utilizado para o fortalecimento de demandas de uma comunidade, em um processo de construção de cidadania.

Certeau (1994) explica que este mesmo sujeito comunicante, dominado por um determinado sistema, tem condições de desenvolver táticas, mecanismos que possibilitem um certo desvio. Como já referido anteriormente, a dominação existe, mas considerar este sujeito um ser passivo é equivocado. O desvio, então, é uma modalidade de resistência. O autor (1994, p.39) relembra o que os índios faziam com a cultura dominante que lhes era imposta: eles a subvertiam, a utilizavam de forma que fazia sentido para o grupo. Este é exemplo de que a tática, diferente da estratégia, tem seus propósitos dentro de uma realidade cultural dominada.

É interessante analisar, como o próprio autor menciona, os usos e a “manipulação pelos praticantes que não a fabricam” (1994, p.40), no caso, a cultura dominante. Para Certeau, esse processo tático é, muitas vezes, compreendido como uma forma de vulgarização ou degradação da cultura (1994, p.95). Outras possibilidades neste sentido são também apresentadas por Santos como a prática da sociologia das ausências que “torna possível que os oprimidos assumam a sua experiência da inexperiência dos opressores e que, com base nisso, logrem um conhecimento mais esclarecido dos mecanismos mais profundos de dominação e uma capacidade acrescida para lutar contra eles”. (2008, p.198).

Ainda no que se refere à ideia de subversão, o autor dialoga com Certeau (1994) trazendo à discussão as apropriações acerca da festa barroca, que “revela um potencial subversivo que aumenta na medida em que a festa se distancia dos centros de poder, mas que está sempre presente, mesmo quando são os próprios centros do poder os promotores da festa” (SANTOS, 2008, p.210). E sintetiza grande parte do que foi apresentado até o momento ao lembrar que “nas periferias a transgressão é quase uma necessidade”. (SANTOS, 2008, p.111).

Nessa realidade, a mídia comunitária não só demanda participação e protagonismo dos sujeitos, conforme argumenta Peruzzo (2012), como também representa um espaço particularmente propício para romper com a dominação hegemônica. Daí, de acordo com Santos (2008), é que vem a demanda crescente por essa forma de comunicação. E quando as táticas se inscrevem nas apropriações do ambiente digital? Esse é um questionamento pertinente para a pesquisa aqui apresentada.

Com relação às apropriações midiáticas propriamente ditas, Peruzzo (2004) apresenta níveis de participação<sup>72</sup>, isto é, diferentes modalidades de processos comunicativos dentro das possibilidades oferecidas pelos serviços de comunicação comunitária, a saber: mensagem;

---

<sup>72</sup> Conforme explica a autora no livro *Televisão Comunitária – Dimensão pública e participação cidadã na mídia local*, “os níveis possíveis de envolvimento que partem dos modos de participação” (PERUZZO, 2007, p.10) foram apontados por Merino Utreras, a partir de reuniões ocorridas no fim dos anos 70.

produção da mensagem, materiais e programas; planejamento dos meios e gestão dos meios. De uma forma mais didática, explica que as apropriações dos comunicadores ouvintes podem

[...] significar numa gradação crescente: o simples envolvimento das pessoas, geralmente ocasional, no nível das mensagens, ou seja, dando entrevistas, avisos, depoimentos e sugestões ou cantando, pedindo a inserção de músicas e aderindo a concursos; elaborar matérias (notícias, poesias, desenhos); compartilhar a produção global do jornalzinho, do programa de rádio etc.; tomar parte na definição da linha política, do conteúdo, do planejamento, da edição, do manejo de equipamentos; compartilhar o processo de gestão da instituição comunicacional como um todo (2004, p.142-143).

Como referido por Peruzzo, a partir do que se compreende por uma rádio comunitária, todas as modalidades de processos comunicativos podem estar presentes no participar do comunicador ouvinte, “a participação das pessoas pode tanto se concretizar apenas em seu papel como ouvintes, leitores ou espectadores, como significar tomar parte dos processos de produção, planejamento e gestão da comunicação”. (PERUZZO, 2007a, p.10). A autora ressalta, entretanto, que é no nível de planejamento dos meios que a RADCOM se insere. Para se atingir o último nível, o de gestão, demanda-se envolvimento da comunidade, já que pressupõe tomada de decisões para a manutenção do serviço de radiodifusão.

#### **4.5 A cidadania comunicativa nos processos de comunicação comunitária**

A questão da cidadania possui diversos atravessamentos nesta pesquisa, pois se faz presente nas diferentes dimensões que operam para compreender os processos comunicacionais entre comunicadores ouvintes e as rádios comunitárias. Nesse sentido, concordo com Berger ao afirmar que “cidadania não é uma palavra de pouco significado” (2006, p.9), uma vez que seu conceito é abrangente e complexo e envolve diferentes tipos de percepções e experiências propriamente ditas - como uma ação, um pensamento, uma ideia, um ato, uma iniciativa ou uma mobilização – que poderiam ser compreendidas como a materialização da cidadania. Inclusive o próprio acesso a tecnologias tem uma relação direta com a construção de cidadania.

Para Berger, ao aprofundarmos a compreensão sobre o tema, é preciso trazer à discussão o elemento comunidade, pois “o que acompanha a questão da cidadania é uma discussão sobre o sentido e o alcance de ser membro da comunidade em que se vive. ‘Quem pertence’ ou ‘quem não pertence’ são as perguntas que estão na raiz do problema”. (BERGER, 2006, p.9).

O referido pertencimento nos remete à ideia de unidade (REIS, 1997), isto é, fazer parte de um corpo mais amplo – ser reconhecido como, por exemplo, integrante de uma nação e, uma

vez parte dela, ser detentor de direitos assegurados pelo Estado. A relação entre o cidadão e o Estado no qual ele faz parte é explicada por Ghai, ao considerar que

[...] o povo está ligado ao Estado pelo conceito de cidadania, baseado rapidamente nos direitos e obrigações iguais de todas as pessoas, pressupondo a lealdade para com o Estado, e não reconhecendo quaisquer distinções de cultura ou de tradição. Os cidadãos têm direitos, mas estes são direitos dos indivíduos, baseados em uma visão abstrata e uniforme da pessoa humana (2003, p.959).

Levando, então, como já referido, essa compreensão para um nível mais específico, o da comunidade, é claro que, teoricamente, as garantias de igualdade, de participação e de expressão se fazem presente. Entretanto, como é possível identificar nas práticas de vida em comunidade essa cidadania? Dallari avança na questão de como pode ser percebida a cidadania em uma sociedade e afirma que ela se dá por meio das experiências vividas, que são construídas no dia a dia. Pereira exemplifica que essa percepção existe no respeito à legislação, à limpeza de vias públicas, à forma de tratamento de semelhantes, etc. (2013). A negativa dessa ação seria, para o autor, a inexistência da cidadania. Para ele, “quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões”. (2003, p.2).

Com o desenvolvimento tecnológico, e se percebe isso na realidade brasileira claramente, esse ser humano à parte da sociedade e/ou das políticas públicas, que lhe garantiriam a possibilidade de uma vida mais digna, encontra em meios não hegemônicos a chance de dar voz a suas demandas e anseios enquanto cidadão. Josgrilber aponta justamente o atravessamento que existe entre a tecnologia e a cidadania ao ressaltar que

[...] com tecnologias mais flexíveis, híbridas e adequadas às realidades locais, a implementação de uma infraestrutura de acesso à internet em banda larga permite a efetiva democratização da tecnologia para o cidadão. Essas redes, constituídas como patrimônio da comunidade, indicam um caminho de apropriação social que entende a inclusão digital como acesso da população à sociedade do conhecimento e como uma dimensão de extrema valia na construção de uma cidadania ativa (2010, p. 192-193).

A partir do que nos apresenta Josgrilberg, é possível que esse cidadão ativo busque informação, trazendo para sua realidade e para a realidade de sua comunidade a possibilidade de participação nos espaços democráticos. Isso se daria com a criação de novos meios para ampliar as condições de vida pessoal, da comunitária e do local onde residem (JOSGRILBERG, 2010). Ressalto, entretanto, que para que seja realmente concretizada a democratização nesse cenário, são necessários outros fatores, entre eles, a própria competência, isto é, o domínio técnico de como utilizar as possibilidades oferecidas de interação, analógicas e digitais.

Assim, questiono, como devem se dar os processos comunicativos no âmbito das rádios comunitárias para que possam ser significativos cenários de construção da cidadania? Que cidadania comunicativa se constrói a partir do protagonismo dos comunicadores ouvintes? E que cidadão é esse que interessa para essa pesquisa? Compartilho da compreensão de Peruzzo ao oferecer o significado de cidadão como um ser com direitos civis respeitados, atuante no exercício do poder político, com uma vida digna que lhe permite o acesso ao conhecimento, “mas também comunicar-se através dos meios tecnológicos que a humanidade desenvolveu e colocou a serviço de todos”. (2002b, p.85).

Para Mata (2006), esta forma de cidadania, exercida por esse cidadão, extrapola os aspectos legais, alcançando um sentido maior, de libertação e igualdade – processo que ocorre também por intermédio dos meios de comunicação. A autora destaca que é preciso “analisar quais são as representações de cidadania que os meios constroem, e como se autorrepresentam, contudo, os espaços de ‘cidadanização’, isto é, como espaços de visibilidade e de produção de direitos e deveres”. (2006, p.8).<sup>73</sup> Lahni, em perspectiva convergente, destaca que partindo do que se compreende como informação, garantida pela Constituição de 1988, a comunicação exerce papel indispensável e necessário nas sociedades contemporâneas e democráticas. Para a autora, “tal centralidade inclusive se firma como reconhecimento do direito à comunicação, entendido como a garantia de receber e de emitir informações e opiniões que são importantes para a pessoa e seu grupo de pertencimento”. (LAHNI, 2014).

Para esta pesquisa, é relevante problematizar o conceito de cidadania comunicativa, pensando as possibilidades de sua constituição e seu exercício no âmbito das relações entre as RADCOMs e seus ouvintes. Mata (2006) argumenta que é complexa sua compreensão, uma vez que diz respeito a direitos inegociáveis como à informação, à comunicação, à liberdade de expressão e também à “capacidade de exigir a exibição de assuntos públicos e principalmente às práticas para firmar os direitos no âmbito específico da comunicação”. (2006. p.13). Conforme a autora, a cidadania comunicativa inclui

O reconhecimento da capacidade de ser um sujeito de direito e deveres no terreno da comunicação pública, e o exercício desse direito. É uma noção complexa que envolve várias dimensões e que reconhece o status que os indivíduos têm nas sociedades midiáticas. A noção de cidadania comunicativa refere-se necessariamente aos direitos civis - liberdade de expressão, o direito à informação, a possibilidade de exigir a publicação dos assuntos públicos etc. juridicamente consagrados por diversos instrumentos, tais como a constituição de Estados, leis, decretos, regulamentos. Nesse sentido, e como é geralmente o caso dos direitos civis, a cidadania comunicativa representa um limite para a ação do Estado com o objetivo de garantir a liberdade das pessoas representa um estatuto jurídico (MATA, 2006, p.11)

---

<sup>73</sup> Tradução do autor. Original em espanhol.

Sob tal perspectiva, entendo que o cidadão reconhece tal capacidade na medida em que tem condições de lutar por e exercer seus direitos no que tange à comunicação. Em sociedades em desenvolvimento, esse reconhecimento é representado por uma luta constante por informação, por espaço no espectro midiático para veiculação de temas relevantes para si e sua comunidade.

Mata avança no entendimento da cidadania comunicativa considerando quatro níveis que garantiriam seu exercício pleno. O primeiro diz respeito à cidadania comunicativa formal, que considera todo e qualquer direito garantido por meio da lei; o segundo, a cidadania reconhecida, quando os indivíduos se identificam, se reconhecem enquanto cidadãos e têm noção de seus direitos. A cidadania comunicativa, o terceiro nível, é aquela exercida. Por fim, Mata (2006) se refere à cidadania comunicativa ideal, que levaria em consideração pressupostos teórico-políticos e as expectativas para uma real mudança social. Em toda essa construção, fica explícito o protagonismo do cidadão. A autora acentua “a indispensável participação popular, complicando a área da comunicação e informação como ambiente valoroso de trocas simbólicas para a consolidação da cultura democrática”. (2006, p. 8).

No que tange a questões ligadas à democracia, Maldonado observa que, a partir de uma articulação da esfera midiática em nível mundial entre os anos 70 e 80, a cidadania comunicativa “foi negada de maneira violenta, estabelecendo enquadramentos jurídicos e políticos repressivos de censura” (2011, p.3) na América Latina, o que demonstra um esforço para a manutenção de formas democráticas e igualitárias de comunicação na região. Ainda para o autor, a “cidadania ampliou-se para problemáticas de criação de modos de vida social humanos que expressam a vida contemporânea e, também, orientam para *novos mundos possíveis* de estruturação social, cultural, política e comunicativa”. (2011, p.5).

Peruzzo (2008) considera que a cidadania tem estreita relação com a participação. Se levarmos em consideração a cidadania política no Brasil, por exemplo, cabe o registro de que somente em 1934 as mulheres ganharam o direito ao voto e, mais de 40 anos depois, em 1988, foi a vez dos analfabetos. Nunes demonstra, a partir de ambos registros, que “dependendo do período histórico e do país ou lugar, só uma parcela da população pode exercer plenamente a cidadania”. (2007, p.111).

Ao entender que a democracia e o acesso aos meios de comunicação são fundamentais para a cidadania, a Peruzzo destaca que “há muito tempo se sabe que a participação ativa do cidadão em todas as fases da comunicação, como protagonista, propicia a constituição de processos educacionais favoráveis ao desenvolvimento mais ágil do exercício da cidadania”. (2008). Se os serviços de radiodifusão comunitários podem ampliar as

possibilidades comunicacionais para seus ouvintes no ambiente digital, criam-se novas oportunidades para experiências que promovem a cidadania comunicativa. Além disso,

[...] a prática da cidadania em processos participativos comunitários não transfere para a mídia o papel de cobrar das autoridades competentes a resolução de problemas. A mídia e a comunidade fundem-se numa só estrutura: a rádio comunitária, que confronta abertamente os poderes constituídos e exige a atendimento de suas reivindicações e o respeito aos direitos coletivos essenciais. Essa vivência cidadã na construção de uma mídia própria, além de fortalecer os laços de solidariedade na comunidade, combate práticas de mistificação de comunicadores, transformados em ‘delegados do ouvinte’ (NUNES, 2006, p.137).

É nessa nova possibilidade de reconfiguração que se alicerça o que entendo por cidadania que inclui um processo em constante construção, de protagonismo daqueles sujeitos que lutam por direitos. No que tange à cidadania comunicativa, tal processo visa a igualdade de acesso, produção e gestão de meios de comunicação. Agora, se são necessários espaços onde exista uma interlocução entre diversas realidades de lutas, como propõe Santos (2008), que papel tem o ambiente digital nesse processo? Santos (2008) se refere às potencialidades emancipatórias que precisam emergir de dentro destes espaços.

Com Cortina (2005), é possível pensar que os meios de comunicação têm papel na construção da cidadania, também, como processo informal de educação. Porém, cabe um questionamento: o que fazer quando determinados coletivos não se sentem representados na mídia? A autora dá uma indicação de quem poderiam ser eles ao apresentar três tipos de diferenças culturais: os desfavorecidos, as minorias<sup>74</sup> nacionais e certos grupos étnicos e religiosos (2005, p.148). Conforme a Unesco<sup>75</sup>, todos eles poderiam se beneficiar, por exemplo, de canais comunitários de comunicação para o fomento de suas demandas ou manutenção de suas individualidades. O pensamento de Nunes se alinha a estes ao propor que

[...] as rádios comunitárias podem se converter num poderoso instrumento de educação não-formal como caminho para o exercício de uma cidadania consciente, reafirmando práticas culturais coletivas responsáveis pela consolidação de uma identidade cultural determinada. O sentido ‘positivo’, ‘afirmativo’, no qual a rádio comunitária é forjada pela comunidade, mostra a dimensão do processo de construção coletiva e gestão compartilhada da autêntica emissora comunitária (2006, p.136).

---

<sup>74</sup> Minha compreensão acerca do termo minoria é originado da definição de Rostelato e Siqueira, que afirmam que a “minorias é o conceito que se adota com a finalidade de indicar que certas pessoas sofrem discriminações, tendo seus direitos de cidadania desrespeitados” (2010, p. 226). Assim, entendo minoria como um grupo com alguma forma de ligação, seja ela étnica, religiosa, cultural, de orientação sexual, de geografia, etc., que não é necessariamente formado por um número inexpressivo de integrantes, porém, possui como característica ter seus direitos desrespeitados, enquanto cidadãos, pela sociedade e pelo poder público.

<sup>75</sup> Para mais informações: *Community Radio Handbook* – Unesco. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001245/124595e.pdf> Acesso em: 20 jan. 2016.

Se para Cortina, “a identidade não nos é dada, mas a negociamos – daí a importância das lutas sociais empreendidas para obter o reconhecimento dos outros significativos” (2005, p.156), não seria o espaço midiático um campo de batalha fundamental para tal reconhecimento? Comunidades que buscam um meio de comunicação para o desenvolvimento da cidadania, como as rádios comunitárias, não seriam um espaço de negociação como o referido por Cortina?

García Canclini (2008, p.205) denomina de excluídos aqueles “que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado”. Ele faz referência a esta camada da sociedade sem representatividade ou voz e se vêem obrigados a replicar a “ideologia dos dominadores”. Santos chama de globalização hegemônica o processo através do qual um dado fenômeno ou entidade local consegue difundir-se globalmente e, ao fazê-lo, adquire a capacidade de designar um fenômeno ou uma entidade rival como local”. (2008, p.195).

Estes autores refletem sobre a existência de processos estabelecidos de exclusão, mas também de mecanismos que buscam alternativas que permitam o enfrentamento dessa situação, “abrindo espaços para a participação democrática, para a construção da comunidade, para alternativas a formas dominantes de desenvolvimento e de conhecimento, em suma, para novas formas de inclusão social”. (SANTOS, 2008, p.195-196). Fica aqui o questionamento: não poderiam as rádios comunitárias colaborar para se atingir esse objetivo ou o que Santos (2008, p.193) denomina de globalização contra-hegemônica?

Mesmo com diferenças de conceituação e compreensão, Peruzzo (2007a) oferece pistas para chegarmos a uma comunicação popular e comunitária que atinja seus objetivos principais e aqui já mencionados. Para ela, os dois processos comunicacionais viveram anos à margem das possibilidades de participação até então oferecidas pelos meios hegemônicos de comunicação. Porém, com o “desenvolvimento tecnológico, a democratização da sociedade e a mobilização civil” (PERUZZO, 2007a, p.37), novas manifestações puderam ser configuradas. Ela ressalta ainda que “com as devidas diferenças, em poucos anos, o que era possível se concretizar apenas de forma ilegal e idealista, atualmente passa a ser quase obrigação em fazê-lo” (ibid, p.37), isto é, a transmissão de sons por meio de serviços de radiodifusão comunitária por parte de movimentos ou organizações sociais.

Castells (2003b) ao analisar o ativismo digital, que experimentou uma mobilização nunca antes vista, observa que novas culturas de cidadania são criadas, novos rearranjos dos conceitos de liberdade, como um fluxo livre de informação e de dignidade. Em suas análises o autor ressalta que, em alguns casos, foi possível superar o bloqueio da mídia convencional ou hegemônica. Suas análises permitem pensar que os cenários digitais podem ser espaços para o



desenvolvimento de processos comunicacionais vinculados à construção de cidadania. Mas para que isso aconteça, o comunicador ouvinte precisa, entre outras coisas, de competências técnico-midiáticas que lhe permitam fazer uso desse ambiente, como aponta também Peruzzo (2004b).

## 5 TRILHAS METODOLÓGICAS

Neste capítulo apresento o que denominei de trilhas metodológicas, isto é, as estratégias adotadas para a construção da pesquisa. Para tanto, começo com uma reflexão acerca do método e da metodologia, entendendo que é fundamental para embasar o processo de construção da pesquisa. Na sequência, apresento o mapeamento que fiz de pesquisas relacionadas à minha temática e os trabalhos de pesquisa da pesquisa, bem como uma reflexão sobre a exploração empírica propriamente dita. Explicito, então, os movimentos de pesquisa exploratória, momento em que realizei mapeamentos de rádios comunitárias de Porto Alegre, fui a campo visitar serviços de radiodifusão comunitários e realizei entrevistas exploratórias vinculadas às rádios selecionadas. Por fim explico os percursos metodológicos da fase sistemática da pesquisa que ocorreu com os comunicadores locutores e comunicadores ouvintes das rádios selecionadas para esta fase: Lomba do Pinheiro e Voz do Morro.

Antes de adentrar nos movimentos relacionados às entrevistas e suas reflexões, é preciso abordar a questão da identidade dos entrevistados para que se compreenda as escolhas e decisões tomadas por mim. Entendo que os comunicadores gestores e os comunicadores locutores são figuras públicas no que tange à extensão e o alcance da rádio comunitária, sendo reconhecidos na região por onde passam – relatos dos mesmos respaldam tal afirmação – e, por isso, mantive seus nomes na tese. Não teria sentido ocultar suas identidades, uma vez que têm relação direta e representam a RADCOM por onde passam. Já no caso dos comunicadores ouvintes, para manter o anonimato – garantido desde o primeiro encontro para que pudessem se sentir confortáveis à possibilidade de responderem a questionamentos de forma negativa ou crítica quanto à RADCOM – optei pela seguinte estratégia: os nomes reais foram trocados por nomes de logradouros no entorno da rádio comunitária da qual participam, respeitando o gênero do entrevistado.<sup>76</sup>

### 5.1 Reflexões sobre o método e a metodologia

A metodologia extrapola a discussão de *métodos* de pesquisa. Como argumenta Bonin, a mesma pode ser “pensada como dimensão que norteia, orienta, encaminha os processos de construção da pesquisa, em todos os seus níveis”. (2006, p. 29). Logo, se a metodologia é compreendida como sendo constitutiva de todo o percurso construtivo da pesquisa, cabe aqui

---

<sup>76</sup>Por exemplo, a partir da rua Dona Francisca, do bairro Lomba do Pinheiro, extraí o codinome “Francisca” para uma das comunicadoras ouvintes entrevistadas.

uma reflexão sobre o método bem como questionamentos que se fazem pertinentes nessa jornada, incluindo questões epistemológicas.

Refletindo sobre a pesquisa em Comunicação, Rodrigo (1989) e Wolf (1995) compartilham a visão de que é impossível construir uma teoria única que explique todos os fenômenos comunicacionais dada a complexidade do campo. Nessa mesma linha de raciocínio, é correto afirmar que nenhum paradigma é completo e absoluto – capaz de responder a todas as demandas e questionamentos de uma pesquisa, daí a necessidade de diversos olhares e de uma constante reflexão do pesquisador, construtor de conhecimento. Se os saberes são construídos em diálogo direto e constante com as diferentes realidades – internas e externas – que os cercam, é preciso libertar a pesquisa das ortodoxias, dos engessamentos ainda presentes na contemporaneidade.

Carvalho e Lage (2012) apresentam uma das condições que têm relação direta com a pluralidade de aportes teóricos na Comunicação: a interdisciplinaridade<sup>77</sup>. Para Martino, a dúvida que fica é se a comunicação é um único saber ou um campo com diversos atravessamentos. A última opção transforma a comunicação em um “campo interdisciplinar, no qual se impõem certas pressões”.(2001, p.80). O autor observa que “se a extensão do campo excede os esforços de uma disciplina apenas, dar conta desse campo significa, então, que o mesmo será atravessado por vários saberes”. (2001, p.89)<sup>78</sup>.

Não só o que compactua com uma linha de pensamento, mas o que diverge dela deve, também, integrar a perspectivação teórica de uma investigação. Morin (1986) resume essa ideia ao afirmar que o que parece ser fruto da controvérsia é, na verdade, complementar. Os aspectos contraditórios enriquecem a problemática, complexificam os problemas a serem investigados. Nesse sentido, o autor observa que “só o pensamento complexo nos permitirá civilizar nosso conhecimento” (2006, p.16), uma alusão à indispensabilidade de um exercício que considere uma multi-versalidade em detrimento a uma uni-versalidade.

Ainda na mesma linha de raciocínio, Bachelard afirma que “para um espírito científico, todo o conhecimento é uma resposta a uma questão. Se não houver questão, não pode haver conhecimento científico. Nada é natural. Nada é dado. Tudo é construído”.(2001, p. 166). Gortari ressalta ainda que “nos encontramos em uma trama infinita de conexões e de influências recíprocas”<sup>79</sup>. (1956, p.18).

---

<sup>77</sup> Martino (2001, p.80) compreende a interdisciplinaridade de duas formas: a reunião de diferentes disciplinas científicas que se debruçam sobre um único objeto ou a constituição de uma única disciplina científica com um objeto de estudo a partir de vários campos.

<sup>78</sup> Tradução livre do autor. Original em espanhol.

<sup>79</sup> Tradução livre do autor. Original em espanhol.

Bosi segue contribuindo para esta reflexão acerca da investigação científica. A autora observa que, “a consciência se enfraquece quando se dobra à realidade sem tensão; é preciso despregar a verdade das coisas por um esforço”.(2003, p. 123). O risco que se corre, conforme Bosi, é o de “sofrer um processo de facilitação e de inércia”(2003, p.115), o que remete, mais uma vez, à necessidade de um sujeito consciente frente a sua pesquisa, construtor, questionador e pronto para superar obstáculos.

Por isso, a construção do conhecimento demanda cautela, atenção, principalmente com respostas que chegam aos investigadores fáceis demais, que os levam a aceitá-las como são, sem nenhuma reflexão. Morin lembra que, “muitas buscas da verdade terminam com a resposta antecipadamente. ‘Não me terias procurado se não me tivesses já encontrado’. A verdadeira investigação, essa, encontra geralmente uma coisa diferente da que procurava”.(1986, p.130). Assim, o diferente, o novo e o imprevisto devem ser levados em consideração. Nessa configuração, como se trata de um processo dinâmico e sem a aplicação simples de modelos já dados ou pré-estabelecidos é preciso atentar, também, como reflete Santos (2006), para o caráter de imprevisibilidade da pesquisa.

Afirmar que certos conceitos e compreensões acerca dos fenômenos que busco investigar já estão ultrapassados, isto é, já não dão conta da realidade a ser investigada, não significa dizer que o conjunto de desenvolvimentos teóricos construídos até então é descartável. Um exemplo seria ignorar as contribuições de Certeau (1994) pelo fato de o autor não ter voltado seus estudos para o campo digital, realidade distante para o francês à época. Nessa linha de raciocínio, García Canclini parte de uma ideia de esgotamento de conceitos que não conseguem mais explicar certos fenômenos ou eventos da contemporaneidade. Para o autor são precisos “outros instrumentos conceituais” (2008, p.283) para que se dê conta de uma nova realidade, o que incluiria, inclusive, a questão da presença midiática nos diversos atravessamentos e dimensões que constituem a identidade. É neste sentido que Bonin reforça que os “conceitos devem sofrer constantes revisões e remodelações demandadas pelos problemas investigados”. (2014, p.44).

Para Norris (2006, p.24), no que tange a autores como Bachelard, “existem comparações úteis a serem feitas entre os argumentos propostos por esses pensadores e os desenvolvimentos que ocorrem mais perto de nós”. Em outras palavras, é a certeza de que a produção do passado tem peso, tem o que dizer. Popper resgata essa ideia e acrescenta que “todo crescimento de conhecimento consiste no aprimoramento do conhecimento existente, que é mudado com a esperança de chegar mais perto da verdade”. (1975, p.76). Segundo o filósofo, não existe uma

verdade absoluta ou universal, mas verdades ou aproximações da verdade – temática que será aprofundada adiante.

Porém, cabe aqui a lembrança de que rupturas são importantes, bem como continuidades. É preciso entender o processo como de desconstrução para a reconstrução e não de desconstrução pela destruição pura e simples. Como Gortari destaca, “o avanço posterior da investigação científica se baseia em um conjunto de conhecimentos adquiridos, os quais são concatenados entre si por suas relações lógicas. Sobre este sólido cimento descansa a possibilidade do progresso científico”<sup>80</sup>. (1956, p.21).

O pensamento bachelardiano (2001) entende que a construção do objeto científico se faz por meio de rupturas. Romper é questionar, é buscar observar com olhos que não os do senso comum, inseridos numa perspectiva teórica. Marre (1991) insere o obstáculo epistemológico de Bachelard dentro de uma tríade de conceitos que norteiam como uma problemática deve ser refletida. Para ele, a dúvida, o obstáculo e a retificação devem caminhar juntos. O autor destaca que “colocar esses três conceitos e a revisão da literatura como auxiliares indispensáveis da construção do objeto não é complicar a vida do cientista, mas é atrair sua atenção sobre a provisoriedade das suas construções e a historicidade do desenvolvimento científico”. (MARRE, 1991, p. 5).

Seguindo nesta jornada de reflexão metodológica, o senso comum precisa se fazer presente, porém, não deve ser compreendido como uma verdade absoluta. Como reflete Maldonado, “a ruptura com o senso comum não pode confundir-se com uma ruptura com os bons sentidos”. (2008, p.42). As contribuições dos sujeitos, no caso desta pesquisa, entendidos como comunicadores ouvintes, segundo Wallerstein et al. (1996), também precisam integrar o arcabouço que busca a compreensão de um fenômeno, como na Comunicação, por exemplo. Para os autores, “um dos argumentos proferidos a favor do fim da exclusão de indivíduos das estruturas do saber foi o das implicações potenciais que esta medida teria para a aquisição de um conhecimento válido”. (1996, p.83).

Gortari (1956) alerta para os riscos da simples repetição de processos, em uma falsa concepção de continuidade, sem considerar particularidades ou novos ajustes, adaptações etc. A reprodução de esquemas empobrece a pesquisa que, para ser relevante, necessita que os métodos sejam problematizados. Métodos esses, que como reflete Santos (2006), devem ser mestiços, atentando para a necessária mestiçagem epistemológica, a mistura de perspectivas e visões de mundo para dar conta da complexidade e das multidimensionalidades dos fenômenos que investigamos.

---

<sup>80</sup> Tradução livre do autor. Original em espanhol.

Morin (1986) traz à tona a questão da ruptura (não epistemológica) com o que inebria, o que atrasa o pensamento científico. Para o autor, é mister que haja uma *quebra*, um rompimento com o que chamou de “repetição da satisfação psíquica” (1986, p.124), pois, dicotomicamente, o que motiva uma investigação científica também tem a força de neutralizá-la quando, por exemplo, se repetem métodos que levam o investigador ao prazer da resposta que alivia, que traz bem-estar. Segundo o autor, é preciso detectar essas situações ansiogênicas – entre elas, as que demandam pela busca da verdade.

Daí o valor dado ao processo de tensionamento por diversos autores. Entre eles está Santos, que aponta esse quase *dever* de inquietude ao reconhecer que, “do que necessitamos com mais urgência é de uma nova capacidade de espanto e de indignação que sustente uma nova teoria e uma nova prática inconformista, desestabilizadora, em suma, rebelde”.(2006, p.75). A partir do exposto e, considerando as reflexões de Bachelard, uma das motivações do espírito científico é a problematização ou o questionamento. Para ele,

[...] em todas as ciências rigorosas, um pensamento inquieto desconfia das identidades mais ou menos aparentes e exige sem cessar mais precisão e, por conseguinte, mais ocasiões de distinguir. Precisar, retificar, diversificar são tipos de pensamento dinâmico que fogem da certeza, que encontram nos sistemas homogêneos mais obstáculos do que estímulo. Em resumo, o homem movido pelo espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar (1996, p.21).

As proposições de Japiassu (1991) se alinham às de Gortari (1956) e de Bachelard (1996) ao destacar que é importante problematizar os métodos e não simplesmente adotá-los. Santos (2006) soma-se a eles ao propor que não se desenvolve pesquisa por meio do cumprimento de regras. Segundo o autor, é preciso trabalhar o inconformismo, o sentimento de inquietação que leva à formulação de perguntas.

Vive-se uma época em que se manifestam várias epistemes, em uma explosão de raízes e opções. Reside aí, talvez, uma característica de nosso tempo (ou que deveria ser): as colisões de linhas de pensamentos; gigantescas placas tectônicas de conhecimento pétreo, estabelecido, sendo sacudidas pela busca da verdade. Carvalho e Lage destacam que, dentro do processo de investigação científica nesse universo múltiplo de possibilidades teóricas, não é possível “aceitar como cânones princípios teóricos e metodológicos, que embora de largo uso, não correspondam à complexidade da realidade que se busca compreender”. (2012, p.3). Os autores demandam uma relação de coerência entre a problematização proposta e o arcabouço teórico-empírico-analítico. Dessa forma, se faz mais frutífera a busca pelo que é verdade.

Existe um questionamento-chave que pode ser feito referente ao campo da Comunicação a partir do pensamento de Morin e se refere à verdade encontrada. Ela é fruto da nossa obsessão? Estou eu, investigador, contaminado pelo meu objeto a ponto de buscar a verdade que me satisfaça simplesmente? Conforme Morin, é preciso ir além do princípio de prazer, já que “temos, pois que compreender a que ponto a verdade é a fonte principal dos nossos erros, ilusões, delírios”.(1986, p.129). Os Mattelart oferecem uma alternativa para que a reflexão epistemológica no campo da Comunicação se dê de uma forma menos *contaminada* ou *contaminante* possível: por meio “do distanciamento crítico”.(2004, p.16). Para ambos, a partir dessa postura, é possível “compreender como o amplo remodelamento em curso dos sistemas de comunicação afeta nossas sociedades e a maneira de pensá-las e concebê-las”. (2004, p.16).

Não só o verdadeiro, mas o falso também interessa ao teórico, segundo Popper. Para o autor, a atenção à verdade deve ser a mesma dada à falsidade “porque descobrir que uma asserção é falsa é o mesmo que descobrir que sua negação é verdadeira”. (1975, p.24). Nesse cenário, o falso tem algo a dizer, aponta para um caminho. É o mesmo que acontece com o ato de errar. O erro é necessário, é suscitador de outras perspectivas ou elementos dentro de uma jornada de investigação científica.

Considerados estes fundamentos que norteiam meu processo investigativo passo, nos itens seguintes, a explicitar os processos, estratégias, táticas e procedimentos trabalhados no processo de realização da pesquisa.

## **5.2 A pesquisa da pesquisa**

O mapeamento geral de pesquisas relacionadas à temática investigada é um passo importante no que tange à (re)construção de um projeto. A busca por referenciais já produzidos abre o horizonte das possibilidades de diálogo com teorizações, proposições metodológicas e resultados desconhecidos até então e que podem, sobremaneira, auxiliar no processo de redefinição de elementos do próprio projeto em questão.

Conforme Bonin (2006, p. 34), a pesquisa da pesquisa deve ser compreendida como uma ação que objetiva que “as novas investigações contemplem e considerem esses desenvolvimentos e aquisições e busquem efetivamente avançar com e a partir deles”. Em outras palavras é perceber, através do conhecimento já produzido, se os caminhos trilhados pelo projeto encontrarão elementos que podem ser apropriados. É considerar a possibilidade de ampliar, alargar e/ou reformular tal conhecimento a partir das necessidades apresentadas pelo problema-objeto ou o fenômeno investigado.

Na realização da primeira etapa do processo de coleta de informações acerca das produções científicas, foi realizada uma busca bibliográfica<sup>81</sup> e, como bancos de dados foram acessados as plataformas de dissertações e teses da Unisinos, da UFRGS e da CAPES, além de buscar artigos e capítulos de livros nas plataformas Intercom e Compós<sup>82</sup>. Nem todos os resultados da busca se encontram aqui mencionados. Priorizei aqueles que têm uma relação mais próxima com o que investigo, no que tange rede de conceitos, objeto de estudo ou problematização.

Neste primeiro apanhado, encontrei a dissertação de Gambaro (2011)<sup>83</sup> que faz uma reflexão do rádio e das novas tecnologias. Este trabalho me apontou para uma realidade que só pude compreender concretamente após a realização da pesquisa exploratória: a possibilidade de não ser possível a incorporação da RADCOM no ambiente digital ou este ser um processo considerado lento pelo modelo administrativo das próprias emissoras comunitárias. Apesar de ser um achado de Gambaro a partir de um estudo fora do meio comunitário, percebi a mesma dinâmica nas RADCOM. A dissertação se mostrou também útil por traçar um panorama do meio de comunicação rádio frente às novas realidades oferecidas pelo digital, bem como o “uso de serviços da internet” (item 5.3.1 da referida dissertação), auxiliando-me a compor os elementos do mapeamento que realizei. Neste ponto, não me preocupei com o objeto de Gambaro ser a rádio com fins lucrativos, uma vez que as possibilidades oferecidas pelo digital são comuns aos dois tipos de serviço de radiodifusão: comercial e comunitária.

Já a dissertação de Oliveira (2011)<sup>84</sup> trabalha o rádio e a conscientização de grupos sociais. Apesar de focar em um coletivo que não tem relação com meu objeto de pesquisa, me ofereceu uma perspectiva quanto aos conceitos de comunidade, de cidadania e comunicação comunitária ao abordar a “comunidade como princípio da sociabilidade” (item 4.2 da referida dissertação). Problematizo, entretanto, a argumentação do autor de que a comunidade é um construto que tem base no diálogo. A relação dialógica é importante, porém, posso entender outros elementos constitutivos de uma comunidade que não tenham o diálogo como fator

---

<sup>81</sup>Para a realização da busca bibliográfica, utilizei as seguintes palavras-chaves: comunicação, comunicação popular, comunicação comunitária, rádio, rádio comunitária, convergência, cidadania virtual, cidadania comunicacional e cidadania

<sup>82</sup> Deixo claro que outras plataformas integrarão futuramente a busca dentro do que se propõe a pesquisa da pesquisa.

<sup>83</sup>Mais informações em GAMBARO, Daniel. Rádio e tecnologias: os novos espaços e caminhos possíveis do meio sonoro. 2011. 137 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Meios e Processos Audiovisuais). São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

<sup>84</sup>Mais informações em OLIVEIRA, Guilherme Jeronymo Pereira Hernandes e. Novas ondas: o uso do rádio como elemento de mobilização e difusão. Estudo de caso em mídia sonora ligada ao movimento sindical - Jornal Brasil Atual. 2011. 88 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Ciências da Comunicação). USP, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br>>. Acesso em: 15 dez. 2015.



primordial. Em um serviço de radiodifusão comunitária via internet, por exemplo, os ouvintes podem se sentir pertencentes à comunidade sem que se conversem entre si. Os conflitos também podem ser parte da constituição da comunidade.

Aranha (2012)<sup>85</sup>, em sua dissertação, reforça a temática da democratização. Dei especial atenção a este estudo uma vez que a orientação é de Cecília Peruzzo, autora que se dedica aos estudos da comunicação popular e ao processo de ampliação da cidadania. É uma obra que demandou um olhar atento quanto ao referencial teórico. Deste trabalho extraí para minha pesquisa elementos relativos à lógica de construção do arcabouço legal das rádios comunitárias (presente no capítulo III) e autores utilizados por Aranha para compor os conceitos de cidadania e comunicação comunitária, como Raquel Paiva. Também tive conhecimento das obras de Denise Cogo e Cecília Peruzzo que foram relevantes para esta Tese.

A dissertação de Luz (2011)<sup>86</sup>, me apresentou a participação do Estado na construção dos elementos que condicionam o funcionamento da rádio comunitária. Esse ponto me ajudou a compreender melhor as possíveis dimensões que atravessam o meu objeto. Do trabalho, extraí as contribuições de Ferdinand Tönnies sobre o conceito de comunidade e de López Vigil quanto à noção de rádio comunitária/cidadã. Além disso, obtive inspirações metodológicas em relação a como foi feita a parte da pesquisa exploratória, que se assemelha com o que decidi realizar como estratégia metodológica para estudar o campo empírico, inclusive em termos de construção do questionário exploratório.

Steinbrenner (2011)<sup>87</sup> apresenta rádios comunitárias na Amazônia e os desafios a partir desta realidade geográfica, Tese que me despertou a atenção para os conceitos de *midiatização periférica* e de mediações de Martín-Barbero. Aproveitei elementos relativos às construções de alternativo, comunitário e popular e seus referenciais (autores) para organizar as especificidades de cada um desses tipos de comunicação na minha pesquisa. Steinbrenner me ofereceu, também, elementos para pensar a questão da construção da identidade e sua relação com as comunidades.

---

<sup>85</sup>Mais informações em ARANHA, Tais. A rádio comunitária como vetor do processo de democratização da comunicação: a experiência do projeto rádio escola e as mudanças ocorridas na Rádio Z FM, em Mauá-SP. 2012. 220 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

<sup>86</sup> Mais informações em LUZ, Dioclécio. Radiojornalismo nas rádios comunitárias: conceitos e práticas. 2011. 314 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Comunicação). Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

<sup>87</sup> Mais informações em STEINBRENNER, Rosane Maria Albino. Rádios Comunitárias na Transamazônica: desafios da comunicação comunitária em regiões de midiatização periférica. 2011. 372 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido). Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2011. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

No que se refere a aspectos novos que surgiram a partir da desconstrução, busquei trabalhos que desenvolveram conceitos como territorialidade, encontrado na dissertação de Santos (2012) entre outras<sup>88</sup>. No caso da minha pesquisa, a compreensão de comunidade e de território precisou ser alargada porque não consegue mais dar conta das transformações dessas dimensões no cenário contemporâneo. A dissertação me auxiliou a buscar a compreensão de um território a partir de uma perspectiva digital.

Por último, nesse movimento de pesquisa da pesquisa, a dissertação de Albuquerque (2012),<sup>89</sup> que aborda a comunicação cidadã na mídia digital, foi importante referencial para meu trabalho. Nesse trabalho tive o primeiro contato com a autora Maria Cristina Mata e o conceito de cidadania comunicativa.

### 5.3 Explorações empíricas

Ao afirmar que “o mundo não é uma totalidade de sensações, mas antes uma estrutura de relações funcionais de elementos”, Haller (1990, p.25) faz uma referência clara às complexas tramas que nos constituem como sujeitos. Pode-se estender tal pensamento à outra realidade da pesquisa, a exploração, ação que não pode ser concebida como constitutiva na construção da pesquisa.

No que tange à Comunicação, a pesquisa exploratória é fundamental e necessita de experimentos, não sendo um privilégio de outras ciências como a Química e a Física. É uma experimentação que precisa levar em consideração a multidimensionalidade dos fenômenos estudados. Sujeitos comunicantes, por exemplo, são seres complexos, atravessados de diferentes formas por diferentes dimensões. Segundo Bonin,

[...] como prática metodológica, a pesquisa exploratória é o meio pelo qual geramos elementos concretos no polo da empiria que vão participar no processo de fabricação da proposta investigativa, ao serem colocados em relação com o polo teórico-metodológico da mesma. A pesquisa exploratória se realiza através de aproximações empíricas ao fenômeno concreto a ser investigado, com o intuito de perceber seus contornos, nuances, singularidades. Tatear o fenômeno, explorar aspectos que interessam à problemática em construção, na sua feição concreta, caracterizam esse processo (2013, p.29 e 30).

---

<sup>88</sup> Mais informações em SANTOS, Denize Daudt dos. Territorialidade compartilhada: comunicação e cidadania. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Comunicação). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

<sup>89</sup> Mais informações em ALBUQUERQUE, Marina Zoppas de. A comunicação cidadã na mídia digital: concepções e realizações dos sites MNDH, DH Net e Conectas. 2012. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2012.

Os argumentos de Japiassu (1991) também apontam para a importância da fase exploratória de uma pesquisa, uma vez que são várias as ciências e elas necessitam de diferentes sistemas lógicos e metodologias. Para Bacon *apud* Peirce (1877), a experiência precisa ser entendida como um processo aberto à verificação e ao reexame. O filósofo americano apresenta, ainda, a partir do pensamento de Lavoisier, uma nova concepção do ato de raciocinar, como uma ação que deveria acontecer “com os olhos abertos, pela manipulação de coisas reais ao invés de palavras e ideias vagas” (1877, p.3), referência que pode ser feita à relação entre os polos teórico e empírico na construção da pesquisa. Seguindo com uma reflexão teórica acerca da pesquisa exploratória – que será apresentada adiante, Bonin ressalta que a mesma

[...] é assumida em nossas investigações como uma fase do processo de pesquisa empírica que antecede e prepara a construção e realização da fase de que denominamos sistemática. Caracteriza-se pela imersão no campo empírico que interessa à investigação, para obter elementos que permitam concretizar o desenho investigativo em todas as suas dimensões (2016, p.222).

Ciente da fundamental importância da pesquisa exploratória planejei e realizei um primeiro *movimento* dentro da jornada de construção desta pesquisa com os seguintes objetivos:<sup>90</sup> Mapear rádios comunitárias existentes a partir do recorte geográfico definido para o projeto – a cidade de Porto Alegre; verificar a existência de *site* e da versão *on-line* das rádios comunitárias; realizar observação inicial, nos ambientes digitais, de espaços de possível comunicação do comunicador ouvinte com a rádio comunitária e refletir sobre aspectos relativos à compreensão teórica de comunicação comunitária e rádio comunitária particularmente em relação aos comunicadores ouvintes.

A intenção desse primeiro movimento foi, também, obter pistas e indicativos que pudessem auxiliar no encaminhamento das decisões e opções relativas ao campo empírico da pesquisa. Os registros e reflexões do processo exploratório foram realizados em diário de campo. Mills (1975), na perspectiva da produção do conhecimento como um processo de artesanato intelectual, estabelece como um importante recurso para a reflexão a criação de um diário de campo, que sistematizaria as ideias do cientista e permitiria a autoanálise e também o registro das observações empíricas.<sup>91</sup>

Com relação ao processo de pesquisa exploratória propriamente dito, um primeiro movimento foi realizado no ambiente digital e nele, através do *Google*, foi iniciada a busca por

---

<sup>90</sup> Todas as etapas desse movimento exploratório serão detalhadas adiante.

<sup>91</sup> Como observa o autor, “a simples tomada de nota de um livro é quase sempre um estímulo à reflexão”. (MILLS, 1975, p. 5), Ele ressalta, ainda, que esse documento de pesquisa oferecerá, também, a possibilidade de rever e autoavaliar posturas. Esses recursos têm um porquê – servir de subsídio ao sujeito, que é o protagonista na produção de conhecimento, na construção dos saberes.

rádios comunitárias em Porto Alegre por meio das palavras-chave: rádio + comunitária + Porto Alegre<sup>92</sup>. A busca gerou mais de 200.000 resultados. A análise inicial foi feita nas 10 primeiras páginas e teve como elemento de escolha algum site ou entidade específica que reunisse rádios comunitárias gaúchas. Para tanto, foi selecionada a ABRAÇO RS<sup>93</sup>, um braço da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária ([www.abracors.org.br](http://www.abracors.org.br)) e que estava na sexta posição da primeira página gerada pelo Google.

Uma vez entrando no site da ABRAÇO no Rio Grande do Sul<sup>94</sup>, contexto geográfico inicialmente estabelecido para a realização deste mapeamento de pesquisa, fez-se a busca pelas rádios no estado<sup>95</sup>, o que levou a um mapa com 19 sub-regiões gaúchas – das quais 17 têm registro de RADCOMs. A partir das informações que se apresentavam, realizei a busca na região na qual Porto Alegre está inserida (Metropolitana Delta do Jacuí). Como resultado, encontrei a Associação Cultural Rádio Comunitária do Bairro Ipanema (Ipanema Comunitária).

A busca pelo Google também apresentou a ANATEL<sup>96</sup> (<http://sistemas.anatel.gov.br/srd/>) como fonte para esta pesquisa. Ao acessar o ambiente digital da Agência<sup>97</sup>, os resultados foram numericamente mais expressivos que os das buscas anteriores. Foram encontradas as seguintes referências: Associação Cultural Rádio Comunitária do Bairro De Ipanema, Associação Comunitária dos Moradores do Conjunto Residencial Rubem Berta, Conselho Comunitário Todas As Artes – Coarte – Rádio Obirici FM Comunitária, Associação Comunitária Educativa e Cultural de Radiodifusão Glória Embratel –

---

<sup>92</sup> No processo de observação inicial no ambiente digital, percebemos que as denominações das rádios comunitárias apresentaram algumas variações a partir dos espaços que foram pesquisados. Por esse motivo, poderá haver diferenças ao longo do texto.

<sup>93</sup> Conforme o Art. 1º do estatuto da ABRAÇO RS, “A ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA, com a sigla ABRAÇO/RS, é uma entidade de abrangência estadual, sem fins lucrativos, de duração indeterminada, de caráter social, técnico, cultural, educacional e científico, integrada por entidades de radiodifusão comunitária, abertas, sem fins lucrativos, de programação plural e gestão pública” (PORTAL ABRAÇO, 2006). Importante para esta pesquisa é o Capítulo II que aborda as especificidades dos associados da entidade. Conforme o documento, fazem parte da ABRAÇO, “entidades e emissoras de rádios e TVs comunitárias abertas, sem fins lucrativos e com conselho comunitário constituído” (2006). Fundada em 1996, a ABRAÇO nacional foi criada, conforme informa o site oficial da entidade, “da necessidade de unificar a luta das rádios comunitárias na defesa pela liberdade de expressão e para fortalecer a resistência à opressão imposta pelas forças repressoras do Estado brasileiro. A ABRAÇO é uma organização de classe porque surge no enfrentamento ao monopólio dos meios de comunicação deste país, através da manifestação radiofônica das comunidades das cidades, periferias e do campo” (2006). A própria ABRAÇO (2006) reconhece a força e as possibilidades da comunicação comunitária como elementos que podem modificar realidades e as interações sociais a partir dos receptores. Conforme o entendimento da entidade, “as rádios comunitárias não são meios de comunicação isolados no cenário político. Elas só fazem sentido quando são, de fato, instrumentos por onde escoam as notícias, os debates, as principais discussões de interesse das comunidades onde estão inseridas, bem como dos movimentos e das organizações sociais” (2006).

<sup>94</sup> Para mais informações acerca da ABRAÇO/RS, ver APÊNDICE A – Mapeamento das rádios comunitárias.

<sup>95</sup> A busca foi realizada pelo seguinte caminho de hiperlinks: ABRAÇO → AFILIADOS (lateral direita do site).

<sup>96</sup> A ANATEL só considera os meios de comunicação comunitária dentro do arcabouço legal vigente, portanto, as experiências sem licença não puderam ser visualizadas na lista que é oferecida pela Agência na Internet.

<sup>97</sup> Nessa busca, foram preenchidos os campos “UF” e “Pesquisa Nome Município” na Consulta Geral RADCOM. Foi inserido o município que integra a área geográfica delimitada para esta pesquisa: Porto Alegre.

Rádio Acecrage FM Comunitária e Associação dos Moradores do Serra Verde – Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro.

A partir do acesso à Dissertação de Mestrado de Alexandre Haubrich, defendida na Unisinos em 2016, pude reconhecer outros cinco possíveis espaços de busca por RADCOMs em Porto Alegre. O site Donos da Mídia<sup>98</sup> (<http://donosdamidia.com.br/>) foi acessado<sup>99</sup>. Foram encontrados dois registros dentro do espaço geográfico definido para esta pesquisa, isto é, a cidade de Porto Alegre: Associação Cultural Rádio Comunitária do Bairro de Ipanema (Ipanema Comunitária) e Associação de Moradores do Serra Verde (Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro). Uma segunda opção foi o próprio *site* da Prefeitura de Porto Alegre ([http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal\\_pmpa\\_novo/](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/)). Tive um único resultado: Rádio Comunitária Restinga FM 88.1.

A terceira frente de buscas de possíveis rádios comunitárias operando na capital do Rio Grande do Sul foi o Wikipedia (<https://pt.wikipedia.org>)<sup>100</sup>. Os resultados apontaram para quatro serviços de radiodifusão comunitária: Amorb FM, Ipanema comunitária FM, Nonoai FM e Obirici FM Comunitária. Na sequência, foi acessado o site Onda Cidadã<sup>101</sup> (<http://www.ondacidade.org.br/>), onde foi localizada a Ipanema Comunitária FM. Por fim, no trabalho de Bruno Lima Rocha e Rodrigo Jacobus – Proposta de um modelo de comunicação comunitária ([www.docslide.com.br](http://www.docslide.com.br)), os autores classificam as RADCOMs em outorgadas e não outorgadas, grupo este que também interessava para esta pesquisa. Foram elencadas: Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, Rádio Ipanema Comunitária, Rádio Nonoai FM, Rádio Obirici e Rádio Glória (outorgadas) e Rádio Vila Nova FM, RCB Belém Velho, Quilombo FM e A Voz do Morro (não outorgadas).

Finalizada a etapa inicial de busca de rádios comunitárias operando em Porto Alegre, obteve-se uma lista, produto do somatório das fontes utilizadas de consulta. Ela apontou 11 possíveis rádios comunitárias em atividade na capital do Rio Grande do Sul. Entre elas estão emissoras outorgadas e não outorgadas, uma vez que esta característica não era excludente para esta pesquisa: Rádio Ipanema Comunitária; Amorb FM; Rádio Obirici FM Comunitária; Rádio Glória FM Comunitária; Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro; Rádio Nonoai FM; Rádio

---

<sup>98</sup> Para mais informações acerca do site Donos da Mídia, ver APÊNDICE A – Mapeamento das rádios comunitárias.

<sup>99</sup> A busca teve os seguintes passos: ao ingressar no site, foi escolhida a opção “Veículos”. Depois “Listar veículos”. Foram preenchidos os campos *Estado Sede* (Rio Grande do Sul) e *Suporte* (Radcom).

<sup>100</sup> Foram feitas buscas com as seguintes palavras: “rádio comunitária” + “Porto Alegre”.

<sup>101</sup> Ao entrar no ambiente digital, buscou-se o link “Mapeamentos”, que apresenta um mapa com as iniciativas em todo o país. A busca foi reduzida à Porto Alegre e a rádios comunitárias. Para mais informações acerca do site *Onda Cidadã*, ver APÊNDICE A – Mapeamento das rádios comunitárias.

Comunitária Restinga FM; Rádio Vila Nova FM; RCB Belém Velho; Quilombo FM; A Voz do Morro.

Com base nos resultados deste levantamento, realizei um segundo movimento de pesquisa exploratória cujos objetivos foram: (1) Verificar a existência de site e da versão *on-line* das rádios comunitárias; (2) Realizar observação inicial, nos ambientes digitais, de espaços de possível comunicação do comunicador ouvinte com a rádio comunitária - Facebook/atividade da mesma; e de espaços de possível comunicação do comunicador ouvinte com a rádio comunitária: E-mail (E); Box de comentário no site (B); Bate-papo – Chat (BP); Telefone (Te); Twitter (Tw); e/ou WhatsApp (W).

A partir das observações realizadas, verifiquei a mesma proporção entre as rádios que têm e as que não têm um espaço virtual (*site*), isto é, 6 estavam no ambiente *on-line* e 5 não. Das que estavam presentes no espaço digital, metade ofereciam o serviço de radiodifusão comunitária por meio da internet (Rádio Ipanema Comunitária – Rádio Vila Nova FM e A Voz do Morro). Como nenhum dos critérios aqui apresentados eram excludentes, mantive o próximo passo de exploração com as 11 RADCOMs. Depois, observei nos ambientes digitais espaços de possível comunicação do comunicador ouvinte com a rádio comunitária no *Facebook – Fanpage*. Os resultados apontaram para uma quase equibrio, isto é, 5 rádios comunitárias criaram uma *Fanpage* e 6 não. Das que estavam no *Facebook*, 3 delas estavam ativas (Rádio Ipanema Comunitária, Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro e Rádio Vila Nova FM).

A segunda observação inicial nos ambientes digitais se deu na busca de espaços de possível comunicação do comunicador ouvinte com a rádio comunitária: E-mail (E); Box de comentário no site (B); Bate-papo – Chat (BP); Telefone (Te); Twitter (Tw); e/ou WhatsApp (W), meios estes que são oferecidos pela RADCOM. Do total das 11 rádios comunitárias, a investigação apontou que 4 delas não apresentavam nenhuma dessas formas de comunicação, São elas: Rádio Obirici FM Comunitária, Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, Rádio Nonoai FM, Rádio Comunitária Restinga FM e RCB Belém Velho. As demais rádios, conforme Tabela apresentada no Apêndice A, apresentavam entre um e quatro desses meios de comunicação.

Por fim, como último movimento da pesquisa exploratória, foram observados os critérios pertinentes para esta pesquisa e vinculados à compreensão teórica de comunicação comunitária e rádio comunitária particularmente em relação aos comunicadores ouvintes. Para tal, foram realizadas saídas de campo pré-agendadas com comunicadores das emissoras a partir dos contatos obtidos nas observações *on-line*. A partir dos resultados das explorações, de 11

RADCOM, 7 foram excluídas por estarem com seus serviços de radiodifusão inoperantes, apesar de presentes do ambiente *on-line*. A exclusão se deu somente nesta fase do processo exploratório, uma vez que elas não podiam ser encontradas facilmente no dial devido às restrições de alcance do sinal. Restaram, portanto, como possibilidades produtivas para esta investigação as rádios: Ipanema Comunitária; Amorb FM; Comunitária da Lomba do Pinheiro; A Voz do Morro.

Desse total, 3 rádios comunitárias foram visitadas presencialmente e, durante a visita, foram realizadas entrevistas exploratórias com um representante da emissora, isto é, um integrante da comunidade que exerce a função de comunicador gestor e que conhece os processos comunicacionais da RADCOM com seu público<sup>102</sup>. A rádio Amorb FM, apesar de diversos contatos e estar operando normalmente, não retornou à solicitação de visita. Essa negativa não representou, inicialmente, que a RADCOM fosse descartada desta pesquisa. Novos esforços de contato foram feitos ao longo de 2017, porém, sem sucesso. A partir das informações obtidas na entrevista exploratória, foi possível visualizar as rádios comunitárias que atendem à compreensão teórica dessa tese.

### **5.3.1 Entrevistas exploratórias I com comunicadores gestores**

Nesta etapa, ocorrida em maio de 2017, o procedimento metodológico para a realização da coleta de dados da pesquisa exploratória utilizado foi uma entrevista exploratória (Apêndice B). O roteiro elaborado para nortear a entrevista foi organizado em blocos de questões, a saber: histórico; organização; participação e produção de conteúdo; meios de comunicação; e questões gerais.

Com as perguntas sobre o *histórico*, busquei informações quanto à origem da RADCOM e as possíveis transformações ocorridas, já que tenho o ambiente digital como possível atravessamento dos processos de comunicação entre a rádio e seus ouvintes. Mesmo não sendo um elemento excludente, também busquei saber se o serviço de radiodifusão era outorgado ou não, inclusive para confirmar minha compreensão de que uma RADCOM não precisa ser legalizada para cumprir sua razão fim. As perguntas relacionadas à *organização* buscavam obter informações sobre a gestão da emissora, bem como sobre a questão da sustentabilidade financeira. No terceiro bloco de questões - *participação e produção de conteúdos* - elementos

---

<sup>102</sup> As formas de contato, todos ocorridos em final de abril e início de maio de 2016, foram as seguintes: Rádio Ipanema Comunitária – e-mail / contato telefônico; Rádio Amorb FM – contato telefônico / e-mail; Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro – contato telefônico / Facebook; A Voz do Morro – contato por e-mail / Facebook.

constituintes do entendo como uma rádio comunitária, as questões buscam pistas acerca de uma possível instrumentalização política e as possibilidades oferecidas ao comunicador ouvinte quanto a formas de participar. O quarto bloco de questões, denominado *meios de comunicação*, procurou aproximar o ambiente digital da realidade vivenciada pela RADCOM, além de mapear os meios de comunicação oferecidos ao comunicador ouvinte. Por fim, duas questões de caráter geral buscavam a percepção do próprio comunicador gestor quanto à razão fim da rádio comunitária.

As entrevistas com os comunicadores gestores<sup>103</sup> das três rádios comunitárias mapeadas para essa pesquisa ocorreram em dias distintos no mês de maio de 2017 e todas foram gravadas em áudio. Duas delas ocorreram nos estúdios das emissoras (Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro e A Voz do Morro). No caso da Ipanema Comunitária, o contato ocorreu no centro de Porto Alegre e a visita *in loco*, dias mais tarde. Participaram das entrevistas: Flávio Cassal (Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro); Rodrigo Rodrigues (A Voz do Morro); João Batista Santafé Aguiar (Ipanema Comunitária).

No processo de primeiro contato com as rádios comunitárias entrevistadas, consegui obter as informações necessárias para, entre outras coisas constatar, à luz das construções teóricas realizadas aqui, se as RADCOMs possuem as características que entendo que as situam como comunitárias.

Cabe aqui uma reflexão importante acerca dos papéis que os comunicadores locutores que me forneceram informações sobre os serviços de radiodifusão comunitária exercem em suas comunidades. Flávio Cassal, na época em que integrou o grupo de entrevistados, era diretor da Associação de Moradores do Serra Verde, organização responsável pela Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. Foi líder comunitário e tinha grande participação nas demandas e temas apresentados ao longo da programação da RADCOM. É morador da região e foi um dos pioneiros da construção e outorga da rádio.

Rodrigo Rodrigues, da Voz do Morro, reside na região do Morro Santana e tem na sua própria garagem, agora reformada com acesso independente do restante de sua casa, o espaço físico da emissora, de onde os programas são veiculados aos domingos. Diferente de Flávio Cassal, Rodrigo não tem ingerência sobre temáticas e demandas a serem abordadas nos programas, ficando a critério de cada comunicador locutor. Não é líder comunitário, porém, realiza trabalho de *militância comunitária*, isto é, busca diferentes formas de levar à comunidade o sentimento de pertença e grupo. Isso foi percebido na fala e também nas atividades propostas pela RADCOM e que são realizadas na região.

---

<sup>103</sup>Detalhamentos relativos ao contato com os sujeitos e outros aspectos são apresentados nos Apêndices B e C.



João Batista Santafé Aguiar, da Rádio Ipanema Comunitária, ocupa um espaço de gestão na emissora, não tendo função de líder comunitário na região. Como os programas veiculados são de responsabilidade de seus produtores, João não tem ingerência sobre o que é transmitido, nem participa na escolha dos temas. É integrante da Associação Cultural Rádio Comunitária do Bairro Ipanema, uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2002. Oriunda do movimento *SOS Ipanema* – contra a exploração imobiliária na região, a entidade recebeu a outorga em 2005 e uma eleição escolhe o diretor da rádio. Ligado ao movimento ambientalista, João assumiu a RADCOM há uma década.

Descrevo, agora, os dados obtidos, organizados a partir dos blocos de perguntas da entrevista, já detalhados anteriormente. No que tange ao *histórico*, percebi diferenças entre as trajetórias constitutivas das três RADCOMs, porém, todas têm origem em movimentos internos das comunidades, ou seja, se constituem a partir da iniciativa de associação de moradores ou grupos de moradores.

No caso da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, a Associação de Moradores do Serra Verde demonstrou interesse em constituir uma rádio comunitária em 31 de agosto de 1998. Como o entrevistado Flávio Cassal da Lomba do Pinheiro ressaltou,

[...] a autorização no Diário da União ocorreu no dia 05 de dezembro de 2001. Já o início das transmissões é do dia 1º de maio de 2002. Temos mais de 14 anos de serviço no ar. No dia 30 de julho de 2003, o Senado outorgou a licença de 10 anos. Sempre operamos na região. Agora estamos em um prédio mais alto e a antena tem mais potência porque antes o terreno era baixo.

A Voz do Morro começou sua organização no Morro Santana, mais especificamente na Vila das Laranjeiras. Conforme Rodrigo Rodrigues da Voz do Morro, “cinco amigos decidiram fazer alguma coisa pelo bairro, modificar a realidade. A gente não sabia o que fazer. Isso foi no ano 2000”. Um ano mais tarde, o grupo entra em contato com o Jornal Boca de Rua<sup>104</sup>, que os auxilia a perceber que é na área da comunicação que a mudança precisava ocorrer:

[...] aí começaram a cair várias fichas pra nós a partir do momento em que começamos a perceber que os caras (Boca de Rua) estão se organizando. Eles têm as pautas deles.

---

<sup>104</sup> Conforme a Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação, “o projeto Jornal Boca de Rua é uma publicação feita e vendida por pessoas em situação de rua, na cidade de Porto Alegre. Existe desde agosto de 2000. Textos, fotos e ilustrações são elaborados pelos sem-teto durante oficinas semanais. O dinheiro arrecadado na comercialização do veículo reverte integralmente para os 30 participantes do grupo, constituindo uma fonte alternativa de renda”. Mais informações: <http://www.alice.org.br/mais-projetos/linha-1-%E2%80%93-novos-canais-de-comunicacao/boca-de-rua/>

E a gente tem que começar a fazer isso no nosso bairro. E é na comunicação. Nessa época, período de Fórum Social Mundial, tivemos contato com o Centro de Mídia Independente, mas a plataforma do CMI era basicamente a internet e naquele período a internet não era tão difundida. E *tava* faltando alguma coisa que chegasse nas comunidades (Rodrigo Rodrigues).

A resposta para a questão sobre que meio utilizar veio com o contato com rádios comunitárias, como as dos bairros Camaquã, Ipanema e Restinga. Ao participar de programas nas RADCOMs, o grupo de moradores da Vila das Laranjeiras decidiu que deveriam implementar o serviço no Morro Santana. E o começo foi como rádio-poste, conforme relata o comunicador da Voz do Morro, Rodrigo Rodrigues, funcionando aos finais de semana. A mudança para uma nova sede ocorreu em 2005 e o primeiro transmissor utilizado foi uma doação vinda do Uruguai e ocorreu em 2006. Rodrigo Rodrigues explicou os problemas com o equipamento: “ele já veio fechado numa frequência e aqui era uma frequência já ocupada e a gente não conseguiu modificar isso. A gente fica sem transmissor até o pessoal da Restinga nos emprestar o equipamento deles que estava sem uso (a rádio havia saído do ar)”. Hoje a rádio funciona nos finais de semana das 13h à meia-noite. Em alguns domingos, a programação avança a madrugada.

Na rádio Ipanema Comunitária, a história foi marcada por uma mobilização de moradores em prol da preservação ambiental de uma área no bairro, ameaçada pela exploração imobiliária. Conforme João Batista Santafé Aguiar, “a comunidade se uniu em torno dessa causa e depois decidiu criar uma rádio. Em 2017 será a renovação de dez anos da outorga. Foi uma forma de manter a comunidade atuante e vigilante”. No caso, a Associação Cultural Rádio Comunitária do Bairro Ipanema é a entidade mantenedora da RADCOM e segue com esse propósito.

Com relação à *outorga*, Flávio Cassal, da Lomba do Pinheiro, destacou: “nossa rádio é outorgada. É um processo que demorou muito tempo, mas está tudo legalizado e prestamos conta para a Associação de Moradores do Serra Verde”. Já no caso da Voz do Morro, a outorga está nos planos da rádio comunitária. Entretanto, para Rodrigo Rodrigues, a legislação é o grande entrave:

Para a gente ter uma rádio comunitária aqui no Morro Santana não poderíamos ter outra no Rubem Berta porque a legislação diz que o sinal não pode colidir. A legislação restringe o raio de transmissão também. Imagina também se temos o mesmo sinal. Duas rádios próximas em duas comunidades vizinhas com o mesmo dial. A gente não faz isso.

Questionados com relação a *quem pertence a rádio comunitária*, os informantes das três RADCOMs entrevistados concordaram em ver na comunidade a grande proprietária do

serviço de radiodifusão, geralmente por intermédio de uma associação de moradores específica. Na Lomba do Pinheiro são 160 associados. Já na Ipanema Comunitária, cerca de 20. Somente no caso da Voz do Morro, a pergunta não teve uma associação como resposta. Para Rodrigo Rodrigues, da Voz do Morro, a RADCOM pertence “a princípio à comunidade do Morro Santana”.

Quanto aos comunicadores ouvintes, os sujeitos entrevistados indicaram conhecer quem escuta a programação. Na Lomba do Pinheiro, Flávio Cassal destaca que “a rádio é ouvida basicamente por donas de casa e moradores locais da Lomba do Pinheiro e da região pelo alcance da antena. Não brigamos por sinal aqui”. Na Voz do Morro, a área de cobertura atinge outros bairros.

A gente pega o Morro Santana, parte da Mário Quintana, chega inclusive no bairro Rubem Berta. Boa parte do Sarandi. A gente também não quer abranger um território tão vasto que não consiga chegar nas pessoas. A gente quer chegar na nossa região aqui. A gente tem vários ouvintes. Pela web, muito jovem entre 20 e 30 anos. E aqui a gente fez as transmissões na rua, aí vem todo mundo. A gente bota na rua. É uma forma de mostrar que a rádio não é um espaço fechado. Por conta das atividades na praça tem bastante jovem e criança (Rodrigo Rodrigues).

Para João Batista, da Ipanema Comunitária, em sinal aberto não é possível saber de onde vem o comunicador ouvinte. Porém, ele reconhece que “nós temos desde o grande empresário até o morador da Cohab”. Tem de tudo. Temos uma programação musical mais voltada à classe A e B. Mas temos um pessoal da Cohab que tem um programa na rádio já há alguns anos.

Nesse primeiro bloco de questões exploradas, percebe-se que as três RADCOM tiveram diferentes formas de origem, porém caracterizam-se por constituir-se como movimento comunitário de radiodifusão. Em outras palavras, a partir do que se apresentou no campo teórico, as três rádios se alinham à compreensão desenvolvida de que a rádio comunitária tem como constitutivo elementar sua construção e desenvolvimento em torno de um grupo, que pode ou não dividir um mesmo espaço geográfico, mas que necessariamente divide um sentimento de pertença e/ou de identificação -uma coletividade constituída em torno de um elemento agregador com a qual se identificam.

No caso da Ipanema Comunitária, apesar de não se alinhar exatamente ao que alguns autores concebem como um serviço de radiodifusão comunitário, aquele constituído por grupos minoritários ou em vulnerabilidade social, concebo que também apresenta um caráter comunitário, uma vez que o que uniu os moradores inicialmente e os levou a constituir um meio de comunicação comunitária foi uma causa comum: a preservação de uma área ambiental e a luta contra a exploração imobiliária. Já com relação à Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro

e A Voz do Morro, tem-se exemplos mais próximos ao que os autores trabalhados apresentam: rádios vinculadas a grupos subalternos e marginalizados, isto é, segmentos da sociedade que se sentem excluídos.

Também a partir das respostas obtidas neste primeiro bloco de perguntas, visualizei as RADCOMs, conforme o relato de seus comunicadores, como integrantes do que considero comunicação comunitária: um processo que, independente do meio utilizado, assegure a qualquer integrante da comunidade a possibilidade de participação. Uma comunicação oriunda da mobilização da comunidade e que respeita as diferenças, produz conteúdos que buscam desenvolver a comunidade nas suas diversas dimensões constitutivas. Mesmo com públicos distintos, as rádios da Lomba do Pinheiro, Voz do Morro e Ipanema Comunitária são espaços comunicativos que abertos à participação. Durante as três entrevistas, os comunicadores gestores deixaram claro a política de abertura da RADCOM, mencionando que tanto o microfone, como a porta estão abertos para a comunidade.

Quanto à participação propriamente dita observei, nessa primeira incursão a campo, que nas rádios cujos ouvintes têm menor poder aquisitivo e vivem em regiões menos favorecidas, a participação era mais ativa, mais atuante, como nos casos da Voz do Morro e da Lomba do Pinheiro. Na Ipanema Comunitária existia participação, conforme indica João Batista, porém mais tímida. Um dos fatores ligados a isso pode estar no fato de que alguns programas eram gravados e depois transmitidos, impossibilitando a participação em tempo real, isto é, ao vivo.

Outro motivo ligado a esta questão pode ter relação com a presença no ambiente digital. Das três rádios visitadas, a mais atuante na internet era a Voz do Morro e, curiosamente, era a que menos estrutura física oferecia, com um espaço pequeno e que, segundo Rodrigo Rodrigues, ainda precisava de melhorias. De qualquer forma, para se chegar à compreensão dos reais motivos que levam o público a participar, na etapa sistemática da pesquisa foi necessário escutar os comunicadores ouvintes. A mesma rádio comunitária anteriormente referida também é um exemplo importante para essa pesquisa, uma vez que entendo como um dos constitutivos fundamentais de uma RADCOM, um meio de comunicação com ou sem concessão, autorização ou permissão; e a Voz do Morro seguia sem outorga, porém realizando uma comunicação que visualizo ter caráter comunitário.

Em relação ao segundo bloco de questões relativo à *organização e gestão* da rádio comunitária, as informações obtidas com os três comunicadores entrevistados apontavam para diferenças significativas quanto à mobilização dos moradores na organização das funções, bem como em relação ao número de sujeitos envolvidos na gestão. Na Rádio Comunitária da Lomba

do Pinheiro, eram 14 comunicadores. Na Voz do Morro, cinco e na Ipanema Comunitária, três. Todos são oriundos da região. As RADCOMs contavam com uma figura que administra a emissora, podendo ser um coordenador – diretor – ou responsável. O comunicador da Voz do Morro foi claro ao caracterizar a forma de gestão:

Na parte do funcionamento a gente sempre procurou horizontalizar mesmo. Por isso, que a gente fala – democratização de fato. A gente não pode funcionar uma rádio comunitária com a mesma estrutura que tem uma rádio comercial. Então isso bem lá atrás quando a gente fundou o grupo com dez moradores, a gente faz uma formação nossa. Um trabalhava com o DJ, outro com rádio amador. Então a gente pega e junta tudo isso e dá uma nivelada. O mesmo cara que faz a locução também mexe na mesa, tem que saber editar programa, editar um áudio. Tem que saber sair na rua e gravar um material e ter seu programa (Rodrigo Rodrigues).

Na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, o comunicador Flávio Cassal administrava a rádio comunitária e prestava contas à associação de moradores, inclusive com a postagem em um mural dos gastos e das receitas advindos dos apoios culturais. O comunicador gestor ressaltou que os 14 comunicadores eram livres para desenvolver a linha dos programas, porém ressaltou que tinha “uma conversa com eles para alinhar” com o que esperava que fossem os objetivos do que era veiculado. Ele também sugeria programação, porém, os apresentadores tinham a liberdade de declinarem das sugestões e conduzirem seus programas como acreditam que devem ser colocados no ar. Na Ipanema Comunitária, João Batista trabalhava com outras duas pessoas responsáveis pela manutenção da rádio no ar e pelo monitoramento dos meios de comunicação digitais oferecidos ao público e possíveis *feedbacks* aos ouvintes. Qualquer decisão com relação à rádio precisava passar pelo conselho da associação e ser votada.

Outro aspecto dentro da rubrica organização é a *sustentabilidade financeira*. As rádios comunitárias se mantinham no ar por meio dos apoios culturais, como explicou Flávio Cassal: “Nós vivemos dos apoios que recebemos. Cada apoio custa R\$100,00. Estamos agora pagando uma multa de mais de R\$2.000,00 de um apoio que lemos no ar em 2012 e que a gente dava as parcelas e forma de pagamento, o que não pode”.

A Voz do Morro, focada no ambiente digital, buscou arrecadar fundos para a finalização da nova sede por meio de *crowdfunding*,<sup>105</sup> já que nunca trabalhou com dinheiro, apenas com trocas com o comércio local. Na Ipanema Comunitária, os apoios culturais eram poucos. Segundo João Batista, “a rádio se mantém com os apoios culturais, que são cinco. Nós publicamos no site os gastos. É uma forma de transparência. Não temos tempo de prospectar novos apoios”.

---

<sup>105</sup>*Crowdfunding* é uma forma de mobilização onde as pessoas doam pequenas quantias de dinheiro a fim de dar vida a uma ideia ou projeto.

Percebo, a partir das informações dadas pelos comunicadores entrevistados, que as rádios tinham ciência da importância da mobilização local para a própria subsistência do serviço de radiodifusão e que todas, em certo grau, enfrentavam problemas de participação comunitária na gestão, como visualizaremos melhor a partir dos próximos dados.

Em relação à *participação e produção de conteúdo*, em primeiro lugar, os entrevistados indicaram que a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro e a Ipanema Comunitária não possuíam uma linha editorial. Na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, segundo Flávio Cassal, “qualquer um pode entrar e usar o microfone. Qualquer partido. Qualquer religião. Ouvimos todos”. Na Ipanema Comunitária a situação era semelhante, “é completamente aberta a propostas, mas infelizmente não vem muita proposta” (João Batista). No caso da Voz do Morro,

A gente tem uma linha editorial de esquerda. Basicamente apoia a cultura local, procura focar nos artistas da comunidade ou de Porto Alegre, mas independente que não tem espaço na mídia tradicional. Nós fazemos apoio aos movimentos sociais. A gente é contra a criminalização dos movimentos sociais. Não toleramos material de cunho machista, sexista, homofóbico – intolerância. Isso não veicularia nunca na Voz do Morro. A gente criou essa linha editorial junto. Então o pessoal que entra depois a gente faz uma conversa. Podemos ter diferentes religiões na programação. O que não pode acontecer é eles começarem a se atacar. Aí teríamos um problema (Rodrigo Rodrigues).

Na participação e produção especificamente, os entrevistados indicaram que as RADCOMs se mostram abertas à ação da comunidade. Todas ressaltaram que o comunicador tem papel importante no que é veiculado, pois a ele é dada liberdade de escolha de temas, programas, opiniões etc. Entretanto, a forma de participação variava de emissora para emissora. E aqui cabe uma importante constatação preliminar: o comunicador é o responsável pela introdução ou não de novas possibilidades de comunicação com o ouvinte, isto é, o incentivo à exploração de outros canais comunicacionais parte do sujeito que constrói a informação na RADCOM.

Essa observação também é válida ao refletirmos sobre o fato de essa responsabilidade quanto aos meios escolhidos para estabelecer a comunicação com o ouvinte não estender-se, de certa forma, ao que é veiculado como informação, isto é, o comunicador gestor ter ingerência no conteúdo, o que não configuraria uma produção da comunidade propriamente dita.

Como já mencionado, na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, Flávio Cassal afirmou que conversava com seus comunicadores acerca do que “gostaria” de ver veiculado nos programas, inclusive no que diz respeito ao estilo musical, pois acreditava haver faixas de horários específicas para certos estilos, já que “conhece seu público”. Na Voz do Morro,

Rodrigo Rodrigues foi claro ao afirmar que o conteúdo é de responsabilidade do comunicador, tendo apenas, que haver respeito entre as diferenças de opinião e conteúdo. Da mesma forma como Rodrigo Rodrigues, pensa João Batista, da Ipanema Comunitária: pluralidade de conteúdos e respeito.

Em relação aos *meios através dos quais se realiza a comunicação com os ouvintes*, na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, a realidade analógica se fazia muito presente em toda a programação. O diretor da emissora, Flávio Cassal, faz questão de destacar que os meios de comunicação são os tradicionais e que não há interesse, da parte dele, de migrar ou oferecer outras opções no ambiente digital.

[...] o ouvinte da Lomba do Pinheiro participa muito por telefone ou vem aqui na rádio. As ligações são sempre anotadas e tabeladas a partir do que eles pedem: música, recado, denúncia. Assim, podemos ter uma ideia de quantos telefonemas temos por programa e por ano.

Já na Voz do Morro, eram várias as formas de participação digital, porém, Rodrigo Rodrigues ressaltou que “a gente tem também o encontro com o morador na rua, quando o pessoal fala contigo e essas atividades quando a gente leva a rádio para a rua”. Na Ipanema Comunitária, segundo as informações prestadas por João Batista, a situação era semelhante: opções digitais de comunicação, bem como a possibilidade de visita do ouvinte no estúdio.

Sobre a *forma com que as RADCOM instigam seus ouvintes a participar*, as três informaram que durante a programação faziam convites à comunidade. Rodrigo Rodrigues da Voz do Morro enfatizou que realizava trabalho paralelo em escolas para motivar a participação, além de oficinas de capacitação para futuros comunicadores locutores. Percebo um movimento não antes aventado por mim nessa pesquisa e que surgiu após a entrevista na Ipanema Comunitária: o interesse do próprio ouvinte em participar. Conforme João Batista, “só não há mais participação porque o ouvinte não tem interesse”.

Outra consideração relevante diz respeito aos meios de comunicação oferecidos. Na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, o ouvinte participava em uma realidade totalmente analógica, principalmente por meio do telefone. Durante visita à RADCOM, pude observar inúmeras vezes o telefone tocar apenas uma vez, o comunicador identificar a origem da chamada pelo sistema de identificador de chamada e entrar no ar mandando um abraço ao ouvinte. Questionado por mim sobre como ele conseguia identificar de quem era a ligação, Flávio Cassal respondeu: “eu não preciso atender o telefone para saber quem liga, geralmente já reconheço o número, anoto o nome e quando entro no ar, mando um abraço dizendo que o morador está ligado na rádio”. Na Voz do Morro, o digital tinha mais força. Um dos motivos é

o custo que existe em manter uma linha telefônica e as possibilidades de comunicação gratuita que o ambiente digital oferece.

O quarto bloco de questões buscou conhecer os *meios de comunicação oferecidos pelas RADCOM ao seu público*, além de confirmar os dados coletados na primeira parte do movimento exploratório, que objetivou elencar as opções disponíveis. Nesse item, pude respaldar a constatação que indiquei anteriormente quanto à influência do comunicador no que é disponibilizado de meios de comunicação ao ouvinte. Na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, a questão foi respondida por Flávio Cassal da seguinte forma: “Não temos nada digital. Um comunicador ou outro traz um computador e coloca a rádio na internet, mas não quero que o ECAD cobre mais do que podemos pagar. Não temos nada de celular. Vou fazer um curso agora que vai me ensinar a mexer nisso”.

Uma realidade diferente foi constatada na Voz do Morro e na Ipanema Comunitária. Como relatou Rodrigo Rodrigues da Voz do Morro, “o caminho do comunitário é o digital porque facilita. Por exemplo, nós não tínhamos condição de pagar por um telefone, mas tinha condições de instalar um aplicativo no celular e o pessoal ligava pra cá e nós pagávamos como um pré-pago”. João Batista, da Ipanema Comunitária, também expressou consciência das possibilidades do digital, entretanto, com certa ressalva:

Certamente o objetivo da associação é trabalhar a comunicação na comunidade. Como é um grupo composto por profissionais formados, a possibilidade de ampliar a comunicação para o digital é pauta porque na prática ela foge dos esquemas de controle público. O problema é manutenção. Há uma disposição da Associação de que a comunidade acesse os meios digitais para participar. Eles podem usar um telefone para gravar um convite e vamos colocar no ar. Mas infelizmente o pessoal não tem facilidade em utilizar essas ferramentas. Fizemos coberturas de eventos usando a Internet, via Skype. Nós temos interesse. Temos ouvintes com perfeitas condições de interagir com a rádio. Mas se a rádio não se faz conhecer, eles não participam.

O que pôde ser constatado após as três entrevistas, no que se refere à presença do digital no contexto das rádios comunitárias, é que existia um papel forte dos comunicadores gestores no processo de adesão ou não à plataforma digital e também dos próprios comunicadores locutores, responsáveis pelos programas que vão ao ar. Como já mencionado, para Flávio Cassal, o comunicador ouvinte da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro afirmou não necessitar de meios de comunicação digitais para se comunicar com a emissora<sup>106</sup>. Ele ressaltou, entretanto, que fará em breve um curso de capacitação para poder lidar nesse espaço,

---

<sup>106</sup> Com a troca de direção da rádio, essa premissa cai por terra, uma vez que existe, desde fim de 2017, uma aposta forte na comunicação digital, sendo concretizada pela troca de equipamentos, transmissor e inserção do WhatsApp como meio de comunicação com os comunicadores ouvintes. Aprofundamento desse tema será feito adiante.



inexplorado ainda por ele. Durante a entrevista, Flávio Cassal se mostrou um pouco incomodado com o ambiente digital porque, segundo ele, mais custos seriam adicionados ao já curto orçamento da rádio, como ECAD. Na Voz do Morro, o digital não estava presente de forma mais intensa por falta de equipe, já que Rodrigo Rodrigues afirmou crer ser esse o futuro, uma vez que as restrições oriundas do arcabouço legal impediam um exercício mais abrangente de comunicação comunitária. Por outro lado, na Ipanema Comunitária, o digital estava presente, porém com pouco uso por parte dos ouvintes, que, de acordo com João Batista, poderia ser motivado pela faixa etária do público – que teria pouca competência para uso e apropriação do digital – e/ou também porque a própria rádio “não se faz conhecer”.

Como último bloco de perguntas, as *questões gerais* buscaram informações de como a própria rádio comunitária, na visão de seus comunicadores, se percebia enquanto meio de comunicação. Os três comunicadores sinalizaram entender suas rádios como comunitárias e como emissoras que desenvolviam a cidadania. Para Flávio Cassal, da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, “a rádio é comunitária porque aqui o portão, a porta e o microfone são escancarados. Qualquer um pode vir aqui e usar o microfone”. No caso da Voz do Morro, Rodrigo Rodrigues manifestou entender que ser comunitário tem um caráter de mobilização em prol da comunidade. Ele explicou que o foco é “tentar ser uma ferramenta de transformação aqui na comunidade”. Já para João Batista Santafé Aguiar, da Ipanema Comunitária, a RADOXM “é comunitária porque é controlada pela comunidade, por uma associação de moradores. É uma vida bastante democrática. A programação reflete esse desejo de que ela se torne cada vez mais comunitária porque quem faz os programas são pessoas da comunidade”.

É possível perceber que os entrevistados de cada uma das emissoras buscaram certos elementos para alicerçar sua percepção de comunitário: a participação e produção locais (Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro e Ipanema Comunitária) e a mudança de realidade (Voz do Morro), percepções que também integram a compreensão que desenvolvem de comunitário.

Da mesma forma, os comunicadores das três rádios comunitárias demonstraram conceber que suas rádios estão desenvolvendo cidadania, cada uma de uma forma diferente, quer seja por meio de educação não-formal (Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro), oferecendo ao comunicador a possibilidade de estar falando em FM para outras pessoas (Voz do Morro) ou por promover um discurso de mobilização e de antipassividade (Ipanema Comunitária). Essa era a percepção dos comunicadores gestores das três RADOXM visitadas. Cabe, entretanto, ressaltar que existem situações que podem ser configuradas como constitutivas de cidadania comunicativa e que não são percebidas por eles e traduzidas nas suas respostas. A impressão é que todos os respondentes se preocuparam em elencar algo tangível,

mensurável para confirmar que eles desenvolvem a cidadania. Observo que, à luz dos autores estudados, as possibilidades de constituir comunicação fora do sistema hegemônico de meios, de igualdade nas relações comunicacionais e, conforme Peruzzo (2008), o simples ato de poder participar, são também elementos que constituem cidadania comunicativa; nas três RADCOM – Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, Ipanema Comunitária e Voz do Morro, em maior ou menor grau, os processos comunicativos desenvolvidos incluem estes aspectos.

Durante as três saídas de campo realizadas antes da qualificação da pesquisa, os comunicadores gestores indicaram positivamente a possibilidade de engajamento da comunidade.

### 5.3.2 *Entrevistas exploratórias II com comunicadores gestores*

O objetivo desse movimento foi o de colher informações para traçar um cenário da rádio comunitária no que tange à relação entre programação e participação do ouvinte – perspectivando o comunicador locutor. Essa segunda entrevista com os comunicadores gestores me forneceu, então, um panorama para a confecção da amostra de comunicadores locutores que integrou a pesquisa. Além disso, ao término do encontro foi elencado, pelo comunicador gestor, um pequeno grupo de comunicadores ouvintes a partir do perfil que foi traçado pelo comunicador gestor.

O roteiro elaborado para nortear a entrevista (Apêndice C) buscou mapear o número de comunicadores locutores, a quantidade de programas veiculados, as possibilidades e as formas de participação do público, os comunicadores locutores que se destacam no fomento à participação, e o perfil do comunicador ouvinte.

Com a pergunta sobre o *número de comunicadores locutores*, busquei informações quanto ao universo de voluntários da RADCOM que apresentam um ou mais programas, isto é, estão presentes na grade de programação da emissora comunitária. A questão seguinte pedia para ser montada a grade de programação, estabelecendo a relação comunicador locutor e programa. Uma vez traçada, em linhas gerais, a *quantidade de programas veiculados*, foi questionado ao comunicador gestor, quantos desses programas abriam espaço para a participação do ouvinte. Esse questionamento se desdobrava em outros três, a fim de extrair das respostas as *possibilidades e as formas de participação do público*.

As perguntas relacionadas aos *comunicadores locutores que se destacam no fomento à participação* buscavam obter informações sobre aqueles que poderiam, então, integrar a primeira fase das entrevistas exploratórias com os comunicadores locutores. Ficou acertado que eu receberia os contatos de, pelo menos, metade dos possíveis entrevistados para que, dentro

da lógica, de respeito às especificidades e características de cada um, pudesse montar uma amostra plural que representasse uma diversidade de vozes e modalidades de participação. As perguntas me permitiram ter uma ideia dos comunicadores locutores e suas forças de participação para que fosse possível observar diferentes formas como esta participação estaria acontecendo nas rádios comunitárias, o que cada um fazia na forma de participação. O que me interessava era considerar distintas maneiras como se realizava a participação, para não deixar nenhuma modalidade fora da abordagem.

O último conjunto de questões teve como foco o *perfil do comunicador ouvinte*. Foram feitas perguntas que, da mesma forma como apresentado anteriormente, pudesse oferecer um espectro o mais abrangente possível daqueles que seriam selecionados para a fase exploratória de entrevistas.

Os encontros com os comunicadores gestores das três rádios comunitárias mapeadas para essa pesquisa ocorreram em dias distintos três meses depois da primeira fase, isto é, nos meses de agosto de 2017 – dia 21 na sede da Voz do Morro no Morro Santana pela manhã e à tarde no centro de Porto Alegre com a Rádio Ipanema Comunitária – e no dia 21 de setembro de 2017 na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, no bairro Lomba do Pinheiro. No caso específico dessa emissora, um novo comunicador gestor assumiu a RADCOM. Paulo Silva foi líder comunitário, tendo atuado na região da Lomba do Pinheiro. Também exerceu a função de patrão do CTG local e foi comunicador de outra rádio comunitária em Viamão. Apesar de os programas serem independentes, tem certa ingerência nas temáticas e demandas a serem abordadas. Paulo tem um cuidado especial com a forma como a informação vai ao ar, cobrando de seus comunicadores locutores postura e atenção.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio. Duas delas ocorreram nos estúdios das emissoras (Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro e A Voz do Morro). No caso da Ipanema Comunitária, o contato ocorreu no centro de Porto Alegre. Participaram das entrevistas: Paulo Silva (Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro); Rodrigo Rodrigues (A Voz do Morro); João Batista Santafé Aguiar (Ipanema Comunitária)

A partir do segundo encontro com os comunicadores gestores das três rádios comunitárias, consegui ampliar as percepções acerca de processos, estrutura, possibilidades de participação e relação com o comunicador ouvinte. Todas as perguntas foram facilmente compreendidas pelos entrevistados, sendo que não houve a necessidade de explicações mais claras a respeito de que resposta se pretendia com as mesmas.

Com relação ao ambiente em que as entrevistas foram feitas, no caso da Voz do Morro, fui até a sede da rádio, instalada no Morro Santana, onde encontrei o comunicador Rodrigo

Rodrigues pela manhã. Como a programação só vai ao ar aos domingos e a entrevista aconteceu numa segunda-feira, não pude observar, nessa saída de campo, a rádio em funcionamento. Os três meses que separaram as duas incursões exploratórias foram importantes porque me deram a impressão de um espaço físico mais organizado, centrado ao redor de uma mesa de madeira, onde é colocado o computador que faz a transmissão no ambiente digital e os microfones que são utilizados pelos comunicadores locutores, convidados e, quando presentes, os comunicadores ouvintes.

Ao meio-dia do mesmo dia, encontrei o comunicador gestor da Rádio Ipanema Comunitária em um restaurante do centro da capital. Pessoalmente, esperava o encontro na sede da RADCOM e o ambiente estéril de um espaço com alta circulação de pessoas me impediu de estar *in loco*, observando as instalações da rádio mais uma vez. Conforme João Batista Santafé Aguiar, a programação da rádio perdeu o pouco que tinha de ao vivo devido a vários fatores, como tempo dos comunicadores locutores, segurança da região e falta de operador de mesa (técnico). Ressaltou, durante entrevista, que “toda programação é gravada”. Desconhecia o número total de comunicadores locutores que integram a grade, me solicitando prazo para que obtivesse a informação precisa e correta.

Ao ser perguntado sobre quantos comunicadores que tem programa abrem espaço para a participação do ouvinte, o comunicador gestor respondeu: “Não tenho essa informação. Estou mais no lado da gestão e não da programação. Não temos noticiário todo dia. Não temos programação ao vivo”. Quanto aos ouvintes da rádio comunitária, João ressaltou que traçar um perfil é um exercício complexo, algo “só de ouvir dizer”, em suas palavras. Observou que não é possível determinar uma faixa etária e outras informações que caracterizariam o ouvinte. “Não temos programas que façam a troca com o ouvinte. Dessa forma, não sabemos quem é ele”, destacou em entrevista. “O que temos são comentários de pessoas que dizem escutar a Ipanema Comunitária. Isso é normal, mas qualificar isso é complicado. Para isso tem que ter uma rádio funcionando com o microfone aberto para as pessoas participarem”, lembrou. O comunicador gestor da Rádio Ipanema Comunitária complementou:

Nós tivemos um problema com o operador que queria ser pago e ficamos sem programação ao vivo. Outro problema é que não vou pedir para alguém ir ao estúdio de noite na avenida Juca Batista. Temos um operador eventual. Se as pessoas querem pagar para ele, ele faz a operação. É uma negociação entre ele e o comunicador.

Dessa forma, não foi possível montar uma amostra de possíveis comunicadores locutores, nem de comunicadores ouvintes, pois já existia a certeza ao término da entrevista de que nenhum dos programas fomentava a participação, pois eram gravados e transmitidos da

residência do comunicador gestor, sem haver a presença de nenhuma pessoa na sede da emissora comunitária ao longo do dia. O que também pôde ser percebido após as entrevistas com o comunicador gestor da rádio Ipanema Comunitária é o desejo e a luta pela manutenção do sinal, mesmo com todos os entraves, que não são de caráter burocrático e sim técnico-operacional. Para que não percam a outorga ou sejam multados por não cumprimento de alguma cláusula, a rádio veicula programação musical e programas gravados para ocupar o espaço de transmissão. Esses foram os motivos que me levaram a excluir esta RADCOM dos casos a serem aprofundados na fase sistemática da pesquisa.

Sobre a entrevista realizada na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, o encontro com Paulo Silva ocorreu dentro do estúdio - um espaço, já visitado e que não sofreu mudanças desde a última visita, sem as características tradicionais de estúdio como isolamento acústico, mesa de áudio etc. A entrevista foi realizada concomitantemente com a programação. Pausas foram feitas para que as ligações recebidas pudessem ser atendidas e anotadas pelo apresentador em uma planilha.

Notei que os comunicadores locutores tratam os comunicadores ouvintes pelo primeiro nome - o que aponta para a percepção de que se conhecem pessoalmente e se reconhecem entre si. Alguns ouvintes eram tão assíduos nos processos participativos que já são reconhecidos pelo comunicador locutor somente pelo registro do número do telefone no sistema de identificação de chamada (BINA). Percebi, também, que há ligações em que o comunicador locutor atente, o comunicador ouvinte dizia apenas “tô ligado” e era o suficiente para se reconhecer quem fala.

Antes da troca de direção, o antigo comunicador gestor, Flávio Cassal, alimentava a programação com informações do jornal Diário Gaúcho do dia, padecendo da característica de *notícia velha*, a que geralmente se atribui ao jornal impresso. Hoje, o novo diretor, Paulo Silva, traz um computador pessoal de casa e ali busca as notícias em tempo real para alimentar a programação. Além disso, já instalou outras duas máquinas para uso dos comunicadores locutores. Percebi, então, uma mudança importante e significativa entre o analógico e o digital. Com a exclusão da Rádio Ipanema Comunitária, fiquei com dois comunicadores gestores e as respostas deles serão apresentadas e discutidas a seguir.

No que tange ao *número de comunicadores locutores*, percebi semelhanças quantitativas entre as duas RADCOM, porém, com especificidades claras, uma vez que na Voz do Morro, poderia haver até dois comunicadores locutores por programa, o que não acontecia na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. Outro ponto divergente foi o fato de o total de apresentadores ser distribuído, na Voz do Morro, em um único dia: domingo. Já na Lomba, eram programas das 7h às 22h de segunda a segunda. Assim, na média foram dez os

comunicadores locutores elencados pelos comunicadores gestores. “Grupo fixo são 10 pessoas”, explicou Rodrigo Rodrigues da Voz do Morro. Na Lomba, eram oito.

Sobre o *registro dos programas*, por ser outorgada, a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro necessitava gravar os programas e mantê-los armazenados pelo prazo de 30 dias depois de transmitidos, o que ocorria com um gravador digital inserido em um computador dentro do estúdio. “Tem registro dos programas também (mostra um gravador digital). Até 30 dias a gente guarda, mas não disponibiliza. Mas toda rádio tem que ter. A ANATEL pode pedir. É prova da rádio estar funcionando” (Paulo Silva). Voz do Morro, o processo era diferente e tinha como depósito, o espaço digital. “Existe registro, mas não de todos os programas. Programas com registro regular é o História em Pauta, Educação em Debate, Voz Literária e alguns pilotos da Voz do Morro que está começando. Tenho registros. Esses programas ficam disponíveis no MixCloud da rádio. A gente grava a programação e sobe durante a semana”.

Com respeito à *quantidade de programas veiculados*, a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro oferecia nove programas e a Voz do Morro, sete<sup>107</sup>. Sobre as *possibilidades e formas de participação do público*, na Lomba eram oferecidos, além da visita presencial à rádio, o telefone, mensagens via Fanpage e, desde fim de 2017, um número de WhatsApp. Paulo Silva explicou que “pode participar no ar se o ouvinte quiser falar no ar ou se quiser mandar mensagem. Alguns vem aqui na rádio. É muito pedido de cadeira de roda. O principal é o telefone. Mas as portas estão abertas. Eu faço dela uma rádio comunitária. É da comunidade”. Questionado sobre a possibilidade de a rádio ir pro ambiente digital, ele respondeu:

Acho importante. Acho forte. Só que a gente vai ter que preparar o pessoal. Tem muita gente que não sabe ligar um computador. Eu ensino, mas as pessoas não têm vontade de aprender porque estão com idade acima dos 50 anos. É um problema que estamos enfrentando, mas eu vou derrubar isso. O público se adapta. O problema é o pessoal que trabalha com a gente. Não querem aprender. Então não dá pra trazer um profissional assim pra cá. Eles não querem nem enxergar um computador na frente deles.

Na percepção de Paulo, o comunicador ouvinte teria um período de adaptação mais curto do que se comparado ao de alguns comunicadores locutores, que, conforme explicou, enfrentam obstáculos mais significativos nesse processo de oferta de meios de comunicação digitais para o contato com o público.

Na Voz do Morro, o comunicador ouvinte podia participar indo à emissora ou no ambiente digital. Conforme Rodrigo Rodrigues, “a maior parte da interação se dá on-line. O

---

<sup>107</sup>Os quadros explicativos dos programas, horários e seus respectivos apresentadores foram apresentados nos itens 3.5.1 e 3.5.2.

peçoal acompanha pelo Facebook, no WhatsApp do comunicador. Estamos tentando ter para a rádio. Eventualmente acontece de o pessoal vir aqui, bater, sentar e participar. A gente dá um *break* na programação normal e o ouvinte vem. E botamos no ar.”

Ao serem questionados sobre os *comunicadores locutores que se destacam no fomento à participação*, ambos conseguiram com facilidade elencar nomes e meios de comunicação utilizados para esse fim. Essa clareza foi importante para um movimento que ocorreria no término da entrevista, que era o de receber uma lista com os nomes dos comunicadores locutores e contatos telefônicos e/ou digitais para a fase de entrevista exploratória com os mesmos. Paulo Silva, da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro fez uma comparação do antes e do depois na rádio: “Antes tinha uma orientação que não era a mesma minha. Eu prefiro botar o ouvinte no ar porque lá do outro lado tem alguém ouvindo e tem autoridades. Já resolvi muitos casos assim nos meus programas. Quem abre espaço sou eu, a Rosa, o Edson, o Rocha”. Sobre o que concentrava a maior parte da participação, destacou: “O da Rosa. Depois o meu. Mas não chega ao número do dela. Ali o ouvinte liga e pede música. É raro o que vai pro ar. No meu horário, ele quer ir pro ar. Se ela gasta 30 segundos por ouvinte eu gasto 3 minutos. Uns trazem notícias de fora, quando tem acidente, ou então reclamam da rua, da luz”.

Já Rodrigo Rodrigues informou que “praticamente e atualmente todos, cada um a seu modo”, o que deixou implícito que as competências pessoais dos apresentadores podem ter uma relação direta com os meios que são oferecidos de participação. Ele deu destaque aos comunicadores do História em Pauta, outro indicativo importante para a seleção dos comunicadores locutores.

Quanto ao *perfil do comunicador ouvinte*, o comunicador gestor da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro conseguiu traça-lo sem dificuldade. Conforme Paulo Silva,

O ouvinte da rádio tem acima de 40 anos de idade. Raramente mais novo. Até acho pelo tipo de música que o Flávio colocava e condicionava todo mundo a botar Jovem Guarda e música gaúcha. Eu também rodo esse tipo de música, mas eu pretendo botar um outro tipo de música. Variar. [...]Mais mulher. Mais público feminino. E assim, 80% é mulher. Dona de casa. Tá em casa e 20% que ligam pra gente são homens.

A informação foi fundamental para começar a estabelecer as características do universo de comunicadores ouvintes da RADCOM: maioria do gênero feminino, a partir dos 40 anos de idade. Como a importância de diversificar ao máximo a amostra, solicitei ao comunicador gestor – responsável pela seleção dos nomes – que abrangesse a diferença de gênero e idades que correspondessem ao que foi informado na entrevista no momento de organizar a lista de nomes. Quanto às formas de participação, lembrou que

[...] nosso tipo de ouvinte é mais complicado. Estão acostumados com nosso jeito de trabalho. Eles têm que se adaptar. Atualmente ele só pode ouvir pelo 89.7 FM, mas vamos colocar em seguida na internet. Acho importante porque a gente chega longe. Eu trabalhava em outra rádio que tinha ouvinte até no Japão. O WhatsApp também é bom. Mas o ouvinte quase não entra no WhatsApp. Entre analógico e digital, o ouvinte é mais analógico.

Cabe aqui uma curta referência ao relato feito na segunda entrevista exploratória com o comunicador gestor da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, ocorrida em setembro de 2017: em menos de 40 dias a RADCOM ofereceu sua transmissão no ambiente digital e um número de WhatsApp para que os comunicadores ouvintes pudessem se comunicar com a rádio. Logo, o que foi prometido na entrevista, foi cumprido.

No caso da Voz do Morro, uma rádio comunitária inserida no contexto digital desde sua criação, a definição do perfil do público ouvinte foi mais complexa, nas palavras do comunicador gestor Rodrigo Rodrigues. Segundo ele,

[...] é bem diverso. Varia de acordo com a programação. DJ Chakal pega a juventude. Usa as ferramentas que a gurizada usa bastante. Já o História em Pauta e o Educação em Debate já tem o perfil mais voltado para o tema da educação. Depois tem os moradores que escutam. O Voz Literária tem bastante retorno fora porque a Marcela é escritora. Tem os contatos dela [...] Público é entre 18 e 40 anos, sem indicação de escolaridade ou nível socioeconômico.

No caso da Voz do Morro, ao questionado sobre quem é o público ouvinte, Rodrigo Rodrigues explicou a complexidade da resposta, uma vez que o ambiente digital permite que ele esteja além dos limites territoriais da RADCOM. Pensar em nomes de comunicadores ouvintes na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro foi um processo de menos de 10 minutos. Já, na Voz do Morro, custou mais de semanas para que eu recebesse uma lista com, pelo menos, cinco nomes. Percebi um conjunto de variáveis indefinidas no caso da referida emissora, que possa ter levado à demora da escolha dos entrevistados.

No caso dos comunicadores locutores, a listagem se deu após a entrevista realizada no dia 21 de setembro de 2017 na Lomba do Pinheiro e buscou abranger as diferentes formas de participação do comunicador ouvinte, a saber: presencial, via telefone e/ou (de forma recente) via WhatsApp. A confecção da amostra teve o auxílio do comunicador gestor Paulo Silva. Foram indicados cinco comunicadores locutores (com seus respectivos telefones celulares e/ou fixos):- Edson da Rosa Rodrigues; Itamar Silveira dos Santos; Gastão Moreira da Rocha; Rosa Maria Nunes da Silva; Getúlio Silva.

A mesma lógica de escolha – oferta de meios de comunicação para o público – foi levada em consideração na Voz do Morro. Assim, Rodrigo Rodrigues informou o nome de sete comunicadores locutores via Facebook (Messenger) duas semanas após a entrevista. Foram



indicados (com seus respectivos telefones celulares e/ou endereços de perfis no Facebook): Luciana Ferreira Soares; Marcela Passos Gonçalves (Mai); Rafael da Silva Freitas; Pablo Silva Figueiredo; Filipe Rossau; DJ Chakal; Fábio Melo.

Em síntese, após a segunda entrevista exploratória com os comunicadores gestores, ficou acordado que seria dada prioridade nos contatos com os comunicadores locutores primeiro, mas que ambos já poderiam pensar em alternativas de comunicadores ouvintes que pudessem representar uma diversidade dentro do universo de público das duas RADCOM. Foi solicitado que um outro critério fosse levado em consideração: ser um comunicador ouvinte participante, isto é, que tenha participado e/ou participa em algum momento da programação da emissora, não podendo deixar nenhuma modalidade de participação fora da abordagem que seria feita com o grupo.

Constituir uma amostra pensada – principalmente do grupo de comunicadores ouvintes, e que incluísse diversidade, foi uma tarefa com diversos complicadores, pois o universo dos comunicadores locutores, além de ser menor em número era muito mais facilmente rastreável e tangível. No caso do público, havia as seguintes questões: Como chegar nessa amostra? Quem é o público que participa? Como contatá-lo? Estão dispostos a participar da entrevista? Em suma, a síntese do processo de contato está no Apêndice H.

### **5.3.3 Entrevistas exploratórias com comunicadores locutores**

Nesta etapa, o procedimento metodológico para a realização da coleta de dados da pesquisa exploratória com os comunicadores locutores utilizado foi uma entrevista (Apêndice D). O roteiro elaborado para nortear a entrevista não foi organizado em blocos por se tratar de poucas questões em comparação aos outros roteiros elaborados para essa tese. Foram solicitadas: informações gerais; modalidades de participação; frequência de participação; inclusão do ouvinte na programação; participação e construção do programa; e a relação ouvinte e rádio comunitária.

Com as perguntas sobre *informações gerais* foi possível saber gênero, idade, escolaridade, ocupação/profissão e a temática do programa apresentado. São dados que podem orientar na percepção de mundo, na experiência profissional e na bagagem de conhecimento – de caráter formal – que o comunicador leva ao programa que apresenta. A idade pode ser um indicativo importante quanto uma possível relação com a tecnologia e suas possibilidades de participação. Como todos os programas da RADCOM são ao vivo, essa pergunta não precisou ser feita aos entrevistados. Sobre as *modalidades de participação*, pretendi compreender melhor como se dá o processo de comunicação com o público ouvinte, em que meios e programas,

além do porquê oferecer espaço para que o comunicador ouvinte participe. Foi pedido ao entrevistado que lembre, dentro do possível, de alguma situação que caracterize o oferecimento de modalidades de participação ao público durante o programa no ar. Esse item faria parte dos critérios de escolha para a entrevista sistemática, uma vez que são necessárias, para uma amostra diversificada, diferentes modalidades de participação.

O roteiro avança nessa mesma temática ao questionar a *frequência de participação* do comunicador ouvinte, em uma tentativa de compreender com que assiduidade se dá a participação – um indicativo também importante no momento da escolha da amostra a ser levada para a fase sistemática da pesquisa. Sobre a *inclusão do ouvinte na programação*, busquei entender os motivos que levam o comunicador locutor a pensar em seu público. O questionamento se desdobra e tem sequência na pergunta relacionada à *participação e construção do programa*, pois reforça a indagação sobre a relação e o lugar do comunicador ouvinte na programação.

O roteiro de perguntas para a entrevista exploratória – que deu elementos suficientes para a construção da amostra de comunicadores locutores para a fase sistemática, foi concluído com a pergunta sobre a percepção do entrevistado acerca da *relação ouvinte e rádio comunitária*, que objetivou captar a real ideia sobre o local que o público ouvinte ocupa, na visão do comunicador locutor, dentro da programação.

O período de contato com os comunicadores locutores apontados pelos comunicadores gestores ocorreu entre os dias 30 de outubro e 17 de novembro de 2017 para ambas as rádios comunitárias. A aproximação com os entrevistados se deu a partir dos números telefônicos e/ou contatos no ambiente digital (exclusivamente para o caso da Voz do Morro). A etapa da entrevista exploratória com os comunicadores locutores ocorreu, portanto, em um intervalo de 19 dias. Dos cinco nomes da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, quatro foram entrevistados. Um deles não foi encontrado. Participaram da etapa Edson da Rosa Rodrigues; Itamar Silveira dos Santos; Gastão Moreira da Rocha; Rosa Maria Nunes da Silva

Já na Voz do Morro, dos sete selecionados pelo comunicador gestor, cinco passaram pela etapa da entrevista. Um foi excluído da possível amostra por não exercer mais a função de comunicador locutor e dois, por não retornarem o contato. Participaram da etapa Luciana Ferreira Soares; Marcela Passos Gonçalves (Mai); Rafael da Silva Freitas; Pablo Silva Figueiredo.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio. As realizadas com os comunicadores locutores da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro ocorreram na sede da RADCOM. Já as da Voz do Morro foram feitas por meio digital.

Nos encontros com os comunicadores locutores das duas rádios comunitárias, foi possível trabalhar com os critérios pré-determinados para a seleção da amostra da fase sistemática– abranger as diferentes formas de participação do comunicador ouvinte nos programas, e perfis diferenciados. Caso todos os entrevistados nesta fase atendessem a esses critérios, seriam selecionados aqueles que tivessem melhor compreensão da informação solicitada nas perguntas, uma vez que a fase sistemática seria mais complexa, densa e com exigências de cruzamentos de informações e reflexões profundas a serem feitas pelos comunicadores locutores escolhidos. Nessa fase, todas as perguntas foram compreendidas pelos entrevistados. Não foi preciso fornecer explicações mais claras a respeito de que resposta se pretendia com as mesmas.

O ambiente em que as entrevistas foram feitas variou entre as rádios comunitárias. Na Lomba do Pinheiro, todas ocorreram na sede da RADCOM. O primeiro entrevistado foi Edson da Rosa Rodrigues no dia 30 de outubro de 2017. Na sequência, foi Itamar Silveira dos Santos, no dia 14 de novembro de 2017. Dois dias mais tarde, Gastão Moreira da Rocha. No mesmo dia 16 de novembro finalizei a etapa exploratória com Rosa Maria Nunes da Silva.

No caso da Voz do Morro, os comunicadores locutores são economicamente ativos, o que reduziu sobremaneira o tempo e as possibilidades de local para as entrevistas. Dessa forma, Luciana Ferreira Soares foi entrevistada no dia 13 de novembro de 2017 via ligação por Skype. No dia seguinte, pelo mesmo meio, Marcela Passos Gonçalves (Mai). Ambas as entrevistas foram realizadas tarde da noite – cerca de 22h30 – porque tinham compromissos profissionais ao longo do dia. Rafael da Silva Freitas foi entrevistado por mim via WhatsApp na madrugada do dia 13 de novembro de 2017, único horário disponível, uma vez que atua como segurança de um supermercado em Alvorada. Um dia mais tarde, também via ligação por Skype, entrevistei Pablo Silva Figueiredo.

Para facilitar a compreensão dos dados obtidos, trato a seguir de todas informações oriundas de uma rádio comunitária para depois passar para a outra, a começar pela Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. Lembro, ainda, que todos os comunicadores locutores serão mencionados pela primeira vez pelo nome completo e nas demais menções pelo primeiro nome apenas.

No que se refere às *informações gerais*, Edson da Rosa Rodrigues tem 50 anos de idade, 2º grau completo, é proprietário de uma empresa de refrigeração e atua na rádio como comunicador locutor aos sábados das 19h às 22h e aos domingos das 7h às 10h no programa Assim Canta o Rio Grande, sempre feito ao vivo, cujo tema é a música gauchesca em suas diferentes vertentes. Gastão Moreira da Rocha, tem 72 anos de idade, estudou até a 4ª série

primária, é aposentado da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e atua na rádio no programa Bom Dia Lomba do Pinheiro, Às segundas-feiras das 7h às 10h ao vivo. “Nosso programa é um programa de música gaúcha. Me criei no interior e a gente só escutava música gauchesca. Nosso programa é gauchesco. A finalidade é também ajudar a comunidade. Às vezes precisa de alguma coisa e a gente faz o pedido” (Gastão). O terceiro comunicador locutor entrevistado foi Itamar Silveira dos Santos, 59 anos de idade, primário completo, tendo atuado como conferente por muitos anos, mas por motivo de saúde está afastado. Apresenta o Domingo Alegre, aos domingos, das 10 às 13h ao vivo. A temática é música gauchesca, sertanejas e pedidos dos ouvintes. O quarto integrante da entrevista exploratória foi Rosa Maria Nunes da Silva, 69 anos de idade, 2º grau incompleto, do lar e apresentadora do Bom Dia Lomba do Pinheiro de terça-feira a sábado, das 7h às 10h ao vivo. “É um programa de músicas variadas. Conto piadas. Tem divertimento. Quase nem tenho tempo porque tenho muito ouvinte. Eu é que coloco mais ouvinte na rádio” (Rosa Maria). O que pude perceber é um grupo formado por adultos e idosos, no que tange à faixa de idade, baixa escolaridade, quase todos afastados do mercado de trabalho formal, exceto Edson.

Sobre as *modalidades de participação*, os quatro comunicadores locutores responderam que oferecem dentro de seus programas a possibilidade de participação ao vivo presencial, o telefone e o WhatsApp (Rosa e Edson, especificamente. A percepção que tive é a de que participar é uma ação corriqueira, normal e que faz parte do dia a dia dos entrevistados. Nenhum mencionou haver dificuldades maiores para que a participação do comunicador ouvinte se concretize. Quanto às formas, cada respondente informou que recebe ou recebeu visitas do público no espaço da rádio, que utiliza o telefone como principal meio de comunicação e estão cientes das mudanças que ocorrem na rádio. Edson destaca os meios utilizados por ele: “Ao vivo e pelo telefone. Só ofereço essa porque hoje dispomos somente dessa. Estamos reformulando a rádio e isso vai vir Facebook e Whatsapp. Estamos em fase de modernização.” Rosa Maria também ressalta o mais recente meio de comunicação:

Tenho medo de colocar o ouvinte no ar porque podem falar alguma bobagem. Coloco no ar se alguém está de aniversário. Alguém que eu conheça. Eles pedem música por telefone. Eu dou o telefone e digo pro pessoal ligar. Agora tem pelo WhatsApp também. Eu já uso o WhatsApp da rádio. Eu fico com telefone para ver o WhatsApp. Às vezes vai gente lá na rádio também. O principal é o telefone, depois o WhatsApp e podem ir também na rádio. Um dia eles ligam, no outro eles dão só um toque no telefone. Conheço o ouvinte pelo número do bina. Eles dão um toque e eu já sei. Sei até o que eles gostam de escutar.

Os comunicadores locutores Gastão e Itamar são, a partir das respostas dadas, aqueles com menos contato com a *nova tecnologia*.

Eles telefonam e pedem e a gente fica falando no ar. Se alguém quer vender alguma coisa, a gente anuncia tudo grátis. Não se paga nada por isso. Às vezes tem pouca ligação e a gente fica dizendo: você pode ligar, se você ainda não ligou que vamos atender com certeza. Daí começam a ligar. Ofereço só o telefone. Mas já houve pessoas indo lá (na rádio). Às vezes vai alguém lá por curiosidade conhecer a rádio, a gente também. Já aconteceu. O principal meio de comunicação é o telefone (Gastão).

Para Itamar, o WhatsApp é ainda uma opção distante de sua realidade como comunicador locutor. Segundo ele, o telefone ainda tem papel protagonista durante seus programas: “O ouvinte liga pedindo música e a gente roda as músicas que ele pede. Ele entra em contato pelo telefone da emissora. Agora tem o WhatsApp, mas eu não estou usando ainda.”

A pergunta sobre a *frequência de participação* gerou respostas semelhantes. Foram apontados casos de comunicadores ouvintes cativos, com participações diárias na programação. “É um universo de pessoas que ligam. Se tu pegar a lista de ouvintes que vai ser sempre os mesmos. De vez em quando alguém diferente liga, mas quase sempre são as mesmas pessoas” (Edson). Gastão informou que “tem dias que é bastante”. Itamar e Rosa Maria contabilizam as ligações recebidas. No caso do comunicador locutor, são “uma média de 20 a 30 telefonemas. Pela hora trabalhada não sei se a gente conseguiria atender mais, mas a gente faz de tudo para atender a todas as ligações”. Já Rosa, se orgulhou em dizer que seu programa é o que mais tem a participação do comunicador ouvinte “É bastante. Eu ponho das 7h às 10h, 23 ouvintes, 24 ouvintes nessas três horas. Eu não consigo falar nem o apoio, nem contar uma piada. Para eu atender a todos.”

As questões relacionadas à *inclusão do ouvinte na programação* também apresentaram respostas semelhantes. Os quatro respondentes têm ciência do papel da comunidade ouvinte no serviço que prestam. Edson falou de respeito para com o público:

Eu sempre tiro por base a minha mãe. Nós trabalhamos em casa, então ela tem uma carência. Isso a rádio entra dentro da tua casa sem pedir licença. É o que eu digo todo dia quando vou pro ar. Tem que ter um respeito. A pessoa não tem com quem falar. Ela vai falar comigo que estou falando no rádio. Aquele carisma que eu transmito ali faz com que a pessoa ligue para mim. Faz com que ela se envolva na programação.

Para Gastão, o comunicador ouvinte é peça-chave em seu programa:

Eu acho meio sem graça ir pra lá e ficar falando sozinho. Já pensou, eu me levanto às 6h da manhã pra colocar a rádio no ar às 7h e aí fico falando sozinho? Fico bem satisfeito mesmo quando as pessoas ligam bastante [...]Porque é muito importante o ouvinte ligando para elogiar o programa. Se ele liga para a programação é porque ele está gostando.

Rosa Maria finaliza com a seguinte afirmação: “É muito importante. A gente sem ouvinte não é nada”. Os trechos extraídos das entrevistas dão pistas da noção que existe, por parte dos comunicadores locutores, da figura do comunicador ouvinte. O que me auxiliou a concretizar meu pensamento acerca do tema foi o material colhido a partir da *participação e construção do programa*. Nessa pergunta, os quatro respondentes confirmaram a noção que têm sobre o comunicador ouvinte. Edson ressaltou que

[...] é para isso que nós estamos aqui. Senão, porque que eu vou falar no microfone, dispor do meu horário três horas sábado e três horas domingo. Se não tem o ouvinte, não tem o porquê de um vir aqui. Eu sempre peço que ele (o ouvinte) me ajude a fazer o programa. Você pede o que você quer ouvir. Você diz o que está fazendo no almoço, na janta. E ele responde.

Gastão segue na mesma linha, e apresentou uma estratégia que utiliza para fomentar a participação: “Quando o ouvinte não liga, vou colocando uma música e oferecendo para todos os ouvintes que não ligaram, mas estão escutando.” Itamar disse levar em consideração o público ouvinte na construção do programa, pois é o próprio comunicador ouvinte que constrói o programa ao vivo ao pedir músicas e mandar mensagens. Rosa Maria afirmou nem ter tempo de pensar a construção do programa, uma vez que a participação é intensa de seu público. “Eu nem chego a montar o programa. Chego lá, boto minha entrada e já vai ao natural. Eu tenho ouvinte que me liga todo o dia. Esses dias deu problema no telefone e o pessoal querendo ligar. Quando conseguiram, meu Deus... Eu tenho todos os ouvintes que me ligam no papel” (Rosa Maria).

A última pergunta buscava compreender de que forma o entrevistado percebe o espaço comunitário em que atua e a correspondência que existe com os cidadãos que acompanham e participam da programação. Dessa forma a *relação ouvinte e rádio comunitária* me pareceu clara entre os quatro entrevistados. Foram respostas mais completas e mais refletivas por parte dos respondentes. Para Edson,

[...] a rádio tem que ser um veículo que, por ser comunitária, tem que estar ligada diretamente ao povo que mora nas redondezas. Tem que trabalhar em favor disso. Uma rádio comercial não vai fazer isso. A rádio é muito forte. Tem um negócio que quando eu fiz o curso de locutor que o professor sempre dizia: a rádio é muito forte. Apesar de ter evoluído com a internet, a rádio continua entrando dentro dos lares. Então, acho que rádio e ouvinte é uma ligação. As pessoas vivem daquilo, gostam daquilo e gostam que se fale o nome deles. Se sentem privilegiados. As pessoas são sozinhas, não têm com quem falar e falam comigo.

Gastão e Itamar classificaram a relação como ótima. “Sem o ouvinte, a rádio seria uma coisa vaga sem muita utilidade, sem muito fundamento. É preciso ter bastante audiência”

(Gastão). Itamar destacou que “o ouvinte para a rádio é muito importante. Uma rádio sem ouvinte não é rádio. Não adianta eu ir pra lá e ficar falando pra frente do microfone e não ter ligação nenhuma. Se nenhum ouvinte ligar dá a aparência de que ninguém está escutando. Temos que tratar o ouvinte da melhor maneira possível”. Concluindo, Rosa Maria faz uma reflexão do seu papel enquanto comunicadora locutora:

Para mim é muito importante. Cada ouvinte tem uma característica diferente. Uma rádio sem ouvinte não seria nada. A gente vê essas rádios aí só tocando música. Eu gosto de ouvir o ouvinte. O pessoal do outro lado dá risada. Às vezes eu falo alguma bobagem e eu gosto quando as pessoas falam. É interessante quando as pessoas interagem muito. Ali eles estão sempre interagindo. Eu tenho muita responsabilidade com meu programa. Interagir com eles para eles poderem ligar. O meu programa é o que mais tem ouvinte porque atendo com muito carinho. Eu tô achando muito bom (ir para a internet), mas a responsabilidade dobrou porque não é só a vila aqui. A minha filha escuta (pelo computador). Já uso o computador há tempo. Isso não vai ser problema. O programa que tem no computador eu já tenho em casa. Está sendo um problema pros outros.

A partir de todo o conteúdo das respostas organizado por temáticas, foi possível ter um panorama de como os comunicadores locutores da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro estabelecem a relação com o público no que se refere à participação, suas modalidades e formas. Ao término das entrevistas, foi explicado a cada participante que eles poderiam ser convidados a participar da etapa subsequente – entrevista sistemática – em que todos concordaram. Logo, respeitando as características que elenquei como pré-requisitos para a escolha da amostra – diversidade nas formas de oferecimento e realização da participação dos ouvintes, perfis distintos e compreensão dos questionamentos feitos, dos quatro nomes da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro entrevistados, foram selecionados três para a fase sistemática da pesquisa: Edson da Rosa Rodrigues; Gastão Moreira da Rocha; Rosa Maria Nunes da Silva.

Parto, agora, para as informações, pistas e reflexões da entrevista exploratória com comunicadores locutores da Voz do Morro. Foram entrevistas mais duradouras, em que não houve a necessidade de reformular as questões para que fossem devidamente compreendidas pelos entrevistados. No que se tange as *informações gerais*, Luciana Ferreira Soares tem 40 anos de idade, 3º grau completo e é professora da rede municipal de ensino. Apresenta o programa *Escola de Luta* das 13h às 15h ao vivo. A temática como explica é “educação pública nas três instâncias e também tratamos de outros temas vinculados à educação, identidade de gênero, racismo. Temas mais transversais. Questões de grêmios estudantis. Já trabalhamos a relação entre pais e filhos, intrafamiliar. Apresento com outro professor, o Pablo”.

A segunda comunicadora locutora é Marcela Passos Gonçalves (Mai) tem 25 anos de idade e 3º grau completo. É autora e trabalha com os pais em um empreendimento. Apresenta o *Voz Literária*, das 15h às 16h ao vivo ou gravado. A temática, segundo Mai, é “voltada para a literatura. São temas atuais a partir de obras literárias. Lida com o empoderamento, mulheres empoderadas, política. Trago os temas dos livros para dentro da rádio e em cima disso se faz o programa”.

A terceira entrevista foi realizada com Pablo Silva Figueiredo, 34 anos de idade e 3º grau completo. É professor da rede estadual de ensino e apresenta o programa Escola de Luta juntamente com Luciana. O quarto comunicador locutor a integrar a entrevista exploratória foi Rafael da Silva Freitas, 35 anos de idade, tem 3º grau completo e atua como segurança em um supermercado na cidade de Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre. Apresenta o programa *História em Pauta*, veiculado das 11h ao meio-dia ao vivo. Segundo ele, “dependendo da descontração ele pode terminar próximo das 13h30”. A temática é “História, educação e bastante política. Temos como slogan História, Educação e Polêmica” (Rafael).

O que se percebe é um grupo com um nível de educação formal elevado, com oratória clara e reflexões pertinentes aos temas apresentados. Um grupo de jovens comunicadores locutores, se comparado à Lomba do Pinheiro. Todos atuantes no mercado de trabalho e com pouco tempo livre para outras atividades, exceto o trabalho. Por esse motivo, as entrevistas aconteceram no ambiente digital. Esse também foi um indicativo importante para compreender os usos e apropriações que o grupo faz do digital, tendo perfeita capacidade de comunicação comigo via Skype e/ou WhatsApp.

Sobre as *modalidades de participação*, os quatro entrevistados afirmaram oferecer meios de comunicação que fomentam o público a participar, em sua maioria, no ambiente digital. Ressaltaram, entretanto, ser pouca a participação em seus programas – informação que é reforçada em outros questionamentos. Luciana explicou os meios que utiliza:

Nossa modalidade de participação é o Facebook da rádio e o Facebook do próprio programa. É uma página. Podem interagir mandando mensagem. O ouvinte pode ir na rádio também e participar durante o domingo. Às vezes acontece a participação de alguns professores que temos contato aqui da comunidade. A gente já colocou eles no ar usando o WhatsApp. Acontece de alguém chegar ali na rádio para assistir ao programa e acaba falando no ar.

No *Voz Literária*, apresentado por Mai, o digital também tem destaque como modalidade de participação. Ela destacou

Sempre deixo aberto para quem quiser participar ou entrar em contato comigo, para fazer a gravação ou fazer ao vivo mesmo comigo na rádio. O programa é aberto para



quem quiser participar. Eu sempre deixo o meu Facebook, que é público, para o pessoal participar ou a página da rádio mesmo. Esse contato eu deixo.

Pablo reforça o uso do WhatsApp (pessoal) e do Facebook para participação, colaboração e questionamentos. “Tem a página do programa e a página da rádio, mas a gente coloca o WhatsApp pessoal também. Enquanto está no ar ele é transmitido pelo blog da rádio. A princípio a gente acha que são os meios mais utilizados pela população. Mais imediatos. A gente também convida para participar ao vivo” (Pablo). O último entrevistado, Rafael, seguiu a lógica apresentada nos três depoimentos, o que reforçou minha percepção do protagonismo dado ao digital no que se refere às formas de participação oferecidas ao comunicador ouvinte. Diferente da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, não há um telefone disponível ao público ouvinte. Ambas as rádios têm, então, em semelhança, o presencial e o WhatsApp.

Quanto à *frequência de participação*, um ponto sensível para os comunicadores locutores da Voz do Morro, ainda é considerada em processo de construção com a comunidade. A totalidade dos entrevistados foi clara ao afirmar que falta participação da comunidade nos programas da emissora. Luciana explica:

Não é uma coisa muito planejada. De vez em quando acontece. Chega alguém ali ou alguém entra em contato. Mas não é muito frequente. Mas numa forma geral as pessoas estão muito pouco participativas em seus instrumentos comunitários. Em geral as pessoas não participam do que têm na sua comunidade, na sua associação de bairro...não se vê muita participação. Parece ser uma coisa um pouco da nossa época, da nossa conjuntura, do nosso contexto em que estamos vivendo. As pessoas não estão saindo muito para a rua, não estão interagindo muito com os espaços públicos, os espaços abertos de participação. Me parece um pouco um sintoma do tempo que estamos vivendo. As pessoas estarem muito apáticas e pouco participativas. Quem acaba participando é quem é do nosso círculo de militância e de conhecimento, que sabe que a gente atua no movimento sindical e pedagógico. São elas que interagem mais com a gente. Quem sabe do nosso trabalho. Quem é da comunidade e não é da área é um pouco mais difícil interagir. Vai ali na rádio por algum motivo e acaba participando junto. A gente atribui um pouco a esse contexto.

A mesma opinião é compartilhada por Pablo, que entende que o momento político e econômico atual no país pode estar operando sobre a frequência de participação na RADCOM.

[...] é eventual a participação. Com certeza menos de cinco participações por programa. As pessoas têm ouvido menos rádio. Acredito, é minha opinião, me parece que em função de outros mecanismos. Baixou um pouco a cultura da rádio comunitária em geral. A gente tá num momento mais especificamente de refluxo de participação comunitária. Se você comparar outros momentos da cidade de Porto Alegre em relação a hoje, a gente está tendo um refluxo da participação da comunidade em espaços comunitários. Não só a rádio, mas a associação, enfim, acho que é o momento de articulação desses movimentos. Eu acredito que vá crescer de novo. Todo o contexto político nacional, também é um momento de articulação de força.

Para Pablo a comunicação comunitária enfrenta um período de *baixa* e isso reflete nas participações. Essa é a mesma percepção de Mai. Para a comunicadora locutora,

[...] como as pessoas hoje fazem tudo no celular, no computador, parece que elas têm um pouco de...não é alienação...mas elas são muito confortáveis no mundo delas. Me parece que elas não estão confortáveis para ouvir coisas que, de repente, não estão acostumadas. Vivem numa bolha. Parece que não querem conhecer coisas novas. Parece uma redoma de vidro. É um sacrifício sair das redes para conectar na rádio ou para acessar o blog na internet. Por mais que a gente divulgue, é bem complicado.

Rafael é um pouco mais otimista quanto ao questionamento da frequência de participação. Ressaltou, em entrevista, que

[...] eles participam antes do programa porque a gente divulga na página do Facebook aberta do programa com antecedência, nos grupos de WhatsApp. Os ouvintes fazem perguntas. Muitas vezes fazem perguntas durante o programa na página, nos grupos [...] Em todas as edições eles participam de alguma maneira. Outra forma de participação são nossos ouvintes que muitas vezes são professores que fazem militância política, que estudam os assuntos que a gente pauta para os programas – eles mandam áudios pelo WhatsApp ou perguntas para a gente debater e isso já aconteceu. A gente tenta usar toda a tecnologia disponível, mas basicamente é Facebook e WhatsApp [...] Infelizmente os moradores do bairro, os ouvintes da FM têm uma participação que gostaríamos que fosse bem maior. Dá para contar nos dedos as pessoas que a gente sabe que é morador do bairro e que entraram no estúdio e participaram.

A partir do exposto, percebi distinções relevantes ao comparar os dois serviços de comunicação comunitária. Na Lomba do Pinheiro, há participação concreta na programação. Sem ela, os programas poderiam ficar comprometidos, uma vez que dependem do público. Os meios utilizados são o telefone, as visitas à RADCOR e, mais recentemente, o WhatsApp. O meio mais forte, entretanto, segue sendo o telefone. Na Voz do Morro, a participação é limitada, apesar da disponibilidade de meios de comunicação – havendo inclusive a opção de participar via espaços digitais dos programas, o que não ocorre na Lomba do Pinheiro. Os meios utilizados são o Facebook (Fanpages da RADCOR e dos programas, quando existe), as visitas à rádio, o blog da Voz do Morro e o WhatsApp dos comunicadores locutores. Mesmo assim, é perceptível o esforço dos comunicadores locutores e o descontentamento com o resultado das iniciativas de participação. Cabe aqui a seguinte reflexão e que pode ter relação com a participação nas duas emissoras: diferente da Lomba do Pinheiro, em que os programas podem ter um caráter de abrangência de todo o público, na Voz do Morro, os programas são voltados para públicos de nicho, isto é, têm como consumidores ouvintes grupos muito específicos.

Outra pergunta feita no movimento exploratório buscou obter dados sobre a *inclusão do ouvinte na programação*. As respostas mostraram compreensão de seus papéis enquanto comunicadores locutores e a comunidade. Incluir o ouvinte na programação é “a razão da existência de uma rádio, ter alguém que escute, que faça a interlocução do outro lado. Apesar de sabermos que são poucas pessoas, principalmente na internet, é a razão do programa. A ideia é ter essa interlocução, principalmente quem se interessa pelo assunto” Mai concorda que a rádio comunitária é de todos e “o espaço tem que ficar aberto a todos que querem falar, se expressar ou dar uma opinião. O nome já vem disso, rádio comunitária, é de todo mundo [...]. Eu tenho meu espaço ali para falar o que eu penso, mas se alguém quiser falar, vir de fora debater, ao vivo ou gravar, eu acho muito válido.” Pablo falou em instrumento comunitário ao afirmar a importância da participação local no que é produzido pela RADCOM:

A gente está ali fazendo esse movimento para ela funcionar. A gente faz muita divulgação para que o pessoal não só participe dos programas, mas ajude na produção, porque o discurso é esse, a rádio não é daquele grupo que está ali reunido, é da comunidade. A rádio pertence à comunidade. A gente se esforça por montar uma programação que atenda o interesse comunitário e não o nosso ideológico ou político e abrir a rádio para incentivar que as pessoas se apropriem desse instrumento comunitário.

Rafael, ao ser questionado de o porquê incluir o ouvinte na programação, destacou que o público qualifica o programa. Para ele, é “um instrumento pedagógico-educativo. Tanto para quem produz, como para quem ouve [...]. Se não tem a participação dos ouvintes, ela não é comunitária. Ela pode ser rádio livre, que é mais sectária, menos comunitária. Para ser merecedora da alcunha tem que estar aberta à população no entorno” (Rafael).

Os quatro entrevistados constroem seus programas perspectivando o comunicador ouvinte e reforçaram, como ocorreu na Lomba do Pinheiro, o sentido de compreensão do local do público na RADCOM. Assim, sobre a *participação e construção do programa*, foi levado em consideração aqueles grupos-alvo para os comunicadores locutores, isto é, que têm afinidade com os próprios apresentadores e/ou temáticas abordadas.

Eu considero o círculo que acredito que nos ouça, que interage com a gente. Nossos colegas que moram por aqui, os alunos do cursinho popular na região. A gente sempre inclui dicas no ENEM, do vestibular para poder também chamar atenção desse ouvinte. A gente inclui questões de movimento estudantil. Essa questão de gênero também. São essas pessoas que nos escutam e a gente leva em conta na hora de montar a pauta. Quando a gente fecha a pauta a gente lança na página. A gente já criou evento no Facebook para chamar atenção. A gente constrói virtualmente e no dia (domingo) a gente traz o que se programou (Luciana).

Pablo, colega de programa de Luciana, acrescentou que, ao perceberem que a pauta era, muitas vezes, voltada para os próprios apresentadores, ambos têm “procurado, assim, levar em consideração aquilo que o ouvinte quer ouvir, diminuir um pouco os momentos de fala para não se tornar tão cansativo, mais inserções musicais”. Já Mai, argumentou que o *Voz Literária* é de todos. “Então sempre deixo...fica sempre aberto...acho muito importante as pessoas participarem. Ajuda a gente a conhecer coisas que a gente nem sabia que estava acontecendo, que existia” (Mai). Para Rafael, a participação acontece via WhatsApp e/ou Facebook. Sobre a construção das pautas, o comunicador locutor apresentou dois métodos utilizados:

A gente tem dois métodos gerais para a construção do programa. Muitas vezes a gente conversa com o ouvinte, acaba fazendo um convite para participar do programa e procura estimular que o convidado escolha o assunto. Após escolhido o assunto a gente pesquisa sobre o assunto em pauta e lê a produção do nosso convidado e faz o roteiro. Tem outra forma de método, onde o convidado sugere um assunto e a gente chama ele, que se torna o apresentador do programa também. A gente sempre vai estimulando.

A última questão abordou a *relação ouvinte e rádio comunitária*. Também houve certo consenso a respeito do tema, uma vez que é um processo ainda em construção na região do Morro Santana. Mesmo com vários obstáculos, quer sejam de falta de pessoal, equipamento, interesse da comunidade, a Voz do Morro resiste – uma impressão minha e que se fez presente nas respostas. Para Pablo,

[...] é uma relação muito frágil. Muitas rádios comunitárias acabam sendo apropriadas por partidos políticos, por igrejas, enfim, e perde um pouco esse significado mais amplo do comunitário. Não são muitas as rádios comunitárias completamente independentes como a Voz do Morro. Então, as pessoas precisam criar essa cultura. Não tem muito essa cultura de apropriação de rádio comunitária mais independente. Acredito que a realidade do momento é essa, pessoas que se empoderem e vejam a rádio como suas. Isso não tem acontecido muito ainda.

Para o comunicador locutor, já houve períodos em que os espaços eram mais aproveitados pelas comunidades. Atribuiu às conjunturas da atualidade a responsabilidade pela situação de desinteresse. Mesmo assim, “temos que nos esforçar e precisamos estar nos reinventando para conseguir uma participação maior” (Pablo). Luciana é da mesma opinião, pois acredita ser uma relação ainda embrionária. “A gente tá construindo ainda. Primeiro que as pessoas, a grande maioria, perdeu o hábito de ouvir rádio em função de ter internet, ter TV, outras opções. Então, apesar de a gente ter a rádio para a pessoa ouvir no blog, não é uma coisa que eu vejo muito acontecer na comunidade” (Luciana). Como Pablo, a apresentadora acredita que resistir ao tempo e às adversidades é a única alternativa que a Voz do Morro tem. Rafael,

do Programa História em Pauta, faz uma síntese do que acredita ser a relação entre ouvinte e RADCOM:

Um dos principais fatores que tornam uma rádio comunitária é a participação dos ouvintes. Uma rádio comunitária não tem um alcance muito além do lugar do estúdio, geralmente vai até o bairro vizinho. A rádio comunitária é pensada para resolver os problemas dos moradores do bairro. Então, para ser comunitária tem que ser voltada aos problemas dessa população. No nosso programa a gente sempre pergunta, quando é um assunto muito distante, a gente procura perguntar ao nosso convidado qual é a relação desse tema discutido com os moradores do Morro Santana. Esse contato, essa relação da comunidade do entorno com a rádio é fundamental. É o que diferencia uma rádio comunitária de uma rádio comercial. Dando voz para todos os tipos de ideias que existem naquele bairro. É uma coisa que é buscada na Voz do Morro.

Para finalizar o conjunto de reflexões oriundas da última pergunta, Mai, do programa *Voz Literária*, pensa que o público pode ser mais próximo da RADCOM. “Parece que elas não viram que a rádio pode ser uma ferramenta para eles serem ouvidos. É a questão de usarem a rádio para denunciarem casos de problemas, que muitas vezes não são resolvidos pela prefeitura. As pessoas podiam se aproximar, usar como um canal para serem ouvidas. Até para se expressarem mesmo” (Mai).

A partir do exposto, que reuniu informações sobre a relação entre comunicador locutor, participação e comunicador ouvinte foi possível traçar um cenário, mesmo que inicial, porém evidente, de como se dão os processos da Voz do Morro. Ao término das entrevistas também foi explicado a cada participante que eles poderiam ser convidados a participar da etapa subsequente – entrevista sistemática – em que todos concordaram, como ocorreu na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. Assim, a partir das características que elenquei como pré-requisitos para a escolha da amostra – diversidade nas formas de oferecimento da participação, perfis diferenciados e compreensão dos questionamentos feitos, dos quatro nomes da Voz do Morro entrevistados, foram selecionados três. A exclusão, nesse caso, se deu pelo critério de diversidade, já que Luciana e Pablo apresentam o mesmo programa e poderiam ter as mesmas percepções. Assim, optei por manter apenas um representante do programa *Escola de Luta*. Por seu tempo de relação com a RADCOM, Luciana se mostrou, para mim, mas interessante a ser levada à etapa sistemática. Assim, da fase sistemática participaram: Luciana Ferreira Soares; Marcela Passos Gonçalves (Mai); Rafael da Silva Freitas.

### 5.3.4 Entrevistas exploratórias com comunicadores ouvintes

Nesta etapa, o procedimento metodológico construído para a coleta de dados foi uma entrevista (Apêndice E). O roteiro foi elaborado para atender às seguintes temáticas: informações gerais; escuta radiofônica; participação na programação; realização de atividades; rotina.

As perguntas sobre *informações gerais* – gênero, idade, escolaridade e ocupação/profissão – puderam dar pistas sobre como enxergam o mundo, que distinções existem entre classe e cultura, e o tempo de ensino formal que tiveram em suas vidas. A idade também forneceu pistas para compreender os meios de comunicação utilizados nos momentos de participação. A respeito da *escuta radiofônica*, objetivei saber a frequência com que o entrevistado escuta a rádio e em que parte do dia. Também forneceu a relação temporal que ele tem com a RADCOM. Apesar de ser um questionamento importante para entender em que contexto o comunicador ouvinte está inserido, não é uma pergunta com caráter de excluí-lo da amostra que buscava compor. Já a *participação na programação* integra os critérios determinados por mim para compor o grupo que passará para a fase sistemática. Nesse grupo de questões pude ter informações sobre o porquê de participar, as formas, os programas e, se possível, exemplos de participação.

O roteiro segue com *realização de atividades*, que buscou estabelecer uma relação do comunicador ouvinte com a comunidade em que está inserido e/ou a rádio opera – um importante indicativo de interesse e predisposição, o que pode levar a uma maior participação ou não na RADCOM. A *rotina*, último item a ser perguntado procurou mapear o dia a dia do entrevistado no que se refere ao trabalho, lazer e outras atividades. Esse dado é significativo, uma vez que os comunicadores locutores da Voz do Morro atribuíram a um cenário atual de sobrecarga de trabalho e/ou desinteresse por haver outras prioridades como possíveis motivos para a baixa participação nos programas da emissora. Em síntese, o roteiro de perguntas para a entrevista exploratória forneceu elementos suficientes para a construção da amostra de comunicadores ouvintes para a fase sistemática.

Como já referido no início deste capítulo, para manter o anonimato dos comunicadores ouvintes, decidi por trocar por nomes verdadeiros por denominações de logradouros no entorno da rádio comunitária da qual participam, respeitando o gênero do entrevistado. O período de contato com os comunicadores ouvintes apontados pelos comunicadores gestores ocorreu entre os dias 02 e 09 de janeiro de 2018 na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro e de 02 a 18 de janeiro de 2018 na Voz do Morro. A aproximação com os entrevistados se deu a partir dos números telefônicos e/ou contatos no ambiente digital. A etapa de realização das entrevistas

exploratórias com os comunicadores ouvintes ocorreu, portanto, em um intervalo de 8-9 dias. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio.

Dos seis nomes indicados pelos comunicadores da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, quatro foram entrevistados. Dois deles não foram encontrados (Carol e Fátima). Participaram da etapa:- Francisca, Adão, Rui, Ana. Já na Voz do Morro, dos cinco selecionados pelo comunicador gestor, todos passaram pela etapa da entrevista. São eles: Emílio; Germano; Roberto; Fernando; Rachel.

A primeira informação que trago sobre essa etapa da pesquisa foi a de ir a campo com o objetivo de, a partir das entrevistas exploratórias, obter sujeitos que participam de diferentes maneiras na programação da RADCOM. Caso conseguisse atingir esse objetivo, aqueles respondentes que mostrassem mais compreensão acerca do que era perguntado teria uma chance maior de ser selecionado para a etapa sistemática, que apresentava um conjunto maior de perguntas e atravessamentos de questões que demandavam um entendimento mais complexo. Nessa fase, todas as perguntas foram compreendidas pelos entrevistados, porém, em alguns momentos precisaram ser explicadas ou reformuladas, como no caso de alguns comunicadores ouvintes da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. Essa situação não ocorreu com a Voz do Morro.

Da mesma forma como ocorreu com os comunicadores locutores, o ambiente em que as entrevistas foram feitas variou entre os ouvintes das rádios comunitárias. Na Lomba do Pinheiro, com exceção de Adão, os demais comunicadores ouvintes foram entrevistados ou em suas residências (Francisca e Rui) ou próximo à RADCOM (Ana) pela manhã ou à tarde. Adão, devido a compromissos profissionais, foi entrevistado via Skype à noite. Por ordem de entrevista, a primeira foi com Francisca, no dia 18 de dezembro de 2017 e no dia seguinte, com Adão. No início de 2018, Rui e Ana foram entrevistados no dia 08 de janeiro. Na Voz do Morro, os comunicadores ouvintes foram, em sua totalidade, entrevistados via Skype à noite devido a atividades profissionais durante o dia. O primeiro entrevistado foi Emílio no dia 05 de janeiro de 2018. No mesmo dia, foi feita a entrevista com Germano. Na sequência, Roberto e Fernando realizaram as entrevistas no dia 09 de janeiro de 2018. A última comunicadora ouvinte a ser entrevistada foi Rachel, no dia 18 de janeiro de 2018.

Com o objetivo de facilitar a compreensão, sigo a mesma lógica de exposição dos dados utilizada na reconstrução dos dados das entrevistas exploratórias com os comunicadores locutores, isto é, esgotar as informações oriundas de uma rádio comunitária para depois passar para a outra, a começar pela Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro.

As primeiras perguntas buscaram as *informações gerais*. Francisca tem 86 anos de idade, trabalhou durante sua vida em casa cuidando da casa. Nunca frequentou escola, tendo aprendido a ler e a escrever pouco quando auxiliava os filhos nas tarefas do colégio. Adão tem 69 anos de idade, 2º grau incompleto, é aposentado, mas ainda atua no mercado como eletricitista. Ana, de 68 anos de idade é dona de casa e cursou até a 3ª série primária. O último entrevistado é Rui, de 68 anos de idade. Tem o 2º grau incompleto. É aposentado, mas ainda atua como topógrafo. As informações colhidas indicam um grupo de adultos e idosos ouvintes, com baixa escolaridade e moradores da região – semelhança com as características dos comunicadores locutores ouvidos nessa pesquisa.

A respeito da *escuta radiofônica*, Francisca se mostrou uma entusiasta da rádio, uma vez que é assídua comunicadora ouvinte. “Escuto todos os dias de segunda a segunda, das 7h às 22h. Sai um locutor e entra outro e eu estou sempre junto. Escuto manhã, tarde e noite” (Francisca). Acompanha a RADCOM há cerca de dez anos, segundo ela, pelo seguinte motivo:

Porque gosto muito de rádio e é muito bom ter a rádio aqui pertinho e eu me dou com todos eles, conheço todos eles. Sempre junto, quando sai um comunicador fico triste, não gosto que saia. Tenho o hábito de escutar a rádio a vida inteira. É uma devoção pra mim. Mais perto ficou mais fácil. Conheço todo mundo ali, desde o diretor.

Adão procura escutar a rádio comunitária quando está em casa pela parte da manhã, na maioria das vezes, porém, também acompanha a programação à tarde e à noite. É um comunicador ouvinte antigo, pois escuta a RADCOM desde o início. “Sou morador da Lomba há 25 anos. Eu acompanhava muito o ex-diretor. Quando ele criou a rádio a gente começou a se empolgar, a fazer propaganda da rádio. Enfim, para que o pessoal pudesse escutar” (Adão). Sobre o porquê de integrar o público da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, Adão explicou que sempre se fez presente em eventos e ações do bairro:

Eu fui conselheiro do Orçamento Participativo. Sempre fui muito ativo na comunidade. Várias vezes usei a rádio para fazer alguma solicitação ou pronunciamento como participante do orçamento participativo. Se a rádio parar, como às vezes acontecia com problema de raio, a gente já ficava preocupado e já entrava em contato por telefone para saber o que estava acontecendo. A rádio divulga bastante a Lomba e o que acontece na Lomba.

Ana escuta a rádio, como Francisca, todo dia e o dia inteiro, com preferência à tarde devido à compromisso que tem pela manhã no centro da capital. Acompanha a programação desde sua origem porque gosta e porque classifica os programas como bons. O último entrevistado, Rui, é outro comunicador ouvinte de longa data, com preferência pelo turno da manhã. “Só não consigo ouvir quando pego no sono. Se eu ligo de manhã eu vou até o fim do



dia [...] Escuto faz uns 14 ou 15 anos, desde o começo com o Flávio Cassal” (Rui). Se não fosse topógrafo, o entrevistado confessou que tentaria “ir para o lado de comunicador, ser radialista”. Rui acredita que a RADCOM é “uma coisa importante para nós aqui. A gente tava carente de um veículo de comunicação e veio a rádio para o Pinheiro. Além de nós escutar muitas músicas que não rodam em outras rádios, temos um meio de comunicação”. As informações aqui coletadas indicam uma ligação perene, sólida e sentimental com o veículo de comunicação comunitário. São comunicadores ouvintes antigos e fiéis, participativos e que entendem a importância da rádio para suas vidas.

Sobre a *participação na programação*, os quatro entrevistados já participaram e seguem participando da programação diariamente; algumas vezes, mais de uma vez por dia. No caso de Francisca, ela liga, pede música e também frequenta o estúdio da rádio, quando é possível, dado o avanço da idade. Participa porque gosta de pedir música. Ela ressaltou que “as músicas que eu gosto de ouvir eu peço. Eu acho muito boa, não sei viver sem ela (a rádio) e sem eles (os comunicadores locutores)”. A participação ocorre durante toda a programação. Adão participa por telefone e já foi à rádio. Participar para o comunicador ouvinte é importante porque “é uma das maneiras de a gente ficar a par de tudo que se passa na Lomba do Pinheiro”. Sua participação ocorre geralmente pela manhã. Adão lembra de alguns momentos em que participou:

Na realidade de vez em quando eu peço música para participar. Muitas vezes eu uso a rádio para fazer a divulgação de um grupo de apoio a portadores que eu criei. Então eu uso a rádio para divulgar o grupo. E como fui conselheiro da Lomba do Pinheiro eu usava muito a rádio para fazer contato com os moradores.

Como os demais entrevistados, Ana participa da programação por telefone, já que é muito difícil ir na rádio. Confessou que se sentia desconfortável ao usar o aparelho telefônico, mas que depois de participar foi se sentindo melhor. Ela participa em quase todos os programas, chegando a ligar três a quatro vezes por dia. Rui é o único representante do grupo que mencionou utilizar o novo recurso oferecido pela RADCOM para participar – o que o colocou em uma posição de destaque nesse processo, pois é preciso compor uma amostra com todas as formas possíveis de participação.

Eu mando áudio e eles rodam. Eu mando do meu telefone. WhatsApp. Antigamente usava o telefone normal. Uso WhatsApp porque é uma tecnologia mais avançada. A gente manda e ouve. Sai lá do outro lado a gente falando. Antes eu ligava e entrava no ar direto. Eu cheguei a ligar de vários estados do Brasil. Ligava do Amapá, da Bahia, de Minas, de Pernambuco. Devido a minha profissão eu passava muito viajando. Eu entrei inúmeras vezes do Amapá e conseguia falar, só que eu não conseguia me ouvir. Hoje eu posso viajar e conseguir ouvir o que eu gravo porque eu posso entrar na internet e ouvir [...].Eu participo de vários programas. Eu gosto da

programação da rádio toda. Ela tem bons programas (Rui).

Todos os entrevistados possuem formas muito semelhantes de participação, à exceção de Rui, já que são limitadas as formas de comunicação oferecidas pela rádio comunitária.

Quanto à *realização de atividades* na comunidade ou fora dela, os respondentes se mostraram pouco ativos, diferente de como são em relação à rádio. Francisca faz atividade física em uma academia no bairro, Adão é envolvido com um grupo de apoio a portadores de hepatite e Ana e Rui não participam de nenhuma forma de atividade. Sobre a *rotina*, três se mostraram bastante caseiros, isto é, com um dia a dia em torno de suas casas. Francisca aproveitou a pergunta para reforçar seu interesse pela rádio: “Faço a rotina de casa com a rádio sempre. Quando eu vou para a lavanderia aqui nos fundos eu levanto o volume. Eu não vivo sem eles. Eu acordo cedo, ligo a rádio às 7h e tomo chimarrão, tomo café, busco o jornal. O almoço é minha filha que faz. Eu passo a tarde escutando a rádio. De noite, me arrumo, me deito escutando a rádio”. Adão tem sua rotina ligada ao trabalho:

Normalmente como eu trabalho, tenho uma microempresa, então, meu trabalho é visitar cliente, fazer serviços, então quando posso ter um tempo livre é no final de semana. Não tenho um horário específico de trabalho. Faço viagens curtas, parques, enfim. De vez em quando praia quando está em época.

Ana é moradora da Lomba do Pinheiro há 42 anos e sua relação com a RADCOM faz parte de sua rotina: “Quando eu estou em casa o dia todo eu começo a escutar a rádio pelas 9h. Eu levanto nesse horário e já ligo o rádio. O rádio tá sempre ligado. Em cada peça eu tenho um rádio. Eu tenho um rádio na sala, na lavanderia, no quarto e na cozinha sempre na rádio Lomba do Pinheiro.” Rui é aposentado, mas levanta cedo, pelas 7h e pelas 21h já se recolhe. Cada comunicador ouvinte, de uma forma ou de outra, na minha percepção, encontra tempo para participar, uns mais que os outros, uma vez que têm suas vidas centralizadas na casa onde moram, o que permitiria a chance de contatar a rádio comunitária mais facilmente. Outro fator seria a função de companhia que a RADCOM pode oferecer aos entrevistados.

Com as informações reunidas sobre a relação entre comunicador ouvinte e sua participação na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro foi possível visualizar possibilidades de selecionar os ouvintes para a fase sistemática. No final das entrevistas foi lembrado a cada participante que eles poderiam ser convidados a participar da etapa subsequente em que todos concordaram. Percebi certa dificuldade de compreensão do que era solicitado com Francisca e, em maior grau, com Ana, já que precisei explicar e exemplificar o que significava lazer, escolaridade e a palavra frequência. Perguntas precisaram ser reconstruídas para Ana e a ordem

das questões não foi seguida como no roteiro, tendo que começar pelas mais fáceis até chegar nas mais complexas em uma construção de informação por parte dela.

Dessa forma, a partir das características que elenquei como pré-requisitos para a escolha da amostra – diversidade nas formas de participação e compreensão dos questionamentos feitos, dos quatro nomes da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, foram selecionados os seguintes sujeitos (em número de três): Francisca; Adão; Rui.

Como segunda parte dessa etapa, apresento as informações, pistas e reflexões da entrevista exploratória com comunicadores ouvintes da Voz do Morro. As entrevistas, como ocorreu com os comunicadores locutores, foram mais demoradas; os entrevistados falavam mais e não foi necessário reformular ou explicar as questões.

Sobre **as informações gerais**, Emílio tem 23 anos de idade, cursa o ensino superior e é estagiário do PROCON. Germano tem 22 anos de idade, cursa o ensino superior e é só estudante, sem atuação profissional. Roberto tem 31 anos de idade, mestrado concluído e fora do mercado de trabalho (desempregado). Fernando tem 41 anos de idade, superior completo e é professor da rede pública municipal. Rachel tem 24 anos de idade, cursando o ensino superior e é estagiária de Direito e confeitadeira. Os dados mostram um grupo jovem, que possui uma formação educacional significativa e que, se não estão empregados, buscam uma posição no mercado de trabalho. É um público mais jovem se comparado à Lomba do Pinheiro, economicamente mais ativo e com uma escolaridade mais avançada.

No que se refere à *escuta radiofônica*, como a Voz do Morro só transmite ao vivo aos domingos, não há outra alternativa para quem quer acompanhar a rádio, exceto se buscar o programa veiculado nos espaços digitais onde são disponibilizados após a transmissão, lembrando que apenas uma fração da programação migra para o digital. Emílio teve contato com a rádio pela primeira vez em 2006 ou início de 2007, quando escutava o programa – que não existe mais – Papo P(r)eto das 17h às 18h.

Eu conheci a rádio através de um amigo meu. Eu fazia música e ele me apresentou o pessoal da rádio e o pessoal me convidou para participar dos eventos. Aí eu comecei a acompanhar ouvindo, em reuniões e nos eventos da comunidade. As reuniões ainda acontecem, mas eu não tenho marcado presença por falta de tempo.

Emílio escuta a Voz do Moro porque cresceu no Morro Santana e sempre achou importante uma rádio que pudesse falar pelos moradores e pelos estudantes da região. Germano é comunicador ouvinte de duas a três vezes ao mês, tem o hábito de escutar a rádio à tarde e começou a ter contato com a Voz do Morro em 2014 depois de ingressar no movimento estudantil. “Eu escutava a rádio porque, primeiro, eu gostava de jornalismo, eu já conhecia o

pessoal que fazia a rádio e eles passavam direto em frente de casa falando sobre a rádio, a gente ouvia de alguns colegas e vizinhos. Aí comecei a ouvir” (Germano). Roberto escuta uma vez por mês, porém, não o faz ao vivo. “Como o programa vai para outras mídias eu não procuro ouvir ao vivo. A própria Voz do Morro disponibiliza no Facebook. Eu não sigo bem o horário que eles vão, que é o horário ao vivo. Eu ouço depois a gravação” (Roberto). O comunicador ouvinte acompanha a programação desde 2014 e explica o motivo:

Porque é uma rádio que tenta falar de assuntos não convencionais e que trata de questões da sociedade e que relaciona isso com a sociedade como um todo e são questões que não vão aparecer na grande mídia. Não só porque o assunto é complexo, mas também os entrevistados são pessoas que entendem do assunto e tem uma bagagem cultural que, às vezes, o ouvinte mais simplório não vai entender. Mas é necessário um programa assim porque a gente não pode sempre procurar banalizar para tentar agradar todo mundo. Se o programa quer realmente provocar, esclarecer, ele tem que ousar mais. Isso tu não vê no mainstream.

Fernando escuta de duas a três vezes no mês, geralmente um programa específico de seu interesse. O primeiro contato com a Voz do Morro ocorreu há um ano e meio porque “o Freitas (comunicador locutor Rafael) e o Fábio (outro comunicador locutor) são meus amigos pessoais e porque sempre trazem algum tema relevante à História imediata ou a algum conceito histórico.” Fernando escuta a RADCOM “porque leva à descentralização da informação. É uma forma de mídia alternativa que tu não encontra nos canais abertos”. Rachel é uma comunicadora ouvinte assídua, escutando a rádio todo fim de semana, especialmente no final da noite entre 21h e 23h. Ela acompanha a rádio desde 2009

[...] para fortalecer a questão do bairro, da comunidade, as informações locais também que eram passadas por ali que não tem nas rádios comerciais e por ter uma programação bem específica assim [...]. A rádio comunitária é importante porque é uma meio de comunicação da comunidade para a comunidade” (Rachel).

Se comparado aos comunicadores ouvintes da Rádio Comunitária Lomba do Pinheiro, o grupo que ouve a Voz do Morro não parece ter uma relação de longo prazo com a RADCOM do Morro Santana.

As questões sobre a *participação na programação* geraram respostas interessantes, já que é uma informação importante para a confecção da amostra da fase sistemática. Como o conteúdo que é transmitido é disponibilizado, em alguns programas, em espaços no ambiente digital, a participação pode ocorrer não ao vivo, mas após o comunicador ouvinte escutar o programa. Emilio afirmou que “da rádio ao vivo não (participa), mas um dia fui lá com meu professor e fui conhecer a rádio. Se tivesse mais tempo de participar eu seria um ouvinte assíduo

da rádio”. Para ele, participar tem o sentido de ir na rádio. Depois da primeira visita, se tornou um comunicador ouvinte. Sobre o porquê de participar, explicou:

Acho importante a interação que eles tentam passar. Esse programa que eu ouvia tinha o tema do empoderamento, tanto feminino como de negros e isso é muito importante. A rádio é muito necessária ali para a comunidade porque tem chegado a voz dos moradores onde não chegava e o trabalho da Luciana e do Rodrigo é essencial. Gosto muito mesmo. Se tivesse uma nota para dar para eles eu daria dez.

Outro entrevistado que entende a participação com um sentido mais presencial foi Germano. Com um histórico de militância em Porto Alegre, a Voz do Morro chegou a seu conhecimento por intermédio de mobilizações que fez parte. Para Germano participar o fez amadurecer:

Eu participei como ouvinte do programa Visão Periférica que fazia parte do coletivo Visão Periférica. Eles têm uma biblioteca, uma horta e também fazem Ecotrilha pelo Morro Santana. Eu conheci o pessoal e participei do programa indo na rádio. Eu participei próximo do período das ocupações das escolas. Conheci o pessoal na escola que eu ajudei na ocupação.

Inclusive eu entrei em contato com o pessoal para poder ficar mais perto, mais próximo da rádio porque o que a gente ouve na rádio é muito da realidade assim da periferia principalmente. O que se fala na rádio a gente não consegue ouvir na mídia convencional, na mídia tradicional. Eu fiquei muito ligado com isso. A rádio é um movimento social em si no Morro Santana (Germano).

Quando não foi à rádio, Germano participou pelo Facebook. “Eu estou no grupo de comunicadores. Eles me colocaram no grupo e eu interajo com eles até hoje por lá. É digital minha participação.” Roberto foi comunicador ouvinte e também convidado na programação da Voz do Morro. Sua participação se deu porque, segundo ele, há um aprendizado muito grande:

Por mais que eu saiba um pouco, eu não sei tudo. Eu aprendo ouvindo coisas que eu não sei. É importante tu ouvir as pessoas passando conhecimento numa rádio comunitária. É participar do mundo real. Não é ficar só estudando o mundo das grandes teorias, fugindo do real. Acho isso perigoso. A academia faz muito isso. Ela foge do concreto. Participar de uma rádio comunitária lida com o real, com o que a maioria dos brasileiros lida. A gente vê o que tanto a sociedade tem problemas e o quanto somos responsáveis por eles.

Diferente dos demais entrevistados, Roberto espera o programa terminar, para refletir sobre o que foi discutido e, então, elaborar alguma mensagem para ser enviada via internet:

Eu prefiro deixar eles falarem até mesmo se falarem coisas que eu não concordo para depois eu falar. Hoje vivemos numa época em que todo mundo fala, fala, comunica, mas poucas pessoas ouvem. Às vezes é melhor tu ouvir uma pessoa, pensar bem e analisar o que tu vai falar, a crítica que tu vai fazer. Hoje as coisas são muito imediatas. É melhor não ter uma opinião rápida.

Fernando também já participou dos dois lados: como comunicador ouvinte e como entrevistado, uma situação que não foi levantada nas entrevistas na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. Para ele, participar “é uma maneira de interagir com os entrevistados, com o que está sendo comunicado [...] Eu utilizei o Facebook e o WhatsApp” (Fernando). Rachel já participou de programas de debate e “como ouvinte já mandei recados também. Na época que tinha o Zona Livre. Os guris faziam sorteios. Primeira vez que tive contato com o mundo da rádio foi quando eu ganhei um CD”. Para a comunicadora ouvinte, “por ser uma rádio comunitária é importante a participação do morador do bairro para criar vínculo, para ter laço na comunidade e essa coisa das notícias do bairro. Eu acho que isso é o mais forte assim da rádio comunitária” (Rachel). As formas de participação não diferem dos outros três entrevistados. “Já usei computador, o WhatsApp. Teve uma época que eles tinham um telefone e eu liguei pra lá. Depois de um tempo parou de ter. E participei ao vivo. Fui lá”.

Sobre a realização de atividades, todos mostraram um grau de engajamento superior aos comunicadores da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. São engajados em movimentos ou ações que buscam levar cidadania, cultura e educação a regiões menos favorecidas. Emílio tem um grupo de RAP:

A gente faz arrecadações de roupas e já fizemos eventos escolares, por convite da própria rádio. Também tem o evento da própria rádio que acontece anualmente e a gente participou também. O grupo de rap é o Lado Sul Hip-hop Corporation. Quando o pessoal convida para eu participar de conversas sobre cultura negra e hip-hop eu participo.

Germano é o mais envolvido de forma orgânica em grupos e movimentos da capital gaúcha, com vinculação também partidária. “Hoje o protagonismo do pessoal do Visão Periférica é completamente do pessoal que iniciou, mas eu ajudo eles com livros para a biblioteca. Estou sempre lá para ajudar. Mas não faço parte. Só ajudo eles. Sou militante do PSOL e atuo no movimento estudantil. Faço parte do Afronte” (Germano). Já Roberto trabalha de forma voluntária em três instituições em Canoas, onde reside, dentro do projeto da ONG Parceiros Voluntários. Fernando dedica parte de seu tempo e seu conhecimento em um curso pré-vestibular popular em Alvorada, onde reside, chamado Minervino de Oliveira. Rachel foi mais ativa no passado, pois precisa cuidar de uma filha pequena, o que a afastou de atividades que não sejam trabalho e casa. “Um tempo participei ajudando no CEDECO (centro

comunitário), um tempo na Associação de Moradores do Morro Santana. No CEDECO ajudei a organizar, arrumar, a limpar, a pintar. Na Associação, mais a parte da construção mesmo, de pensar” (Rachel).

As *rotinas* não são muito diferentes entre os respondentes. Emílio estuda pela manhã e noite e trabalha à tarde. Germano também estuda na parte da noite e se envolve com o movimento estudantil. “Na parte da tarde quando a gente tem reunião do movimento estudantil eu tento me dedicar quase 100% do resto do tempo que eu tenho livre para o movimento. Sou militante e tanta captar pessoas, fazer um trabalho de base, trocando uma ideia, panfletando, participando de assembleias” (Germano). Roberto dá aulas como voluntário em alguns dias da semana. “Tarde e noite é trabalhar e estudar. Ler um livro, algo relacionado, ou alguma notícia do que está acontecendo. Também procurei emprego” (Roberto). Fernando tem uma filha e se divide entre trabalho, projeto no curso pré-vestibular e trabalho. Rachel acorda cedo, como os demais, trabalha em casa fazendo doces, “depois vou para o estágio, cuido da minha filha. Volto pra casa pelas 18h e durmo pela meia-noite, uma hora”.

Com os dados compilados da Voz do Morro, consegui selecionar os participantes para a fase sistemática. No final das entrevistas, como fiz com os demais entrevistados, foi lembrado a cada participante que eles poderiam ser convidados a participar da etapa subsequente em que todos concordaram. Não houve dificuldades de entendimento do que era solicitado, sem haver a necessidade de reconstruir perguntas. Assim, com atenção às características que determinei como pré-requisitos para a escolha da amostra – pluralidade nas formas de participação, perfis diferenciados, além da compreensão dos questionamentos feitos, dos cinco nomes da Voz do Morro, foram selecionados três: Roberto; Fernando; Rachel

#### **5.4 Os processos e procedimentos da fase sistemática da pesquisa**

Antes de explicitar os movimentos propriamente ditos da fase sistemática, faço uma rápida reflexão acerca deste momento da pesquisa. A correta compreensão dos fenômenos sociais demanda o uso de métodos e instrumentos metodológicos adequados. Uma vez que se pretende compreender como se constituem os processos comunicativos entre rádios comunitárias situadas no contexto de Porto Alegre e os ouvintes que compõem seu público no contexto da midiatização digital na perspectiva de construção de uma comunicação comunitária e cidadania comunicativa, esta pesquisa encontrou a sustentação necessária no estudo de caso.

Conforme Yin, o “estudo de caso permite aos investigadores reterem as características holísticas e de sentido dos eventos da vida real” (2004. p.4)<sup>108</sup>. Mais os questionamentos propostos buscam compreender os fenômenos da atualidade a partir de perguntas voltadas ao *como* e ao *porquê*, mais o estudo de caso se adequa e se torna relevante. Yin reforça a compreensão do estudo de caso como sendo “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando as fronteiras entre fenômeno e o contexto não são claramente evidentes” (2004, p.18)<sup>109</sup>.

Ao pensar nos atravessamentos do contexto sobre as diferentes dimensões constitutivas dos serviços de radiodifusão comunitária e na relação que se estabelece entre a RADCOM e seu público, fica clara a importância da pesquisa em mais de uma emissora, uma vez que cada processo comunicacional entre a rádio e seu respectivo público conta com especificidades que podem não estar presentes em todas as experiências investigadas. Nesse sentido concebo, compartilhando com Berg, que os estudos de caso comparativos podem “permitir uma melhor compreensão, percepção ou talvez melhor capacidade de teorizar sobre um contexto mais amplo” (2009, p.326)<sup>110</sup>.

Para esta fase da pesquisa, a coleta de dados teve como um dos procedimentos a entrevista qualitativa em profundidade, uma vez que a intenção era buscar, junto aos comunicadores locutores das rádios e aos comunicadores ouvintes as respostas para os questionamentos propostos. Nesse sentido, Berg (2009) considera que, por meio da entrevista qualitativa, o pesquisador se aproxima do mundo a partir da perspectiva do sujeito entrevistado.

Dessa forma, por meio da entrevista *in loco*, isto, é, visitando os espaços onde o serviço de radiodifusão comunitária é concretizado ou onde o respondente reside foi possível obter as informações que me interessavam. A partir do que apresenta Berg (2009) como sendo os modelos de entrevistas, baseados na formalidade e na flexibilidade que permitem, optamos pela entrevista semiestruturada, que permite alteração na ordem dos questionamentos feitos, flexibilidade na forma de questionar e no nível de linguagem utilizado; permite, também, que o pesquisador explique as perguntas quando não são bem compreendidas e responda a indagações feitas pelos entrevistados. Situações estas que foram recorrentes durante as entrevistas com comunicadores locutores e comunicadores ouvintes da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. Na Voz do Morro, os respondentes não tiveram dificuldade em compreender as questões na forma em que foram elaboradas por mim.

---

<sup>108</sup> Tradução minha. Original em inglês.

<sup>109</sup> Tradução minha. Original em inglês.

<sup>110</sup> Tradução minha. Original em inglês.



Thompson afirma que “ser bem-sucedido ao entrevistar exige habilidade (1992, p.254). Essa ideia esteve presente durante o processo de entrevistas em profundidade da fase sistemática com seis comunicadores locutores e seis comunicadores ouvintes da Voz do Morro e da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. Doze pessoas de contextos distintos, com compreensões de mundo diferentes, graus de escolaridade variados, percepções do viver em comunidade diferenciadas. Enquanto entrevistador, segui Thompson ao afirmar que ser bom é “desenvolver uma variedade do método que, para ele, produz os melhores resultados e se harmoniza com sua personalidade” (1992, p.254). Assim, as dificuldades enfrentadas por mim *in loco* precisaram ser contornadas praticamente no momento da minha fala ou da fala do entrevistado, o que foi feito com a inversão de perguntas, começando pelo fim ou pelo meio do roteiro, explicando o que eu pretendia com as respostas ou até mesmo trazendo como forma de exemplo, o que havia dito um dos respondentes acerca do que eu questionava. Foram estratégias decididas no momento da entrevista, mas que surtiram efeito ao longo de todo o processo.

Thompson (1992) também destaca o tempo que é dado ao informante, sendo respeitado por mim ao longo das entrevistas. Para o autor, é preciso dar ao entrevistado “todo o tempo que quiser para ir em qualquer direção” (1992, p.257). Dentro desse contexto temporal, cabe destacar que, como ressalta Thompson, os entrevistados podem ter características distintas em relação a quanto falam, variando do muito falante ao lacônico. Assim, para alguns as perguntas devem ser mais abertas do que para outros. Essa adaptação foi levada em consideração na pesquisa.

Na falta de um complemento ou o início de uma nova ideia sem o término da anterior, utilizei recursos que o referido autor destacou como relevante e denominou de “interjeição provocadora” (1992, p.260). Esse recurso foi empregado mais fortemente nas entrevistas com os representantes da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. Destaco ainda a seguinte ideia de Thompson: “Normalmente, deve-se evitar perguntas diretivas. Se você apresentar suas próprias opiniões, especialmente logo no início da entrevista, será mais provável que obtenha respostas que o informante considera que você gostaria de ouvir, e que, por isso, serão menos confiáveis, ou duvidosas, como evidência” (1992, p.261). Os respondentes da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro por repetidas vezes diziam: *Não sei se é isso que o senhor quer ouvir* ou *Não sei se estou falando certo porque o senhor é quem sabe das coisas*. Essas interrupções ocorriam ao longo da própria fala dos respondentes. Pareciam preocupados com o que diziam. Para que as respostas não fossem, então, estereotipadas ou que buscassem *me* satisfazer – na visão deles, eu os tranquilizava informando que o importante era o que me diziam, as histórias que me contavam, os fatos que lembravam e não a forma como relatavam.

Por repetidas vezes, os lembrei que tudo que falavam tinha importância. Nesse ponto, utilizei outra estratégia destacada por Thompson:

Fundamentalmente, espera-se que o entrevistador demonstre interesse pelo informante, permitindo-lhe falar o que tem a dizer sem interrupções constantes e que, se necessário, proporcione ao mesmo tempo alguma orientação sobre o que discorrer. Por baixo disso tudo está uma ideia de cooperação, confiança e respeito mútuos. Uma entrevista não é um diálogo, ou uma conversa. Tudo o que interessa é fazer o informante falar. Você deve manter-se o mais possível em segundo plano, apenas fazendo algum gesto de apoio, mas não introduzindo seus próprios comentários ou histórias (1992, p.271).

Destacar a relevância de cada palavra e mostrar interesse no que diziam, quer seja por linguagem verbal ou não verbal, me ajudaram a estabelecer essa relação necessária de empatia com os entrevistados. Por isso ser fundamental o encontro presencial para a realização das entrevistas da etapa sistemática. Sobre o ambiente, evitei que elas ocorressem no espaço físico da RADCOM, pois poderia ser intimidador caso tivessem algum ponto que consideravam negativo ou crítico sobre a emissora.

Finalizo essa reflexão com dois últimos elementos: o tempo de entrevista e o momento pós-entrevista. Thompson diz que “em circunstâncias normais, uma hora e meia ou duas horas será em todo caso um tempo máximo razoável” (1992, p.273). Não querendo determinar um fim para cada encontro, levei em consideração a idade dos entrevistados, consideravelmente maior da Lomba do Pinheiro, e conduzi as questões que geraram um período médio de pergunta-resposta conforme o que refere Thompson. O mesmo ocorreu na Voz do Morro. Sobre o término das entrevistas, sempre busquei ficar um tempo para reafirmar o anonimato, ressaltar a importância de tudo que foi gravado e fazer uso da hospitalidade dos entrevistados. O referido autor é enfático e demanda que o entrevistador não deve sair assim que termina a gravação. Como observa Thompson, “você deve ficar um pouco, dar algo de si, e mostrar simpatia e apreço em retribuição ao que lhe foi dado” (1992, p.273).

A seguir, apresento os roteiros das entrevistas da etapa sistemática realizadas com os comunicadores locutores e ouvintes das rádios comunitárias selecionadas para essa pesquisa.

#### ***5.4.1 Entrevista sistemática com os comunicadores locutores***

Nesta etapa, o contato com os comunicadores locutores ocorreu entre os dias 15 de outubro de 2017 e 20 de dezembro do mesmo ano. O procedimento metodológico para a realização da coleta de dados da pesquisa sistemática utilizado foi uma entrevista em profundidade (Apêndice F). O roteiro elaborado para nortear a entrevista foi organizado em seis blocos de questões. como explicito na sequência.

Com as perguntas sobre o *os dados pessoais* dos comunicadores locutores, busquei confirmar a idade e o local de residência, na intenção de mapear onde residem e que relação podem já ter com a comunidade em que vivem, caso seja próxima à RADCOM na qual apresentam programas. No *Bloco 1 – Trajetória dos comunicadores – Aspectos socioculturais*, foram questionados a formação educativa, o trabalho, a formação política/militante e os lugares vividos e suas relações comunitárias. Os respondentes foram estimulados a contar sobre o percurso escolar que tiveram, por onde passaram, que outros cursos fizeram e se, ao longo de sua formação, chegaram a dedicar tempo a algum curso em comunicação ou ligada ao trabalho com rádio. Sobre o trabalho, buscou-se compreender o contexto familiar ao questionar a profissão dos pais e as atividades que o entrevistado desenvolveu ao longo de sua vida e atualmente. As vinculações políticas e de militância também constroem essa etapa do roteiro e objetivou compreender as relações com movimentos, partidos políticos, associações, sindicatos ou ações sociais – uma informação que coloca o comunicador locutor inserido ou não em realidades que podem dialogar com a rádio comunitária. Os lugares vividos tentam construir possíveis relações com as comunidades em que o entrevistado morou e a ligação com a região em que a RADCOM está instalada.

O *Bloco 2 – Trajetórias de consumo e usos das mídias* solicitou do respondente um resgate de memória, uma vez que ele precisava lembrar que meios de comunicação utilizou/utiliza e para que fim. Foram elencados cinco: televisão, rádio, jornal impresso, revistas e internet. A partir do relato, o comunicador locutor elencou em que meios ele busca informação e o porquê de sua escolha. A próxima questão precisou ser explicada, reformulada ou exemplificada para a maioria dos entrevistados: Como te comunicas com as outras pessoas? O bloco 2 também demandou conhecimento de como se navega na Internet, de como se comunica utilizando computador ou smartphone. Na sequência foi feita a pergunta mais difícil de ser respondida pelos seis entrevistados: Consegues identificar uma relação entre a forma que tu consumes informação e te comunicas com as pessoas com a forma que ofereces de comunicação na rádio comunitária? A intenção era buscar os atravessamentos que pudessem indicar os meios utilizados pelos comunicadores locutores fora da RADCOM e a utilização dos mesmos meios (ou outros) durante a veiculação de seus programas.

No *Bloco 3 – Trajetória dos comunicadores – mídias e rádio comunitária*, o mais extenso dos seis que compõem o roteiro, as questões trataram da trajetória em outros meios, da trajetória em outras rádios comunitárias, da trajetória na rádio comunitária (em que atuam) e informações sobre a rádio comunitária. O bloco tinha o objetivo de buscar conhecimentos prévios de atuação em outros meios, inclusive os de caráter comunitário. O histórico de

produção de conteúdo, da relação com o público nesses meios também foi solicitada pelo entrevistador. Dentro de um contexto de experiências que possam auxiliar o comunicador locutor na função que exerce na atualidade na RADCOM, ele precisou, ainda, fazer referência ao que aprendeu nas experiências que teve. Esse conjunto de perguntas teve como foco a comunicação comercial, bem como a comunitária, com a diferença de que sobre essa última modalidade, o respondente precisou fazer uma reflexão sobre a relação entre sua história pessoal e o modo como os programas que comunicas são elaborados. No que tange o grupo de perguntas sobre a rádio comunitária, a intenção foi perceber o grau de conhecimento e percepções que existe sobre os processos, as transformações/mudanças, as dificuldades e a relação com o público – a depender das respostas tem-se pistas do quão o comunicador locutor percebe seu entorno, está atento ao que acontece no espaço em quem apresenta um programa. A última questão desse bloco foi também considerada mais complexa que as demais. A saber: Qual o lugar das pessoas da comunidade numa comunicação que busca ser comunitária.

O *Bloco 4 – Atuação dos comunicadores na rádio comunitária* era composto de apenas quatro perguntas e tinha o objetivo de aprofundar o conhecimento já coletado na fase exploratória. O entrevistado precisou relatar as funções que tem na RADCOM, as tarefas que realiza e as rotinas de trabalho e, por fim, fazer uma reflexão sobre como desenvolve a comunicação com o ouvinte durante a sua rotina de trabalho. Já no *Bloco 5 – Processos comunicacionais com os ouvintes – o lugar das mídias digitais*, as perguntas direcionavam as respostas para as percepções, usos e apropriações do ambiente digital, um dos pontos centrais dessa tese. Como no bloco anterior, alguns questionamentos serviram para reforçar o que foi colhido na etapa exploratória e avançou com as seguintes perguntas: Que estratégias utiliza para fomentar a participação e a comunicação com o ouvinte? Quem decide essas estratégias? Como você avalia estas estratégias e sua efetividade para promover a participação? Há limites para a participação do público? O que se buscou foi o grau de autonomia do respondente com relação ao que se oferece como meios de comunicação para seu público. Como parte final do bloco, a ênfase é nas mídias digitais, sendo solicitado ao comunicador locutor refletir e avaliar os processos comunicacionais perspectivando o digital.

O *Bloco 6 – Percepções sobre a comunicação comunitária e a cidadania comunicativa* trouxe novos desafios, uma vez que demandou a compreensão (não teórica) dos conceitos de comunidade, cidadania e comunicação comunitária, já que demandou um esforço de resgatar todo um contexto de vivência e atuação da RADCOM para responder a dois questionamentos: Na tua visão, a rádio comunitária promove uma comunicação efetivamente comunitária? Como? Há limites nesta atuação? A rádio colabora para a promoção da cidadania do público?

De que maneira? Há limitações? Os comunicadores locutores da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro necessitaram de esclarecimentos acerca do que se pretendia com as perguntas.

Participaram da fase de entrevistas os seguintes comunicadores locutores: Edson da Rosa Rodrigues (entrevista realizada na sede da rádio em 18.12.2017); Gastão Moreira da Rocha (entrevista realizada na sede da rádio em 18.12.2017); Rosa Maria Nunes da Silva (entrevista realizada na sede da rádio em 20.12.2017).

No caso da Voz do Morro, os comunicadores locutores não foram encontrados na sede da RADCOM, uma vez que a programação vai ao ar nos domingos e porque todos tinham compromissos profissionais em horário comercial, o que restringiu as possibilidades. Os três selecionados foram: Marcela Passos Gonçalves (Mai) (entrevista realizada no campus FAPA da UniRitter, no bairro Passo das Pedras – Porto Alegre, em 15.12.2017); Luciana Ferreira Soares (entrevista realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Mariano Beck, no Bairro Bom Jesus – Porto Alegre em 18.12.2017); Rafael da Silva Freitas (entrevista realizada na residência do comunicador locutor, no bairro Sumaré – Alvorada em 19.12.2017).

#### ***5.4.2 Entrevistas sistemática com os comunicadores ouvintes***

A etapa sistemática com os comunicadores ouvintes foi a última a ser realizada nessa pesquisa. O contato com os representantes da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro ocorreu entre os dias 01 de janeiro e 10 de janeiro de 2018. Na Voz do Morro, ocorreu entre 01 de janeiro e 19 de janeiro de 2018. O procedimento metodológico para a realização da coleta de dados da pesquisa sistemática utilizado foi uma entrevista (Apêndice G) que teve elementos semelhantes ao roteiro aplicado aos comunicadores locutores. O roteiro também elaborado para nortear a entrevista foi organizado em cinco blocos de questões.

As perguntas sobre o *os dados pessoais* dos comunicadores ouvintes trouxeram informações sobre idade, estado civil, profissão, escolaridade e local de residência. No *Bloco 1 – Trajetória dos ouvintes – Aspectos socioculturais*, questionava a formação educativa, o trabalho, a formação política/militante e os lugares vividos e suas relações comunitárias. A intenção foi a mesma do roteiro dos comunicadores locutores – fazer um resgate de memória sobre o percurso de formação escolar, profissional, de engajamento em grupos e/ou movimentos sociais, bem como a relação com a comunidade onde reside.

O *Bloco 2 – Trajetórias de consumo e usos atuais das mídias* solicitou, da mesma forma que o outro grupo de respondentes, a lembrança de que meios de comunicação utilizou/utiliza e para que fim. Foram elencados cinco: televisão, rádio, jornal impresso, revistas e internet. A

partir das respostas, o comunicador ouvinte listou os meios que utiliza para buscar informação e o porquê. Acrescentou à resposta se o processo de consumo de informação sofreu alguma forma de alteração ao longo de sua vida. Da mesma forma como ocorreu com os comunicadores locutores, as questões seguintes precisaram ser reformuladas para que se obtivessem as respostas desejadas: (1) Como te comunicas com as outras pessoas? Que meios utilizas para se comunicar? Por quê? e (2) Consegues identificar uma relação entre a forma que tu consumes informação e te comunicas com as pessoas com a forma que participas na rádio comunitária?

No *Bloco 3 – Trajetória dos ouvintes com rádio e rádio comunitária*, similar aos blocos 3 e 4 da entrevista realizada com os comunicadores locutores, é o mais extenso dos cinco blocos. As questões lidam com a trajetória, enquanto público ouvinte e/ou participante em rádios comerciais e comunitárias. No grupo de perguntas sobre a rádio comunitária, o objetivo foi apreender as concepções, por parte do comunicador ouvinte, dos processos que ocorrem na RADCOM. As últimas questões desse bloco retomam os hábitos relacionados à escuta radiofônica.

O *Bloco 4 – Participação na rádio comunitária*, penúltimo da entrevista, buscou entender os motivos que levam o entrevistado a participar, suas razões e experiências. Precisou, ainda, fazer uma avaliação da maneira como a rádio usa as mídias digitais para se relacionar com os ouvintes. O *Bloco 5 – Percepções sobre a comunicação comunitária e a cidadania comunicativa* repetiu os desafios enfrentados com os comunicadores locutores. Perguntas que pediam para o respondente se colocar no lugar dos comunicadores gestores ou solicitava sugestões ou mudanças na RADCOM foram facilmente assimiladas. As que precisaram de um esforço do entrevistador para que fossem compreendidas de forma correta foram: (1) Para você, a comunicação que é feita na rádio é comunitária? Por quê? O que faz com que ela seja comunitária? (2) Qual o lugar das pessoas da comunidade numa comunicação que busca ser comunitária? e (3) Na tua opinião, a rádio colabora para a promoção da cidadania das pessoas da comunidade? De que maneira? Os comunicadores ouvintes da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro precisaram de apoio com as perguntas.

Participaram da fase sistemática da pesquisa: Francisca (entrevista realizada em sua residência – Lomba do Pinheiro em 10.01.2018); Adão (entrevista realizada em sua residência – Lomba do Pinheiro em 10.01.2018); Rui (entrevista realizada em sua residência – Lomba do Pinheiro em 10.01.2018). Na Voz do Morro, os selecionados foram: Roberto (entrevista realizada em sua residência – Canoas em 11.01.2018); Fernando (entrevista realizada em sua residência – Alvorada, em 12.01.2018); Rachel (entrevista realizada no centro de Porto Alegre, em 19.01.2018).

Com relação ao processo de entrevistas, tanto os encontros presenciais com os comunicadores locutores, como o ocorrido com os comunicadores ouvintes tiveram semelhanças quanto à receptividade e a relação construída entre entrevistador-entrevistado. Essa percepção esteve presente nas duas rádios que integraram essa pesquisa. A diferença está no fato de que, na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, os entrevistados no início do processo – e essa é uma observação pessoal minha – sentiam-se um pouco nervosos por talvez “não darem a resposta correta” ao imaginarem que haveria uma expectativa da minha parte sobre o que eu gostaria de ouvir.

Os encontros realizados nas sedes das emissoras e aqueles nas residências dos entrevistados mostraram uma vontade de participação. Após o término das entrevistas pude conversar de forma informal com todos a respeito da região, da rádio comunitária em si, do viver no bairro em que moram – indicativos de que houve uma sintonia durante o processo e uma abertura durante e após a etapa sistemática de pesquisa. Todas as entrevistas foram agendadas com dia, local e horário específicos, não havendo necessidade de remarcações.

As entrevistas foram gravadas com meu aparelho celular e ao longo dos encontros eu conferia se o aparelho estava funcionando corretamente, sem atrapalhar o andamento das respostas. O processo de decupagem do material empírico colhido está explicitado no Apêndice I - Detalhamentos relativos ao contato com os comunicadores (gestores – locutores – ouvintes). As análises foram divididas por rádios e também por entrevistado, começando pela Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro – comunicador locutor e, depois, comunicador ouvinte. A mesma lógica de organização analítica foi empregada na Voz do Morro. Os dados não foram trabalhados por blocos de questão – como aparecem nos roteiros das entrevistas, e sim por objetivos específicos propostos por esta tese. Por fim, os dados dos dois grupos de entrevistados são cruzados para as considerações finais.

## **6 OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS NA LOMBA DO PINHEIRO NAS PERSPECTIVAS DOS COMUNICADORES LOCUTORES E OUVINTES**

Neste capítulo são apresentadas a análise e a interpretação dos dados relativos à Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. Assim, num primeiro movimento são reconstruídos e analisados os dados obtidos das entrevistas com os comunicadores locutores; depois, aqueles obtidos junto aos três comunicadores ouvintes. Perfil e trajetória dos entrevistados, incluindo aspectos sobre a educação formal, a história profissional, o cotidiano e a cultura são abordados inicialmente.

## 6.1 Perspectivas dos comunicadores locutores

No sentido de identificar os participantes da entrevista sistemática e seus respectivos contextos, trago aqui as informações relativas às suas trajetórias constitutivas – dados solicitados na entrevista exploratória e aprofundados na sistemática. O objetivo é compreender como a educação formal, a história profissional, o cotidiano, e a cultura, incluindo a midiática, configuraram ou tiveram relação com as respostas dadas sobre o consumo e uso atual de mídias, os processos comunicacionais com os comunicadores ouvintes e as concepções relativas à comunicação comunitária e à cidadania comunicativa. Cabe ressaltar aqui que penso ser necessário considerar os diferentes contextos e trajetórias que constituem os comunicadores, dado que penso que eles são produtores de sentidos e que estes contextos e trajetórias estão implicados nesta produção.

*Edson da Rosa Rodrigues* (Edson) tem 50 anos de idade, é nascido e reside na Lomba do Pinheiro – tendo passado por Santo Antônio da Patrulha, Sapiranga e São Leopoldo; *Gastão Moreira da Rocha* (*Gastão*), tem 72 anos de idade e reside na Lomba do Pinheiro há 36 anos, é natural do interior de Camaquã e já residiu em Cachoeirinha também; finalmente, *Rosa Maria Nunes da Silva* (Rosa Maria), de 69 anos de idade, é também moradora do bairro. As informações dos três entrevistados demonstram uma relação muito forte com a região, onde a RADCOM está instalada, expressa ao verbalizarem que *são* do bairro ou pela forma como defendem a Lomba do Pinheiro.

Mesmo com autores ressaltando a questão do repensar o território no que tange os serviços de radiodifusão comunitária, como Peruzzo (2006a), Hollander (2012) e Coêlho (2014), o que se percebe na Lomba do Pinheiro é uma ligação dos comunicadores com o espaço geográfico no qual a rádio está inserida, afirmação que faço sustentada pelos dados empíricos colhidos nas entrevistas. Ferdinand Tönnies denomina essa relação estabelecida como uma comunidade de proximidade (apud PAIVA, 2007, p.135). O sentimento de pertencimento tem, na Lomba do Pinheiro, similitudes com o que García Canclini (2010) destacou como uma relação de um grupo menor como uma nação ou classe.

A média de idade dos comunicadores locutores entrevistados é de 64 anos de idade, o que os colocaria na faixa de idoso (acima de 60 anos), segundo definição trabalhada pelo IBGE. Quanto à escolaridade dos comunicadores locutores, todos tiveram pouco estudo, exceto Edson.

Segundo grau completo. Até a 5ª série estudei em colégio público municipal aqui na Lomba do Pinheiro mesmo. A Lomba pertencia ao município de Viamão. Depois fiz curso técnico em escola particular. Meu pai conseguiu uma bolsa para técnico em



contabilidade (Edson, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Eu me criei no interior e não tive chance de estudar. Aos 11 anos eu já trabalhava na safra de arroz, do tempo das foices. Tinha que trabalhar na roça. Daí fiz só até a 4ª série. Em Camaquã (Gastão, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Estava terminando o 2º grau. Sempre estudei em Porto Alegre. Estava para terminar e tive que parar para ajudar minha mãe que veio morar comigo (Rosa Maria, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

*Edson*, o comunicador locutor com maior grau de escolaridade, avançou nos estudos ao fazer cursos de Informática e de Refrigeração no SENAI, o que lhe permitiu uma melhor colocação no mercado de trabalho. Buscou, ainda, uma formação na área da comunicação para melhor desenvolver a função de apresentador de programa de rádio, não a tendo concluído. *Gastão* e *Rosa Maria* tiveram na própria experiência ao vivo na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro o aprendizado necessário para serem protagonistas no que se refere à apresentação. Na época em que teve contato com a RADCOM, *Gastão* precisou de 15 dias para aprender a utilizar o equipamento e ter confiança para entrar no ar.

Busquei resgatar a *profissões dos pais* para entender o contexto familiar quanto à escolaridade e à ocupação, o que pode ser um indicativo de condição social da família. No caso de *Edson*, o pai era funcionário público e a mãe, do lar. Ambos os pais de *Gastão* trabalhavam na roça e não tinham estudo. Conforme ele, os filhos cresciam o suficiente para segurar uma enxada e já eram levados para o campo. Dessa forma, ele precisou largar a escola cedo como já referido, e sente dificuldades em se expressar e compreender certos assuntos “que não entende”. *Rosa Maria* lembrou que seu pai era motorista de ônibus e sua mãe, costureira.

Quanto às *atividades em que trabalharam e trabalham atualmente*, *Edson* foi comerciante por 15 anos, antes de ser refrigerista, sua ocupação atual. *Gastão* passou por diversas empresas e instituições até se aposentar. O pouco estudo não permitiu que conseguisse empregos melhores, porém afirma que nunca desistiu de seus sonhos. Queria ter sua casa própria e, para isso, conseguiu uma vaga em caminhão de lixo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. No total, foram 28 anos de serviço até a aposentadoria. “Tinha um colega na PUC que trabalhava no caminhão do lixo. Esperei 9 meses por uma vaga. Um dia me chamaram. Asmático eu usava uma bombinha no caminhão. Corri 7 anos atrás do caminhão” (*Gastão*). *Rosa Maria* trabalhou em casa de família (como doméstica) até casar. Atualmente é do lar.

Os depoimentos mostram que os comunicadores locutores vieram de famílias e tiveram trajetórias vinculadas às classes populares; tiveram uma passagem incompleta pelo ensino formal, com exceção de *Edson*, que também buscou formação para atuar no rádio.

Em relação ao *engajamento político/militante*, *Gastão* foi o único comunicador locutor a negar qualquer envolvimento. *Rosa Maria* foi candidata a conselheira tutelar no início dos anos 2000 e, atualmente, é presidente da Associação de Moradores do Serra Verde – responsável pela RADCOM. *Edson* atuou no Sindicato dos Produtores Rurais de Porto Alegre, como vice-presidente, por dois anos. Lembrou que seu pai era presidente da Associação de bairro e, por isso, sempre foi envolvido “nessas causas”.

Busquei indicativos referentes às *relações com as comunidades* em que residiram e/ou residem. Todos mostraram um certo grau de participação em eventos, ações e mobilizações locais, em especial, na Lomba do Pinheiro.

Sou morador e sou uma pessoa que, apesar dos pesares, tem uma visão que tudo pode melhorar através da participação. Apesar de hoje não ter tempo de fazer essa participação e ter tido muitas tristezas, acredito que é o único jeito é esse (Edson, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Sou muito conhecido aqui. Todas as pessoas me conhecem. Tenho bastante amizades até por intermédio da rádio. Eu me importo com problemas aqui da Lomba. As ruas, por exemplo, todas esburacadas. A gente reclama. Se tem que reclamar, reclamo. Tenho amizade com todos meus vizinhos (Gastão, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Tenho mais relação aqui na rádio. Sou muito conhecida na região. Eu sempre fui assim...eu gosto de aparecer. Então, eu pintei meu Fusca de cor de rosa. Ganhei troféu. Vendi o Fusca e comprei um Ka. Pinte de cor de rosa. Vendi o Ka e comprei um Fiat. Pinte de cor de rosa. Ele tem um adesivo da rádio no vidro de trás (Rosa Maria, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

Se o envolvimento dos comunicadores locutores com a região onde moram, em especial com os moradores, como relataram, revela que existe uma relação de proximidade, também é possível destacar que os três, personificam a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro por onde passam, e que podem ser responsáveis pelo fomento nos processos de comunicação e participação dos comunicadores ouvintes.

Demo (1988) que lembra que a participação é produto de reivindicação e é resultado de uma construção, por vez coletiva. Independente da aparência de facilidade que possa ter, ao longo dos relatos, veremos que o ato de participar é um processo histórico de luta e entendida, pelos comunicadores gestores de ambas as rádios comunitárias, como uma conquista.

### ***6.1.1 Vivências midiáticas e dos processos de digitalização e de convergência***

Para obter pistas sobre as possíveis mudanças dos processos de midiaticização e de convergência e às formas como os comunicadores vivenciaram tal processo – o que permite perceber indicativos de como suas culturas são midiaticizadas concretamente–busquei dados

empíricos sobre a relação que *Edson*, *Gastão* e *Rosa Maria* estabelecem com os meios de comunicação e se houve, ao longo do tempo, mudanças nas formas que utilizam para buscar informação. A partir do que expõe Jenkins (2009), convergir é uma ação também cultural, de hábito e esse foi o ponto focal aqui: compreender os impactos da convergência entre os comunicadores locutores. Corroborando com o autor, Bonin (2013) que vê na convergência um processo que impacta sobremaneira na recepção. A transformação também ocorreu na forma de consumo midiático, como veremos a seguir.

Quanto à *trajetória de consumo e usos atuais das mídias*, *Edson*, *Gastão* e *Maria* têm uma relação especial e já bastante consolidada com o *rádio*, uma vez que, pelos relatos, é um meio de comunicação que acompanha suas vidas desde há muito tempo. Os três lembram da infância como o período em que tiveram contato com o rádio.

É uma paixão. Minha mãe é apaixonada. Sempre foi uma paixão (Edson, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Tenho rádio em cada canto da casa. Antes de escutar essa aqui (rádio comunitária) eu escutava outras rádios. Ouvia notícia também (Gastão, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Tá sempre ligado. Lá em casa é assim, TV ligada e rádio ligado. Eu ligo o rádio para ver quem é que está falando. Escuto só a Lomba (Rosa Maria, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

Percebe-se que a escolaridade impacta no consumo midiático dos comunicadores. Aqueles que pouco estudaram não consomem jornal impresso e revistas. Da mesma forma que o gosto pelo rádio pode ter relação com o grau de instrução também, como apontam Ortriwano (1985) e Prado (1989) e com a forte presença da cultural oral. Ouvir rádio não implica em dominar as habilidades de ler e escrever, apontam os autores.<sup>111</sup>

No caso de *Rosa Maria* e *Gastão*, o rádio preenche os espaços deixados pela mídia tradicional (COELHO NETO, 2002); consomem basicamente somente o que é veiculado na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. Já *Edson* lê jornal diariamente, tendo preferência pela Zero Hora, e já assinou as revistas *Época* e *Veja* para informar-se.

Quanto ao meio de comunicação mais consumido no país, a *televisão*, os três informaram ter contato com produtos televisivos. *Rosa Maria* tem preferência por programas mais populares, como Programa do Ratinho e Programa do Sílvio Santos, ambos do SBT. Para ela, “notícia é pouca coisa porque é muita morte e eu não gosto”. *Edson* acredita que a TV “bitola”, por isso não assiste muitos programas ou “alguma coisa que vai abrir minha mente”.

<sup>111</sup>Cogo também destaca essa especificidade, pois o referido meio de comunicação tem um baixo custo e não demanda “habilidades prévias de seus ouvintes, podendo ser consumido a qualquer hora e lugar” (1998, p. 98).

*Gastão* afirma ligar muito pouco a televisão, deixando o consumo para os momentos de lazer como, por exemplo, para assistir a uma partida de futebol.

A respeito da *internet*, as respostas sobre seu consumo foram variadas. *Edson* afirmou ter assinatura desde o começo. *Gastão* não tem internet, mas está “aprendendo”. Já *Rosa Maria* relata usar “pra puxar música, para ver as fofocas, algumas notícias. Faz muitos anos. Em casa tenho computador, notebook.” Tais competências terão reflexo na forma como se comunicam com os comunicadores ouvintes.

Os dados coletados permitem perceber uma relação ainda forte dos comunicadores com os meios de comunicação tradicionais e analógicos, como o rádio e a televisão. Pouca ênfase é dada aos meios impressos. No que tange ao ambiente digital, apresentam diferentes níveis de conhecimentos e de competências – uma referência clara do cenário brasileiro.

*Edson* e *Rosa Maria* buscam *informação* na internet. Já *Gastão* permanece fiel ao rádio e à televisão.

Hoje, na internet. Porque hoje é o Google. Tu perguntas para o Google. O professor se aperta e ele mesmo diz, vamos procurar no Google (*Edson*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Eu pego no computador. Porque hoje eu acho mais fácil. Eu boto qualquer coisa ali e já aparece (*Rosa Maria*, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

Rádio e televisão porque estou acostumado. O rádio é um canal de comunicação que não te atrapalha. Tu tem que fazer o teu serviço e ele não te atrapalha. Tu quer pintar uma parede e tu liga o rádio. Uso bastante o rádio de pilha” (*Gastão*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

*Edson* e *Rosa* vivenciam a migração dos meios para a plataforma digital e fazem uso dela como fonte de informação e nos seus respectivos programas. *Gastão* se manteve consumidor dos meios de comunicação analógicos e busca, com esforço, se adaptar à nova realidade digital que está em processo de inserção na RADCOM desde o fim de 2017. Não houve unanimidade na reflexão sobre se, ao longo de suas vidas, houve alguma alteração na forma como buscam informação.

Com certeza. Hoje a informação é rápida. Acontecia um terremoto no Japão e tu ia saber em dois, três dias. E não podia variar porque era só aquela informação que tinha. Hoje, aconteceu alguma coisa em Roma e menos de um minuto tu sabe aqui (*Edson*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Na verdade, mudou muito porque onde me criei não tinha nada. Depois que eu vim para a cidade. Aí já tinha meio de comunicação, jornal, televisão (*Gastão*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Sim. E quero saber qualquer coisa. Agora mesmo comprei uma calopsita e quero saber como se lida. Botei no Google e já apareceu ali. Tudo o que eu quero saber do que

não sei tá ali. Antes não tinha grande acesso. Não sabia (Rosa Maria, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

Constatamos que os processos comunicacionais inscritos nas vidas *de Edson, Rosa e Gastão* são mediados por meios de comunicação analógicos, como o telefone, e digitais, como aplicativos de smartphones, como o WhatsApp ou o Messenger. Gastão mostrou o telefone celular que tem: um aparelho que pode ser considerado obsoleto por muitos por não possuir um sistema operacional. Já *Edson e Rosa* são usuários de smartphones e, dentro de seus limites, das possibilidades advindas dessa tecnologia.

Conforme Sodré (2006), as relações humanas passam por um processo de virtualização, porém, verificamos que ainda existem obstáculos de diferentes origens que impedem o uso da internet pela RADCOM, quer seja por falta de acesso real e concreto à plataforma digital ou pela falta de competências digitais do comunicador gestor – responsável pela emissora – ou do comunicador locutor – responsável pelo programa. É o que ocorre com *Gastão, Rosa e Edson* têm processos comunicacionais já atravessados pelo digital. O que foi observado na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro coaduna com o que observa Peruzzo (2004b) em termos do gap digital. É uma rádio enraizada analogicamente que busca, aos poucos, ganhar espaço no ambiente digital. A vivência dos processos de digitalização e convergência por parte dos comunicadores locutores é, ainda, embrionário. É preciso capacitação para que antigas práticas (uso do CD ou de uma discoteca física) possam ser substituídas por *playlists* digitais, por exemplo.

### ***6.1.2 Concepções, estratégias e realizações comunicacionais das rádios comunitárias relativas à participação do público***

Ao entender que existem diferentes contextos que podem auxiliar na construção das formas como os comunicadores locutores concebem as realizações comunicacionais, bem como as estratégias pessoais para o fomento da participação do locutor ouvinte em seus programas, questionei os entrevistados em relação a como se comunicam com outras pessoas nas suas relações diárias na tentativa de pensar possíveis relações com os meios que utilizam para a comunicação durante seus programas. Todos elencaram os meios que utilizam pela facilidade do uso, isto é, os quais dominam a tecnologia referida, quer seja analógica ou digital, mas não descartaram a comunicação presencial, em que o contato olho no olho se faz necessário. No caso de *Edson e Rosa Maria*, ambos já têm as relações com outras pessoas mediados digitalmente. *Edson*, mesmo afirmando “ser do tempo antigo” – uma referência às velhas formas de comunicação, utiliza a Internet.

Sou do tempo antigo. Gosto do olho-no-olho. Mas não é só isso. No meu serviço eu preciso do telefone. Faz parte da minha vida. Preciso de uma secretária que me ajuda a colocar minha agenda. Não consigo lembrar. WhatsApp também. Todo mundo usa. Ou tu entra ou tu sai fora. Ou tu evolui, ou tu fica pra fora (Edson, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Pela rádio, telefone e pessoalmente. Só esses. Porque são os meios mais fáceis que tem (Gastão, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Pela rádio, pelo WhatsApp. Pessoalmente também. Onde eu tô tem pessoas que eu nem conheço. Antes eu ficava com vergonha. Agora não. Uso telefone também. Uso esses meios porque é o mais fácil. Nós temos aqui na rádio um celular que é da rádio. Quem quer mandar mensagem pode mandar (Rosa Maria, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

O que se percebe é que os entrevistados circulam normalmente, ainda que em graus diferenciados, em meios de comunicação de natureza analógica e digital. *Rosa Maria* e *Gastão* mencionaram a própria rádio comunitária como um meio de comunicação e não estão equivocados. Durante as entrevistas em profundidade, ocorridas *in loco*, pude perceber claramente que a emissora é um meio de comunicação dos comunicadores locutores com o público. Em diversas ocasiões, *Edson* e *Rosa Maria* ligaram para os comunicadores ouvintes, colocando-os no ar.

Um exercício de reflexão foi, então, solicitado aos entrevistados. Precisavam estabelecerem uma relação com a forma com que consomem informação e se comunicam com as pessoas com a forma como oferecem de comunicação durante seus programas. Todos tiveram dificuldade em compreender a questão e precisaram da minha intervenção para que pudessem responder. As pistas para compreender as respostas deles foram dadas na questão anterior, uma vez que *Gastão* não se mostrou seguro ao afirmar que utiliza o ambiente digital, o que demonstra que essa pouca competência pode restringir os meios que ele mesmo oferece quando está no ar – confirmação essa que ocorreu com sua fala: “Na rádio só uso telefone. Não consigo me comunicar pela internet. Gostaria de aprender. Estou lutando para aprender” (*Gastão*).

O referido comunicador locutor, de pouca escolaridade, origem do interior de um pequeno município do Rio Grande do Sul, que teve acesso a meios de comunicação, mesmo que analógicos, mais tarde – em comparação com os demais entrevistados – é o que precisa, segundo ele mesmo, mais auxílio para não ficar para trás no que tange às possibilidades de comunicação que a própria RADCOM oferece. Durante as visitas para conhecer a emissora e entrevistar *Gastão*, pude observar o comunicador-gestor Paulo Silva operando a mesa, isto é, sendo responsável por colocar as músicas no ar, já que *Gastão* tem o conhecimento do uso do aparelho de CD, onde precisa trocar de disco em cada troca de música.

Chego, abro a porta, ligo os aparelhos na tomada e espero o Paulo chegar para me ajudar. Chego aqui 6h40. Quando era o tempo do CD eu ia organizando, botando o nome do programa na folha, a data do dia e já, às 7 horas, abria o programa. Fazia sozinho antes. Agora o Paulo está me ajudando. Estou lutando para conseguir” (Gastão).

Esse sistema de CD começa a ficar obsoleto no fim de 2017 com o uso de *playlists* digitais. Apesar de ser um ingresso no ambiente digital mais técnico demonstra, em parte, as dificuldades de *Gastão* com o novo – no caso, o WhatsApp.

*Edson e Rosa Maria* disseram ser a mesma pessoa dentro e fora da rádio, no sentido de que utilizam os mesmos meios de comunicação quando estão fora do ar ou com seus programas ao vivo.

O rádio é uma paixão. Não tem como explicar. O comunicador, seja amador, cada um bota sua cara no programa. Cara não, personalidade. Se me chamar para substituir alguém, eu jamais vou fazer como o Rogério, ou como o Paulo. Eles têm a personalidade deles. Têm o perfil deles e do ouvinte. O ouvinte está acostumado. Cada programa tem a personalidade do comunicador (Edson, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Sim. Eu não mudo nada. A pessoa me liga eu dou risada, eu brinco. Eu boto apelido. Aí a gente vai se comunicando e assim é meu jeito. Não muda nada. Tem pessoas que chegam na rádio e acham que não podem errar. Uso os mesmos meios aqui também (Rosa Maria, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

A partir do que apontou Edson, de que “cada um bota sua cara no programa”, em uma referência direta ao jeito pessoal e particular de cada um, amplio essa reflexão para as mídias oferecidas como meios de comunicação. *Gastão* se limita aos que conhece e domina e assim ocorre, também, com *Rosa Maria e Edson*. Porém, ambos detêm conhecimento de como operar, em suas vidas diárias, mídias digitais, e assim o fazem na rádio também.

Para esta pesquisa, foi importante obter dados sobre a *trajetória dos comunicadores locutores referente às mídias e à rádio comunitária*, pois experiências anteriores (em outros veículos) poderiam estar vinculadas às formas como estabelecem sua relação com o público. No caso de *Edson*, sua experiência em rádio não se limitou à radiodifusão comunitária, mas incluiu, conforme relata: “Rádio CS de Canoas, rádio Inova de Nova Petrópolis, Sol Nascente de Nova Hartz, São Francisco de Paula, que não lembro o nome, e FM 103.7 de Rolante, onde trabalhei numa comercial. As outras eram comunitárias” (Edson). *Gastão e Rosa Maria* tiveram (e ainda têm) somente a experiência que adquiriram com a emissora da Lomba do Pinheiro. Sobre a relação com o público, Edson ressaltou que sempre foi o mesmo.

Eu sempre faço o programa chamando o pessoal. Tinha participação. Sempre por telefone. Aliás, a mais humilde, de todas as rádios, é essa (Lomba do Pinheiro). As demais eram bem prósperas. A nossa hoje em dia está engatinhando. As outras sempre

tiveram computador, eram equipadas. O telefone que entrava no ar (Edson, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

A fala de *Edson* acima corrobora com a percepção que se têm dos depoimentos: os comunicadores locutores fazem uso do que sabem e, também, mesmo conhecendo mais do que a rádio comunitária oferece (no caso colocar as ligações no ar direto, o que a Lomba do Pinheiro não executa), eles se limitam às possibilidades da RADCOM.

Para buscar as mudanças que os processos comunicacionais possam ter sofrido ao longo do tempo, os comunicadores locutores lembraram de sua *história ligada à rádio Lomba do Pinheiro*. Os três entrevistados estiveram presentes e atuantes nas duas gestões da emissora - desde sua fundação até 2017, com Flávio Cassal e a partir do segundo semestre de 2017, com Paulo Silva.

*Edson* lembra que o primeiro contato com o ex-comunicador gestor não foi fácil, pois não existia espaço para sugestões e/ou ampliação dos meios de comunicação com o público.

Quando cheguei aqui eu me apavorei. Minha mãe era ouvinte e disse que estavam precisando de um comunicador. Vim falar com Seu Flávio. Na época eu trabalhava na CS de Canoas. Quando eu cheguei aqui eu pensei: Meu Deus. Daí vi que não ia conseguir mudar. Batemos de frente e saí da rádio” (Edson).

Ainda sobre a rigidez de Flávio Cassal, *Rosa Maria* apontou que era “uma pessoa muito boa, mas muito sargento. Era aquilo ali e pronto. Agora com o Paulo é mais flexível. Antes conforme a música não podia tocar”. *Gastão* tem 8 anos de emissora e *Rosa Maria*, atualmente presidente da Associação que é responsável pela RADCOM, ressalta ter conhecido a rádio em sua fundação.

Durante esse período de contato com a rádio, e que se perpetua até hoje, *Rosa Maria* destacou que as mudanças ocorridas também foram de caráter pessoal. “Era a mesma coisa. Tinha participação do público ligando por telefone. Não era tão intenso como agora. Agora estou mais comunicativa” (*Rosa Maria*). *Gastão* faz uma confissão quanto aos motivos que comunicadores locutores, na sua visão, podem ter mais ou menos público participante durante a programação:

O público participava por telefone. Às vezes conversavam, outros só pediam a música. Outros davam só um toque e a gente conhece. Já sabemos o que eles querem, coloca música e fala o nome deles. Quem tá lá fora gosta que a gente fale o nome deles. Experiência própria. A gente tá em casa e liga para cá e o comunicador que tá aqui e não fala meu nome, já não tenho muita vontade de ligar para ele. Tinha uma comunicadora que não falava o nome da gente. Ela até botava música, mas a gente nem sabia para quem era. Ela tinha pouca audiência até por isso (*Gastão*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).



Para o referido comunicador locutor, existe uma relação direta e indissociável entre o (querer) participar e o ver-se como um participante. Nas palavras de *Gastão*, a baixa audiência de um determinado programa dava-se pela falta de visibilidade, isto é, participar é também querer ter seu nome veiculado. Conforme já apontado no referencial teórico, é um passo fundamental o sentir-se incluído uma vez que é importante se ver representado no meio para que possa partir para um segundo movimento, que é o da participação mais efetiva e, talvez, em um processo mais complexo, o de produção de conteúdo. Nesse aspecto, Milan aponta que a RADCOM, entendida como plural, necessita ser um “espaço onde qualquer um pode veicular qualquer tipo de conteúdo, desde que tenham relação com os valores da estação e com as diferentes comunidades de interesse e não ser restringido aos valores clássicos do jornalismo ou valores comerciais” (2008, p.41).

*Edson, Rosa Maria e Gastão* têm programas distintos, mas fomentam a participação por meio de pedidos de músicas e recados, cada um utilizando os meios de comunicação que a rádio oferece e/ou que dominam seu uso. O diferencial está no quanto cada comunicador locutor coloca de si, de sua história, de suas trajetórias e de suas experiências na programação, o que pode criar um vínculo mais forte com o apresentador por haver identificação. Dessa forma, cada entrevistado buscou refletir sobre o que traz de sua bagagem pessoal para a elaboração dos programas que realizam.

Não tem como ser diferente. É um filho. É uma produção. Eu venho aqui para desopilar, com um pensamento bom. Quando saio da minha casa, já venho com aquele pensamento: tenho que transmitir uma coisa boa. Queira ou não queira é uma arma. O microfone é uma arma. Muitos já vi falar abobrinhas, mas tu entra dentro da casa das pessoas. Eu tenho duas pessoas que eu procuro sempre saber: um cunhado que viveu muito tempo no interior e procuro conversar muito com ele porque traz muitas coisas boas. Como tu guardava batata? Eles guardavam com palha, capim, terra. Daí eu digo isso no rádio e as pessoas se identificam. A coisa mais triste que um comunicador tem é abrir o programa e ninguém te ligar. É triste. Será que vou falar só para mim? Tu chama a pessoa. Começa a interagir. Tanto que tem comunicador, hoje, que não sabe comunicar (Edson, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Da minha origem, o tipo de música. Me criei escutando as músicas gaúchas. É uma tradição que eu tenho. Por exemplo, eu me criei no interior e era fã do Teixeira e do Gildo de Freitas. Um dia eu entrei aqui e disse: no meu programa, nem que seja uma música de cada um, eu vou tocar (Gastão, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Eu ia pra escola pra brincar. Participava das brincadeiras no colégio. O jeito que eu monto o programa eu vejo a Rosa. Eu não trago o programa montado. Eu chego eu toco o toque de alvorada e aí em seguida já tem pedido de música (Rosa Maria, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

Mesmo sem compreenderem de forma direta o que eram questionados, havendo necessidade de auxílio da minha parte, as respostas ofereceram elementos importantes que me possibilitaram enxergar os sujeitos *Edson*, *Rosa Maria* e *Gastão* presentes nas formas em que colocam seus programas no ar e oferecem meios de comunicação para a participação do comunicador ouvinte. Edson argumenta que “não tem como ser diferente”, isto é, não há possibilidade de dissociar sujeito de comunicador locutor. Gastão, fã de um determinado grupo de cantores, sempre que pode toca suas canções em seu programa quando disse que “no meu programa, nem que seja uma música de cada um, eu vou tocar” (referindo-se a Teixeira e Gildo de Freitas). Isso é parte da trajetória de consumo de Gastão e que ele acaba por oferecer, para seu público.

Nos três casos, existe liberdade e autonomia a ponto de haver uma correlação entre a vida do comunicador locutor – em seus diversos aspectos constitutivos – e a elaboração de seu programa. *Rosa Maria* destacou que frequentava a escola, não pelo conhecimento que dela poderia extrair, mas porque podia brincar. Dessa forma, “o jeito que eu monto o programa eu vejo a Rosa” (*Rosa Maria*). Em outras palavras, as características pessoais da comunicadora locutora estão presentes no programa. A forma direta como aborda as pessoas na rua para fazer “propaganda” da rádio é a mesma que pode ser percebida no ar. Os meios de comunicação também seguem os mesmos: *Edson e Rosa Maria* utilizam todos os recursos oferecidos. Entretanto, *Gastão* ainda não se adaptou ao WhatsApp porque é uma tecnologia que desconhece e não tem o hábito na sua vida pessoal.

Quando estão no ar, os comunicadores locutores não esquecem de incentivar o público a participar na programação da rádio, elemento fundamental, pois serve a comunidade no desenvolvimento social e do sentido de pertencimento à sociedade (PERUZZO, 2004a). Assim, cada um de seu modo incentiva o comunicador ouvinte a interagir.

Acho que é o que todos os comunicadores fazem. Tu tens que chamar. Eu tenho uma lista de pessoas. Boto o nome dessas pessoas no ar. “Por que não ligou mais? Tá sem crédito?” (Edson, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Eu falo bastante o nome deles. Eu mando a música. Eu digo: Seu fulano não ligou hoje, será que não se acordou ainda? Daí eles começam a ligar. A gente sempre procura agradar eles na medida do possível. Aqui tem que ser mais ainda. Dar bastante atenção para eles (os ouvintes) (Gastão, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Quando eu vou no banco eu pergunto: tu não escuta nossa rádio? Daí já pego papel na minha bolsa e dou o número para ligarem. Faço isso mais em filas. Nós temos um caderninho e colocamos os nomes dos ouvintes e lemos no ar. Se não querem ligar para não gastar é só dar um toque (no telefone). Eu já sei quem é (Rosa Maria, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

Os entrevistados ressaltaram a importância de fazer um chamamento ao vivo para que o público participe. Há uma tática nos três depoimentos, de verbalização do nome do comunicador ouvinte que participou e pediu/ofereceu uma música ou mandou um recado, por exemplo. De forma mais presencial, *Rosa Maria* tem o hábito de abordar as pessoas por onde passa, distribuindo o número de telefone da emissora para que o público possa participar. Devido à realidade socioeconômica dos moradores da região, os comunicadores locutores desenvolveram uma outra estratégia que garante a participação: os comunicadores ouvintes ligam para a RADCOM dando apenas um toque e o sistema de identificação de chamada (BINA) informa o número – já conhecido pelos apresentadores – que informam no ar quem ligou.

*Edson, Gastão e Rosa Maria* decidem sozinhos as estratégias que utilizam para chamar à participação. Os três informaram que, quanto ao tema, há uma liberdade na RADCOM e cada comunicador locutor pode buscar a melhor forma de fomento à comunicação. Avaliam como positivas essas ações que desenvolvem.

Eu acho que funciona porque às vezes não tem ninguém ligando e eu começo a falar que estou sozinho, digo que vou embora e, daqui a pouco, eles começam a ligar (Gastão, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Eu não posso chegar e trazer meu programa pronto. Eu quero que as pessoas liguem para mim e peçam música. Nem todo dia a mesma pessoa liga, mas daí eu digo: Fulana, tu não me ligou, mas vai uma música pra ti. Aí eu coloco uma música que ela gosta (Rosa Maria, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

Edson lembra, entretanto, uma situação peculiar quanto à participação: “Tem uma coisa que me incomoda muito, que é quando eu tô no ar e a pessoa liga. Quer dizer que aquela pessoa não está me escutando. Agora, a pessoa que está na internet tem um delay”. Para o comunicador locutor o público, ao sentir-se instigado a participar, não busca saber se quem atenderá a ligação está no ar ou se, na programação, está tocando música. Por outro lado, pode ser um reflexo, da parte do comunicador ouvinte que, ao ser chamado a participar, instintivamente faz a ligação naquele momento.

Em suma, existe uma percepção clara da importância do comunicador ouvinte, a ponto de desenvolverem táticas para que participem cada vez mais da programação da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. Em sua maioria, as realizações comunicacionais se dão na forma de pedidos de músicas e recados para os comunicadores locutores ou outros comunicadores ouvintes.

### ***6.1.3 A comunicação digital e os processos comunicacionais entre os comunicadores ouvintes e suas rádios comunitárias***

Integrante das discussões referentes a essa pesquisa, a comunicação digital tem espaço de importância considerando o contexto de digitalização em que os processos comunicacionais entre os comunicadores locutores e ouvintes das RADCOMS estão inseridos. Dessa forma, compreender as concepções e percepções dos três entrevistados quanto às alterações que ocorreram em tais processos se faz fundamental.

Cabe lembrar que os processos comunicacionais envolvendo o digital são muito recentes se comparados com o tempo de existência da RADCOM. A inserção de possibilidades que extrapolam o campo analógico é abordada por Bonin, que oferece uma reflexão quanto “aos novos contornos nesse contexto” (2016, p.216) e que pode dialogar com o processo pelo qual passa a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. Como observa a autora, neste contexto de digitalização, “inauguram-se novas formas de participação, compartilhamento e geração de produtos culturais digitalizados por produtores diversos” (2016, p.216).

No caso da rádio em questão, as recentes possibilidades estão presentes: transmissão digital da programação via internet e WhatsApp da emissora para participação. Por ser um processo que demanda tempo para criação de novos hábitos, as implicações dessa mudança poderão ser percebidas, caso existam, a médio e longo prazo; inclusive se haverá reconfigurações do que se entende, hoje, por comunicador ouvinte – a partir desse novo redesenho comunicacional.

Na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, todos os comunicadores entrevistados apontaram mudanças significativas que impactaram na forma da emissora se comunicar com seu público.

A transformação se dá assim: a essência, rádio se deve a Flávio Cassal. Mas ele ter ficado todo esse período sem ter dado abertura, sem ter botado alguém para ajudar ele, o perfil de pessoa dele. Isso impactou. O Paulo é muito mais acessível, aberto. Seu Flávio botava a ideia que queria. Tinha dias que ele ficava quase o dia todo na rádio, nem para almoçar ele saía. Era um escravo da rádio (Edson, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Acho a rádio muito importante. Fiz bastante amizade pela rádio. Ela ajuda a comunidade também. Às vezes tem um que quer vender alguma coisa, liga para a rádio e a gente anuncia. Na rádio mudou bastante também. Antes era só CD. Agora mudou. Já tem internet, computadores. Já evoluiu bastante. E acho que para melhor (Gastão, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Mudou muito, principalmente agora. Porque agora as pessoas estão interagindo mais. A gente tá divulgando. Antes a gente não tinha a liberdade de divulgar. Agora não. Mudou tudo. Aqui vai ser trocada a antena para ir mais...porque tem lugar que não pega. Antes era perto de onde eu morava, numa baixada, poucos ouviam. Saímos dali e viemos para o Beco da Taquara. Já melhorou mais, expandiu mais (Rosa Maria, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

Os três destacaram situações que impactaram na existência da RADCOM: a mudança de sede, o ingresso no ambiente digital e a troca de equipamentos. Todas elas com possibilidade de incremento de participação do público, o que *Rosa Maria* descreve assim: “agora as pessoas estão interagindo mais”. Sobre a relação que a rádio estabelece com seu público, o destaque foi para as mídias digitais.

A rádio se comunica hoje via internet, WhatsApp permanente. Mas sempre teve o telefone (Edson, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

É boa a relação porque tem bastante audiência. A gente sente que as pessoas gostam bastante. (Sobre as mudanças nestes modos de se relacionar com o público). Eu creio que não. Aumentou em parte porque muitas pessoas não conheciam. Seu Flávio fez bastante flyer com o nome da rádio e distribuiu e aumentou bastante a audiência (Gastão, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Mudou muito e pra melhor. Antes ficava muito xoxo. Agora não. Como está se expandindo está melhor. A gente pode melhorar mais. Eu não mudo meu jeito de ser. Eu sou quem mais tem ligação. Agora oferece internet. Minhas sobrinhas na Cavahada ouvem. Meu sobrinho em Florianópolis escuta. Manda mensagem de lá. Antes era só o telefone. Agora tem WhatsApp (Rosa Maria, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

O que é possível perceber, e não somente nesse trecho dos depoimentos, é que existe uma resistência no discurso de *Gastão*, comunicador locutor com mais idade do grupo entrevistado, com relação ao “novo”, o que será explorado também no próximo subcapítulo.

*Gastão* fez muita menção ao ex-comunicador gestor, Flávio Cassal com nostalgia na fala e destacou repetidas vezes a necessidade de “aprender a mexer” no computador, já que seu programa às segundas-feiras precisará seguir a atualização pela qual a rádio passou que é a busca por músicas *on-line*.

Para traçar um cenário da comunicação digital, foi necessário buscar com os três entrevistados o quanto conhecem e se comunicam utilizando computador e *smartphone*. As respostas foram: “Tenho. Sim, sei utilizar” (Edson); “Não. Não sei usar. Tenho que comprar um para mim” (Gastão); e “Mais ou menos. Sei usar computador. Seu usar o celular” (Rosa Maria). Por outro lado, como aponta *Edson*, o público que ouve a rádio vem de uma realidade analógica, uma vez que “o norte aqui da rádio ainda é aquela pessoa de mais idade”. Essa afirmação traz consigo uma possível interpretação, que tem respaldo no material empírico coletado: predileção por meios de comunicação analógicos, como o telefone para participação, o que coloca a comunicação digital em um segundo plano. Muito, também, pelo fato de que é recente. Entretanto, a faixa etária, a escolaridade e as condições socioeconômicas do público indicado pelos comunicadores que acompanha a RADCOM me levam a considerar que o digital poderá enfrentar dificuldades em relação à aceitação com essa população. Poderá, sim, ter reflexo no ganho de novos comunicadores ouvintes, de faixas etárias mais jovens, mais habituados à circulação nesses espaços de comunicação. Estas reflexões tiveram como base os seguintes relatos:

São pessoas de meia-idade. São pessoas com mais de 40 anos. Muito pouco abaixo dessa faixa. De 20 e poucos não dá muita coisa se for fazer um percentual. São homens e mulheres (Edson, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Pessoas de mais idade porque os jovens vão trabalhar. São da região. Normalmente aquelas pessoas já aposentadas. As mulheres são mais frequentes (Gastão, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

É um perfil bom. Meu público é mais de idade. Pelas músicas eu vejo que é de mais idade. Acho que de uns 50. Tem uma ouvinte de 90 anos (Rosa Maria, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

Em outras palavras, esse seria o público da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, conforme os comunicadores. Dessa forma, as competências para uma comunicação digital se efetivam em dois caminhos: do comunicador locutor ao comunicador ouvinte e do comunicador ouvinte ao comunicador locutor. E a RADCOM tem, nesses dois grupos, conforme os dados, pessoas muito semelhantes – como já apontado.

Por parte dos apresentadores, os meios utilizados para se comunicar variam a partir das próprias competências pessoais. *Edson* utiliza o telefone e o WhatsApp “porque são os meios

que a rádio dispõe hoje. WhatsApp é novo. As pessoas participam. Eles mandam o recado de voz e tu consegue colocar no microfone”. *Rosa Maria* também utiliza ambos e faz uma comparação.

Uso o telefone desde que começou a rádio e o WhatsApp faz uns 2 meses. Pra nós ficou melhor porque as pessoas não querem gastar o telefone. Às vezes mando mensagens de voz e eu ponho no ar. Conforme eu vejo o que falaram eu ponho no ar. Eu escuto primeiro e já digo: Não me bota bobagem que eu não rodo. WhatsApp é bem melhor que o telefone (*Rosa Maria*, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

Já *Gastão* reitera que segue com o meio de comunicação que sempre esteve à disposição na RADCOM, o telefone. “Se estiver no meu alcance vou me adaptar a outros meios” (fazendo referência ao WhatsApp). Na direção do comunicador ouvinte, *Edson*, *Rosa Maria* e *Gastão* explicaram que, dentro do possível, o público participa como pode ou até onde suas competências permitem. Os três destacaram o telefone como meio principal, as visitas à rádio como a segunda forma de contato. Em terceiro lugar está o WhatsApp – opção recente para o público. Sobre o lugar das mídias digitais nos processos comunicacionais eles esclarecem.

Nada hoje. Está engatinhando (*Edson*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Recém começou, mas eu creio que vai fazer parte. Eu tenho em casa, ainda que quase eu não uso. No meu programa ainda não me comunico com os ouvintes. Por enquanto não (*Rosa Maria*, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

Nenhum (*Gastão*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Entendo que as respostas muito se dão devido ao pouco tempo de utilização de opções digitais de comunicação. Para uma compreensão maior, será preciso ter o meio de comunicação WhatsApp implementado e ofertado em todos os programas para, daí sim, buscar aprofundamentos quanto ao seu uso por parte do comunicador ouvinte. Os três entrevistados também foram sucintos e não arriscaram uma reflexão mais profunda quanto a uma avaliação das mídias digitais no contexto da rádio comunitária.

Hoje é o início. É um embrião. Recém está começando. Não posso avaliar nada se vai ser bom ou ruim (*Edson*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Eu acho bastante importante porque enquanto era só o pessoal que alcançava até onde a rádio alcançava, com a potência que tem. Agora vem de longe, de Canoas, do Lami. Eles já tão se comunicando pela internet (*Gastão*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

É recente, mas é muito bom. Um sucesso. O pessoal está interagindo muito (*Rosa Maria*, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

Para *Rosa Maria*, o ganho com a comunicação digital será no tempo das participações. “A maioria é por telefone e os de fora é pela internet, os que moram longe. Tenho ouvinte em Gravataí, São Paulo, Rio de Janeiro. Essa comunicação funciona. Sem WhatsApp ia perder um pouco os ouvintes. O telefone por mais rápido que tu seja perde tempo” (*Rosa Maria*). A comunicadora locutora explica que, para atender ao telefone, precisa se concentrar na ligação, deixando a programação de lado, principalmente se o comunicador ouvinte liga ela está no ar. Com o WhatsApp, poderá ouvir/ler a mensagem durante as músicas, sem perda de tempo, conforme ela.

Na visão de *Edson*, a comunicação por meio das mídias digitais será efetiva, porém “hoje está dando mais problema do que solução. Porque nós comunicadores somos analfabetos”. O relato é impactante porque mostra uma realidade muito presente na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro: o desconhecimento de como se operam tecnologias novas para os comunicadores locutores.

Aqui tem uma pessoa que deixou um grande legado que foi Flávio Cassal. Mas em 15 anos ele não expandiu a rádio. Não se tira o mérito dele. Ele fez o que ele pôde. Só que hoje, o Paulo Silva, já com outras ideias, em três meses tu já vê avanço, sendo que toda mudança traz problemas. O Paulo herdou três analfabetos em comunicação. Pessoas maravilhosas. Um já foi embora e tem dois querendo ir também porque eles não conseguem acompanhar. Ficaram 15 anos no CD. Isso é tempo da vovó. Paulo herdou isso tudo. Nessa mudança gerou problemas necessários (*Edson*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Os problemas a que *Edson* se refere são relativos à adaptação à nova realidade de comunicação, ao desenvolvimento de competências digitais e ao conhecimento técnico para operar os aparelhos. As implicações disso, como ele mesmo referiu são, entre outras, a possível perda de comunicadores a curto e médio prazo.

#### **6.1.4 A construção da comunicação comunitária na perspectiva da cidadania comunicativa**

As realizações comunicacionais, as estratégias de fomento à participação, os conteúdos veiculados por comunicadores locutores e comunicadores ouvintes têm uma estreita relação com a razão de ser e existir de uma rádio comunitária, ou assim deveria ser, como apontam Grabow & Rieck (2008), Peruzzo (2007b) e Lima & Aguiar (2007). No caso da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, existe uma consciência do papel que o comunicador ouvinte tem dentro da programação.



Neste item sistematizo as concepções dos três entrevistados sobre o lugar que as pessoas ocupam numa comunicação que busca ser comunitária, entendendo que essa compreensão, perspectivando o arcabouço teórico construído para essa tese, é importante para o desenvolvimento da cidadania comunicativa (MATA, 2006). Estes dados me auxiliam a refletir se e como os processos comunicativos que se realizam entre os comunicadores das rádios comunitárias e seus públicos permitem a construção de uma comunicação comunitária na perspectiva da cidadania comunicativa tendo, como ponto de partida,

Os três comunicadores entrevistados colocaram o comunicador ouvinte em posição de destaque em suas respostas. Como argumenta *Rosa Maria*: “Ocupam o primeiro lugar”. Ao avançar no tema comunicação comunitária e cidadania comunicativa, *Edson*, *Rosa Maria* e *Gastão* buscaram enfatizar que percebem a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro como um serviço de radiodifusão comunitária.

Sim, é comunitária. O que acontece na comunitária? Ela teria que ter uma abertura à comunidade. Hoje já temos essa abertura. Já tinha, mas hoje vamos até aquele pessoal. Nós queremos a participação deles. Não adianta só eu fazer o programa. Aqui é o que acontece. Tudo aqui tá aberto. Mas hoje é mais. Hoje o perfil do Paulo é mais acessível. (Edson, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Creio que sim. Porque procura sempre ajudar as pessoas que precisam. A rádio ajuda. Acho que ela é comunitária. Seu Flávio não queria que mudasse para não deixar de ser comunitária. Seu Flávio achava que se botasse internet ela deixava de ser comunitária. A minha ideia é que ela continua sendo comunitária. As pessoas seguem ligando para cá. (Gastão, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Eu acho que sim. Porque aqui é a gente mesmo que faz a programação. Se um senhor quer fazer uma festinha ele liga e pede ajuda para divulgar. A rádio comunitária tem que ser isso, divulgar o que se faz na Lomba do Pinheiro. (Rosa Maria, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

*Edson* destacou o momento atual da RADCOM, no qual existe, em sua visão, uma abertura maior da parte da gestão, o que permite mais participação do público ouvinte. Em relação a este ponto, Nunes (2006) argumenta que uma rádio efetivamente comunitária precisa ter, entre suas características constitutivas, uma “gestão participativa” (p.133). Esse movimento de abertura na Lomba do Pinheiro poderá promover ainda mais o caráter de comunitário da emissora. O que se percebe é que é tímida a gestão de caráter coletivo devido à forma como o ex-comunicador gestor conduzia a administração da rádio. Em diversos momentos das entrevistas os comunicadores locutores deixaram claro que “Seu Flávio” não gostava de certas músicas e da possibilidade de introduzir alguma possibilidade digital, técnica – como equipamento – ou de participação do público. Para ele, o ouvinte da Lomba do Pinheiro estava satisfeito com a emissora como ela era, sem necessidade de qualquer alteração. Daí parte minha

percepção de que, na atualidade, com Paulo, a gestão participativa poderá ganhar mais fôlego, uma vez que ela está, lentamente, se delineando.

*Edson* também fez referência a um movimento em que a RADCOM começa a sair de dentro do espaço físico da emissora e ir aos eventos na região. Lembrou de uma festa na Lomba do Pinheiro em que um dos programas foi transmitido de lá. Por ter um caráter experimental, não houve outras ações como essa. *Gastão* traz um ponto nevrálgico no que tange o receio do ambiente digital para a gestão anterior, de que o uso da internet faria com que a rádio deixasse de ser comunitária.

Com o receio de perder sua essência e inclusive a outorga, isto é, a permissão de funcionamento, pouco se mudou nos mais de dez anos de Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. No primeiro movimento exploratório em que estive no local e conversei com o ex-comunicador gestor, o mesmo se mostrou muito firme em manter a RADCOM somente no FM. À época disse não haver necessidade da presença no ambiente digital. Por outro lado, *Gastão*, mesmo não fazendo uso das mídias digitais em sua vida privada e na rádio, acredita que a emissora não perde a qualidade de comunitária uma vez presente na Internet.

*Rosa Maria* destaca a questão da produção da programação ao afirmar que “é a gente mesmo que faz”. Milan destaca a necessidade de envolvimento do cidadão na construção do que entende ser um vínculo com o meio de comunicação, uma vez que a rádio comunitária é “o produto de muitas mãos colaborando com um mesmo objetivo” (2008, p.38). A comunicadora locutora ainda lembra que a RADCOM “tem que ser isso, divulgar o que se faz na Lomba do Pinheiro”. Esse entendimento vai ao encontro de diversos autores que destacaram que o serviço de radiodifusão comunitária é feito pela comunidade, para a comunidade e sobre a comunidade, como Tabing (2002) e Neumann (1991). Ressalto que, a partir das observações e da análise do material coletado empiricamente, a Lomba do Pinheiro é uma rádio produzida pela comunidade, já que seus comunicadores locutores são da região, aborda temas locais e de interesse dos moradores – o que atende ao que os referidos autores entendem como uma RADCOM. Reafirmo que, na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, essa relação do ‘pela’ – ‘para’- ‘sobre’ é clara ao acompanhar a programação da emissora, o que já não se percebe na Voz do Morro, cuja análise será feita a seguir.

Ao serem questionados se a comunicação promovida pela Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro é *efetivamente* comunitária, *Edson* foi o único que não afirmou positivamente de forma categórica. “Esse é o sentido. Promove? Daí precisaríamos fazer uma avaliação ampla. Não tenho uma resposta direta. Hoje teria que ser muito mais” (*Edson*). *Rosa Maria* vê no trabalho de auxílio à população local feito pela rádio o elemento que justifica sua resposta.

“Sim, promove. Através de pedidos de auxílio, informações, ajuda” (Rosa Maria). *Gastão* segue em lembrar da atuação do ex-comunicador gestor para responder à pergunta. “Sim. Até inclusive no tempo do Seu Flávio, ele chamava a atenção, no programa de quarta-feira, dos caras que cuidam da prefeitura, das ruas. Ele chamava e vinham fazer o programa” (*Gastão*). Para ele, trazer à tona problemas da comunidade e tentar solucioná-los por meio da rádio configura uma comunicação efetivamente comunitária.

O último questionamento, e também o mais complexo para os três entrevistados, tratou do tema cidadania. Todos foram instigados a refletir sobre se a RADCOM colabora para a promoção da cidadania e, se sim, de que maneira.

A rádio promove a cidadania, com certeza. Começando pela direção. O Paulo não se opõe ao que você vai fazer ou dizer. Tu é o responsável. Abrir espaço é importante e deixar falar dentro de um limite: não pode dizer ofensas porque tu entra dentro da casa da pessoa, tu não pode ser radical, citar nomes. Volto a dizer, é muito perigoso o microfone. A rádio é pequena, mas tem as pessoas que nos escutam (Edson, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Ser cidadão é ser uma pessoa que trabalha, se preocupa com as pessoas que estão numa situação difícil, procurar ter amizades, procura cumprir seus deveres. As pessoas às vezes estão ouvindo uma palavra boa e indo *pro* lado errado. A rádio ajuda as pessoas (*Gastão*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Cidadão é uma pessoa de bem. Eu acho que a rádio colabora para as pessoas serem mais cidadãs. É o que eu digo: ao invés de pensar bobagem, escutem a rádio. Daí vocês não pensam bobagem. Eu acho que a rádio muda um pouco a vida das pessoas (Rosa Maria, entrevista concedida em 20 de dez. 2017).

O que pode ser percebido com o material empírico colhido é que *Edson, Rosa Maria e Gastão* expressam entender que a rádio tem um papel importante na região, reconhecem o esforço que existe em ajudar os moradores e acreditam que isso, de uma forma ou de outra, traz benefícios para todos. *Rosa Maria e Gastão* não conseguiram, inicialmente, compreender o significado de cidadania na pergunta: A rádio colabora para a promoção da cidadania do público? A palavra promoção também precisou ser explicada. Por isso, destaco aqui as compreensões de *Rosa Maria e Gastão* sobre o que entendem pela palavra cidadão e a partir disso conseguiram elaborar suas respostas.

## 6.2 As perspectivas dos comunicadores ouvintes

Parto agora para a apresentação dos dados relativos à entrevista sistemática com os comunicadores ouvintes. Como ocorreu com os comunicadores locutores, inicio com os dados relativos à trajetória e aos contextos vivenciados pelos entrevistados, informações auxiliam

entender os atravessamentos destas trajetórias nas concepções e formas de participação na rádio comunitária.

Francisca tem 86 anos de idade, nasceu em São Francisco de Paula, na serra gaúcha, tendo vivido lá até os 16 anos, quando casou e se mudou para Barra do Ouro, distrito da cidade de Maquiné. É dona de casa, viúva e reside na Lomba do Pinheiro há 59 anos. Escuta a rádio “de segunda a segunda, das 7h Às 22h”. Afirma não ter preferência por um programa em específico, participa de todos eles e conhece todos os comunicadores locutores pelo nome.

Rui tem 68 anos de idade, é solteiro e também mora na Lomba do Pinheiro. É natural de Dom Pedrito, interior gaúcho. Conhece várias cidades brasileiras devido à profissão, na qual fiscalizava a construção de estradas, tendo morado em diversos estados por diferentes períodos de tempo. Escuta a rádio das 7h às 22h de segunda a sábado. No domingo sai para encontrar amigos e dançar. Tem preferência pelos programas *Bom Dia Lomba do Pinheiro*, das 7h às 10h; *Comunidade em Ação*, das 10h às 13h e o Café da Tarde, das 13h às 16h.

Adão, 69 anos de idade, nasceu em Porto Alegre, é casado e mora na Lomba do Pinheiro há mais de duas décadas. Quando pode, escuta a rádio pela manhã porque consegue se atualizar sobre o que está acontecendo no bairro. Tem preferência pelo programa *Comunidade em Ação* “exatamente porque a gente consegue interagir mais diretamente e é um programa que a gente vai se atualizando sobre a situação da Lomba. Esse programa pra mim é o principal da rádio” (Adão).

Como os comunicadores locutores, os três comunicadores ouvintes têm uma relação de proximidade geográfica com a RADCOM. São claros ao mencionar que *são* do Pinheiro (como chamam o bairro), em uma referência ao sentimento de pertencimento apontado por Peruzzo (2004a), Miani (2011) e Coêlho (2014). A média de idade dos comunicadores ouvintes entrevistados é de 74 anos de idade o que, conforme o IBGE, os insere na classificação de idosos (acima de 60 anos). No que tange à escolaridade, todos tiveram pouco estudo.

Tenho o segundo grau incompleto. Eu estudei em Dom Pedrito. Saí com 24 anos de lá devido a minha profissão. Fui me aquerenciando em Porto Alegre (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Fui três meses na escola. Na aprendi com a força de boa vontade. Consigo ler e escrever, mas com falta de letra. Mas eu escrevo. Pego nome dos cantores na televisão, o nome das músicas. Aprendi ensinando os filhos no colégio. Aprendi também com os folhetos. Naquele tempo tinha uma folhinha, assim, todo dia e eu colocava a enxada no ombro e a folhinha aqui (na frente da enxada) até onde eu ia trabalhar eu tinha que saber o que tava escrito. Quando meu irmão tirava de mim, nós brigava porque meu irmão estudou e eu não. Eu aprendi só à força de boa vontade. Estudei com os padres três meses e aí eles terminaram com as aulas, aí eu parei também (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Tenho o primeiro grau completo. Eu estudei sempre na rede pública sempre em Porto Alegre e depois, quando comecei a trabalhar com carteira assinada ,eu estudei no SENAC. Fui até o fim da primeira série depois da admissão. Aquele sistema antigo (Adão, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Os três entrevistados têm baixa escolaridade e não avançaram com os estudos no ensino formal, exceto Adão, que fez o curso básico de eletricidade e atua como eletricitista atualmente. Rui é topógrafo aposentado, tendo aprendido sua profissão na prática a partir do trabalho desenvolvido com engenheiros. “Então eu aprendi muita coisa na escola do mundo. Eu tenho a faculdade do mundo” (Rui). Francisca é do lar e trabalhava como costureira para auxiliar nas despesas da casa e nunca fez cursos. O que aprendeu foi “à força de boa vontade porque desde quando a gente podia com a enxada já estava trabalhando,” explicou.

Quanto à profissão dos pais, Rui lembrou que eram capatazes de uma fazenda em Dom Pedrito, ambos sem formação escolar formal; mesma situação dos genitores de Francisca, que eram colonos em São Francisco de Paula. O único que teve o pai atuando no mercado de trabalho formal foi Adão, e sua mãe era do lar.

Existem similaridades acerca do que foi reportado pelos comunicadores locutores, uma vez que o único que avançou nos estudos foi aquele que, pelo menos, tinha um dos responsáveis (pai ou mãe) empregado – o que reforça o indicativo já referido de que pode haver uma relação entre o trabalho (dos pais) e a perspectiva de um futuro melhor por meio do estudo (dos filhos), bem como uma possibilidade melhor da condição social familiar. Mais escolaridade, talvez mais conhecimento e uma percepção, quiçá, maior do mundo e do seu entorno. As entrevistas com *Edson* (comunicador locutor) e *Adão* (comunicador ouvinte) foram as que tiveram menos obstáculos de compreensão. Ambos foram os que mais avançaram nos estudos nos dois grupos. A trajetória profissional foi outro ponto a ser considerado na construção dos perfis dos entrevistados.

A gente tomava café e ia *pra* roça. A gente plantava trigo, centeio, feijão, batata e milho. Tinha vaca de leite também e cavalo para ir no moinho, pra ir no armazém [...]. Fui só dona de casa, tenho 7 filhos e costurava pra fora. Véspera de Natal eu ia dormir de madrugada. Tinha minhas obrigações com os filhos e de noite costurava até de madrugada que é quando rendia o serviço (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Eu trabalho como topógrafo. Mas eu já trabalhei como pedreiro, pintor, mecânico, azulejista, parqueteiro. Quase tudo dou eu que faço. Eu tenho a profissão de topógrafo graças a dois engenheiros que eram professores de topografia na PUC. Eu trabalhei 5 anos com eles e ali eu tive a oportunidade de aprender muita coisa (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Eu trabalho com eletricidade até hoje. Sou aposentado, mas trabalho com elétrica. Tenho uma microempresa. Na minha formação profissional eu tive várias coisas até

eu conseguir ficar nessa posição que eu tô hoje. Trabalhei no comércio, na indústria, na construção civil (Adão, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Os depoimentos indicam núcleos familiares de classe popular, em que o trabalho fazia parte da rotina da casa. Tiveram uma passagem incompleta pelo ensino formal, em que nenhum chegou ao segundo grau completo.

A respeito do *engajamento político/militante*, Adão foi o único a responder de forma positiva, já que participou do governo Fogaça, em Porto Alegre. “Eu fiquei como coordenador do CAR Lomba do Pinheiro (centro administrativo regional). Depois, em 2012, fui candidato a vereador de Porto Alegre. Participei da campanha e não obtive êxito” (Adão). Quanto à relação com associação ou sindicato, ele lembrou que participa do Sindicato dos Oficiais Eletricistas de Porto Alegre e foi diretor da Associação do Bairro da Vila Viçosa. Depois entrou no Orçamento Participativo, tendo sido delegado, depois conselheiro municipal e estadual. Além disso, Adão criou um grupo de apoio a portadores de hepatite C, uma ONG que realiza palestras em escolas e reuniões com colaboração de médicos especialistas.

Francisca participou em atividades na associação comunitária da igreja, “A gente fazia as festas da igreja São Pedro, fazia as comidas pra vender no dia da festa no dia 29 de junho. Faz uns 50 anos atrás”. Já Rui relata não ter envolvimento comunitário algum. Mais uma vez, o entrevistado com maior escolaridade é o que mais engajamento desenvolveu em sua vida, situação similar à do comunicador locutor que mais longe foi nos estudos (Edson). Francisca relatou não ter tido relação com as comunidades em que morou, pois o foco era cuidar da casa, dos filhos e do marido. Mesma negativa foi obtida com Rui, uma vez que o trabalho o impedia de fixar residência por muito tempo em um mesmo lugar. Já Adão sempre gostou de participar e colaborar. “Participei com a comunidade por uma necessidade ou dar um apoio. Então sempre gostei muito de fazer essa parte social” (Adão).

Para finalizar as informações colhidas durante a entrevista da fase sistemática, os comunicadores ouvintes precisaram refletir sobre a relação deles com a região em que moram atualmente e onde a rádio comunitária está instalada. No caso da RADCOM em questão, todos os três residem no mesmo bairro e moram próximos à emissora.

Aqui eu tenho muita, muita relação. Eu não preciso votar, mas eu gosto. Aí eu vou lá mais para ver as amigas e os amigos. Tudo na fila e a gente batendo boca. É um encontro. A gente vota sempre no mesmo lugar, no Colégio São Pedro. Eu participava dos jogos do União (time de futebol amador da Lomba do Pinheiro). Eu ia lá torcer, tomar chimarrão com minhas amigas (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Eu adoro meu bairro. Aqui eu cheguei e aqui eu casei. Meus filhos são todos aqui do bairro e eu adoro (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

A minha relação hoje é mais afastada. Continuo participando do conselho popular da Lomba e participo com a rádio algumas vezes, ouço a programação. O que eu posso ajudar, sempre me envolvo um pouco. Mas não estou tão engajado como estava antes (Adão, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Pelo exposto, é possível vislumbrar, novamente, um sentimento de pertencimento e uma relação orgânica, que extrapola o simples viver no bairro Lomba do Pinheiro, o que pode indicar um motivo para, não só o consumo, mas também uma participação mais ativa e concreta dentro da programação da RADCOM local (PERUZZO, 2009). Outro ponto importante é a compreensão de que esse mesmo sentimento é um dos elementos diretamente ligados à formação de uma comunidade para Miani. Conforme o autor, ela é formada “decorrência da dinâmica social estabelecida por um conjunto de indivíduos que se reconhecem como construtores de um sentimento coletivo de pertencimento no interior de um grupo social” (2011, p.226-227). Na rádio comunitária em questão, o pertencimento está presente nas falas dos comunicadores ouvintes em diversos momentos das entrevistas.

### **6.2.1 As vivências das transformações vinculadas à digitalização e à convergência**

Os comunicadores ouvintes têm ciência das mudanças de caráter digital pelas quais a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro passa desde o fim de 2017. Nas vidas *Adão e Rui*, a vivência da convergência midiática é uma realidade, exceto para *Francisca*, de 86 anos de idade, já que é a única que não migrou do meio analógico para o digital com a intenção de consumir informação. *Adão e Rui* escutam rádio pela internet e lêem o jornal também na plataforma digital. No que se refere ao consumo de meios de comunicação, houve semelhanças com o que responderam os comunicadores locutores sobre o *rádio*.

O rádio é tudo pra mim. Eu converso com eles (os comunicadores), eu conheço eles, os radialistas. Escuto rádio há uns 50 e poucos anos. Paixão à primeira vista. Se eu te contar que eu não gostava que chegasse visita no domingo de tarde. Eu escutava os programas bem baixinho porque a rádio era muito fraca. Jogo ficava vidrada. As visitas me atrapalhavam de ouvir meu rádio. É um vício que a gente pega (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Eu usei muito a rádio comunitária até mesmo para fazer uma divulgação do meu trabalho com o grupo de apoio a portadores de hepatite. Como ouvinte, eu escuto a rádio Gaúcha porque é uma emissora que dá bastante informação. Desde pequeno eu escuto rádio porque era costume do pai. Meu pai gostava muito de escutar rádio. Então a gente se habituou. Eu procuro sempre me manter informado (Adão, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Rádio eu adoro. Sempre adorei desde guri. É importante porque alimenta o espírito da pessoa. Muitas vezes tu tá mal, tá triste, tu liga e parece que ele te levanta o astral. Tanto é que eu trabalhava nos trechos, nas estradas, com o radiozinho dependurado do lado sempre escutando. A rádio Guaíba era uma que eu ouvia. Eu tinha um rádio na cabeceira da minha cama e eu não esqueço até hoje o nome da marca do rádio: Teleotto (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Os depoimentos expressam uma trajetória em que se constituiu uma forte relação com o rádio. De todos os meios de comunicação pesquisados, o rádio foi o que mais demandou tempo de resposta. Destacaram momentos de suas rotinas em que o rádio está inserido, bem como o tempo de contato com a radiodifusão, o que demonstra uma relação de longo prazo, inclusive afetiva, quando *Rui* recordou com nostalgia a marca do aparelho que tinha no quarto. *Francisca* lembrou, em tom de brincadeira, que preferia não receber visitas aos domingos – hábito comum à época em que chegou na Lomba do Pinheiro, para não precisar ter que desligar o rádio. Para *Rui*, “alimenta o espírito” e para *Adão*, existe a questão do hábito.

Com relação aos outros meios de comunicação, os três entrevistados responderam consumir a *televisão*. *Francisca* assiste a programas da TV Aparecida à noite porque “de dia tem meu rádio que sou casado com ele”. *Adão* prefere os canais fechados, o que indica que existe um investimento familiar em uma programação mais diferenciada e customizada. *Rui* assiste a telejornais e a jogos da seleção brasileira. Quanto ao consumo de mídia impressa, todos informaram ter, em algum momento de suas vidas, contato com jornais ou revistas mas que, com o passar do tempo, perderam o hábito de consumo regular, ocorrendo de forma esporádica.

As transformações dos processos de midiaticização digital e de convergência se fazem presentes em suas vidas, com mais ou menos intensidade, quer seja na percepção de que existe quando os três afirmam que a “internet chegou na rádio” ou na prática cotidiana de consumo de informação no ambiente digital – processo que já ocorre com *Rui* e *Adão*. Assim, sobre o uso da internet responderam:

Não entendo nada. Esses telefones de agora eu também sou meia burrinha nele (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018)

Eu uso bastante a internet por causa do grupo (de apoio a portadores de hepatite). Eu preciso da internet para manter o contato com o pessoal de todo o país e uso o Facebook também. Uso bastante o WhatsApp. O WhatsApp é hoje inclusive uma maneira de trabalho. No meu trabalho eu uso muito WhatsApp (Adão, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

É uma coisa importante. Tu podes te atualizar de tudo que está acontecendo. Em tempo real tu pode te atualizar do que está acontecendo no mundo. Faz uns 2 anos que eu venho usando (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).



São competências que oscilaram entre inexistentes, como no caso de *Francisca*, e existentes, com *Rui* e *Adão*. Essa realidade é um exemplo concreto do que constatou Maldonado (2012), que traçou um cenário latino-americano de desigualdades de acesso às tecnologias, gerando diferentes níveis de acesso e uso. A partir das respostas, pude perceber um consumo de caráter analógico, com destaque para a rádio e a televisão. Questionados sobre participação nos meios de comunicação apresentados na pergunta sobre usos e consumo, apenas *Adão* lembrou de alguns episódios em que participou como comunicador ouvinte.

Interessante destacar que dois dos comunicadores ouvintes buscaram informação em meios de comunicação analógicos: *Francisca* em rádio, televisão e jornal e *Adão* e rádio. *Rui* foi o único a mencionar a internet.

Se eles falam pela rádio eu posso perguntar pra eles também. Eu pergunto pela notícia. Eu pergunto por telefone. Eu ligo toda hora. Cada radialista que entra eu ligo duas ou três vezes. Eu busco, então, no jornal, na rádio ou mesmo na televisão também dá pra ver (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Informação pra mim mais é rádio. É o mais acessível para mim. É a informação mais atual (Adão, entrevista concedida em 10 de jan. 2018)

Hoje nós temos a internet. Qualquer tipo de informação, tu vai na internet e a coisa está tão fácil que tu fala na frente do telefone e a notícia já sai o que tu quer. Antigamente não era assim (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Percebe-se que os critérios empregados para a escolha foram proximidade, acessibilidade, rapidez e facilidade. O rádio foi lembrado duas vezes nos depoimentos, o que pode indicar confiança da parte dos comunicadores ouvintes entrevistados. O fato de desconhecer como se utiliza a Internet pode ter implicado na resposta de *Francisca* sobre as alterações sofridas ao longo da vida na forma de buscar informação. A comunicadora ouvinte não recorda ter mudando a forma de informar-se. Já *Rui* deu pistas de que o processo de busca de informação mudou, ao afirmar que “antigamente não era assim”. Destacou que “hoje tu vai na internet, no computador ali na hora. Tudo é fácil. Há uns 20 anos atrás recorria ao jornal e que eram notícias de dois ou três dias atrás. Hoje é questão de segundos” (Rui). Apesar de *Adão* escolher o rádio como meio de informação, é consciente das mudanças oriundas do processo de convergência proporcionados pela Internet: “Olha, a internet modificou bastante a vida da gente porque tem coisa que facilita muito a internet. Sendo bem usada ela é um meio de comunicação perfeito”.

### **6.2.2 Formas de participação dos comunicadores ouvintes nos processos comunicacionais com as rádios comunitárias**

Para entender as formas de participação dos comunicadores ouvintes, é importante fazer um resgate da trajetória dos três entrevistados enquanto parte do público e consumidores de *rádio*. Todos manifestaram ter contato muito cedo com o meio radiofônico e a relação que estabeleceram com o veículo de comunicação era de proximidade.

Em São Francisco de Paula tinha muito pouco rádio, mas nós *ia* escutando rádio para a roça. Em casa não. Em Porto Alegre, na Adão Preto (rua onde fica hoje a rádio comunitária) nós *ia* plantar aipim, batata, e o radinho de pilha ia junto. Meu marido trabalhava na SMOV, no Parque Sant Hilaire e ele tinha direito de ter vaca. Aí chegava domingo que meu marido *tava* de folga, nós *caminhava* escutando rádio. Isso foi nos anos 60. Teve um tempo que eu morei perto da barragem da Lomba do Pinheiro e a minha comadre tinha um rádio bom, eu ia pra roça e quando chegava a hora do Programa do Xará & Timbaúva, ela me chamava pra nós escutar rádio e tomar café. Eu largava a enxada e saía fincada (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Como *Francisca*, *Rui* e *Adão* também foram assíduos ouvintes de rádios de caráter comercial.

O rádio para mim é de grande valia. Gosto muito de política, futebol...então a rádio Farroupilha teve uma época que tinha uma programação que satisfazia a gente. Hoje eu acho que nessa situação está a rádio Guaíba, que informa bastante a política pra gente e a rádio Gaúcha, que nos deixa sempre atualizados em qualquer situação” (Adão).

Rui lembrou que escutava várias, inclusive do interior do estado, em Dom Pedrito, mas que “não participava como ouvinte”. Francisca teve resposta semelhante a Rui: “Não muito. Porque era mais longe, mais difícil. Não tinha tanto aquela comunicação por telefone. Eu saber o telefone, saber o nome das pessoas”. A referência que a comunicadora ouvinte faz é clara – o grau de proximidade com a rádio é fundamental, talvez, sendo uma pista para a manutenção dos processos comunicacionais. Adão foi o único que participou na programação de uma emissora de rádio comercial. Enquanto ouvinte e integrante de um grupo de apoio a portadores de hepatite C, divulgou a ONG nas rádios Gaúcha e Farroupilha, de Porto Alegre.

Quanto ao contato com outros serviços de radiodifusão comunitária que não a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, todos afirmaram já ter escutado a programação de, pelo menos, uma RADCOM.

A gente escuta lá na praia em Cidreira e em Pinhal. Todas as duas são comunitárias. A Santa Izabel, de Viamão, também. Mas agora quase não tem gente trabalhando e quase que só por máquina. Ai não tem tanta comunicação. Não é como nós aqui. (Havia participação sua?) Não, na praia a gente só escuta, não moro lá, vou lá de vez

em quando (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Já tive, em Três Passos. Mas ela não tinha outorga. Tanto é que ela fechou, teve que fechar. Uma vez eu participei durante uma entrevista (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Eu tinha uma época quando a gente conseguia sintonizar. Tinha uma rádio na Santa Izabel, aqui em Viamão. É um bairro próximo aqui da Lomba. O que acontecia? Nossa rádio fugia e essa rádio entrava no espaço porque é tudo FM e é geral a mesma sintonia. De vez em quando eu interagia com essa rádio também. Já liguei para divulgar o meu trabalho (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

*Francisca* faz uma relação interessante entre a comunidade e a participação na programação da rádio comunitária. Sentir-se parte de uma comunidade, isto é, desenvolver o sentimento de pertencimento pode ter uma correspondência com o interesse em participar. Como ela mesmo mencionou: “Na praia a gente só escuta, não moro lá”, como se residir no local fosse um facilitador/limitados do ato de participar. *Rui* e *Adão* participaram em algum momento de suas vidas da programação das RADCOM que ouviam.

Depois de apresentar a trajetória de consumo de rádio, comercial e comunitário, faço, agora, um aprofundamento do vínculo que os comunicadores ouvintes têm com a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. Os três entrevistados mostraram ter uma relação antiga com a emissora.

Assim que eu me mudei para a Lomba do Pinheiro e eu descobri que tinha a rádio depois de um tempo porque antigamente a rádio da Lomba não existia. O diretor da rádio que era o Cassal na época ele tinha um jornal e esse jornal trazia informações pra gente. Um belo dia ele disse: “Vou criar uma rádio comunitária”. O mérito foi do Cassal. Entrou de cabeça na situação *pra* conseguir fazer funcionar a rádio e legal. Ela é totalmente legal. É legítima (Adão, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Desde que a rádio abriu. Eu estava viajando na Bahia. Quando eu cheguei da Bahia eu sintonizei essa rádio e fui à procura onde era o endereço da rádio. Era lá embaixo, lá na casa do Cassal e eu tive a oportunidade de conhecer o Cassal e o Paulo. Dali pra cá sempre fomos amigos (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Ela tem 15 anos, mas no início não dava pra escutar bem por causa da Santa Izabel (rádio comunitária de Viamão). Ela caía um pouquinho de volume...mais fácil pra mim explicar...e a outra tomava conta. Tinha que andar com o rádio dentro de casa num lugar que pegasse e isso que era ali no Beco da Taquara. Agora ela ficou bem melhor onde que tá porque ficou no alto. (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

*Adão* participou do processo de outorga da RADCOM devido a seu engajamento político na região e, desde então, é comunicador ouvinte. *Rui* também escuta a emissora desde sua criação e a conheceu quando buscava no dial uma rádio para escutar. Depois do primeiro programa, buscou o endereço da RADCOM e foi pessoalmente conhecer o trabalho desenvolvido. *Francisca* lembra do tempo em que outra emissora comunitária invadia o sinal

da rádio. Para que pudesse continuar ouvindo a programação, era preciso buscar um local dentro de sua casa. A comunicadora ouvinte acompanhou, também, como os demais entrevistados, o período de mudança de endereço, reforçando que o sinal melhorou com a troca de sede.

Ao entender que o comunicador ouvinte antes de mais nada é um sujeito complexo formado por diversos atravessamentos, entre eles, comunicacionais, trago aqui as diferentes formas com as quais os três entrevistados se comunicam no seu dia a dia. *Adão* e *Rui* utilizam meios analógicos e digitais; já *Francisca* não tem competências para se comunicar de forma digital.

Assim como tô me comunicando contigo, pessoalmente. A não ser com eles (os comunicadores) que é por telefone. Sempre na minha alegria. Se não é pessoalmente é só por telefone. Porque escrever eu não...Eu tenho dez netos e falo com eles com todo o carinho por telefone ou quando eles vêm aqui ou eu vou na cada deles (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Muitas vezes por telefone ou o WhatsApp ou pessoalmente eu converso bastante. Porque hoje em dia tu praticamente não tem outra maneira. Porque eu quero falar com um amigo meu agora eu mando um áudio pra ele. Ele já vai ver e me mandar a resposta. A não ser que a internet não esteja funcionando. Mas a facilidade é tão grande hoje. A facilidade é muito grande hoje (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Gosto muito de usar o telefone. Eu gosto muito de ligar e conversar com as pessoas. Uso WhatsApp muitas vezes porque é uma situação necessária, facilita muito a vida da gente. Muita coisa a gente resolve pelo WhatsApp. Cara-a-cara...eu tenho uma vida bem diversificada porque meu trabalho é cara-a-cara porque sou prestador de mão de obra. E tem o e-mail (Adão, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

*Francisca* utiliza o telefone e, dentro das possibilidades que tem de deslocamento, dado o avançado da idade, a comunicação presencial. Não se comunica no ambiente digital por falta de acesso e de competências digitais. A realidade da comunicadora ouvinte vai ao encontro de Bonin, que esclarece que “as apropriações digitais dependem, também, das possibilidades de acesso dos sujeitos a essas mídias, bem como do domínio efetivo de competências tecnológicas e multimidiáticas, entre outros elementos, para realizarem-se plenamente” (2016, p.218). Dessa forma, como meio de comunicação de uso frequente, a filha de dona de casa de 86 anos é direta: “a mãe passa no telefone”<sup>112</sup>.

*Rui* é usuário frequente do WhatsApp devido à profissão que o levou a diversos pontos do território brasileiro. Contou que é a forma que encontrou de se comunicar mais facilmente com amigos. Tem o hábito de gravar áudios por ser mais rápido e eficiente. Como *Rui*, *Adão* utiliza telefone e WhatsApp para se comunicar. Os três entrevistados mencionaram a

---

<sup>112</sup> No dia da entrevista, a filha de Francisca estava presente no local.

forma presencial de comunicação, mas que é preterida por outras pela praticidade e/ou necessidade.

Os entrevistados foram demandados a identificar uma relação entre a forma que se comunicam com as pessoas com a forma com que participam na rádio comunitária. As respostas foram as seguintes:

É igualzinho. Eu acho mais fácil e eu gosto. Hoje de manhã eu ainda liguei pra um comunicador porque ele tava doente para eu saber como ele *tava*. Ele *tava* em casa. A rádio é uma coisa muito boa. É a minha família. Eu boto todos dentro do meu coração (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Sem dúvida. Tenho bastante amigo na rádio. Paulo Silva, que é o diretor é um grande amigo meu. Eu me comunico com meus amigos por telefone e WhatsApp e é assim que eu me comunico com a rádio. Eu mando um áudio e fico ouvindo aqui. O jeito que eu me comunico é o mesmo, mas eu procuro conversar uma coisinha melhor, aperfeiçoar porque tu tá falando num rádio, tá saindo num outro lado, tá todo mundo ouvindo. Eu converso com as pessoas aqui, brinco, falo bobagem, mas no rádio não dá pra fazer essas coisas (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Na rádio comunitária a gente tem o telefone à disposição e é uma coisa que eu uso bastante. De repente eu faço a interação no programa pelo telefone. Isso eu já fiz muito. Hoje eu tô um pouco menos, mas eu já fiz bastante. Se eu tô ouvindo a rádio e o assunto me interessa eu faço a minha intervenção ao vivo (Adão, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

*Francisca, Adão e Rui* disseram não ver diferença entre o modo como se comunicam em suas vidas pessoais e o modo como interagem com a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. A diferença, conforme Rui, está na audiência, já que buscam a melhor maneira de falar, pois sabem que ao gravar um áudio e enviar à rádio muitas pessoas estarão ouvindo. Quanto aos meios utilizados, *Rui e Adão* que dominam o uso de mídias digitais o fazem por este meio. Já *Francisca* faz uso do que conhece, que é o telefone. Estudo do IBGE apontou que os sem-internet representam, na sua maioria, idosos e os menos escolarizados, características de Francisca, que tem 86 anos de idade e nunca frequentou a escola.

Quanto à forma como a rádio se relaciona com seu público, todos afirmaram que a RADCOM estabelece uma relação de civilidade, cordialidade e atenção. Não houve queixa de falta de espaço para comunicação. *Adão* explicou que, devido ao terreno da região (irregular, com áreas baixas e altas) a construção da relação com os comunicadores ouvintes foi mais presencial, já que nem todos conseguiam captar o sinal.

Devido à dificuldade de distância porque tem muito lugar que não consegue escutar a rádio, a gente divulgava nas reuniões a rádio. Nas reuniões do Orçamento Participativo, por exemplo. Qualquer tipo de reunião que existia na Lomba a gente divulgava a rádio, colocávamos adesivos nos carros para divulgar. Era por aí que tinha um contato maior com a rádio. O pessoal foi conhecendo a rádio, começou a interagir mais, participar das programações e aí começou a dar uma divulgação maior da rádio (Adão, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

*Rui e Francisca* destacaram o lado positivo da relação, já que a RADCOM traz benefícios para a comunidade, entre eles o de uma companhia – o que mais uma vez demonstra o caráter de proximidade do meio de comunicação para com seu público.

Eu acho a rádio boa para o público porque a gente consegue se comunicar, tem a música *pra* ouvir. Se o programa não é bom, não sou obrigada a ouvir. Eu acho que a rádio tá sempre comigo. Eu vou me deitar e ligo pra eles e me deito e escuto até terminar o programa de noite (Francisca).

Sobre possíveis mudanças no modo de se relacionar, Rui faz uma comparação:

Houve essa mudança, sim, porque o Paulo trouxe um pouquinho mais de qualidade para se comunicar, dos comunicadores...então isso é importante. Nós temos que agradecer ao Flávio que teve a ideia de montar essa rádio, fez todo esse esforço. Não podemos deixar ele pra trás, mas o Paulo agora está dando esse passo importante para a rádio se expandir (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

*Rui* acredita que, com as novas iniciativas por parte da gestão, poderá haver um incremento na rádio, tanto no número de comunicadores ouvintes, quanto na participação. A opinião de *Rui* vai ao encontro do que pensa *Adão*, que acredita que houve uma melhoria na audiência com as mudanças pelas quais a RADCOM está passando. Já *Francisca* não percebeu mudança no modo de relacionar-se com a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro: “É o mesmo jeito. Acho que trata bem o ouvinte”. *Adão* e *Rui* perspectivaram suas respostas ao refletir sobre o espaço digital. Como para *Francisca* o desconhecimento de como utilizar a internet é uma realidade, ele segue com as mesmas formas de relacionamento com a rádio; por isso acredita não ter havido alterações ao longo dos anos.

Avanço nesse tema e apresento, aqui, de forma mais específica, onde e como os entrevistados participam na programação da rádio comunitária. *Francisca* por telefone e presencialmente; *Rui* pelo WhatsApp, telefone e presencialmente e *Adão* por telefone e presencialmente. *Francisca* participa de todos os programas e, quando entra em contato com a rádio, é para pedir música ou se informar de alguma notícia.

Eu ligo o rádio e fico escutando ou ligo para eles por telefone. O pessoal da rádio liga para mim. Eles querem saber alguma coisa, querem saber se eu vou sair ou coisa parecida. Tem um rapaz que eu digo que vou sair e ele diz: Eu vou pensar, ver se tu vai (risadas) (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

O trecho mostra que a comunicadora ouvinte participa também estimulada pela rádio a partir de uma tática bastante peculiar: os comunicadores locutores ligam para os ouvintes, isto é, dão um passo a mais no tradicional hábito de rádios que incentivam o público a ligar e participar, fazendo o caminho inverso. Já *Rui* utiliza das possibilidades digitais oferecidas pela RADCOM para participar em diferentes partes do dia. “Eu já participei de vários programas. Eu escuto, mando áudio pra lá. Praticamente peço só música. Eu uso o WhatsApp e incentivo eles. Mando vários áudios” (*Rui*). *Adão* tem predileção por participar pela manhã no programa *Comunidade em Ação*. A respeito dos temas, explica que são bem variados, desde reclamações sobre problemas do bairro, como solicitação de espaço para divulgar seu grupo de apoio. “Eu normalmente, quando eu não conseguia ir na rádio, participava por telefone” (*Adão*).

O sentido da participação é, mais uma vez, atrelado a sentimentos positivos e a uma relação afetiva para com a rádio.

Participo porque eu gosto. É tudo pra mim. Me faz bem como se eu tomasse um remédio. Se a rádio não tivesse no ar eu ficava triste. Ontem eles desligaram para botar um aparelho. Ah, mas fiquei ligando. Fico numa tristeza. Saiu do ar eu fico preocupada. Botaram alguma coisa diferente, quero saber por que. Sou bisbilhoteira. O microfone aberto eu aviso: Olha o microfone de vocês tá aberto (*Francisca*, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Agora eu participo dessa aqui porque é nossa. É da comunidade da Lomba do Pinheiro. Então, nós temos que incentivar para essa rádio ir cada vez mais, crescer (*Rui*, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Na verdade, eu sempre gostei de dar minha opinião, de saber o que as pessoas pensam. Então, a minha participação eu achava muito útil. Como eu tive um tempo em que eu tava trabalhando junto à prefeitura, para mim a rádio comunitária era um meio de eu estar junto com o povo da Lomba (*Adão*, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

*Francisca* mantém-se em estado de vigilância em relação à programação. É uma das primeiras a telefonar para a rádio quando há queda de luz ou um dos CDs que está tocando tranca – situação que não deverá ocorrer mais, uma vez que a *playlist* é toda digital desde o fim de 2017. A comunicadora ouvinte também percebe as mudanças que acontecem no conteúdo que vai ao ar, desde a substituição de comunicadores locutores aos problemas técnicos. Informou que, por inúmeras vezes, já ligou para a rádio para informar que o apresentador havia deixado o microfone aberto.

*Rui* atribui o sentido de sua participação a uma questão de identidade, pois a RADCOM “é da comunidade da Lomba do Pinheiro”. Ele entende que é preciso que os moradores da região se engajem mais nos processos comunicacionais da emissora. Para *Adão*, participar faz parte de sua essência, já que gosta de opinar em diversos assuntos e vê no espaço oferecido pela rádio comunitária, condição ideal de exercer o seu direito. Quanto a exemplos de participação, *Adão* lembrou que “foram várias situações porque quando eu era conselheiro da Lomba do

Pinheiro eu participei muito como ouvinte”. *Francisca* e *Rui* trouxeram situações mais concretas.

Eu ligo *pra* dona Rosa e digo: Rosa Maria, nossa alegria. Ligo para elogiar pedir música. Eu ligo *pra* contar um pouco da minha vida. Conto até o que vai sair de comida porque eles (comunicadores) querem saber o que tem de comida. Daí tenho que narrar tudo que vai ter de comida (*Francisca*, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Eu ligo pra lá e digo: “Bom dia, Paulo Silva. Bom dia, ouvintes. Eu estou ligadinho ouvindo a rádio. Queria dizer para vocês que está muito bom o programa, meus parabéns e eu gostaria que vocês rodassem uma ou duas músicas que eu tô oferecendo para alguém ou alguém muito especial”. E assim vai (*Rui*, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

A partir da análise das suas formas de participação, motivações e meios utilizados para a participação do comunicador ouvinte, parto agora para a análise relativa à questão da comunicação digital.

### **6.2.3 A comunicação digital e os processos comunicacionais entre os comunicadores ouvintes e suas rádios comunitárias**

Como parte integrante e relevante dessa pesquisa, busquei, primeiramente, compreender as competências de cada comunicador ouvinte entrevistado no que se refere ao ambiente digital. Bianchi afirma que “o relacionamento cotidiano e em trajetória com as mídias capacitam, instruem, possibilitam desenvolver habilidades nesse convívio. Nessa trajetória, os sujeitos tornam-se hábeis e competentes para se relacionar com as lógicas midiáticas” (2013, p.134). Os trechos, a seguir, foram extraídos das seguintes perguntas: Tens conhecimento de como se navega na Internet? Sabes se comunicar utilizando computador ou smartphone?

Se deixarem ele ligado no programa que eu quero eu sei voltar ele pra ouvir e ver o programa, mas isso já é mais difícil. Não seu usar esses telefones mais modernos (*Francisca*, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Mais ou menos. Mais ou menos porque faz pouco tempo que comprei esse telefone. Meu telefone era outro. Então recém que eu tô ficando um pouquinho melhor nesse telefone mais moderno (*Rui*, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Tenho um conhecimento básico. Sim, uso bastante o computador para fazer meus contatos, mandar meus e-mails. E o celular também me ajuda bastante (*Adão*, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Das três respostas, *Francisca* é a que indicou maiores dificuldades para acessar, manusear e se comunicar utilizando computador e *smartphone*, que chamou de “telefones mais



modernos”. *Rui e Adão* não declararam total competência, porém, disseram dominar o básico para o estabelecimento de processos comunicativos com outras pessoas. Como aponta Jenkins (2009), o processo de convergência no qual a comunicação digital está inserida tem aspectos sociais e culturais que dizem respeito, respectivamente, ao acesso a essa tecnologia e à mudança de hábito da forma em que se consome e se utiliza o meio de comunicação. Dessa forma, o caráter social da convergência está ausente na realidade de *Francisca*, pois ela não teve (e não tem) acesso à internet; o mesmo ocorre com o aspecto cultural do processo convergente das mídias: a comunicadora ouvinte não mudou o meio de comunicação que utiliza para buscar informação e se comunicar - não teve competências desenvolvidas que lhe garantissem o mínimo de condições para o uso das possibilidades digitais na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, quer seja ouvir emissora na internet ou participar via WhatsApp.

Apesar das pistas já oferecidas pelo depoimento de *Francisca*, quando questionada sobre o uso das mídias digitais para se relacionar com a rádio, a comunicadora ouvinte disse: “Não, nunca. Agora eles têm um dizer (sobre o WhatsApp) lá, mas não é pra mim”. O *dizer* foi a forma que *Francisca* encontrou para referir-se ao anúncio feito pelos próprios comunicadores locutores sobre a nova possibilidade de meio de comunicação com a emissora. Dessa forma, não conseguiu fazer uma avaliação da maneira como a rádio usa as mídias digitais para se relacionar com os ouvintes. Já *Rui* considerou positivo esse acréscimo que elas proporcionam.

É recente. Mas deu o pulo do gato. Porque a rádio estava com pouco ouvinte, muito pouquinho ouvinte e agora tem ouvinte de São Paulo, do interior do Rio Grande do Sul, gente do Paraná. Esse negócio da internet é importante. Eu tenho amigos em diversos lugares do Brasil, o Paulo deve ter, outro comunicador deve ter, e a gente vai passando para um e para outro e daqui a pouco estão mandando música pra gente. Uma menina de Dom Pedrito mandou um WhatsApp para a rádio oferecendo duas músicas para mim. O pulo do gato se deu aí porque a rádio estava sem internet, estava só através do transmissor e agora melhorou 100% (*Rui*, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

O “pulo do gato” é um indicativo de como *Rui* vislumbra as possibilidades do cenário digital operando sobre a RADCOM. Destacou a expansão do espectro de comunicadores ouvintes com a migração para o ambiente digital (<https://www.radios.com.br/aovivo/radio-lomba-do-pinheiro/58706>) e da implementação do WhatsApp como meio de comunicação. *Adão* precisa, por outro lado, de mais tempo para poder fazer uma reflexão mais completa sobre as novidades. “Não me situei ainda com o Paulo nessa situação. Eu tentei participar, mas eu ainda não consegui. Vou ter que fazer uma visita pro Paulo para me inteirar melhor para poder participar” (*Adão*).

Ainda dentro do cenário de convergência no qual o serviço de radiodifusão comunitária está inserido, Peruzzo ressalta que a RADCOM “incorpora com naturalidade a tecnologia de transmissão em frequência modulada e se inclui de forma crescente na internet” (2010, p.4). Esse é o processo pelo qual passa a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. Por outro lado, ainda não há, da parte dos entrevistados, alguma reflexão sobre outras implicações do digital que não as mencionadas, isto é, nenhuma referência a qualquer consequência negativa desse processo.

Avanço na análise descritiva do material coletado empiricamente apresentando a visão dos entrevistados quanto a possíveis processos (também comunicacionais) que sofreram mudanças ao longo do tempo, incluindo os de caráter digital.

Agora mudou muito *pra* melhor. Melhoraram o equipamento. Tinha o outro senhor que começou essa rádio e levou sempre os *ouvintes* numa boa e tinha *menos* potência (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Mudou bastante coisa, né? Eu acho que a rádio trouxe alguns progressos pra cá porque tu imagina ter um bairro de 160 mil habitantes e não ter um meio de comunicação. A gente só dependia dessas rádios maiores. Essas rádios maiores não tocam as músicas que a gente gosta de ouvir. A gente é mais popular. Hoje o Paulo é o diretor e ele trocou tudo. Botou a mesa digital, o transmissor chegou, a antena também. Hoje vai ser tudo assim...não tem mais nada do tempo antigo. O Paulo teve essa ideia, essa força de vontade e trocou tudo. Pra nós é importante, primeiro porque ele botou na internet, eu posso escutar a rádio em qualquer lugar do mundo, onde eu estiver e a qualquer hora (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

A rádio não teve assim uma mudança muito grande. Hoje o Paulo tá criando um caminho mais amplo, entrando para a internet. Hoje tá um pouco mais. Mas antigamente quando a rádio começou, ficou basicamente na emissora. Era tudo na emissora. Tudo que se fazia teria que ser na emissora. Depois surgiu o telefone. A gente passou a interagir pelo telefone. Mas não teve assim uma mudança muito significativa a não ser o local que o Cassal foi melhorando a situação por causa da antena pra rádio poder ter mais amplitude de audiência. Então, as mudanças foram essas. Agora hoje o Paulo está fazendo uma melhoria mais via internet (Adão, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Existe um entendimento, cada entrevistado utilizando a sua forma de expressão, de que há um benefício da rádio a partir das mudanças e evoluções que ocorreram: o alcance. Em síntese, o consumo do que o cenário digital oferece acontece a partir das competências individuais de cada comunicador ouvinte.

#### **6.2.4 A construção da comunicação comunitária na perspectiva da cidadania comunicativa**

Neste item apresento as concepções dos comunicadores ouvintes sobre comunicação comunitária e a cidadania comunicativa, começando pela percepção de cada entrevistado sobre o lugar das pessoas da comunidade numa comunicação que busca ser comunitária. O

questionamento precisou ser esclarecido para que pudessem compreender o que se pretendia com a pergunta. Para *Rui*, são vários os lugares que as pessoas podem ocupar. *Francisca* disse que se “pudesse dar uma medalha para as pessoas eu daria a mais valiosa porque eu acho que as pessoas merecem e meu coração me pede”, em uma possível referência ao grau de importância que vê nelas dentro de um contexto de comunicação comunitária. Adão focou sua resposta a partir da compreensão literal de local, isto é, onde estão as pessoas nessa realidade: “Hoje, estão um pouco pela internet”.

Sobre se a comunicação que é feita na rádio é comunitária, conseguiram desenvolver mais suas respostas sem a necessidade de apoio da minha parte.

Olha, no pouco que eu sei, eu acho. Quando as pessoas precisam de alguma coisa, outros colaboram. A sogra da minha filha mesmo...quem emprestou a cama que ela tá até hoje foi o Flávio (Cassal). Foi uma ajuda que se conseguiu por causa da rádio. A rádio ajuda a comunidade. Eles arrumam cadeira de roda, eles arrumam muleta pra caminhar, dar um rancho para quem precisa. Ela (a rádio) tem uma relação com a comunidade. Eu digo: estou ouvindo a minha rádio. Digo *pra* eles, em qualquer lugar: nossa rádio. Tenho aquele orgulho de gostar da rádio. Eu gosto, me faz bem (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Seguramente porque todo, principalmente no programa da manhã que é diretamente *pra* problemas que existem na Lomba, digamos assim, o Comunidade em Ação, é exatamente pra isso. Ajuda muito. O que que acontece? Normalmente o locutor aciona os órgãos da prefeitura, acionam a direção do CAR para participar, para resolver os problemas. Então a rádio, nesse ponto, tem uma valia muito grande (Adão, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

É comunitária. Ela se dedica somente às pessoas da comunidade, não visa lucro comercial nenhum. Eu chego ali e se quiser anunciar eu não gasto um centavo. Ela é comunitária. Tem a outorga como comunitária. Ela se comunica muito com o pessoal e esse pessoal não tem custo nenhum. Não foi feita para lucrar. A rádio trouxe bastante coisas para cá. É o meio de comunicação que a gente pode reclamar, ruas estragadas, esgoto a céu aberto. Sempre tem um órgão que tá ouvindo isso. Alguém ouve e dois, três dias tão fazendo o conserto (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Os depoimentos apontam que os ouvintes entendem a rádio como um serviço de radiodifusão claramente comunitária. Para os entrevistados uma comunicação comunitária tem relação direta com ajuda e auxílio à comunidade. “A rádio ajuda a comunidade” ressaltou *Francisca*, em casos em que não há necessidade de recorrer ao poder público para que algum problema seja solucionado. Dallari (2013) entende a questão da cidadania como o resultado de experiências vividas e Pereira (2003) complementa com exemplos dessas vivências, quer sejam limpeza de vias públicas ou o respeito às leis, dimensão presente nos depoimentos de Rui e de Adão. Para o mesmo autor, a não existência dessas experiências configura a inexistência da própria cidadania. Ainda sobre os exemplos trazidos pela comunicadora ouvinte *Francisca*, Paiva (2003) fala em transformação na vida das pessoas que têm acesso à rádio comunitária, resultado do exercício da cidadania.

*Francisca* ressaltou, ainda, sentimentos de pertencimento acionados ao escutar a programação da emissora. *Adão* já fez referência a outros tipos de assistência proporcionado pela rádio. *Rui* destacou a dedicação da emissora e a questão da sustentabilidade financeira, uma das especificidades elencadas no referencial teórico como elemento constitutivo de uma rádio comunitária (FRASER E ESTRADA, 2001), pois é entendido que um serviço de radiodifusão não vise o lucro. Conforme os argumentos de Cabral Filho, o caso da Lomba do Pinheiro se enquadra no modelo de sustentabilidade que é oriunda de “publicidade comercial, geralmente restrita à forma de patrocínio como apoio cultural ou compreendendo princípios sociais de vinculação, tais como negócios locais” (2017, p.26 e 27)

*Rui* apontou, ainda, a função de voz da comunidade quando disse que “sempre tem um órgão que tá ouvindo isso. Alguém ouve e dois, três dias tão fazendo o conserto” (referente a reclamações na região). Ainda sobre o tema, todos responderam que a rádio desempenha corretamente suas funções na comunidade porque nenhum dos entrevistados mudaria algum aspecto da emissora pensando no seu papel enquanto meio de comunicação comunitário.

Para mim está muito boa, não mudaria nada. Acho muito bom o pessoal que trabalha ali porque é um pessoal que trabalha sem ganhar nada. Eu me dou muito bem com eles. Acho que eles merecem estar ali porque gostam. Estão ali porque gostam. Tem um rapazinho que faz até seis horas ali (de programação) (*Francisca*, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Não. Acho que está entregue em boas mãos. O Paulo é um cara bastante inteligente e ele sabe bem o que está fazendo. Se eu puder ajudar eu ajudo, mas eu acho que tá muito bom (*Rui*, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Acho que a rádio é bem organizada. Não tenho, assim, nada que pudesse mudar pra que a coisa tivesse uma melhoria maior. Acho que a rádio funciona muito bem. Mesmo com os recursos que são poucos. A gente não pode exigir muito da rádio comunitária (*Adão*, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Mais uma vez houve referência quanto à condição de um serviço sem fins lucrativos, por parte de *Francisca*. Todos avaliam que o trabalho é realizado de forma satisfatória na RADCOM.

*Francisca*, *Rui* e *Adão*, enquanto comunicadores ouvintes participantes dos processos comunicacionais promovidos pela RADCOM ou como sujeitos ativos que buscam a comunicação sem a necessidade de um chamamento por parte da emissora, acreditam que a maneira como a comunidade participa é satisfatória, porém, *Rui* e *Adão* indicam alguns pontos podem ser melhor desenvolvidos.

Acho que é muito bom. Se fazem é porque gostam. É bastante pedindo música. Eu já cansei de entrar no ar. Antigamente eu tinha um medo de telefone que eu vou te contar. Eu ia ligar para pedir uma música e ficava tremendo. Agora não (*Francisca*, entrevista

concedida em 10 de jan. 2018).

A participação é boa. O pessoal gosta de ouvir música. O bairro do Pinheiro (Lomba do Pinheiro) é um bairro de pessoas quase tudo de fora, pessoas do interior e pessoas do interior gostam de ouvir música. É por isso que o pessoal participa bastante. Eu daria uma nota seis porque a rádio tem bastante coisa pra se expandir ainda. Há dois meses e pouco ela tá na internet e tá melhorando. E então nota seis tá suficiente. O povo poderia participar mais, mas muita gente não tem crédito no telefone, muita gente não liga pra não gastar. Eu conheço um monte de gente que é ouvinte da rádio, mas não liga *pra* não gastar (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Eu conheço muita gente que faz contato diário com a rádio comunitária. Antigamente eu participava diariamente. Eu parava para escutar o programa. Ainda tem muitas pessoas que, até às vezes me ligam, porque não conseguem sintonizar a rádio. Eu vejo que tem muita pessoa que escuta a rádio. E não é bem aqui em volta da rádio porque a Lomba do Pinheiro é extensa. Hoje todo mundo tem pouco tempo. Então se torna difícil, né? Ainda tem aqui na Lomba pessoas que não têm uma facilidade de um telefone para entrar em contato. A situação financeira da Lomba é fraca (Adão, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

O que se pode perceber, na compreensão de *Francisca* é a ideia de que a participação é aberta à comunidade. Nesse sentido, são vários os momentos em que isso ocorre. “É bastante pedindo música” e “eu já cansei de entrar no ar” indicam não só a frequência de participação da comunicadora ouvinte, como a abertura que o público tem durante a programação. *Rui* também classificou a participação como boa. E justificou sua resposta devido às características dos moradores da região. Mesmo assim, indica necessidade de incremento de possibilidades oferecidas pela internet. Um outro argumento trazido por *Adão* e *Rui* diz respeito a uma possível causa de pouca participação: o contexto socioeconômico do Brasil que impede que as pessoas de baixo poder aquisitivo tenham tempo – devido à jornada de trabalho – ou condições financeiras para participar, já que usar o telefone pressupõe o pagamento de uma conta mensal ou créditos que são comprados de forma avulsa à medida que acabam. Como *Adão* e *Rui* referiram, moradores da Lomba do Pinheiro passam por essa situação.

Os entrevistados ainda avaliaram, dentro de uma perspectiva de comunicação cidadã, se é necessária alguma mudança na maneira como os comunicadores se relacionam com os comunicadores ouvintes. Todas as respostas foram negativas, isto é, não há necessidade de alteração nesses processos.

Não. Eu acho que eles estão certos do jeito que eles conversam com as pessoas, do jeito que eles tratam as pessoas. Não tem nenhum deles que eu possa dizer que é melhor que o outro (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Não, acho que não. O Paulo tá com as anteninhas ligadas. Ele não chegou na rádio para trocar assim hoje, mudar tudo, ele me falou que ia demorar uns 4, 5 meses pra fazer uma transformação. Tá ótimo (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Tenho a impressão de que não seria necessário. Do jeito que as coisas estão andando, tão andando bem. Não seria necessário mudar nada significativamente (Adão,

entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Ao entender o processo participativo como elemento-chave na participação de uma comunicação efetivamente comunitária, os entrevistados avaliaram a forma como os comunicadores locutores da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro promovem a participação.

Os comunicadores ficam falando no ar pra pedir música. Eu não precisaria ser lembrada pra ligar e pedir música, mas tem gente que precisa. Acho legal fazer essa lembrança (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Funciona o que eles fazem. A situação do país tá muito crítica, então tudo que tu fizer para uma pessoa rir um pouquinho já melhora. Isso é importante (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Antigamente os comunicadores eram perfeitos. Eles cutucavam o pessoal para participar. A divulgação da programação da rádio sempre foi feita muito bem. Hoje também (Adão, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Francisca destacou que os comunicadores locutores lembram os comunicadores ouvintes de que podem participar na programação. Mesma avaliação faz Adão: “Eles cutucavam o pessoal para participar”. Rui traz, novamente, o contexto atual brasileiro para respaldar sua resposta.

Dentro do que se pretende nessa pesquisa está a construção da comunicação comunitária na perspectiva da cidadania comunicativa. O conceito de cidadão precisou ser explorado entre dois entrevistados (Francisca e Rui) para que pudessem compreender se a RADCOM colabora para a promoção da cidadania das pessoas da comunidade.

A pessoa sai melhor. Se você escuta a rádio é porque você gosta. Eles comentam muito sobre os buracos nas ruas. Esses dias com o temporal que deu caiu um raio aqui nesse poste da frente. Eu tive desde quarta da outra semana sem luz na rua. Sem telefone. A Rosa (comunicadora locutora) falou no rádio e a luz voltou de tarde. Já chegaram a chamar os bombeiros pela rádio. Eles (os comunicadores locutores) reclamam. Falta de água também (Francisca, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Sim. Sem dúvida. Tem vários programas aí. Tem sábado um programa que o rapaz traz várias pessoas para fazer entrevista. Esses dias trouxe o diretor do Detran. Então, isso é importante porque eu mesmo tive a oportunidade de me comunicar com o diretor do Detran. Quando é que eu ia me comunicar com o diretor do Detran? Me comuniquei através da rádio. Perguntei pra ele se havia a possibilidade de colocar essa linha de micro-ônibus aqui. Quando é que eu ia conversar com ele? Às vezes o ouvinte não participa da rádio ou nem sabe que tem uma rádio, mas é através da rádio que a máquina tá passando na frente da casa dele. Aqui, por exemplo, tinha um vazamento de esgoto há uns dois meses, foi através da rádio que eu conversei com um rapaz ao vivo e no outro dia tinha um pessoal aí para consertar o esgoto. A rádio é uma coisa importante pra nós (Rui, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

Tranquilamente. Eu sou testemunha viva porque quando eu estava na associação e a gente ia fazer alguma coisa, a gente entrava em contato com a rádio comunitária e aquilo ali era imediato. Tinha divulgação até o dia do evento. Ela promove a

cidadania. Ele é mais cidadão. O que a rádio tem feito ajuda demais a população da Lomba. O pessoal consegue usar a rádio com mais facilidade do que em outros lugares, eu acredito (Adão, entrevista concedida em 10 de jan. 2018).

As impressões quanto à cidadania são variadas, vão de exemplos concretos, no caso de *Francisca* e de *Rui* até o relato de experiências pessoais, como relatou *Adão*. Dos relatos colhidos empiricamente, constata-se que os três entrevistados pensam que o serviço de radiodifusão comunitária em que participam contribui para o fortalecimento da condição de cidadão. Como Peruzzo lembra, as ações que objetivam o desenvolvimento da cidadania encontram espaço para evoluírem nas RADCOM, pois “elas podem contribuir efetivamente para o avanço do desenvolvimento social e local a partir de várias maneiras, desde os conteúdos que divulgam até a participação no próprio processo de fazer rádio” (PERUZZO, 2007b, p.77). No caso da Lomba do Pinheiro, por exemplo, são serviços dos órgãos públicos que são agilizados com a intervenção da rádio ou eventos que conseguem divulgação gratuita durante a programação ou a cobrança de representantes do poder público acerca de alguma demanda local.

Nesse sentido, *Rui* destacou a possibilidade de poder dialogar com representante do poder público, ação que, segundo ele, não seria possível em um meio de comunicação de caráter comercial. Destacou que, em algumas situações, as mudanças ocorrem sem que o morador saiba que houve intervenção da RADCOM. Já *Adão* usou uma situação pessoal em que precisou da rádio e teve seu objetivo atendido, que era dar visibilidade a um evento que estava organizando. O comunicador ouvinte ainda aponta outra vantagem da emissora: “O pessoal consegue usar a rádio com mais facilidade do que em outros lugares, eu acredito”, o que coaduna com autores como Mata (2006) e Peruzzo (2004a) quando se referem ao espaço que as rádios comunitárias oferecem aos moradores das comunidades em que estão inseridas ou ao público ouvinte que não reside no mesmo território geográfico.

### 6.3 Síntese analítica

Teço, aqui, considerações acerca dos dados empíricos obtidos na Rádio Comunitária Lomba do Pinheiro, inicialmente com os comunicadores locutores, perspectivando os objetivos específicos a eles referentes. Percebo que as transformações que os processos de midiatização digital e de convergência podem acarretar nos contextos constitutivos da RADCOM ainda são muito incipientes pois, dada a história da emissora, ocorreram em um passado muito recente. Tais mudanças demandam tempo para que comunicadores locutores as possam inserir em suas próprias lógicas de usos, consumo e apropriação dos ambientes digitais.

Outro ponto importante identificado durante as entrevistas com os comunicadores locutores foi o papel que o comunicador gestor da rádio tem com relação às possibilidades de comunicação oferecidas ao público. Por mais de uma década, Flávio Cassal, ex-comunicador gestor, determinava não só o que seria tocado na programação, mas também as formas disponíveis para participação. Com a chegada de Paulo Silva, ambos os grupos precisaram se adaptar à nova realidade: a migração para o digital e o WhatsApp como opção de comunicação. Ainda que se observe que o acesso à tecnologia é restrito, aqueles que a possuem precisarão (e enfatizo a conjugação verbal no futuro) buscar capacitação e letramento para que possam fazer um uso correto. Como *Edson* enfatizou, a RADCOM herdou analfabetos em comunicação digital e será necessário esforço coletivo para manter aqueles comunicadores locutores – sem esse conhecimento – na grade de programação.

Comunicadores locutores da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro dividem semelhanças socioculturais, graus de escolaridade e uso das mídias, o que demandará deles, na minha percepção, um esforço para ingressar em um espaço (digital) ainda desconhecido para muitos. A escolaridade pode ser um dos fatores relacionados ao tipo de consumo midiático, uma vez que há a preferência pelo rádio e televisão, que não demandam aprendizado escolar para seu consumo, diferente do jornal que tem como requisitos a leitura e a escrita. Os entrevistados têm, ainda, como elemento comum um sentimento de pertencimento (ao “Pinheiro”), sendo moradores da região.

Dos três entrevistados, *Edson* e *Rosa Maria* têm suas vidas midiáticas também pelo digital. *Gastão* não utiliza a internet, nem possui equipamentos em casa que propiciem seu uso. O telefone que carrega no bolso é um modelo antigo, apenas com teclado alfanumérico. *Edson* e *Rosa Maria* já possuem *smartphones*, o que lhes oferece possibilidades digitais de comunicação. Assim, pude perceber nos relatos que os sujeitos *Edson*, *Gastão* e *Rosa Maria* não são diferentes dos comunicadores locutores *Edson*, *Gastão* e *Rosa Maria* nos usos e apropriações midiáticos. Eles trazem de suas realidades pessoais as formas como se comunicam com o público que participa dos programas. Mesmo com o WhatsApp como nova opção, *Gastão* segue utilizando apenas o telefone e as visitas presenciais na rádio porque em sua casa, não utiliza a internet por desconhecimento.

Cada comunicador locutor busca ter em seu programa, do início ao fim, a participação do público. Para tanto, lança mão de táticas que objetivam o incremento das ligações, do envio de mensagens de texto e/ou áudio pelo WhatsApp ou a visita presencial à emissora. Tais táticas não se limitam ao programa no ar, isto é, não acontecem somente no período em que a programação é veiculada. Existe um movimento de captação de novos comunicadores ouvintes



e o convite à participação de forma presencial, quando pessoas são abordadas em filas de bancos ou em supermercados, conforme relato de *Rosa Maria*.

A comunicação digital é recente na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, tendo sido implementada (uso do WhatsApp) no final de 2017. Como já caracterizado pelo comunicador gestor Paulo Silva e pelo comunicador locutor *Edson*, quem ouve a RADCOM tem a predileção pelo uso do telefone ou a visita presencial à emissora. Talvez em médio e longo prazo seja possível avaliar com mais critério as implicações do digital na rádio comunitária em questão.

A análise que pode ser feita sobre as concepções relativas à comunicação comunitária e à promoção da cidadania é que os comunicadores locutores entendem, de certa forma, o papel que teriam na RADCOM e em um cenário macro, isto é, como integrantes de movimentos contra-hegemônicos e voltados a suprir demandas da própria comunidade que não são atendidas pelo poder público. Peruzzo (2000) dá ênfase a essa parcela da população que não se sente contemplada pelas esferas de governo municipal, estadual e/ou federal. No caso dessa pesquisa, são problemas como o reparo em vias, melhorias no transporte público, medicamentos e/ou equipamentos médicos etc. Os três entrevistados se sentem seguros quando afirmam que existe autonomia e liberdade nas realizações comunicacionais para com o comunicador ouvinte. Reforçaram, ainda, o sentido de pertencimento no que se produz e se veicula.

Mesmo assim, e a partir do que foi apresentado, percebo que existe limitações da parte dos comunicadores locutores quanto à compreensão do que os teóricos trazem concretamente como comunicação comunitária. Os entrevistados entendem o papel da rádio para a comunidade, dando ênfase à questão do entretenimento, porém, não avançam em utilizar o espaço - que tem uma participação consistente ao longo do dia - para uma veiculação maior de conteúdo que possa impactar na vida dos moradores da Lomba do Pinheiro – intenção essa essencial neste tipo de comunicação. Dessa forma, a materialização e percepção, no ar, da cidadania comunicativa poderia ser melhor trabalhada. Se compreendemos que cidadania comunicativa pode ser entendida como o acesso aos meios de comunicação, a comunidade da Lomba do Pinheiro a concretiza, porém, a questão que levanto é: que uso é feito, então, desse espaço importante de participação democrática?

A participação, conforme os relatos, se limita ao pedido de música, recados para amigos e familiares, lembretes gerais etc., o que vai de encontro com o que propõe Peruzzo (2004a) com a participação-poder, já referida por mim anteriormente, como importante para essa pesquisa, uma vez que se aproximado que penso ser a razão de ser da rádio comunitária, e ressaltado por Peruzzo como uma “participação democrática, ativa e autônoma, propiciando,

de modo mais completo, o crescimento das pessoas ou das organizações coletivas enquanto sujeito”. (2004a, p.81). Assim, os processos de interação comunicativa que se realizam entre os comunicadores da rádio comunitária e seu público permitem a construção de uma comunicação comunitária, entretanto, ainda com uma perspectiva de cidadania comunicativa em construção. Nesse cenário, o ambiente digital não tem implicação, uma vez que está sendo introduzido recentemente.

Os dados empíricos obtidos na Rádio Comunitária Lomba do Pinheiro a partir das entrevistas com os comunicadores ouvintes oferecem percepções importantes quanto às possíveis transformações que os processos de midiatização digital e de convergência podem trazer nas formas de participação. Mesmo sendo uma realidade em construção, os entrevistados sabem das implicações positivas que a internet poderá trazer, como novos meios de comunicação. Entretanto, a idade e a baixa escolaridade podem ser um fator limitador do acesso e do uso. Outras semelhanças: são comunicadores ouvintes participativos - quase que diariamente - em diversos programas e moradores do bairro. Em seus depoimentos, demonstram uma relação muito clara de pertencimento à região e à própria rádio comunitária, com um histórico de mais de dez anos de contato com a RADCOM.

Quanto às transformações dos processos de midiatização digital e de convergência, existe uma brecha digital em relação a um dos entrevistados (Francisca), fato que pode impactar no processo de redução de desigualdade entre os cidadãos, conforme Peruzzo, uma vez que “o ciberespaço é um novo ambiente para se exercitar a cidadania comunicativa, facilitado pelas possibilidades oferecidas pela interatividade, pelo intertexto e pela comunicação de todos com todos” (2004b, p. 11). *Francisca* é o exemplo concreto que a autora traz ao afirmar que os entraves seriam infraestruturais e de educação para o uso, duas situações enfrentadas pela comunicadora ouvinte. *Rui* e *Adão* estão inseridos no contexto da midiatização digital, mesmo ao afirmarem que não dominar completamente as possibilidades oferecidas pela tecnologia recém implementada na RADCOM. A posse de competências digitais impacta no consumo de informação e nos meios de comunicação utilizados para participar da programação da emissora.

Sobre as formas de participação, a amostra entrevistada abrangeu todas as modalidades oferecidas pela Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro: presencial, telefone e WhatsApp. Há situações em que os comunicadores locutores ligam para os comunicadores ouvintes e os colocam no ar. Apesar de o meio digital de comunicação ser recente – desde o fim de 2017 – é possível apontar alguns indicativos positivos do uso por parte do público (Rui e Adão). É preciso um período de médio a longo prazo para confirmar a efetividade do WhatsApp, uma vez que a RADCOM tem, em todo seu período de existência, o telefone como principal meio

de comunicação e que é amplamente utilizado pelos comunicadores ouvintes (constatação feita por mim durante as visitas à sede da emissora e pelas respostas dos entrevistados).

*Francisca* é a comunicadora ouvinte que mais interage no grupo, fazendo ligações ao longo do dia. A partir de suas reflexões, percebo a existência de um sentimento que excede a simples vontade de ouvir rádio. Na Lomba do Pinheiro, há uma relação direta com o *fazer parte*, isto é, uma vinculação com um sentido de pertencimento (QUADROS et al., 2017). Ao investigar as formas com que os comunicadores ouvintes pensam, concebem e participam dos processos comunicacionais com as RADCOM pude perceber, a partir do material empírico coletado, que todos trazem suas experiências e competências comunicacionais pessoais quando se comunicam com a emissora. Dessa forma, existem aqueles que utilizam somente meios analógicos (*Francisca*) e outros, meios analógicos e digitais (*Rui e Adão*).

Existe uma relação de mútuo respeito entre a RADCOM e os comunicadores ouvintes, em que há espaço para manifestação (pedido de músicas, recados etc.) a qualquer momento da programação. Inicialmente, essa relação foi construída de forma presencial, com os responsáveis pela rádio indo onde os possíveis ouvintes estavam: reuniões de associação de bairro, mobilizações e eventos na região. Lá repassavam o número de telefone e o dial da emissora. Com o tempo, o vínculo foi crescendo, no sentido de uma companhia para os comunicadores ouvintes - o que reforça o caráter de proximidade do meio de comunicação para com seu público, um sentido de participação positivo e o reforça de uma questão identitária com a região e com a comunidade. Em diversos momentos fizeram referência a “ser do Pinheiro”.

A avaliação da participação na perspectiva do comunicador ouvinte –grupo do qual fazem parte – também foi positiva. Entretanto, ao ressaltarem que poderia ser maior, mostram um desejo de mais mobilização da comunidade com relação à rádio comunitária. O incremento do digital pode ser uma alternativa para conquistar novos ouvintes, uma vez que a emissora pode ser acessada, desde o fim de 2017, na internet e um dos meios de comunicação é o WhatsApp. Essa percepção esteve presente naqueles entrevistados que têm em seus contextos diários um contato maior com o ambiente digital (*Rui e Adão*). Nenhum dos três fez menção a algum aspecto negativo que possa advir com o digital, já que há uma vantagem da rádio a partir das mudanças e evoluções que ocorreram: o alcance do sinal.

Como último elemento analisado, perspectivando os objetivos específicos dessa pesquisa, consigo sustentar a constatação de que, dentro de suas realidades pessoais, os comunicadores ouvintes enxergam a rádio comunitária como um espaço que pode trazer benefícios para a comunidade. Destacaram, ainda, em suas falas, elementos constitutivos de

uma emissora de caráter comunitário, como a questão da sustentabilidade financeira, da programação, da participação e produção local, além da relação com o pertencimento à comunidade. Tais características foram aparecendo ao longo da entrevista sistemática, sem a necessidade de apresentar a eles o que configura, teoricamente, uma RADCOM. Satisfeitos com a emissora, não mudariam nada pensando no seu papel enquanto meio de comunicação comunitário, nem na maneira como a comunidade participa. Quanto à cidadania, a entendem como melhorias proporcionadas pela força da rádio na solução de problemas na região. Assim, dos relatos, os três entrevistados acreditam que a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro contribui, sim, para o fortalecimento da condição de cidadão.

A partir das perspectivas teóricas e das observações e entrevistas realizadas na RADCOM, penso que os processos comunicacionais têm, em parte, o caráter de uma comunicação comunitária por mobilizar a comunidade no entorno da emissora, propiciando o contato entre elas; além de haver desenvolvimento/manutenção de um sentimento de pertencimento à Lomba do Pinheiro, porém, ela parece ser pouco utilizada para demandas locais que podem ter resultado a curto e médio prazo, beneficiando a região. Existe um fluxo intenso de duas vias (comunicador locutor e comunicador ouvinte) que pode, cada vez mais, ser melhor explorado no que tange a comunicação. Me parece que a população ouvinte está satisfeita com o que se oferece como meios de comunicação, pois a questão do hábito é muito clara na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro: o telefone fixo é de fácil acesso, quase todos os comunicadores ouvintes têm em casa, não precisam gastar na ligação, pois o comunicador locutor já reconhece quem liga e os gostos musicais do público. Assim, as possibilidades digitais precisam ganhar espaço dentro da programação para que se faça uma análise mais profunda.

De qualquer forma, a partir das especificidades do público ouvinte, não acredito que as interações via WhatsApp e até mesmo o hábito de escutar rádio migrarão para o celular e para internet, respectivamente. As restrições que se apresentam são, sim, de acesso à tecnologia, de custo – ainda alto para os moradores da região – e de competência apropriadamente dita de uso. Em suma, existem condições para que haja um desenvolvimento maior do que realmente entendo como comunicação comunitária e cidadania comunicativa, mas não vislumbro uma Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro diferente da que visitei e que serviu de objeto de estudo para essa tese nos próximos anos. Da mesma forma que não vejo risco em perda de participação do comunicador ouvinte, exceto pelo fator natural de envelhecimento da população. Também não creio que o incremento de possibilidades digitais incremente, ainda mais, o seu público.

## 7 OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS NA VOZ DO MORRO NAS PERSPECTIVAS DOS COMUNICADORES LOCUTORES E OUVINTES

Três comunicadores locutores e três comunicadores ouvintes da Voz do Morro fizeram parte das entrevistas na fase sistemática de pesquisa. Assim como ocorreu no Capítulo 7, aqui são feitas a análise e a interpretação dos dados coletados.

Sigo com o objetivo de apresentar as trajetórias dos entrevistados para, depois, analisar o conteúdo de suas concepções sobre a rádio comunitária e sobre os processos de participação dos comunicadores ouvintes nelas. Começo pelos dados obtidos com os comunicadores locutores e, na sequência, me debruço sobre aqueles fornecidos pelos comunicadores ouvintes.

### 7.1 Perspectiva dos comunicadores locutores

Antes de iniciar o processo de análise dos depoimentos dos comunicadores locutores, faço o mesmo movimento de apresentação destes sujeitos para auxiliar na compreensão das respostas dadas na entrevista sistemática. A intenção é, como ocorreu com a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, buscar relações entre as trajetórias dos comunicadores locutores e suas concepções quanto à cidadania, à comunicação comunitária, os usos de mídias e as realizações comunicacionais com os comunicadores ouvintes.

*Marcela Passos Gonçalves* (conhecida como Mai) tem 25 anos de idade, é natural de Porto Alegre – tendo residido na praia, em Capão da Canoa, Capão Novo e Torres até os 8 anos de idade. Atualmente, mora do bairro Mário Quintana, zona nordeste da capital gaúcha; *Luciana Ferreira Soares* (Luciana) tem 41 anos de idade, é nascida em Porto Alegre. Morou na Restinga porque passou em concurso do magistério. Escolheu a Restinga porque “minha ideia era militar na Restinga e dar aula na Restinga e formar laço comunitário por ali. Fiquei lá um ano. As coisas não deram muito certo e eu resolvi ir para o Morro Santana. Faz 15 anos que estou no Morro Santana” (Luciana).

*Rafael da Silva Freitas*, de 34 anos, nasceu em Santa Maria e já morou em Pelotas, no sul do estado, em Viamão e em Alvorada, na Grande Porto Alegre, onde reside atualmente. As informações de *Mai*, *Luciana* e *Rafael* indicam que os comunicadores locutores não têm uma relação direta com a região onde A Voz do Morro está instalada, como acontece com os comunicadores da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, exceto Luciana.

Autores como Duarte destacam que pode haver “afinidades que não ligadas a suas localizações geográficas” (1999, p.28) e, na referida rádio comunitária, é o que ocorre: uma relação menos territorial e mais ideológica – afirmação que me permito fazer a partir dos dados

coletados empiricamente. Não se percebe um sentimento de pertencimento ao *local*, isto é, ao Morro Santana. O que existe é o pertencimento a um grupo que tem uma causa em comum: a mudança do *status quo* por meio da rádio comunitária.

Ferdinand Tönnies denominava esse tipo de relação existente como uma comunidade espiritual, pois reúne os sujeitos em torno de “interesses, sentimentos, afetos em comum” (apud PAIVA, 2007, p.135). Nessa mesma linha de raciocínio, trago Palácios (1997) e Egargo (2008) que entendem que há um enfraquecimento do caráter territorial como elemento determinante de uma comunidade, já que pode ser formada por um coletivo de pessoas que têm objetivos comuns. Dessa forma, o conceito de comunidade, segundo Peruzzo, não pode ser reduzido a “uma simples localidade” (2007a, p.110)

Dando continuidade às informações dos entrevistados, a média de idade dos comunicadores locutores que fizeram parte da amostra é de 33 anos, o que os insere na faixa etária de adultos, ainda que jovens, conforme o IBGE. Com relação à escolaridade, a totalidade dos entrevistados tiveram uma trajetória acima da média nacional<sup>113</sup>.

Eu fiz ensino fundamental aqui próximo, depois eu terminei no Alcides Cruz, que é outra escola aqui próxima. Minha formação escolar foi na região norte de Porto Alegre. Fui até o ensino superior. Fiz Gestão Comercial no Leonardo da Vinci (Mai, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

Ensino público estadual. Estudei na Escola São Francisco de Assis, no bairro Santana. No ensino médio, fiz no Júlio de Castilhos. Fiz faculdade de Letras na UFRGS e tenho pós-graduação em Gestão e Supervisão Escolar (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Estudei em várias escolas. Apenas um ano eu fiz em escola privada, o restante tudo pública, começando em Santa Maria, Pelotas e Alvorada. Não lembro o nome de todas as escolas que eu estudei. Fui até o ensino superior completo. Fiz Licenciatura Plena em História (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

A partir do apresentado, percebi um grau de escolaridade avançado em todos os comunicadores locutores o que, já de antemão informo, facilitou em muito a compreensão da todas as perguntas que foram feitas nas entrevistas sistemáticas – problema que foi enfrentado na Lomba do Pinheiro. Todos têm ensino superior completo e Luciana seguiu os estudos com uma pós-graduação.

Quanto a cursos realizados ao longo de suas vidas, *Mai* explicou que buscou aperfeiçoamento. “Fiz um curso pela Fundação Getúlio Vargas de Mídias Sociais e fiz um curso

---

<sup>113</sup> Para efeito comparativo, os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD/IBGE) apontam que os anos de estudo da população em 2015 – último registro do indicador – atingiu pouco mais de 10 anos, o que significa o 2º grau incompleto. Para mais: <http://www.observatoriodopne.org.br/metas-pne/8-escolaridade-media/indicadores> Acesso em 11 de fev. 2018.

pela minha própria faculdade de Políticas Públicas” (Mai). *Rafael* fez dez cursos ligados à área da História e da oratória. Já *Luciana*, fez diversos cursos rápidos. “Todo ano tem algumas formações ligadas à área de Letras e Língua Portuguesa. Como eu trabalho na biblioteca eu faço muito curso de contação de história, de literatura...cursos que têm ligação com minha área na escola” (Luciana).

Quanto ao aprimoramento na área da comunicação, *Mai* fez o curso já referido de mídia social e *Luciana* foi aluna das oficinas de capacitação que a própria Voz do Morro oferece para a formação de novos comunicadores locutores. Já *Luciana* fez “um curso com o Rodrigo (comunicador gestor da rádio) que tem vários módulos. Foi desse curso que nasceu a cartilha de rádios comunitárias, que foi um projeto com a FABICO. Fui uma das alunas de uma das turmas que teve”. *Rafael* foi o único entrevistado a informar que nunca fez curso voltado à comunicação e/ou ao trabalho ligado ao rádio. “Só a prática. Desde 1997 eu participo de rádio. Comecei na rádio Integração Comunitária, em Alvorada. Depois em webrádio e voltei agora para rádio comunitária”.

Com as informações sobre a profissão dos pais foi possível perspectivar possíveis relações com o poder aquisitivo da família e a condição social familiar. *Mai* vem de uma família de vendedores. “Meus pais sempre foram vendedores. Sempre trabalharam com vendas. Hoje atualmente eles são comerciantes”; *Luciana* era filha de funcionário de fábrica e professora. “Meu pai trabalhava em uma fábrica, na extinta Samrig e minha mãe era professora do estado”; *Rafael* também tinha os dois pais trabalhadores. “Meu pai era bancário e minha mãe era atendente de padaria e cortava cabelo também”. Os dados obtidos indicam famílias, cujos pais eram ocupados (ou ainda o são) formalmente no mercado de trabalho. Os comunicadores locutores também são profissionalmente ativos.

Eu sempre trabalhei com vendas. Entrei no mercado de trabalho com vendas. Mas atualmente eu público meus livros e trabalho com mídia social (Mai, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

Eu fiz estágio no CIEE, trabalhei na Pizza Hut, no McDonald’s. Fiz alguns estágios assim durante a formação do ensino médio. Trabalhei no Universitário em troca do cursinho porque na época não tinha cursinho popular. Daí na UFRGS eu trabalhei na biblioteca das Ciências Sociais. Três anos. Depois consegui trabalhar num projeto de alfabetização e letramento dos funcionários da UFRGS, que depois se expandiu (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Comecei como repositor no Bourbon Country, depois fui secretário da Emergência do SUS do hospital da PUC e agora sou segurança do BIG de Alvorada (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

Os depoimentos mostram que todos ingressaram no mercado de trabalho cedo e estudavam junto com a ocupação profissional. Dos três, apenas *Luciana* atua na sua área de

formação. *Rafael*, com licenciatura plena em História, trabalha como segurança de um supermercado na cidade onde mora e *Mai*, formada em Gestão Comercial – que pode ter relação com o trabalho de seus pais – é escritora de livros de ficção.

Sobre o engajamento político/militante, *Mai*, *Rafael* e *Luciana* informaram ser ou ter sido atuantes em algum momento de suas vidas com algum coletivo, partido político, mobilização ou causa social.

Quando era mais nova eu participei dos movimentos da juventude do PTB. Logo em seguida saí e me filiei ao PT. Atualmente estou desfilada do PT. Eu fiz muitos anos trabalho voluntário no Instituto da Criança com Câncer. A gente fazia recreação com as crianças na casa de apoio (*Mai*, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

Minha mãe militava no CEPERS e a gente tinha contato com essa luta por uma educação de qualidade. No ensino médio, a gente enfrentou o calendário rotativo [...]. Eu era do grêmio estudantil. Depois que fui para a UFRGS eu tomei contato com outras ideologias, outros tipos de organizações e me interessei pelo Anarquismo, mais especificamente Anarquismo na FAG (Federação Anarquista Gaúcha) e desde o início da FAG estou junto na formação e milito nessa organização. Minha frente de atuação é mais comunitária. Mas no sindicato, no SIMPA, nas greves, nas mobilizações. Mas meu foco sempre foi trabalhar na minha comunidade onde eu morava até em função dos filhos. Eu sou da associação de moradores da minha comunidade e a gente considera a rádio como imersa no movimento comunitário mais amplo (*Luciana*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Eu tive um aprendizado muito grande na rádio Integração Comunitária, tinha várias oficinas. Eu participo de um grupo de estudo que ao mesmo tempo que pesquisa, milita. Eu sou militante do Partido Comunista Brasileiro. Nosso público-alvo são professores e alunos. A gente é vinculado a cursinhos populares e fazemos bastante atividades educativas relativas à preparação ao vestibular. Ajudei a fundar o cursinho popular aqui de Alvorada. Fui sindicalizado na época em que trabalhava no hospital da PUC pelo SUS, mas eu não tinha uma relação muito forte. Naquela época eu considero que estava me politizando no trabalho. Eu só pesquisava os partidos políticos e tentava me inserir em algum, ver qual que se adequava a minha ideologia (*Rafael*, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

São significativos os relatos que apontam para um engajamento consistente dos três comunicadores locutores em várias formas de militância. *Mai* e *Rafael* tiveram vínculos político-partidários. *Luciana*, desde cedo teve a militância presente em sua casa, foi integrante de grêmio estudantil e, ao ingressar na UFRGS conheceu o Anarquismo, especificamente a FAG, organização na qual atua até hoje. É também presidente da Associação de Moradores da Vila Tijuca. *Rafael* integra o Grupo de Estudos Americanistas Cipriano Barata (<http://geaciprianobarata.blogspot.com.br/>) e informou que “ao mesmo tempo que pesquisa, milita”. O comunicador locutor tem ainda estreita relação com projeto de cursinho pré-vestibular em Alvorada. *Mai* lembrou de atividades voluntárias que realizou em ONG e *Luciana* destacou concentrar-se em questões de caráter comunitário.

O que se analisa das diferentes trajetórias é a pró-atividade dos entrevistados com foco em fazer algo pelos outros ou pela sociedade – em geral ou nas regiões em que residem;



possuem formação política pelas causas que abraçaram, movimentos que integraram ou partidos políticos em que foram filiados. Nesse sentido, os entrevistados foram convidados a refletir sobre possíveis relações com as comunidades em que residiram e/ou residem.

Eu tive um tempo quando a gente fazia uma oficina jornalística no Mário Quintana e um grupo de teatro da comunidade (Mai, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

Na Cidade Baixa não tinha militância. Não tinha uma associação, nesse sentido. Quando eu fui pra Restinga eu já fui com essa intenção. Eu dei aula em um galpão de reciclagem, de reforço escolar, de alfabetização para os catadores. Trabalhava tentando fazer um vínculo com a escola, com o posto de saúde. Mas como não deu muito certo minha moradia eu saí. No Morro a gente começou a reconstruir esses laços comunitários (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Tenho um vínculo com a cidade de Alvorada. Trabalhei como estagiário, por cerca de um ano, na secretaria de cultura de Alvorada e morei em vários bairros daqui. Então eu tive esse vínculo, principalmente pelo trabalho na rádio Integração Comunitária e de um tempo para cá, devido à militância no PCB. Eu sempre trabalhei e estudei, minha vida foi sempre mais estudo do que trabalho. Por isso, pouco vínculo com a comunidade (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

*Rafael, Mai e Luciana* mostram, pelos exemplos que ofereceram, de uma forma mais intensa ou não, vínculos com as comunidades em que residiram. *Luciana* buscou, nas tentativas de contato, exercer a militância. *Mai* participou de oficinas no bairro que mora e *Rafael* apontou a atuação em uma rádio comunitária e na célula do PCB em Alvorada como formas de estabelecer uma relação com a região. Como nem todos os comunicadores locutores residem no mesmo bairro ou cidade em que está instalada A Voz do Morro, a resposta ao questionamento anterior pode não ter levado em consideração o Morro Santana especificamente. Dessa forma, foram instigados a refletir novamente sobre a relação que têm com o referido bairro.

Estudei com muitas pessoas que moram no Morro Santana. Morei uma época no Morro Santana. Morei três meses na Laranjeiras e acabei conhecendo muita gente porque a comunidade é pequena. Criei muitas amizades ali (Mai, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

A minha relação é onde estou criando minha família. Meus filhos estudam lá. Trabalhei lá muitos anos e espero um dia poder retornar para o Morro Santana. É onde tenho minha casa, minha vida. Tem muita gente ali que eu conheço, passo festas juntos, comemorações, aniversários. A família do meu marido é dali. Não pretendo romper esse vínculo (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Apenas o vínculo com a rádio mesmo. A rádio é organizada pelos moradores e comunicadores que têm vínculo lá. O que que eu procuro fazer? Respeitar o protagonismo dos moradores do bairro. Eu acredito que a rádio comunitária tem que ser organizada pelos moradores do bairro onde a rádio está inserida (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

Diferente dos dados coletados na Lomba do Pinheiro, em que havia, no discurso dos entrevistados, pistas que indicavam uma relação de proximidade e identificação com *o bairro* em que a RADCOR está instalada, no caso dos comunicadores locutores da Voz do Morro, esse tipo de vínculo não foi percebido, exceto com Luciana, talvez, em parte, pelo fato de *Mai* e *Rafael* não residirem no bairro. *Mai* passou três meses na região, depois mudou-se para um bairro não tão distante. À exceção de laços de amizade com algumas pessoas, não apresenta outra relação com o Morro Santana. *Rafael* mostrou que, mesmo sem um laço com o bairro, exceto pela Voz do Morro tem uma postura de respeito ao “protagonismo dos moradores do bairro”. Luciana, por sua vez, moradora do bairro, presidente da associação, mora no Morro Santana, cria seus filhos lá e tem, na sua fala, a noção de pertencimento, já que não objetiva “romper esse vínculo”.

### **7.1.1 Vivências midiáticas e dos processos de digitalização e de convergência**

Apresento, neste subcapítulo, as concepções dos comunicadores locutores quanto às *vivências em relação aos meios e aos processos de digitalização e de convergência*. Para iniciar, traço um histórico de consumo atual das mídias dos entrevistados. Todos tiveram contato com os meios televisão, rádio, jornal impresso, revista e internet. Não houve uma predileção clara por um em detrimento a outro, como ocorreu na Lomba do Pinheiro. Quanto à televisão, *Luciana* e *Rafael* confirmaram o consumo, porém cada vez menor. *Mai* chegou a afirmar que não consome mais. Os três também escutavam/escutam rádio, com motivos distintos.

Escutava muito rádio para escutar música mesmo (*Mai*, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

Escuto direto. Escuto no carro, em casa, no fone do celular. Sempre escutando rádio. Para ouvir música e para ouvir informação também (*Luciana*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Eu brincava de ser radialista na minha infância. A partir dos 9, 10 anos comecei a ouvir rádio, rock, metal, me inseri no metal, faço fanzine, tenho banda. Sinceramente, não sei como, não lembro, comecei a me envolver com rádio comunitária. Desde 1990 comecei a me interessar pelo rádio com interesse que não era musical, mas com interesse político mesmo (*Rafael*, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

O grau de instrução dos comunicadores locutores pode ter implicações no consumo de jornal impresso e revista, já que os três buscavam informação por meio do jornal. *Mai* esclarece: “Gosto de ler muito. Era onde acompanhava as notícias”. *Rafael* diz o mesmo: “Sempre busquei ler para me informar bastante e principalmente para procurar emprego”. Já *Luciana* dá sinais de um consumo mais convergente e criterioso quanto à fonte.

Tenho assinatura do Correio do Povo. Tinha assinatura da Zero Hora, mas quando começou a ficar muito intragável, inútil, eu aboli. O Correio do Povo a gente tá pensando seriamente em desistir também. Como a gente acessa internet a gente acessa blogs de esquerda mais críticos e não tem muita necessidade da notícia impressa (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Sobre revistas, todos lembraram da infância e adolescência como época de maior consumo. *Luciana* busca manter o hábito da leitura de revistas entre seus filhos e *Rafael* lembra de seus 13 ou 14 anos quando consumia revistas ligadas ao Rock. “Desde de 1996 eu sou um voraz leitor de fanzine, coleciono fanzine e faço fanzine, cheguei a fazer 3 fanzines. Ainda faço, mas com menos tempo. Sempre li bastante revista e fanzine”.

A internet ocupa espaço no consumo e uso atual das mídias dos entrevistados, com menos intensidade para *Rafael*: “Comecei a fazer fanzine sem ter computador. Então, eu sempre fui muito atrasado para usar essas mídias atuais, demorei para usar o Orkut e o Facebook”. *Mai* afirmou que utilizou o ambiente digital para divulgar seu trabalho: “Assim que lançou e todo mundo começou a ter acesso eu usava para publicar minhas histórias, usava para catar o público para ler minhas histórias e hoje eu uso as redes sociais como forma de divulgação”. Já *Luciana* acessa redes sociais e blogs mais críticos: “Sul21, o Repórter Popular. Blogs de algumas figuras. Jornal Já. Vários outros que têm conteúdo mais crítico a gente acessa”.

Estes dados me permitem afirmar que os comunicadores locutores da Voz do Morro entrevistados consomem diversos meios de comunicação analógicos e digitais. Porém, para buscar informação, a internet foi a única resposta dada por *Luciana*, *Rafael* e *Mai*.

Hoje, portais de notícias. Páginas do Facebook confiáveis, de jornalistas livres. Hoje eu leio muito mais a mídia livre, independente (Mai, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

Dependendo do acontecimento eu vou direto no Sul21 porque eu sei que ali vai ter um viés mais crítico. Dependendo do sujeito envolvido eu vou direto no movimento que estava envolvido. Se é uma notícia mais, quem morreu, quem matou, eu recorro às redes sociais (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Principalmente internet. Ouço bastante a Band News FM pela manhã. Acredito que uma informação mais aprofundada a gente não encontra na TV. Eu não tenho TV paga, só tenho TV aberta. Então, eu acho que a informação mais aprofundada, com mais relações entre os acontecimentos eu encontro através da internet, nos blogs, principalmente (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

Além de fazerem referência ao ambiente digital, os comunicadores locutores mencionaram as fontes que utilizam para a busca de informação, dando destaque para a mídia livre, independente e que oferece um conteúdo mais aprofundado. Percebe-se um grupo mais engajado politicamente, consciente quanto a possíveis comprometimentos (viés,

imparcialidade, fontes, abordagem etc.) existentes na mídia tradicional. A convergência de mídias se faz presente de forma concreta quando consomem informação no ambiente digital. Outro aspecto que leva a entender a inserção de processos convergentes em suas vidas é a reflexão que fazem sobre *alterações que sofreu a busca por informação*. Todos relataram as mudanças ocorridas de um período analógico para uma realidade mais digital, em que novas competências precisaram ser aprendidas e novos hábitos, inseridos em suas vidas (JENKINS, 2009).

Sofri porque sou da época em que a internet foi lançada de modo discado e nem todo mundo tinha acesso e não existia tantos sites de notícias. A gente recorria à época a jornal, televisão, rádio. Ao longo desse processo foi surgindo a banda larga. Então, sim, mudou drasticamente. Vivi bem esse período de mudança (Mai, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

Ah, sofri. Ainda mais quem vem dos anos 80. A gente buscava informação em jornal. A gente tinha que ir atrás dos jornais velhos que alguém guardasse. As pessoas tinham esse costume de ficar guardando para ter as notícias ali daquele ano. Meu avô era um que guardava, sublinhava. Então eu tinha muito esse acesso assim. Quando eu precisava para uma pesquisa eu ia atrás. Um lugar que eu ia muito era na biblioteca. A gente ia para as enciclopédias, para revistas. Depois foi mudando, mais para jornal mesmo e depois com o advento da internet, praticamente só internet (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Mudou porque eu sempre fui muito tímido. Eu acredito que cada vez mais estou sendo mais sociável e acredito que essa forma mais rica de obter conhecimento é conversando com as pessoas, principalmente usando a internet, conversar com pessoas de outros lugares. Quanto mais eu socializo, me comunico com as pessoas, mais eu aprendo. Essa é a mudança principal que aconteceu (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

Todos os entrevistados fazem referência à migração do analógico para o digital quanto a fontes de consulta e de informação. *Rafael*, *Luciana* e *Mai* vivenciaram esse processo convergente (ainda em curso), tinham acesso à internet em suas casas e conseguiram, ao longo do tempo, adaptar-se às novas formas e lógicas de uso e consumo, o que pode ter auxiliado no que tange às práticas na *A Voz do Morro*, uma rádio comunitária fortemente inserida no contexto digital; além de, aos domingos, entrar no ar pelo FM 88.3 é um serviço de radiodifusão comunitária com presença em blog, Facebook e Twitter.

Para *Rafael*, por meio das mídias digitais, foi possível aprimorar algumas fragilidades pessoais como a timidez. Assim, entendo que as mídias digitais trouxeram, para ele, outras formas de socialização que o auxiliaram a melhorar suas habilidades sociais. Os relatos apresentados indicam, ainda, um cenário que não é recente quanto às vivências dos processos dedigitalização e de convergência de mídias. Assim, os processos comunicacionais inscritos no dia a dia de Mai, Luciana e Rafael são mediados por meios de comunicação digitais, como o WhatsApp e Facebook. Não foi observada brecha digital entre os comunicadores locutores,

apontado por estudo já referido nessa tese como recorrente em idosos e menos escolarizados, o que não é o caso dos entrevistados.

### ***7.1.2 Concepções, estratégias e realizações comunicacionais das rádios comunitárias relativas à participação do público***

Com o objetivo de descrever e analisar as concepções, estratégias e realizações comunicacionais das rádios comunitárias relativas à participação do público, trago nesse subcapítulo, as respostas quanto às realizações comunicacionais da Voz do Morro. Destaco, inicialmente, que no Morro Santana, a rádio desenvolve outras formas de comunicação com a comunidade e o público ouvinte, a saber: visitas a escolas da região e festivais, denominados *Festival de Primavera da Rádio Comunitária A Voz do Morro*, que conta com atividades culturais e *shows* e ocorrem na praça próximo à sede da emissora. Para o comunicador gestor Rodrigo Rodrigues, é mais uma forma de aproximar a RADCOM da comunidade e torná-la visível para a população<sup>114</sup>. Diferente do que ocorre na Lomba do Pinheiro, onde não há evento ou ação que ofereça possibilidades comunicacionais da rádio com seu público, exceto a programação em si, na Voz do Morro existe a preocupação de levar a emissora onde a comunidade está.

O movimento de construção de raciocínio aqui é buscar, nas trajetórias de cada comunicador locutor, pistas que possam auxiliar na melhor compreensão de como cada um deles entende as realizações comunicacionais e as estratégias pessoais para o fomento da participação do locutor ouvinte em seus programas.

Um primeiro dado interessante diz respeito a como os entrevistados refletiram sobre como se comunicam no dia a dia.

WhatsApp. Porque é mais prático. Não gosto de usar telefone. Não tenho paciência. No WhatsApp tu vai ali, manda mensagem e quando a pessoa puder ela te responde. Tu não atrapalha ela (Mai, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

WhatsApp, Messenger, mensagem de celular. Quase não uso o telefone mais porque é mais fácil, mais rápido, mais barato. A gente tem wi-fi aqui (na escola) e quando preciso me comunicar não vou gastar meus créditos (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Principalmente internet. A internet para a gente marcar uma reunião presencial. Eu tento sempre conversar pessoalmente com as outras pessoas, mas a Internet ajuda bastante (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

---

<sup>114</sup> Especificamente durante a coleta dos dados empíricos no bairro Morro Santana A Voz do Morro não realizou o evento, que tem uma periodicidade de, pelo menos, uma vez ao ano.

Todos mencionaram em primeiro lugar o ambiente digital como espaço que utilizam para se comunicarem com outras pessoas. *Luciana* e *Mai* elencaram o WhatsApp como meio usado por vantagens como praticidade, facilidade e rapidez – o que dá pistas acerca da competência das comunicadoras locutoras. *Luciana* lembrou que “quase não uso o telefone mais”. Os demais também não fizeram referência a esse meio de comunicação, que ocupa o primeiro lugar na Lomba do Pinheiro. Não houve também, por parte de *Luciana* e *Mai*, alusão à comunicação presencial, isto é, cara a cara. Somente *Rafael* indicou que busca o contato pessoal. O material colhido empiricamente indica que o processo de comunicação pessoal está mediatizado digitalmente entre os três comunicadores locutores. Não foi referido por eles, a Voz do Morro como um meio de comunicação onde realizam processos comunicativos.

Ao avançar na reflexão, foram solicitados a estabelecer uma relação com a forma com que consomem informação e se comunicam com as pessoas com a forma como oferecem de comunicação quando estão ao vivo na Voz do Morro. O exercício foi compreendido por todos e não houve necessidade, da minha parte, de explicar ou reformular o questionamento. *Luciana*, *Mai* e *Rafael* expressam não dissociar o sujeito do comunicador locutor e trazem muito de seus contextos comunicacionais pessoais para seus programas. Como detalha *Rafael* “A minha participação na Voz do Morro é a partir da minha experiência. Eu aproveito a tecnologia que eu tenho, tudo que eu tenho a meu dispor, tudo que eu tenho de conhecimento e tento usar da forma mais útil possível com os ouvintes”. *Luciana*, inclusive oferece seu número para participar de WhatsApp para uma parcela do público poder participar porque não há um telefone disponível na Voz do Morro para os comunicadores ouvintes.

Tem uma dificuldade que é a rádio não ter telefone. Isso é ruim. As pessoas, em geral, se comunicam muito pelo WhatsApp e facilitaria muito. A maioria das pessoas não tem um notebook ou um computador de mesa. Elas têm um telefone. E ali é mais fácil de comunicar. E como a gente não tem, isso na rádio é um bloqueio para nós. Então a gente pede para as pessoas mandarem pelo Messenger, pelo Telegram, que a gente pode instalar no computador, mas não são meios que as pessoas utilizam muito. Vez ou outra elas entram na página e interagem, mas é muito difícil. A gente acaba dando o nosso Whats particular. Aí não dá pra ser uma coisa no ar. A gente acaba dando para quem a gente conhece, quem a gente sabe que tá ouvindo. E aquele retorno fica meio limitado. As notícias que a gente vincula no próprio programa elas todas a gente dá o link. A gente replica na página do Escola de Luta, replica na Voz do Morro. Até isso fez com que a rádio ganhasse um pouco mais de dinâmica e ficasse um pouco mais conhecida mesmo (*Luciana*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

*Luciana* aponta para um problema enfrentado pela Voz do Morro, a falta de um meio de comunicação que entende ser importante para a participação do público: o telefone. De um lado existe a realização comunicacional concreta, isto é, a que acontece a partir dos meios de comunicação disponíveis e a realização comunicacional ideal, que seria, nas palavras de *Luciana*, o emprego daqueles meios que sabe que serão utilizados pelo público da Voz do

Morro. É nesse processo que se mistura o sujeito e o comunicador locutor, pois ela oferece um meio de comunicação seu (WhatsApp) e não da RADCOM. A entrevistada faz outra constatação importante para compreender o porquê de o cenário digital em que a Voz do Morro está inserido tem prioridade.

Como as pessoas ouvem muito pouco rádio hoje em dia e a faixa etária que ouve rádio, ouve as rádios tradicionais, é muito difícil ela mudar, então, é muito difícil a gente ter um público para o rádio. A gente tem um público mais fiel na internet. As pessoas que ouvem em casa. E muitas não são pessoas que moram ali exatamente na comunidade. Moram nos arredores ou até em outros bairros bem distantes. Então, essa interação a gente tem que levar em conta. A gente dá notícia da comunidade, do que está acontecendo ali, mas também busca notícias que não sejam só dali para discutir outros assuntos mais gerais. Para não ficar tão restrito que a gente sabe que o ouvinte, a maioria não está tão ligado (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

*Mai e Rafael*, da mesma forma, percebem semelhanças entre a forma que se comunicam e que oferecem de comunicação da RADCOM. Rafael vai mais além e reconhece características pessoais suas que busca superar ao apresentar o programa *História em Pauta*.

Eu sempre tento me superar. Sou extremamente autocrítico e percebo a minhas limitações, principalmente devido à minha formação [...]. Então, acredito que eu tenho uma limitação muito grande para me comunicar, devido à timidez, também. Isso me prejudicou a dicção, eu gaguejo, tenho branco. Para tentar desenvolver essas limitações que eu tenho eu me empenho muito para [...] ser um radialista e para participar na política partidária. São coisas que obrigam a desenvolver a comunicação (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

*Mai* escolhe as temáticas dos programas e faz a pesquisa utilizando os meios digitais. “Os programas são sempre voltados para um assunto. Para eu falar sobre isso eu preciso buscar essa informação, eu busco através do digital, do computador, da internet. Então eu consumo a informação assim”. Quanto aos meios que oferece para participar, explica que são os mesmos que utiliza para consumir informações e se comunicar. Assim, é seguro afirmar que todos os comunicadores utilizam a totalidade das opções que existem de comunicação com o público. Só não utilizam outras (como o telefone) por inexistirem na Voz do Morro, devido à falta de recursos para sua implementação e não competência para seu uso.

Uma vez conhecendo como se comunicam, avanço na análise da *trajetória dos comunicadores locutores sobre a experiência com outros meios de comunicação*, comunitários ou não. A intenção é buscar elementos que possam construir a forma como o entrevistado estabelecia ou estabelece sua *relação com o público*. *Mai* não exerceu nenhuma função em outra rádio, exceto na Voz do Morro. O mesmo ocorre com *Luciana*, que tem no serviço de radiodifusão do Morro Santana a sua única experiência prática até o momento. Já *Rafael*

destacou o contato que teve com a Rádio Integração Comunitária<sup>115</sup> 101.7, de Alvorada, cidade onde reside atualmente.

Não tinha computador no estúdio. Eu fazia tudo sozinho. Eu conseguia os convidados. Eu tocava fita cassete, demo-tape das bandas e vinil. Não tinha celular naquela época, nem e-mail. Eu fazia praticamente tudo. Gravava em fita cassete e transformava cada edição do programa em cassete e distribuía pelo correio. Me comunicava muito por correio. Guardo como relíquia as cartas que eu recebia. Eu fazia o programa *Necromance*, que tocava as bandas de metal desconhecidas, alternativas do underground, não era politizado era algo bem específico (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

O relato de *Rafael* traz à tona um apanhado histórico do que foi o início de um movimento que buscou a implementação de formas alternativas e contra-hegemônicas de comunicação na região de Porto Alegre nos anos 80. Conforme Peruzzo (2009), as primeiras experiências em território nacional são dos anos 70 e 80, período em que inexisteriam meios digitais de comunicação. *Rafael* lembrou das dificuldades em se comunicar com o público, pois o correio era a única forma existente à época. Devido aos obstáculos comunicacionais, a participação era pequena. “Eu tinha mais ouvintes pelo correio. Como era uma rádio comunitária a rádio não pegava em outros lugares”. O comunicador locutor ainda passou pela 3W, uma webrádio, e pela Rádio La Integración, dois espaços que receberam o programa que apresenta, hoje, na Voz do Morro.

O História em Pauta começou lá (na 3W) acredito que tenha sido em 2004 ou 2005. Nessa rádio tinha muita interação, tinha um blog, um chat. Nosso programa chegou a ser o que mais tinha ouvinte e participação. A rádio era ligada ao PT e a gente fazia várias críticas ao PT, então acredito que devido a isso tenham nos boicotado e a gente saiu de lá. Várias vezes a gente foi lá fazer o programa, combinava com o morador que era o dono do estúdio e ele não abria as portas para nós. A rádio deixou de existir depois. Depois da 3W a gente foi para a rádio La Integración, em Porto Alegre, que era uma rádio e webTV ao mesmo tempo. Foi um desafio muito grande. A gente chegou a fazer três programas no mesmo dia. Aí a rádio faliu também (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

Pelo exposto, consigo traçar uma linha do tempo da experiência de *Rafael* e constatar que ele chegou à Voz do Morro com experiência prévia de apresentação e participação de ouvintes. Vivenciou, também, problemas comuns à realidade das rádios comunitárias e/ou meios de comunicação alternativos: fechamento ou falência por falta de recursos.

---

<sup>115</sup> O entrevistado ofereceu mais informações sobre a Rádio Integração Comunitária ao enviar, dias após a entrevista sistemática, o seguinte link: <http://geaciprianobarata.blogspot.com.br/2014/05/um-pouco-da-historia-da-radio.html>



Dentro da proposta de buscar a memória da relação que têm com outros meios de comunicação, *Luciana, Rafael e Mai* foram instigados a lembrar de sua história com a Voz do Morro. *Mai* lembra:

Eu conheço a professora Luciana (Soares – comunicadora da Voz do Morro). Foi minha professora no ensino fundamental. E sabia que ela sempre teve a rádio. Fazia muitos anos que tinha a rádio. Eles levaram a rádio na escola pra gente fazer um programa direto de lá e aí ela um dia me convidou para eu ir conhecer a rádio e perguntou se eu queria fazer um programa porque tinha um horário aberto. Aí eu aceitei porque era uma forma de eu me comunicar com as pessoas. Sempre fui comunicadora (*Mai*, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

*Mai* foi introduzida ao trabalho da Voz do Morro em uma das visitas, já referidas, que os comunicadores locutores e gestores fazem nas escolas da região. Lá pôde saber mais sobre o que era a rádio e que tipo de trabalho realizam na comunidade do Morro Santana. Desde o início do contato que teve com a RADCOM até se tornar uma comunicadora locutora, sempre soube da atuação no ambiente digital, além da FM.

Já no contexto de *Luciana*, ser companheira do comunicador gestor Rodrigo Rodrigues a coloca em uma posição de protagonismo desde o início da rádio. Ela lembra que os primeiros meses de funcionamento da rádio foram de incerteza quanto à transmissão e à cobertura do sinal: “Quem tinha namorada, companheira, mãe, tia, ia pedindo para as pessoas ouvirem. A gente ficou muito tempo nisso, de ajustar, de comprar coisa, de entender como funciona. Até onde vai para não ficar iludido. Tem dias que pega mais, tem dias que não”.

*Luciana* lembrou que a rádio-poste, forma comum de início de rádios comunitárias lembradas por Peruzzo (2010), veiculava sua programação aos domingos e instigava a participação dos moradores da região.

A gente botava a caixa de som na rua, um microfone e a gente ia falando e as pessoas também. E no meio botava música. E uma criançada ficava na frente dançando. Era isso. Isso era também nosso lazer ali. Não tinha nada. Não tem praça. Não tem nada para fazer. Era uma forma de ter uma atividade cultural. (*Luciana*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

A comunicadora locutora já teve outros programas na grade, que confessa, mudar muito devido à disponibilidade dos voluntários.

*Rafael* é o que tem uma relação mais recente com a Voz do Morro, porém, o programa que apresenta é um dos que há mais tempo está no ar, dada a frequente substituição na grade.

O nosso programa é um dos mais longevos da rádio A Voz do Morro. Isso conforme colegas da rádio. Depois da La Integración a gente foi buscar outras rádios. O Fábio meu colega conhecia a Voz do Morro, eu me comuniquei pela internet e conheci

pessoalmente o Rodrigo. Aí já fui convidado para fazer o programa e na outra semana a gente começou a fazer o História em Pauta. Nosso programa era mensal e na Voz do Morro passou a ser semanal (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

No que tange às funções que já executou na rádio, Rafael explicou ser uma resposta difícil de ser dada porque “eles têm uma organização que não é tão hierárquica. Eles não têm cargos. Há uma igualdade de direitos, de poder lá dentro. Uma democracia direta.” Retomo Peruzzo nesse momento que entende que “quanto mais democrático for uma rádio comunitária, mais estará contribuindo para ampliar o exercício dos direitos e deveres de cidadania” (2007b, p.77). E esse é o sentido que *Rafael* traz em sua fala e que a própria Voz do Morro busca.

Os entrevistados não tiveram uma relação direta com a Voz do Morro desde sua criação, exceto *Luciana*. Entretanto, conseguem fazer um paralelo entre o período em que começaram a apresentar os programas e os dias atuais.

Pouca coisa mudou desde que eu entrei. A gente tem ainda um grande déficit de comunicadores. Eu, às vezes, tenho problema de conseguir gravar os programas e enviar. De processos dentro da rádio não vou dizer que pouco se viu, mas acho que o processo principal é o de tentar aproximar a comunidade da rádio, tentar reaproximar da rádio. Em processos gerais não houve muita mudança. Ela sempre foi digital. A gente tem a FM. A comunicação e a forma de o som sair, de informação chegar no digital e no FM, melhorou muito (Mai, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

A Voz do Morro tem uma história muito bonita, muito grande e é uma rádio que me provoca muitos ensinamentos. Eu considero e falo no ar que o Escola de Luta é o melhor programa da rádio. Eu aprendo muito. Eu localizo mais uma coerência uma trajetória da rádio desde que eu entrei. Não vejo uma mudança muito grande não. Acredito que a Voz do Morro cada vez mais ganha respeito. Há pessoas de outros lugares que conhecem a rádio devido aos conteúdos que fazem como reportagens...então a rádio é muito respeitada. Até porque eles são coerentes com as ideias deles...as ações são coerentes com as ideias. Uma coisa que o Rodrigo falou é que eles separam o político do social. A rádio é bem diversa ideologicamente para ser muito efetiva socialmente. Acredito que sempre foi assim (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

Como demonstram os depoimentos, *Rafael* e *Mai* não observaram grandes diferenças entre os processos realizados na Voz do Morro. O que sentiram com o passar do tempo foi um aprimoramento e/ou desenvolvimento no que já existia. Mantiveram, segundo *Rafael*, com sua essência focada no caráter social da rádio e na tentativa, cada vez maior, de levar à comunidade o meio de comunicação, de aproximar a RADCOM de seu público.

Quanto a um cenário de mudança do analógico para o digital, cabe lembrar que a emissora já surgiu com sua versão na internet desde que passou a transmitir no 88.3 FM. *Luciana*, como parte do grupo que idealizou e concretizou a Voz do Morro faz um apontamento específico ao olhar para o tempo em que a RADCOM está no ar.

A gente já teve mais participação. No início quando era a garagem a gente tinha um grupo de 30 comunicadores, funcionava sábado e domingo. As pessoas pensando seriamente em funcionar de noite. Tinha um pessoal que tinha feito curso de locução e se empolgaram. Até tentar a outorga. A gente fez muito curso nessa época, muita propaganda da rádio. E apareceu bastante gente. Com o tempo, assim, acabou que o pessoal não ficou. Tem que ter uma vontade bem grande de todo domingo tu estar comprometido com aquilo ali, tem as reuniões, tem uma dinâmica que tu tens que manter mínima. Então, acabou se desfazendo e ficaram poucos desse grupo (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

*Mai, Rafael e Luciana* fazem referência à falta de mobilização, que reflete na alteração da grade por falta de comunicadores locutores. Ao observar os comunicadores ouvintes, os três entrevistados apontaram como principal questão a perda do interesse da comunidade em participar, como demonstro mais adiante. *Mai* destacou que o “foco principal é trazer a comunidade para dentro da rádio”, o que não acontece com facilidade, mesmo com as ações e eventos que a rádio oferece. Para *Rafael*, “a maior dificuldade é trazer a população do bairro para participar mais ativamente da rádio. Vejo que a rádio é mais respeitada por quem não mora do bairro, a exemplo de mim”. *Luciana* faz alusão à mudança do espaço físico da rádio, a partir de um processo de *crowdfunding* (financiamento coletivo on-line) e de um valor recebido por ela de uma ação judicial. Com o capital, reformaram a garagem, fizeram um acesso independente, dando autonomia para o local.

Outra questão que foi levantada perspectivando a relação de tempo que têm com a Voz do Morro foi a reflexão sobre *como a rádio se relaciona com o público e se houve mudanças nesse processo*. Para *Mai*, o relacionamento se dá por meio das “mídias sociais, através da rádio, pessoalmente. A professora Luciana é muito de conversar com as pessoas. Essas são as formas de que tenho conhecimento”. *Rafael* destacou os eventos na praça e a divulgação “muito forte de casa em casa”. Lembrou ainda que a Associação de Moradores da Vila Tijuca pode ser entendida como um outro meio de relação com a Voz do Morro, uma vez que *Luciana* é a presidente da entidade. “A rádio faz sua parte para tentar se inserir no bairro. Mas ainda assim há reuniões, por exemplo, na associação de moradores em que vai pouca gente. Tem aula de muita qualidade de preparação para o vestibular e vai três alunos. Para fazer parte de uma rádio comunitária de verdade tem que ter um alto nível de teimosia” (*Rafael*). Diferente da Lomba do Pinheiro, a Voz do Morro busca todo caminho possível para chegar até o público.

Luciana se referiu à Voz do Morro como “arroz de festa”, no sentido de a rádio procurar estar em todos os lugares, apesar de todos os envolvidos trabalharem e terem pouco tempo.

Se estourou um negócio na Manoel Elias porque faltou água. Quem vai? Sempre vai alguém. Teve o despejo no Porto Novo. Quem vai? Vai o Júlio de bicicleta porque não tinha dinheiro para a passagem. Tem uma festinha da associação comunitária na

Mário Quintana, nós vamos lá cobrir ou emprestar as caixas de som porque o pessoal sabe que a rádio Voz do Morro tem. Se não vamos cobrir, pelo menos vamos noticiar que vai ter (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

*Luciana* entende que A Voz do Morro extrapola as características de um serviço de radiodifusão feito de dentro de um estúdio. Mesmo sem condições técnicas, financeiras e de pessoal, procuram estar presentes em eventos e acontecimentos de interesse para o bairro Morro Santana ou para a questão comunitária que defendem. As caixas de som que são emprestadas eventualmente levam o nome da Voz do Morro, bem como um brinquedo (pula-pula) que circula em festas infantis na região.

Essa estratégia, percebo ser uma forma de comunicar-se com a comunidade, em especial com aqueles que desconhecem a existência da RADCOM. Essas iniciativas, conforme a comunicadora locutora, renderam um incremento no número de seguidores da fanpage no Facebook e de eventos em escolas no entorno. Os dados empíricos colhidos na entrevista com *Luciana* dão pistas para uma mudança no modo de se relacionar com o público, passando de um serviço de radiodifusão para um conjunto de ações e produtos que levam o nome da RADCOM.

Na sequência da descrição e análise trago dados que se referem a como os entrevistados relacionaram suas histórias pessoais com o modo como os programas que apresentam são elaborados. Lembro, aqui, que todos os comunicadores locutores são produtores e apresentadores, isto é, responsáveis pelo todas as etapas de confecção dos programas: *Rafael* apresenta o *História em Pauta*, das 12h às 13h ao vivo; *Luciana*, o *Escola de Luta*, das 13h às 15h ao vivo; e *Mai*, *O Voz Literária*, das 15h às 17h ao vivo ou gravado. Os entrevistados entendem que a elaboração das pautas tem muito a ver com suas histórias.

Eu acho que não tem muito como separar. Não sei se alguém consegue fazer isso. Eu nunca tentei separar. Quando teve a greve dos municipais eu pensava: será que eu noticio como se eu não fizesse parte? Aí eu decidi que não ia fazer isso. Todo mundo me conhece, quer dizer, quem tá me ouvindo me conhece, então não ia esconder. Não faz sentido (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Eu uso minhas histórias e experiências pessoais para trazer assuntos para dentro da rádio. Esses dias eu fiz um programa sobre o bullying, que foi uma coisa que eu sofri na escola, logo após aquele ataque na escola em Goiânia e eu trouxe de volta. Já trouxe o tema da questão da gordofobia. Sou gorda, sofri e sofro gordofobia dentro e fora da minha família. Eu trago esses assuntos relacionados ao que eu passei para dividir com o público e para que as pessoas reflitam sobre o que está acontecendo com elas ou se elas fazem com outras pessoas (Mai, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

Muitos conteúdos que eu não domino eu me desafio a fazer o programa sem convidado. Isso me obriga a estudar conteúdos que não gosto e que eu não tenho nenhuma simpatia. A gente se influencia muito na questão dos fanzines. Os fanzines não tem periodicidade definida. Então nosso programa não tem período de tempo definido. A gente nunca começou no horário. A gente nunca termina do horário

oficial, termina sempre depois ou antes (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

Como *Rafael* tem uma relação muito próxima com os fanzines, ele utiliza uma lógica desse meio de comunicação no programa que apresenta: a liberdade de periodicidade – no caso do *História em Pauta*, a quebra da rigidez de horário de veiculação. *Mai* traz suas experiências pessoais com temas sensíveis, como gordofobia e *bullying* para os programas. *Luciana* não desassocia e nem tenta separar suas vivências no momento da elaboração do programa, que faz em conjunto com outro professor.

A rotina de trabalho dos comunicadores locutores na Voz do Morro acontece dentro e fora dos programas que apresentam. *Mai* utiliza os intervalos do trabalho para gravar com os entrevistados ou fazer a divulgação da pauta do *Voz Literária*. “Eu tenho uma hora de programa e levo umas duas horas para gravar e editar. Quanto tenho entrevistas eu gravo via WhatsApp depois eu monto” (*Mai*). *Luciana* monta a pauta com Pablo via Messenger ou WhatsApp ao longo da semana. Já *Rafael* busca um convidado, faz pesquisa do tema e organiza o roteiro do programa. Quando o programa é apresentado somente por ele e Fábio Melo há uma pesquisa mais consistente “para fazer um programa bacana” (*Rafael*). Durante a rotina sintetizada acima, os comunicadores locutores afirmaram que pensam na comunicação com o comunicador ouvinte.

Penso. Porque eu faço o programa para o ouvinte. Eu faço para as pessoas ouvirem. Eu fico sempre pensando: como vou fazer para as pessoas interagirem mais, para as pessoas responderem mais, para as pessoas participarem mais. É bem difícil, mas a gente não pode desistir de tentar fazer essa comunicação entre rádio comunitária e comunidade (*Mai*, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

Sim. Penso o tempo todo que temos que ter um celular com o WhatsApp. Facilitaria muito, sim. Até estamos com outra vaquinha aberta na internet (*Luciana*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

A gente sempre tenta fazer um programa com assunto relevante. Que seja conteúdo para o vestibular, ou algo concreto, como a reforma da Previdência, sobre terceirizações, sobre Fascismo, sobre Orçamento Participativo. Sempre que a gente fala sobre algum assunto a gente pergunta a relevância do assunto para os moradores do Morro Santana. A gente sempre tenta levar em consideração os ouvintes (*Rafael*, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

*Mai*, *Luciana* e *Rafael* entendem a importância do comunicador ouvinte em um serviço de radiodifusão comunitária. Levam em consideração o público na escolha das temáticas e na relação que podem estabelecer com a região do Morro Santana, o que já é uma estratégia para aproximar a comunidade da RADCOM. *Mai* considera difícil esse processo de aproximação.

*Luciana* destacou que pensar no comunicador ouvinte é ter a certeza da necessidade de meios de comunicação eficazes que garantam sua participação, como um smartphone onde possa ser instalado o WhatsApp. Para *Rafael*, pensar no público é pensar em pautas que possam trazer mais conhecimento, esclarecimento e informação para quem está ouvindo a rádio.

Além de pensar no comunicador ouvinte, os três entrevistados relatam desenvolvem estratégias para fomentar a participação, que todos consideram baixa e passível de melhorias. São ações que ocorrem antes, durante e depois dos programas e que partiram dos próprios comunicadores locutores, sem a necessidade de ingerência do comunicador gestor, Rodrigo Rodrigues.

Eu sempre uso uma chamada no Facebook bombástica. Divulgo dias antes o tema que vai sair. O livro que vai sair. Como tem muito problema em trazer a comunidade, busco outros tipos de público (Mai, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

A gente pensa em assuntos que eles se interessem. Fazemos chamamento no ar para participarem, mandar mensagens pela página, fulano vai estar aqui dando entrevista, façam perguntas pela página para a pessoa. Fico toda hora fazendo propaganda. A gente recebe mais é ao vivo. Acho que para quando a gente está no ar, pedir para a pessoa participar, é uma forma de...de tanto martelar a pessoa participa. Tem que ter essa estratégia também (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

A gente tenta sempre obedecer a sugestão do ouvinte, a gente tenta sempre mencionar a participação durante e depois, a gente faz a divulgação do vídeo, faz uma introdução mencionando quem participou. Então, acredito que seja dessa maneira. Eu gostaria que funcionasse muito mais, mas levando em consideração nossas condições concretas, materiais e o tempo, a gente consegue obter um programa qualificado, com uma participação bacana (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

Os depoimentos mostram, mais uma vez, um desejo de uma participação mais plena por parte do público, que pode ser local – da comunidade – e de interesse, já que os programas têm temáticas muito específicas e é voltado para possíveis públicos distintos. O uso do ambiente digital para lembrar os comunicadores ouvintes do programa e convidá-los a enviar perguntas é uma estratégia empregada pelos três entrevistados. Outra ação é pensar temas que possam ser interessantes a esse público.

### ***7.1.3 A comunicação digital e os processos comunicacionais entre os comunicadores ouvintes e suas rádios comunitárias***

Na Voz do Morro, a comunicação digital é uma realidade há quase uma década, pois a veiculação da programação na RADCOM sempre ocorreu via FM (88.3) e na internet. Não é um processo recente, como na Lomba do Pinheiro. Dessa forma, a rádio já se desenvolveu convergente, ao longo dos anos, no sentido de estar em um ambiente analógico (dial) e digital

(blog, Twitter e Facebook). Este subcapítulo busca descrever como a comunicação digital se insere nos processos comunicacionais entre comunicadores ouvintes e a Voz do Morro.

Uma vez que todos atuam no ambiente digital, competências comunicacionais digitais existem, ainda que em níveis diferenciados. Rafael a este respeito, afirma: “conheço o básico só, bem rudimentar, mas sei, mas sem algo muito requintado”.

Como a comunicação comunitária deve ocorrer em dois sentidos para que seja realmente efetiva (na direção comunicador locutor → comunicador ouvinte e na comunicador ouvinte → comunicador locutor) esse processo comunicacional, por parte dos apresentadores, conta com vários meios na Voz do Morro.

Eu uso as mídias sociais, no caso o Facebook e o Twitter. Meus e da rádio. O Twitter é o meu pessoal e o Facebook é o meu e o da rádio. Para mim é o maior meio de alcance. As pessoas passam muito mais tempo no Facebook do que fazendo outra coisa. Tá todo mundo com o celular na mão (Mai, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

Temos somente a página. Porque facilita para comunicação. Não temos um telefone fixo na rádio (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

WhatsApp, Facebook e o blog. Porque é o que tem disponível e o que a gente sabe mexer (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

*Luciana* fez, novamente, menção à necessidade de um telefone fixo para que a participação possa ocorrer também no ambiente analógico. Apesar de não ter feito referência nesse trecho da entrevista ela já ressaltou que, para garantir que comunicadores ouvintes participassem do programa *Escola de Luta*, precisou repassar o seu número pessoal do WhatsApp. *Mai* também disponibiliza seus contatos nas redes e mídias sociais, porém, consciente de que existe uma sobreposição das esferas pessoal e pública, enquanto comunicadora locutora. *Rafael*, assim como *Luciana* e *Mai*, oferece a plataforma digital como meio de contato com o programa *História em Pauta*. Em suma, são oferecidos unicamente meios de comunicação digitais para a participação do comunicado ouvinte, além da possibilidade de visita à RADCOM aos domingos, quando a programação vai ao ar.

Sobre o perfil do público que participa utilizando os meios mencionados anteriormente, *Mai* explicou que “é um público mais voltado ao meio literário. Não são da comunidade. São pessoas de fora. Muitas vezes de outros estados. O maior gênero é o feminino porque o meio literário é feito muito mais de mulheres do que que homens. E a idade regula entre 18 e 25 anos”. No *Escola de Luta*, *Luciana* destacou que são professores e alunos de diferentes idades, mesmo público referido por *Rafael*.

Quanto à forma como participam dos programas, as respostas variaram. Os relatos indicam que os comunicadores ouvintes se comunicam no ambiente digital, tendo competências suficientes para que a mensagem que desejam comunicar chegue até os comunicadores locutores. Com relação ao conteúdo do que é comunicado estão perguntas sobre o tema do programa, críticas ao que foi abordado, recados sobre eventos na região, sugestão de temas, elogios etc. *Luciana* lembrou, entretanto, que existe uma participação presencial no programa que apresenta mais significativa que virtual, mesmo que ambas ocorram de forma esparsa.

Através das mídias sociais, do inbox do Facebook mesmo. Geralmente são perguntas. Quando eu trago um tema para a rádio, para o programa, eu já trago um livro que eu já li ou que eu já escrevi que é relacionado com aquele tema. As pessoas têm às vezes alguma questão sobre o livro, sobre como o tema foi abordado do livro. Elas me perguntam inbox. Rola de tudo (sobre os comentários). Rola bastante crítica pela forma como crítico alguns livros (*Mai*, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

Ele participa mais presencialmente do que virtualmente. Muito raramente a gente tem alguma mensagem na página ou durante a transmissão. O que a gente tem às vezes é no nosso WhatsApp pessoal, grupos que a gente participa do WhatsApp interagindo, pedindo que a gente dê recados. Isso acontece e as pessoas que vão lá. As pessoas preferem ir lá do que mandar um recado. Vão lá e falam (*Luciana*, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Participa antes fazendo pergunta, durante fazendo comentários e depois comentando conosco o programa. Vem sugestão de assuntos, vem crítica às nossas ideias, vem elogios, comentários de que a gente é muito ideológico. Muitas vezes, mesmo nos criticando, dizendo que a gente é muito ideológico, concordam com nosso ponto de vista (*Rafael*, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

Sobre os *temas e conteúdos serem pensados em função do público*, os três entrevistados concordaram que um serviço de radiodifusão comunitária precisa, necessariamente, ter essa orientação. *Mai* busca temáticas para “para abrir os olhos dos pais e dos professores”, *Luciana* acredita que “mães e pais que eventualmente se interessem no que está acontecendo na educação pública” se interessarão pelo programa. Já *Rafael* afirma que procura diversificar os temas pensando no público. “Alguma coisa que seja do interesse imediato, bem concreta, como perda de direitos ou alguma coisa que faça desenvolver o raciocínio, um pensamento crítico de quem porventura vai nos escutar e sempre tenta usar uma linguagem mais simples possível”.

O sentido que tem a participação para a proposta dos programas é o de criar laços e vínculo com o público e de auxiliar no aprimoramento dos programas, uma vez que podem conter críticas. Para *Rafael*, a participação pode gerar outras formas de interação com a RADCOM: “A participação muitas vezes acaba gerando uma participação concreta como convidado, como comunicador nos programas posteriores. Nós trabalhamos para cada vez mais motivar esse tipo de participação”. Os três entrevistados também mostraram opiniões claras a respeito do lugar das mídias digitais nos processos comunicacionais da rádio comunitária.



Nossa, praticamente tudo. Eu faço tudo pelas redes sociais. Na rádio também. Tudo através da mídia digital, divulgação, pesquisa para assunto, opinião do público, tudo é feito através das mídias sociais (Mai, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

Ocupam um lugar cada vez maior. No meu programa também (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Acredito que em todos os momentos, só que limitado ao nosso tempo e à nossa capacitação. Tem uma coerência porque antes de a gente participar da rádio, a gente estudou a rádio. Mesmo com dificuldades financeiras só faz programa se for no estúdio. Acredito que isso seja mais coerente com a rádio. A rádio começou como rádio poste e foi se desenvolvendo. Então, acredito que a gente tenta agir usar essas novas tecnologias de modo mais coerente possível com a rádio (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

As respostas só reforçam o quanto o contexto digital está inserido na Voz do Morro, com especial atenção à fala de *Rafael* que busca, mesmo nessa realidade em que a internet se coloca muito presente na RADCOM, fazer os programas ao vivo e dentro do estúdio por considerar que é coerente com a trajetória da rádio.

Na avaliação dos comunicadores locutores, as mídias digitais trouxeram visibilidade para a emissora, porém, há também um sentido de possível risco de perda da natureza comunitária.

Eu avalio como alavancador, como uma forma de buscar o público e trazer o público. Não tem como fazer a propaganda do meu programa de rádio noutro lugar. Eu uso as mídias sociais para avisar as pessoas de que eu tenho um programa e que o programa vai debater determinado assunto e que vai ao ar naquele dia em tal horário (Mai, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

As mídias digitais deram uma vida mais dinâmica para a rádio porque se a rádio ficasse só na rádio provavelmente a gente já teria até acabado. Não tínhamos muito retorno até por não ter por onde se comunicar. Como a pessoa ia ligar? Mesmo indo nos lugares que as pessoas estão, a questão da mídia digital fez com que a gente ficasse mais conhecido e tivesse a possibilidade de ser um jornal online (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Acredito que as mídias digitais tenham trazido facilidades que fazem as rádios comunitárias fugirem do que é uma rádio comunitária de verdade, cobrando por espaço, colocando conteúdo que não é muito útil para a realidade dos ouvintes do bairro. Uma rádio comunitária serve para ajudar a população a se organizar politicamente. Então, acho que as mídias vão se desenvolvendo e as rádios comunitárias vão deixando de ser comunitárias (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

As mídias digitais permitiram, segundo *Luciana*, que a Voz do Morro assumisse outras formas e deixasse de ser *apenas* uma rádio. Ao possibilitar que conteúdo audiovisual possa ser veiculado ao longo da semana no ambiente digital (blog e Facebook), a comunicadora locutora

acredita que a *Voz do Morro* se tornou um jornal da região leste, “de forma modesta, tudo que a gente consegue cobrir” (Luciana). *Rafael* já focou sua reflexão nas facilidades advindas do digital, que podem, de certo modo, desviar a RADCOM de sua função fim, que é o desenvolvimento de uma comunicação comunitária, livre de pressões externas - o que é duramente criticado por Nunes (2006), economicamente sustentável e sendo produzida com conteúdo relevante para a comunidade. O comunicador locutor avalia, ainda, que com o desenvolvimento das mídias digitais “as rádios comunitárias vão deixando de ser comunitárias”. Dessa forma, sua avaliação quanto à efetividade da comunicação na perspectiva das mídias digitais tem um viés negativo.

A lei delimita o espaço da FM para o bairro e no máximo para o bairro vizinho. Não seria interessante aumentar esse alcance? O Rodrigo disse que não porque iria tirar a função da rádio comunitária para organizar o bairro. Então acredito que essas facilidades digitais têm feito as rádios mudarem, fugirem do foco, fugirem do seu lugar. Talvez o conceito de rádio comunitária esteja mudando e eu tenha parado no tempo. Essencialmente tenha sido mais maléfico do que benéfico (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

Curioso perceber que Rafael menciona a expansão do alcance da cobertura do sinal da rádio comunitária - o que poderia acontecer com aumento de potência do transmissor e para tanto, a legislação precisaria sofrer mudanças, como elemento desagregador da comunidade, o que vai de encontro ao pensamento de autores como Leal (2006) e Coelho Neto (2002), que destacam a abrangência do sinal como um elemento importante na busca por espaço.

Ambos os autores classificam como injusta a luta judicial das RADCOMs nesse sentido, ao não obterem, via legislação, uma cobertura de sinal superior ao raio atual. Nas palavras de *Rafael*, o comunicador gestor Rodrigo Rodrigues acredita que pode haver um movimento de dispersão ao *espalhar* o sinal para além do bairro. Em seu julgamento, as mídias digitais trouxeram também desvantagens, concepção distinta à que expressaram *Mai* e *Luciana*. Segundo ambas, sem o digital a RADCOM estaria fadada a uma baixa participação - menor do que já é, colocando em risco a própria existência da *Voz do Morro*, uma vez que se entende que a participação ativa dos comunicadores ouvintes é essencial para que o serviço possa existir e cumprir sua razão fim, isto é, fomentar o desenvolvimento de uma comunicação comunitária e de cidadania comunicativa.

#### **7.1.4 A construção da comunicação comunitária na perspectiva da cidadania comunicativa**

Neste último item analiso as percepções quanto à comunicação comunitária e a promoção da cidadania dos *comunicadores locutores*. Entre os comunicadores da *Voz do Morro*

existe uma clareza do papel da RADCOM, mesmo com baixa participação do público e da comunidade – dois grupos que podem ser distintos, uma vez que o público pode não ser da comunidade na qual a rádio está inserida: Morro Santana. Existe um entendimento, talvez pela trajetória política e de militância dos entrevistados, do que pode ser alcançada com uma comunicação comunitária efetiva. As respostas relativas ao lugar que as pessoas ocupam em uma comunicação que busca ser comunitária podem ser visualizadas nos trechos seguintes:

O lugar que ele quiser. Se é uma comunicação comunitária, todos devem se expressar. Se tem a rádio, a pessoa tem que ir lá. Se deu problema na rua, no posto de saúde. Eles deviam pegar essa forma de rádio comunitária e usar para expor os problemas, se mobilizar para resolver os problemas. Hoje infelizmente no Brasil só com muito barulho para tu mudar as coisas (Mai, entrevista concedida em 15 de dez. 2017).

Eu acho que o lugar pode variar. Ela pode tanto fazer um programa, quanto participar de uma transmissão ou ser entrevistada por um programa ou levar lá o seu problema e pedir para alguém falar por ela. Ela pode simplesmente escrever um bilhete e colocar embaixo da porta que a gente vai ler, ela pode botar na página uma mensagem, ocupar esse espaço de várias formas. Acho que várias pessoas ocupam de várias formas. Quando a gente faz evento na praça, bastante gente ajuda a construir o evento apensar de não ter um programa ou não ser um ouvinte assíduo da rádio. Esse lugar pode variar. Ela [a pessoa] pode ser super protagonista na rádio quanto ter uma participação mais esporádica (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

Acredito que o lugar na prática, de um modo geral, da comunidade lá é ainda de uma indiferença muito grande. A participação é muito rara. Os ouvintes da FM. Mas pela internet tem uma audiência muito maior, principalmente nos programas gravados. O lugar deveria ser de cada morador fazer um programa. Ter uma programação 24h de segunda a sexta, mas é só domingo e tem poucos programas e alguns nem são moradores de lá, como meu exemplo. O lugar deles deveria ser mais orgânico dentro da rádio (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

Os entrevistados sabem o que seria o ideal de construção comunitária de um serviço de radiodifusão. Quanto ao lugar que as pessoas devem ocupar é, ao mesmo tempo, qualquer um e todos possíveis, pois é o que uma comunicação comunitária busca: “O lugar que ele quiser” (Mai); “Eu acho que o lugar pode variar” (Luciana); e “O lugar deveria ser de cada morador fazer um programa” (Rafael). Os comunicadores entendem a RADCOM como um espaço de expressão de problemas locais, de demandas necessárias para a região, de construção de meios alternativos de comunicação. Entretanto, *Rafael* aponta, mais uma vez, que a falta de participação existe. Para ele, a programação deveria ser diária nos sete dias da semana, porém, com o baixo número de comunicadores locutores, não é possível oferecer uma regularidade de programas.

Em síntese, pode-se ver nos depoimentos que há uma contradição entre o espaço oferecido para o protagonismo da comunidade e a falta de participação. Essa constatação é importante como elemento de reflexão; neste sentido, Castells, salienta que o ambiente digital permite que as pessoas interajam em uma “ágora pública, para expressar suas inquietações e

partilhar suas esperanças. É por isso que o controle dessa ágora pública pelo povo talvez seja a questão política mais fundamental suscitada pelo seu desenvolvimento” (2003b, p.135). Pouco se avança com um projeto de comunicação comunitária, como o da Voz do Morro, sem o alicerce da participação da comunidade. Castells oferece um lado da equação, o outro, depende do comunicador ouvinte.

Contudo, características da comunicação comunitária estão presentes na Voz do Morro. Como relata *Mai*, os temas têm como foco os “problemas enfrentados pela comunidade”, em referência à programação voltada para a comunidade (DEMO, 1988). Ela lembrou, ainda, que “as portas da RADCOM estão sempre abertas”, o que Milan (2008) entende como uma forma de construção de vínculo com a rádio. *Mai* salientou também a questão da pluralidade de opiniões e visões de mundo, uma vez que “todos nós temos pensamentos políticos muito diferentes; o que a gente sempre ficou livre foi de expor o que a gente pensa, mas nunca obrigando as pessoas a aceitarem, que aquilo é o correto”. Neumann (1991) traz a questão da diversidade de pensamentos como incremento da democracia. Da mesma forma, a fala de *Mai* remete ao entendimento de Cogo (1998) de que o serviço de radiodifusão comunitária como alavanca para uma sociedade mais democrática, já que possibilita a todos, o acesso a um processo de descentralização da informação.

*Luciana*, em referência ao que acredita ser uma comunicação comunitária, se vê como uma pessoa otimista demais (em suas palavras) porque a expectativa que tem é a de que a Voz do Morro seja utilizada em sua plenitude.

As pessoas vão ter aquilo ali como seu, como sua ferramenta de comunicação também, além das outras. Mas um instrumento seu. A rádio é minha, vou lá uso, dou meu recado, acompanho, tô por dentro das discussões. Mas não atingimos isso. Está bem longe disso. Apesar de a gente ter tido um crescimento grande. As pessoas sabem que a gente existe. Isso custou acontecer. As pessoas nem sabiam da existência da rádio. Agora todo mundo sabe. Agora usar já é outra história. A gente vai onde as pessoas estão. Ela está usando e nem sabe. Sempre fazemos esse processo de insistência. Início do ano a gente faz curso para novos comunicadores. A gente sempre planeja para a pessoa somar. Nesse processo, geralmente se soma uma ou duas pessoas que resistem ou não ao longo do tempo (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

A comunicadora locutora já referiu anteriormente que a Voz do Morro é conhecida da região, mas não atinge o grau de participação esperado. Destacou que, com o tempo, abandonou a ideia de que as pessoas procurariam a RADCOM e iriam automaticamente se apropriar do estúdio e participar. Mesmo assim, segue com iniciativas pontuais que possam ser convertidas em participação. *Rafael* apontou três elementos constitutivos de uma rádio comunitária que encontra na Voz do Morro.

A Voz do Morro não nos cobrou para ter espaço na rádio. Outras rádios que se diziam comunitárias a gente foi atrás e nos cobrou. Tem outras rádios que se diziam comunitárias e cobram uma formação do radialista. Uma rádio comunitária não deve cobrar isso de um comunicador. Isso é uma das diferenças. Então, qualquer pessoa que gagueja, que tem uma voz não muito simpática, que fala errado tem que ter voz numa rádio comunitária. Isso acontece. Eu sou exemplo concreto disso. Além disso, a rádio comunitária é autofinanciada, sem receber patrocínio. Não ter uma verba não é impeditivo de participar. É uma rádio bem democrática. Tem debates calorosos nos programas. Tem que ter diversidade de ideias e na Voz do Morro isso sobra (Rafael, entrevista concedida em 19 de dez. 2017).

Quanto à questão da cidadania, os três entrevistados conseguiram formular suas respostas sem a necessidade de intervenção da minha parte e conseguiram refletir sobre o que se produz na Voz do Morro. *Mai*, *Luciana* e *Rafael* acreditam que existe promoção da cidadania. *Rafael* frisou que a RADCOM “colabora promovendo a comunicação popular, tendo programas sobre educação, tendo radialistas e comunicadores que são professores e eles sempre tentam trazer a população para o bairro e a rádio para fora do estúdio, na praça”. Os eventos também foram lembrados por *Mai* e *Luciana*.

No que tange às limitações da Voz do Morro, *Luciana* faz uma forte crítica à desconstrução dos espaços comunitários desde os anos 80 o que, segundo ela, tem parcela de responsabilidade na pouca participação da comunidade na emissora.

As pessoas se enclausuraram muito em casa e se contentam em reclamar pelo Facebook, mandar alguma mensagem falando mal do Temer ou de alguém, mas a sua participação física, de construir alguma coisa junto, não vou dizer que inexistente, mas é muito pouca. Falta isso, as pessoas terem noção de que elas têm força, de que não está tudo acabado. Se as pessoas se unirem de alguma forma, não precisa ser nas fórmulas de sempre, na associação, no sindicato, ela pode se reunir na rua, no seu grupo de futebol, nem isso as pessoas estão fazendo – para ter força para reivindicar alguma coisa (Luciana, entrevista concedida em 18 de dez. 2017).

*Luciana* e *Rafael* destacaram, ainda, o momento atual em que passa o Brasil e as dificuldades advindas da crise socioeconômica. Para ambos, esse cenário também impacta no serviço de radiodifusão comunitário realizado no Morro Santana. “Estão muito acomodadas em casa, trabalhando demais, subemprego em cima de subemprego. Então, não é mais aquele trabalhador que chega em casa em um determinado horário e vai descansar. Isso não existe mais. É toda uma mudança e quem é militante também tem que compreender” (Luciana). Para Rafael, “nos governos anteriores aumentou mais ainda a exploração porque teve um estímulo ao consumo via crédito e as pessoas tinham que trabalhar cada vez mais para pagar suas dívidas. A rádio é feita por quem precisa mais e quem precisa mais tem menos condições de ouvir e participar de uma rádio comunitária”.

## 7.2 A perspectiva dos comunicadores ouvintes

Neste item recupero aspectos sobre o perfil socioeconômico e sobre as trajetórias educativas, midiáticas e radiofônicas dos comunicadores ouvintes da Voz do Morro que participaram da fase sistemática da pesquisa.

*Roberto*, historiador em busca de uma posição no mercado de trabalho, tem 31 anos de idade, nasceu na cidade de Porto Alegre, morou em Cidreira e em Canoas, onde reside atualmente. *Fernando*, professor, tem 41 anos de idade, vive em união estável, nasceu em Porto Alegre e morou em diferentes bairros da capital gaúcha. “Depois teve um ano, acho que 1989 ou 1990 eu residi em Uruguaiana. Agora estou em Alvorada desde 2008” (Fernando). *Rachel*, de 24 anos de idade, também vive em união estável, é estagiária de Direito e confeitadeira. Nasceu em Porto Alegre e já morou em Gravataí e São Leopoldo, na região metropolitana da capital. Atualmente, reside no bairro Mário Quintana, zona norte de Porto Alegre.

A média de idade dos comunicadores ouvintes entrevistados é de 32 anos de idade, o que os coloca no grupo etário de (jovens) adultos, segundo o IBGE. Como ocorreu os comunicadores locutores, não existe uma relação direta de proximidade com a região em que a Voz do Morro está instalada, em parte porque a rádio pode ser acessada ao vivo e *on demand* - alguns programas gravados são disponibilizados mais tarde do *blog* da emissora. Não existe um reconhecimento de pertencimento ao Morro Santana, porém, há um elemento que une os comunicadores ouvintes: o interesse na programação, isto é, os temas abordados nos programas. Quanto à escolaridade, todos avançaram nos estudos, chegando ao ensino superior.

Eu estudei em colégio público. A maior parte da minha formação foi em escola pública. Todo o primeiro grau. O segundo grau eu fiz supletivo de 2003 a 2004. Fiz até o mestrado (Roberto, entrevista concedida em 11 de jan. 2018).

Ensino médio na Escola Dom Bosco, em Porto Alegre. Antes em rede privada. Superior em Ciências Sociais pela UFRGS. Fiz mestrado em Ciência Política que não concluí (Fernando, entrevista concedida em 12 de jan. 2018).

Estudei na Escola Porto Alegre, que é no Morro Santana desde o pré até a 8ª série, todo o ensino fundamental. Depois disso fui para o Instituto General Flores da Cunha, no ensino médio. No terceiro ano me formei no Rio Branco. Faço faculdade de Direito (Rachel, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

O grupo entrevistado tem uma similaridade com os comunicadores locutores quanto à trajetória acadêmica. Dois tiveram experiência na pós-graduação, sendo que *Roberto* concluiu o mestrado. *Rachel* é a única que ainda tem o Ensino Superior incompleto em andamento. O aprimoramento profissional, na área ou não, se deu para os três comunicadores ouvintes. *Roberto* fez curso de primeiros socorros, de encanador industrial e de atendente de farmácia.

*Fernando* faz um curso de extensão que promove a igualdade racial nas escolas. Já *Rachel* busca uma colocação no mercado de trabalho ligado ao setor da alimentação, pois cursa o técnico em Panificação e Confeitaria no Instituto Federal.

Quanto à profissão dos pais, *Roberto* informou que seu pai foi, por muito tempo, político, exercendo funções no PT de Canoas. Sua mãe é jornalista. *Rachel* vem de um núcleo familiar que trabalhou durante muito tempo com o comércio informal. “São camelôs. Nesses últimos 6 meses não trabalham mais. A gente tem uma lojinha no camelódromo. Passou a vida inteira na rua, depois não podia mais. Seguem com o ponto, mas passaram para outra pessoa”. *Fernando*, por sua vez, disse ter pai bancário e mãe dona de casa. No que tange à trajetória profissional dos entrevistados, dois buscaram experiência no mercado de trabalho enquanto mais jovens. *Roberto* nunca fez estágio e procura emprego atualmente. *Rachel* trabalhava até os 14 anos com seus pais. Depois foi Menor Aprendiz no comércio formal. Passou pelo Tribunal Regional do Trabalho e Ministério Público. Atualmente trabalha em casa fazendo doces. “Tenho uma marca e com a ideia de montar um negócio. É um negócio familiar”. *Fernando* sempre trabalhou com pesquisa de opinião desde sua adolescência até a conclusão do curso de Ciências Sociais.

Os depoimentos dão pistas de núcleos familiares majoritariamente de classes médias, onde a totalidade ou a maioria dos pais trabalhavam e cujos filhos também realizavam alguma forma de atividade profissional.

A trajetória de engajamento político/militante foi outro ponto a ser considerado na construção dos perfis dos entrevistados e se assemelham ao que foi colhido empiricamente entre os comunicadores locutores. Todos tiveram algum envolvimento ao longo de suas vidas.

Tive com o PT até 2005. Fiquei decepcionado com o partido. Eu faço militância política, mas não faço ligada ao partido. Eu faço à parte. Faço paralelo a isso. Eu entrar na burocracia partidária tô fora. Só que não tenho nenhum vínculo com partido. Tenho simpatia pelos partidos de esquerda (Roberto, entrevista concedida em 11 de jan. 2018).

Em grêmios estudantis no meu tempo de ensino médio. Nunca fui filiado (Fernando, entrevista concedida em 12 de jan. 2018).

Sim, sou anarquista. Eu participo da Federação Anarquista Gaúcha, sou colaboradora só e milito desde 2009. Existem comissões na FAG e eu era da parte financeira, mas tô afastada porque tive minha filha (Rachel, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

Quanto à relação com associação, sindicato e/ou movimento ou causa social, percebi similaridades entre três entrevistados. *Roberto* teve contato com o Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, do período quando militava para o PT. Atualmente está engajado com a ONG Parceiros Voluntários, pois dá aula na Vila Getúlio Vargas. Reforçou que tem vínculo com

“com todas as causas que eu acho justas, como a desigualdade social, a discriminação de qualquer ordem”.

*Fernando* tem relação com o Sindicato dos Municipários de Alvorada, porém, não exerce nenhuma função na entidade. Esteve envolvido, também, com o cursinho pré-vestibular popular da cidade no passado, atuando como professor voluntário. *Rachel* foi a entrevistada com maior engajamento, pois atuou em diversas entidades e grupos.

Associação de Catadores de Gravataí e Associação de Moradores da Vila Tijuca. Nos Catadores eu militei durante um tempo, participava das reuniões, cheguei a coordenar um galpão por um pequeno período, ajudei na parte financeira. Na do Morro, só como apoio mesmo. Nos Catadores eu fiquei de 2009 a 2012 e na do Morro, apoiei mais em torno de 2013 e agora em 2016. Militei no Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis e militei na Resistência Popular, mas também no mesmo jeito que na FAG. Minha função é de militância mesma (Rachel, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

Os comunicadores ouvintes entrevistados também refletiram sobre a relação que estabelecem com a região em que moram atualmente e onde a rádio comunitária está instalada. Nenhum deles reside no bairro onde a RADCOM está instalada. *Roberto*, morador de Canoas, tem pouco contato com os moradores de sua região porque mora “numa região de classe média baixa, onde as pessoas não se socializam muito. É um lugar mais de comércio, então não é um lugar muito de interação social. É ao lado de uma estação de trem”. *Fernando*, de Alvorada, entende seu contato com a comunidade vinculado aos alunos do cursinho pré-vestibular, isto é, a partir de seu trabalho voluntário. *Rachel* sempre buscou estar envolvida com a comunidade. “Particpei muito tempo no Clube de Mães, que é aqui no meu bairro, fiz cursos. Em Gravataí, tive relação na Associação dos Catadores e depois no Movimento de Resistência” (Rachel).

Exceto *Fernando* que tem sua mãe morando no bairro Morro Santana, nenhum outro entrevistado disse ter uma relação próxima com a região. *Roberto* tem contato através da rádio, pois decidiu conhecer o espaço e *Rachel*, devido aos compromissos com a filha pequena, informou ter uma “relação bem de morador mesmo.” Pelo exposto, visualizo pistas de que os três comunicadores ouvintes não têm um sentimento de pertencimento e uma relação orgânica com o bairro Morro Santana, o que poderia ser um dos fatores vinculados aos baixos índices de participação, isto é, o público não residir no mesmo espaço da RADCOM poderia impactar nos processos participativos.

### **7.2.1 Vivências midiáticas e dos processos de digitalização e de convergência**

A Voz do Morro, no que tange às realizações comunicacionais, é digital há quase uma década. É um serviço de radiodifusão comunitária que inserido no processo de convergência



mediática, que permite a migração de meios de comunicação analógicos (no caso o rádio) para a plataforma digital (JENKINS, 2009). Dessa forma, os comunicadores ouvintes entendem essa realidade sem o caráter de *novidade*, como ocorre na Lomba do Pinheiro, por exemplo.

O cenário digital na Voz do Morro abre para possibilidades de reconfiguração do que se entende por comunidade, uma vez que, como argumenta Peruzzo, enquanto instituições sociais, elas podem ser constituídas sem uma obrigação presencial da parte de seus integrantes, já que podem estar “interligados num outro tipo de território demarcado pela proximidade de interesses, objetivos e outros sentidos de vida comum” (PERUZZO, 2007a, p.110). Nessa mesma realidade, a digitalização está presente no dia a dia dos três entrevistados e a convergência midiática é uma realidade, como pude perceber a partir das informações de trajetória de consumo e uso atual das mídias.

*Roberto* consumia *televisão* regularmente até 2008 para se informar. *Fernando* afirma que “quanto menos TV, melhor” e utiliza o meio para informar-se. Já *Rachel* é consumidora de programas ligados à sua atividade de confeitadeira. Todos responderam ser telespectadores desde a infância.

O *rádio* é visto por *Roberto* como um “meio imbatível” devido à rapidez com que a informação circula. “Ouvia a rádio desde pequeno, mas virar rotina a partir de 2005. Gostava de ouvir a Gaúcha, mas agora escuto a Guaíba”. *Fernando* era adolescente quando teve uma relação mais próxima com o rádio: “Utilizo para ouvir notícia, para ouvir programa, para escutar música. Antena1, Atlântida, Voz do Morro, são várias virtuais também acompanhando pelo notebook”. *Rachel* já foi uma ouvinte assídua, mas atualmente não escuta com tanta frequência por causa de seus compromissos.

Com relação às *mídias impressas, jornal e revista*, *Roberto* consome no ambiente digital o El País e no papel, Zero Hora, Folha de São Paulo ou Estadão. Lê a Veja ou a Época, segundo suas palavras, “quando têm estômago”. *Rachel* lê o Diário Gaúcho, um hábito criado pela sua mãe e não consome revista atualmente. *Francisco* já foi assinante de Zero Hora “Não consumo mais, no máximo alguns links pela internet”. A leitura de revistas é motivada pelos exemplares que são assinados na escola onde trabalha. Assina, também, a Leituras da História. Com relação à internet, dois entrevistados (*Fernando e Roberto*) deram pistas de que utilizam a plataforma digital na leitura de jornal e escuta de rádio.

Uso direto para chegar a outros meios de comunicação. Ouço rádio pela internet. Ela funciona como uma locomotiva, um porta-aviões, que vem todos atrás, que junta todos os meios de comunicação. (Roberto, entrevista concedida em 11 de jan. 2018).

Uso bastante internet. Inclusive assisto programas televisivos pela internet, acompanho programas de rádio pela internet, utilizo as redes sociais, acesso o

WhatsApp pelo notebook também (Fernando, entrevista concedida em 12 de jan. 2018).

Internet atualmente é Facebook e e-mail. Consumo já desde 2011 mais assiduamente quando comprei meu primeiro notebook (Rachel, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

Os depoimentos trazem exemplos concretos de vivências do processo de convergência: “Uso direto para chegar a outros meios de comunicação” (Roberto) e “Assisto programas televisivos pela internet, acompanho programas de rádio pela internet” (Fernando). *Rachel* precisou adquirir um computador para começar a navegar na internet com mais frequência.

Em todas as experiências de consumo de mídias, apenas *Roberto* lembrou de ter *participado*, mesmo que raramente, de votações *on-line* ou enquetes. Os depoimentos aqui trazidos não indicam um meio de comunicação mais consumido ou utilizado em detrimento de outro. Existe, sim, uma forte presença do ambiente digital, porém, isso não representa a exclusão de alguma forma de consumo.

Todos os entrevistados informaram buscar informação na internet, cada um com uma característica um pouco distinta do outro, mas, mesmo assim, de forma digital.

Hoje no Facebook e em sites específicos, que dizem qual é seu viés político. Acho que tu podes tentar ser isento, ter uma neutralidade. Eu gosto de eles assumam a posição que têm. O que eu estou gostando nos últimos tempos é o El País. Em relação ao analógico, o digital é muito mais fácil. É mais rápido e instantâneo. E tem uma variedade muito maior. A internet possibilita um universo de coisas. Se tu souber procurar bem, vai achar fontes confiáveis (Roberto, entrevista concedida em 11 de jan. 2018).

Eu busco informação basicamente por internet porque é um meio mais acessível. As notícias são transmitidas de uma maneira mais imediata, praticamente em tempo real. No Facebook as pessoas comentam também, interagem muito com as notícias (Fernando, entrevista concedida em 12 de jan. 2018).

Mais internet porque não preciso olhar toda uma programação para buscar o que eu quero. Eu vou ali e busco exatamente o que eu quero. Ela me dá várias opções. Eu vejo a menos pior e tento confiar nela (Rachel, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

O que pode ser observado é que todos prezam pela pluralidade de informação, rapidez de consumo e facilidade. Dessa forma, encontraram no ambiente digital as condições ideais para buscar informação. *Francisco* destacou ainda a possibilidade de consumir uma informação acompanhada de comentários, como ocorre no Facebook.

Para saber se os comunicadores ouvintes da Voz do Morro sempre tiveram o hábito de consumo digital, foram convidados a refletir sobre as alterações que a forma de buscar informação sofreu ao longo de suas vidas. *Rachel* utilizava livros, jornais e a televisão. Hoje, confessa que o digital assumiu protagonismo em sua vida. *Roberto* fez referência à mídia

analgica, na qual era necessário um dispositivo para acesso como o aparelho televisou ou o rádio. “Antes por exemplo, eu procurava em algo material. Era muito assim. Na internet, o Google e o Wikipédia te possibilitaram tirar a dúvida. O lado positivo disso aí é que todos podem ter acesso à informação. O lado negativo é que as pessoas buscam mais informação do que reflexão”. Já *Fernando* ressaltou que o processo foi sofrendo alterações ao longo do tempo: “Meu principal meio de informação antes era a televisão, depois passou para o jornal e o rádio e hoje é a internet. Isso é bastante claro”.

### **7.2.2 Formas de participação dos comunicadores ouvintes nos processos comunicacionais com as rádios comunitárias**

Para compreender as formas de participação dos comunicadores ouvintes da Voz do Morro, foi feito um resgate das *experiências dos três entrevistados enquanto consumidores de rádio*. Os relatos a seguir expressam estas experiências.

Eu ouço direto a Guaíba. Mesmo que eu discorde de algumas posições do Juremir (Machado) eu acho que a Guaíba prima pela informação mais do que o entretenimento da Gaúcha (Roberto, entrevista concedida em 11 de jan. 2018).

Tive, tive sim (experiência como ouvinte). Todas elas, rádio Atlântida, rádio Cidade, uma rádio em Uruguaiana na época, que se chamava Pampeana, em me lembro. Era muito ouvida (Fernando, entrevista concedida em 12 de jan. 2018).

Sim. Que eu mais gravei foi Itapema, de uns anos pra cá, e JovemPan, quando adolescente (Rachel, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

Os entrevistados revelaram que não houve uma predileção pelo meio radiofônico ao longo de suas vidas. Não houve, também, relatos que indicassem uma relação familiar com o referido meio de comunicação.

Quanto à participação nessas experiências radiofônicas, *Roberto* e *Fernando* lembraram de situações em que se motivaram a participar. Ressaltaram, entretanto, que não ocorria de forma frequente. *Roberto*, após um programa na Rádio Guaíba, procurou o apresentador Juremir Machado em seu *blog* para comentar sobre um tema discutido no ar. Já *Fernando* lembra de um concurso em que participou: “Tu mandava uma frase para uma loja que ia inaugurar. Tu ia na rádio e deixava uma frase e depois num programa à noite, o comunicador lia as frases e teve uma votação durante um período. Era época de Natal”. *Rachel* informou nunca ter participado.

Sobre o *contato com outros serviços de radiodifusão comunitária* que não A Voz do Morro, *Roberto* e *Rachel* afirmaram não o tiveram. *Fernando*, por outro lado, foi ouvinte de uma webradio em Alvorada no início dos anos 2000.

Em relação às diferentes formas com as quais os três comunicadores ouvintes se comunicam no seu dia a dia, é interessante perceber que, mesmo imersos no ambiente digital como meio de buscar informação, os três entrevistados ainda consideram a forma presencial como uma das modalidades de comunicação com outras pessoas. *Roberto*, inclusive, destacou que precisará “entrar no WhatsApp infelizmente” – uma referência a meios que tem predileção por usar (telefone, por exemplo), mas que não consegue concretizar seus processos comunicacionais porque “ninguém mais atende o telefone”. Considerou um “paradoxo” a proximidade que o ambiente digital proporciona às pessoas, mas que também as afasta do mundo físico. *Fernando* utiliza a internet para se comunicar em primeiro lugar, deixando na segunda colocação o encontro presencial. Para *Rachel* encontrar a pessoa é sua prioridade. Caso não consiga, recorre à internet.

Agora vou ter que entrar no WhatsApp infelizmente. Me comunico com o telefone ou o inbox (do Facebook). Só que ninguém mais atende meu telefone. Se eu me comunico cara a cara? Agora tô usando muito o Facebook, mas eu gosto de me encontrar e falar cara a cara com a pessoa. Gosto de procurar as pessoas. Gosto de encontrar meus amigos. Mas todo mundo agora tem seus problemas e as redes sociais te possibilitam que a gente esteja mais próximo, mas, ao mesmo tempo, distante. É um paradoxo. Então, eu uso celular, o telefone, Facebook e e-mail porque são os mais fáceis e disponíveis (Roberto, entrevista concedida em 11 de jan. 2018).

Grande parte da comunicação é pela internet mesmo, principalmente pelo WhatsApp. Utilizo também o celular e por e-mail também. O primeiro é a internet, depois é pessoalmente. O telefone, acho que é o terceiro meio (Fernando, entrevista concedida em 12 de jan. 2018).

Normalmente eu vou atrás da pessoa. Mas se mora muito longe, daí internet. Eu uso, então, WhatsApp ou Messenger. Mas primeiro é cara a cara se a pessoa mora perto. Só se não der vou pra internet, pro digital (Rachel, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

Os entrevistados também foram demandados a falar sobre a relação entre a forma que se comunicam com as pessoas com a forma com que participam na rádio comunitária.

Eu acho que nós temos, como pessoas, várias identidades e papéis. Independente de qual é a função desse papel, tem demandas que tu tens que fazer. Ou seja, dependendo da ferramenta que eu uso, é diferente. A circunstância é diferente. O contexto é diferente. O texto muda a partir do contexto. Eu não vou te dizer que sou totalmente diferente ou totalmente igual (Roberto, entrevista concedida em 11 de jan. 2018).

É o mesmo, é a mesma pessoa. Basicamente sim, são as mesmas formas. Não há uma diferença. O que eu uso para me comunicar é o que eu uso para falar com a rádio (Fernando, entrevista concedida em 12 de jan. 2018).

Sim. Eu acredito que todas as vezes que eu tentei participar na Voz do Morro eu tentei participar pessoalmente, em debates, em conversas. Não foram tantas vezes digital, virtual...foram de participar, pegar o microfone, conversar, num bate-papo, não tão formal. Isso reflete a Rachel, que é uma pessoa que gosta de falar pessoalmente (Rachel, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

As três percepções me levam a entender que os comunicadores ouvintes não desassociam os sujeitos *Roberto*, *Rachel* e *Fernando* daqueles que participam dos processos comunicacionais. A ressalva é que *Roberto* leva em consideração que cada situação, cada contexto demanda uma postura diferente. Essa mesma observação foi feita pelo comunicador ouvinte da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro *Rui*. *Rachel*, que prioriza o contato pessoal para se comunicar com outras pessoas, explicou que os momentos em que participou na Voz do Morro foi presencialmente na RADCOM.

Sobre as *relações com A Voz do Morro*, *Roberto* ouviu falar da RADCOM durante sua graduação na FAPA, instituição de ensino superior não muito distante da rádio; porém, afirma que nunca havia tido interesse em participar porque morava em Canoas. Mais tarde, em 2015 se tornou ouvinte. *Fernando* teve contato inicial com a RADCOM por meio do comunicador locutor Rafael Freitas, que apresenta o *História em Pauta*. Não soube precisar o ano. *Rachel* fez o caminho mais tradicional, foi procurar uma rádio no dial e acabou encontrando, num domingo, A Voz do Morro. O ano foi 2009.

Com relação a possíveis *mudanças nos processos que ocorrem na rádio*, os três entrevistados apontam aspectos positivos e negativos. *Rachel* destacou o desenvolvimento de diferentes formas de comunicação, como o festival, numa tentativa de aproximar A Voz do Morro da comunidade, o que, em sua opinião, surtiu efeito. *Roberto* também apontou melhorias, como mais segurança e tranquilidade quando estão no ar, fazendo com que os comunicadores ouvintes se sintam mais acolhidos. Já *Fernando* apontou fragilidades na divulgação da programação ao sugerir que seja dada mais atenção ao Facebook como espaço para comunicação com o público.

O espírito do grupo tá melhor agora na Voz do Morro. Acho eles mais soltos mais alegres porque acho que se sentem mais em casa. O ambiente é mais acolhedor agora (Roberto, entrevista concedida em 11 de jan. 2018).

Eu sinto falta de divulgação dos programas da Voz do Morro. Talvez esteja faltando o pessoal trabalhar mais o Facebook. O pessoal não fica sabendo o que está acontecendo (Fernando, entrevista concedida em 12 de jan. 2018).

Várias pessoas passaram pela rádio. Ela foi se aperfeiçoando. A questão de interação com o bairro foi melhorando. Antes era considerado pessoas jovens fazendo uma coisa que não tinha nada a ver com o bairro e depois de um tempo o pessoal foi entendendo

que era uma coisa boa, que era para a própria comunidade. Foram criados os festivais, as festas para melhor interagir com a comunidade (Rachel, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

Acerca do tempo em que tiveram/têm contato com a rádio, os entrevistados foram convidados a refletir sobre *como a RADCOM estabeleceu e estabelece relação com seu público*. Para *Rachel*, a Voz do Morro “se comunica através de cartazes, de panfletos, de ir na porta conversar com os moradores, com os estabelecimentos do bairro e com essas festas, os festivais”. *Roberto* mencionou o ambiente digital como espaço das realizações comunicacionais, citando o Facebook e o blog da rádio. “Eles dão voz para as pessoas e dá para interagir pelas plataformas digitais”. *Fernando* é o que trouxe uma observação mais crítica.

Basicamente eu não sinto uma comunicação da rádio em si. Eu sinto uma comunicação dos comunicadores informando o que vai ter no programa da semana que vem. Eu não vejo ligação entre os programas da rádio. Vejo uma comunicação mais isolada, programa por programa (Fernando, entrevista concedida em 12 de jan. 2018).

Na percepção de *Fernando*, A Voz do Morro não oferece uma comunicação enquanto rádio: “Os gestores deixam muito na mão dos comunicadores a divulgação. Cada comunicador é uma espécie de ilha.” O que acontece são processos comunicacionais individuais de cada programa. Dessa forma, na sua visão, cada comunicador locutor (ou comunicadores locutores para os programas com mais de um apresentador) agem de forma isolada. *Roberto* não vê mudanças na forma de A Voz do Morro se relacionar com o público. Já para *Rachel*, “isso mudou ao longo do tempo. Mudou a conversa, mudaram as pessoas. Mudou o jeito dessa abordagem, a forma como se faziam os cartazes, como se colocava a mídia no papel e hoje. Os responsáveis são todos que participaram, cada um da sua forma.”

Avanço na temática que procura aprofundar a relação dos comunicadores ouvintes com a RADCOM e apresento *onde e como os entrevistados participam* na programação da rádio comunitária A Voz do Morro relembro os meios pelos quais participam: *Roberto* pelo Facebook e presencialmente; *Fernando* por WhatsApp (do apresentador) e presencialmente e *Rachel* presencialmente, por Messenger e WhatsApp (do apresentador). Lembro que A Voz no Morro não conta com telefone fixo, celular ou WhatsApp. Se existe comunicação por telefonia celular ou WhatsApp, é devido à veiculação do contato particular do comunicador locutor.

Como parte da programação é disponibilizada após a veiculação ao vivo no domingo – único dia que vai ao ar, *Roberto* escuta a rádio comunitária entre segunda e quarta-feira. O mesmo acontece com *Rafael* que, devido a compromissos profissionais, só consegue acompanhar os programas em alguma tarde ao longo da semana. *Rachel* é a única que escuta a

Voz do Morro no dia em que está no ar e o faz no turno da noite. *Roberto* escuta o *Escola de Luta* e o *História em Pauta*; *Rachel*, o *Koisarada* e o *Chapeleiro Maluco* (não integra mais a grade), ambos à noite; e *Fernando*, o *História em Pauta* e outros programas quando pode. O que se percebe é uma relação entre as trajetórias dos entrevistados no que tange a política e a militância com as temáticas dos programas que escutam – com conteúdo questionador, que remete à reflexão e que dialoga com problemas da atualidade.

O porquê de escutar A Voz do Morro traz respostas que remetem às características de uma comunicação comunitária e já dá pistas sobre como pensam os entrevistados a respeito da relação entre a RADCOM e a cidadania. Os depoimentos demonstram uma consciência das potencialidades que podem ser desenvolvidas nos programas, a fim de proporcionar o pensamento crítico do público ouvinte.

Porque ela tenta falar de problemas locais. Ela tenta falar de questões locais e tenta fazer conexão disso com questões regionais, nacionais e até internacionais. Porque está tudo conectado. Tem gente que tenta ver tudo separado, mas não. Porque um problema que às vezes vem de cima ou de baixo eles se interligam (*Roberto*, entrevista concedida em 11 de jan. 2018).

Eu acho legal porque centraliza a informação. Tem a possibilidade de tu divulgar o que tá acontecendo na comunidade. Tem outro foco de notícias que escapa da grande imprensa e pode fortalecer laços comunitários. A experiência de rádio comunitária é sensacional (*Fernando*, entrevista concedida em 12 de jan. 2018).

Porque é uma interação com a comunidade e porque é algo que tu te sente parte, diferente de uma rádio comercial. Acho importante escutar porque vai ter mais informação de onde mora, vai interagir mais com o lugar que mora. Não vai fazer apenas do lugar onde mora um dormitório (*Rachel*, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

Neste item apresentei os comunicadores ouvintes e suas formas de participação, motivações e meios utilizados nos processos comunicacionais. Inseridos em uma realidade digital, os entrevistados conseguiram fazer apontamentos positivos e negativos quanto às implicações desse contexto. Parto agora, para a análise quanto à questão da comunicação digital.

### ***7.2.3 A comunicação digital e os processos comunicacionais entre os comunicadores ouvintes e suas rádios comunitárias***

A comunicação digital, na Voz do Morro, é o meio por excelência do processo comunicacional entre a RADCOM e seu público. Não é possível pensar a relação rádio e comunicador ouvinte sem inserir o ambiente digital. É o que há. Segundo os próprios comunicadores locutores *Luciana* e *Mai*, estaria comprometida a manutenção do vínculo com

quem participa sem o digital, já que tais interações ocorrem, predominantemente, neste ambiente. Mesmo com a possibilidade da visita presencial, os comunicadores locutores afirmaram que, quando ocorrem, são muito pontuais. Dos três comunicadores ouvintes, apenas *Rachel* participou de forma presencial na rádio. Os demais, utilizaram o ambiente digital.

*Fernando, Rachel e Roberto* disseram ser competentes no que se refere à navegação na internet e à comunicação utilizando computador ou smartphone. Roberto lembrou que aprendeu na prática e que não é um entusiasta da tecnologia. “Não tenho smartphone e faço questão de não tê-lo. O meu celular é de antes de 2006. Não uso WhatsApp porque meu celular não permite. Eu uso as coisas até elas não funcionarem mais. Demorei muito para ter celular, na verdade”. Mesmo com certas ressalvas, os três entrevistados se fazem presentes no ambiente digital e se comunicam por ele.

Eu postava quando já estava no Facebook disponível para ouvir. Daí eu comentava o que achei da entrevista (Roberto, entrevista concedida em 11 de jan. 2018).

Através do WhatsApp, eu mandava mensagem com alguma pergunta ou pelo Facebook mesmo (Fernando, entrevista concedida em 12 de jan. 2018)

Participava de debates, participava de conversas sobre educação, sobre escola pública, sobre a escola mesmo do bairro, sobre Porto Alegre, sobre a reforma do ensino médio. Isso indo pessoalmente na rádio. De noite, dos que eu escutava em casa eu participava pela internet, mas era bem menos (Rachel, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

O que pude perceber é uma conexão entre diversos recursos digitais. No caso de *Roberto*, o programa de seu interesse é veiculado ao vivo, depois é disponibilizado no blog da *Voz do Morro*<sup>116</sup> ou na *Fanpage* do grupo de estudos americanistas Cipriano Barata, do qual os apresentadores fazem parte e militam.<sup>117</sup> Dessa forma, o comunicador ouvinte pode consumir o conteúdo *on demand*, isto é, no momento que deseja. O relato trazido por *Roberto* corrobora a argumentação de Maldonado ao relacionar esse novo contexto de uso e consumo de mídia, em que “as pessoas vão dando continuidade a suas culturas midiáticas históricas (radiofônicas, cinematográficas, televisivas, jornalísticas) e, ao mesmo tempo, combinam-nas com as possibilidades de experimentação que o novo *tempo/espço* digital permite” (2013, p.91).

Depois de assistir o programa, *Roberto* usa o mesmo espaço em que o mesmo está disponível, utilizando o espaço para comentários. Fernando faz uso do WhatsApp para se comunicar e participar dos programas que escuta ou acessa o Facebook quando a *Voz do Morro* não está ao vivo. *Rachel* definiu sua participação em dois momentos: tarde e noite. À tarde ia

<sup>116</sup> O endereço eletrônico do blog é <http://avozdomorro.blogspot.com.br/>

<sup>117</sup> O endereço eletrônico da fanpage é:

[https://www.facebook.com/grupoeaciprianobarata/?hc\\_ref=ARQbOKXTjLqi0hJ1RJ5cRPq\\_7RdbH2w9Fv7w4wJWPceVVZaE0u4GduQqhM-9Aq9-r9khttp://avozdomorro.blogspot.com.br/](https://www.facebook.com/grupoeaciprianobarata/?hc_ref=ARQbOKXTjLqi0hJ1RJ5cRPq_7RdbH2w9Fv7w4wJWPceVVZaE0u4GduQqhM-9Aq9-r9khttp://avozdomorro.blogspot.com.br/).



presencialmente à rádio participar de programas que acreditava ser interessantes e pudesse contribuir. Já à noite, devido ao cuidado que tem em circular pelo Morro Santana e região, já que mora em um bairro não tão distante, opta pela participação via internet.

O sentido da participação foi o de interagir com uma programação que consideram de qualidade, como apontou *Rachel*. *Roberto* e *Fernando* foram na mesma linha.

Particpei porque conhecia os apresentadores e porque o programa é bom, as entrevistas estão muito boas. Estão me surpreendendo pelos assuntos. No geral, estão reunindo questões que são importantes para a sociedade. Participar para mim foi relevante porque falei de um assunto que eu conheço (Roberto, entrevista concedida em 11 de jan. 2018).

Participar para aprofundar alguma ideia ou para levantar alguma controvérsia para fazer o debate. Eu acho que participar é legal. Tenta fugir dessa linha monocórdica (Fernando, entrevista concedida em 12 de jan. 2018)

Os três comunicadores ouvintes lembram de situações em que participaram e por que razão participaram. *Fernando* se recorda de ter enviado uma pergunta via WhatsApp para um grupo de alunos que participava de um debate sobre cursinho pré-vestibular popular. “Lembro que eu perguntei o que elas iam fazer da vida caso reprovassem no vestibular com um ano de cursinho. Só pra provocar. E os alunos responderam no ar”. *Roberto* usou as redes digitais para dar uma dica aos apresentadores: “Teve um programa que um convidado falou sobre a Segunda guerra Mundial e eu puxei a orelha dos guris (comunicadores) porque não deixavam o convidado falar”. Já *Rachel* lembra que participou de um debate sobre ensino médio na Escola Estadual de Ensino Fundamental Porto Alegre e, também, na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Alcides Cunha, ambas próximas da Voz do Morro. A rádio foi nas escolas e a participação de *Rachel* foi presencial.

Ressalto aqui que a pergunta relativa a se usam *as mídias digitais* (internet, WhatsApp...) *para se relacionar com a rádio comunitária* acaba por ser redundante, uma vez que desde o início do processo de entrevistas (fase exploratória) ficou muito claro para mim o lugar que as mídias digitais ocupam na Voz do Morro. De qualquer forma, o questionamento foi feito aos três comunicadores ouvintes para respaldar o que já havia sido percebido por mim. As respostas afirmativas corroboram minha impressão inicial. Os entrevistados avaliaram a maneira como a rádio usa as mídias digitais para se relacionar com os ouvintes.

A minha avaliação é boa. É uma rádio comunitária que tem poucas pessoas trabalhando, ela não tem como fazer frente a uma grande rádio. Ela tem o trabalho de comunicar ao resto da sociedade e ao pouco público disponível o que está acontecendo na sua realidade e qual é a leitura dessa comunidade sobre o que está acontecendo (Roberto, entrevista concedida em 11 de jan. 2018).

Olha, a rádio em si acho, no máximo regular, podia explorar mais. Os guris (do História em Pauta) acho que fazem um bom trabalho. Mas acho que tem momentos que precisava intensificar um pouco mais porque a divulgação é muito restrita para o povo da História, quando podiam ampliar um pouco mais o público (Fernando, entrevista concedida em 12 de jan. 2018)

Acho ainda falha porque acho que, mesmo sendo digital, teria que ter alguém para responder do outro lado e eu acho que falta...falta tempo, falta gente (Rachel, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

No momento de refletirem sobre a efetividade do uso das mídias digitais nos processos comunicacionais da Voz do Morro com o público, surgiram pontos de crítica por parte dos entrevistados. Ressaltaram a questão da limitação de pessoal, isto é, de colaboradores que podem estar à frente em determinadas ações que auxiliem na manutenção e visibilidade do que se produz na RADCOM. Isso pode implicar na falta de divulgação dos programas (apontado por *Fernando*) e na falta de *feedback* do que é comunicado por parte dos comunicadores ouvintes (referido por *Rachel*). *Fernando* retoma a questão da falta de comunicação entre os programas e acredita que A Voz do Morro tem condições de ampliar o uso que faz das mídias digitais. Em suma, os três entrevistados apontaram fragilidades, mas que não comprometem o sentido da construção comunitária que se pretende na RADCOM.

#### **7.2.4 A construção da comunicação comunitária na perspectiva da cidadania comunicativa**

Os três comunicadores ouvintes conseguiram desenvolver, sem necessidade de intervenção minha, os questionamentos sobre comunicação comunitária e cidadania. Primeiramente, recupero as concepções dos entrevistados sobre o lugar das pessoas da comunidade numa comunicação que busca ser comunitária.

A rádio deve buscar horizontalidade e não verticalidade. Tem que ser uma troca. Isso é o que a rádio deve fazer (Roberto, entrevista concedida em 11 de jan. 2018).

Elas deveriam ter um papel ativo. Acho que a Voz do Morro abre essa possibilidade de a pessoa ser mais ativa. Acho que demora um pouco a participação. Acho que isso está atrelado um pouco à divulgação mesmo da rádio na comunidade. Não sei se a comunidade tem noção mesmo da existência da rádio, como a rádio trabalha. Talvez por isso tenha tão pouca participação (Fernando, entrevista concedida em 12 de jan. 2018).

Participando, ouvindo, dando opinião...trazendo também notícias, participando de debates. As pessoas são centrais nesse processo. A Voz do Morro tá sempre tentando botar gente nova pra dentro. Quando entregam um panfleto, falam sobre a rádio é uma forma de fazer com que a pessoa se interesse (Rachel, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

As fundamentações teóricas desenvolvidas apontam para um lugar de protagonismo da comunidade, traduzido pela participação e produção dos sujeitos (MILAN, 2008) no processo de dar voz a demandas e problemas locais em um processo de mudança de postura social, conforme Cremades (2009). Essa ideia está presente nas falas de *Rachel*, *Fernando* e *Roberto*. Para *Raquel*, “as pessoas são centrais nesse processo” e mesmo que exista pouca participação, a Voz do Morro, segundo ela, insiste no movimento de aproximação entre RADCOM e comunidade. *Fernando* foca, mais uma vez, na questão da visibilidade da rádio a partir da divulgação que é feita. Ele acredita que, em se tornando mais conhecida, a Voz do Morro pode ganhar mais ouvintes e ter seu trabalho reconhecido na região. A conjugação verbal no futuro do pretérito “deveria” dá pistas da forma como Fernando enxerga a relação do público com a RADCOM. Nesse caminho de dois sentidos: rádio → comunicador ouvinte e comunicador ouvinte → rádio, existe um *déficit* de protagonismo por parte do público ouvinte. Lembro que o protagonismo do cidadão integra diversos estudos e tem relação direta com um direito fundamental: o da comunicação (RIBEIRO E ORTIZ, 2007; PAIVA, 2003; e LAHNI E COELHO, 2009).

Sobre a comunicação que é feita na rádio é comunitária, *Roberto* destacou o papel da Voz do Morro em tentar agregar a comunidade do entorno onde a rádio está instalada. “A rádio convida pessoas para falar para a comunidade e convida pessoas da comunidade para falar. A rádio tenta fazer uma confraternização entre essas pessoas”. O comunicador ouvinte lembrou que o próprio nome da RADCOM traduz seu sentido principal que é o de dar voz aos moradores do Morro Santana. Tal concepção remete ao entendimento de Paiva (2003), de que os sujeitos ativos em suas comunidades, ao fazerem uso das rádios comunitárias, recuperam um espaço perdido, opinam e têm voz.

*Rachel* também percebe a Voz do Morro como realizadora de uma comunicação de caráter comunitário, uma vez que “é direcionada para a comunidade porque tem debates que são da comunidade, traz também claro debates que são da cidade, que são referentes aos direitos básicos de qualquer cidadão, mas sempre voltado para a comunidade”. Essa possibilidade plural de temas e participação que dialogam com as realidades internas da comunidade é fundamental para a manutenção do caráter comunitário, como aponta Neumann ao afirmar que são “veículos produzidos pela comunidade para a comunidade” (1991, p.116). Como destaca Nunes (2006) a

representação plural dos habitantes na programação da rádio comunitária precisa ser levada em consideração.

Rachel foi a única que levantou a questão da linguagem, isto é, a Voz do Morro dialoga com seu público utilizando a sua língua, sua forma de falar e de se expressar: “Uma linguagem também bem voltada para a comunidade”. Dessa forma, existe uma busca por empatia, proximidade e pertencimento, mais uma estratégia da RADCOM de aproximação. *Fernando* apontou um dos elementos constitutivos dos serviços de radiodifusão comunitária: livre de pressões externas, entre elas a “instrumentalização política” (NUNES, 2006, p.127)

Ela é sim (comunitária). Está aberta para as pessoas participarem. Tem um espaço bem generoso. Mas poucas pessoas participam. O que a faz comunitária é o fato de não estar ligada a nenhuma empresa, que ela não está atrelada a uma linha ideológica, político-partidária, acho que favorece muito essa comunicação comunitária. Eu já vi que se divulga o que está acontecendo no bairro. Ela fica muito marcada. Fica bem claro que ela tem raiz naquela comunidade. Eu não sei em que medida ela faz uma comunicação efetivamente comunitária, mas que existe uma intenção nesse sentido, existe. É bastante claro (Fernando, entrevista concedida em 12 de jan. 2018).

*Fernando* levanta a questão que permeia toda a análise apresentada até o momento, seja por parte dos comunicadores locutores, seja dos comunicadores ouvintes: o que a Voz do Morro pretende, almeja como rádio comunitária e o que ela consegue concretamente realizar. Percebo claramente um esforço conjunto para que os objetivos propostos pela RADCOM sejam alcançados, porém, há um entrave, relacionado à própria razão de existir da emissora: a falta de participação do público.

Trago agora a opinião dos comunicadores ouvintes entrevistados sobre a maneira como os membros da comunidade participam da rádio. Assim será possível estabelecer uma relação com as minhas observações.

Eu vejo a participação pela página do Facebook. Eu não ouço muito o ouvinte falando. Eles respondem mesmo pela internet, tanto pelo Facebook como pelo *live*, quando tá ao vivo. Eu prefiro uma participação mais de um jeito não tão imediatista. Esperar o fim do programa e enviar uma carta, alguma coisa, uma fala, mas depois do que ele falou. Durante é arriscado porque eu posso ter interpretado mal o que ele (o comunicador) falou. Isso eu vejo muito nas discussões no Facebook. A gente fica afobado, fica com pressa (Roberto, entrevista concedida em 11 de jan. 2018).

Acho que é um público muito especializado o público do História em Pauta, mas interage bastante. São poucas pessoas que acompanham, mas fazem contribuições significativas. No geral da rádio poderia haver mais participação (Fernando, entrevista concedida em 12 de jan. 2018).

Os que são realmente ouvintes, acho bom. O problema é os que não são. Pra melhorar isso só consciência mesmo, consciência de educação, consciência de comunidade, consciência de viver em comunidade. É um trabalho difícil, mas não é impossível (Rachel, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

*Fernando e Rachel* dão pistas do que mencionei anteriormente quanto à falta de participação da comunidade. É uma informação constante e perceptível em diversos momentos da fala de todos os seis entrevistados na fase sistemática da pesquisa. Mesmo já referido no início do Capítulo 7, quando levantei a primeira observação quanto à participação e sua importância para a pesquisa, lanço aqui a concepção de Girand no que se refere a participar. Para o autor, “a participação é, ao mesmo tempo, o propósito e a força da rádio comunitária” (2007, p.23). Ressalto que, enquanto propósito, a RADCOM necessita de participantes que dêem vida ao fórum de discussão que é oferecido. Daí a constante retomada, nessa pesquisa, da temática que envolve a participação dos comunicadores ouvintes.

Os entrevistados, perspectivaram, também, um outro lado, isto é, avaliam a forma como os comunicadores promovem a participação. *Roberto, Fernando e Rachel* a classificaram como satisfatória. *Roberto* mencionou a estratégia de informar as formas de contato no ar. *Fernando* lembrou que os apresentadores ressaltam, no ar, “com dias de antecedência quem é o convidado e dão dicas para as pessoas elaborarem perguntas, também durante o programa; quando a rede permite, eles leem a pergunta no ar”. *Rachel* reafirma o que já foi mencionado: “É boa, indo atrás, correndo, conversando com as pessoas, chamando, explicando”. Por outro lado, os três identificam novamente uma passividade do público no que tange a participação.

Eles tentam, mas por mais que tu queira que as pessoas participem, às vezes elas não participam. Depende também das pessoas. Acho que as pessoas têm preocupações muito imediatas e não participam porque têm que trabalhar, tem que sustentar a família, procurar um bico ou alguma coisa pra fazer (*Roberto*, entrevista concedida em 11 de jan. 2018).

A rádio como um todo não existe, praticamente não existe essa promoção (*Fernando*, entrevista concedida em 12 de jan. 2018).

Falta é interesse das pessoas (*Rachel*, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

Mais uma vez, *Fernando* afirmou não existir uma comunicação da rádio em si, somente dos programas, o que poderia implicar em uma não identificação do público com a RADCOM. *Roberto* apontou possíveis causas vinculadas a um cenário macro, como a realidade socioeconômica brasileira. *Rachel* se limitou a mencionar a falta de interesse como fator que leva à pouca participação.

Para melhorar essa relação, os entrevistados destacaram o que mudariam na maneira como os comunicadores locutores se relacionam com os comunicadores ouvintes: “Mais gente engajada, precisaria de mais pessoal” (*Roberto*); “Utilizaria o Facebook para divulgar mais o que está acontecendo, os programas também” (*Fernando*). Já *Rachel* entende esse processo comunicador locutor e comunicador ouvinte como indissociável.

O ouvinte também precisa ser comunicador. Se é uma rádio comunitária é feita para a comunidade e pela comunidade. Então ele não é só ouvinte. Eu sou ouvinte e comunicadora. Eu não posso ser só uma coisa ou nem outra. Daí quem participa, participa dos dois lados. Mas quem não participa, não participa de nada. O problema é o cidadão, não a função dele (Rachel, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

*Rachel* expressa, em suas palavras, noções que se alinham ao conceito de Tabing acerca de rádio comunitária. Para o autor, a RADCOM é um meio “que é operado na comunidade, para a comunidade, sobre a comunidade e pela comunidade” (2002, p.11). Na compreensão de *Rachel*, o sentido de participação é maior porque diz respeito a um sujeito que assume dois papéis na comunicação comunitária. Por esse motivo é que também entendo os sujeitos que integraram a pesquisa como, em primeiro lugar, comunicadores, isto é, todos comunicam, intencionalmente ou não. A partir disso é que se diferenciam entre si como locutores, ouvintes e/ou gestores. Para *Rachel*, o ponto principal está no comunicador e não na função que exerce na RADCOM. Assim, é uma situação que atinge a todos.

Nas mudanças propostas pelos entrevistados quanto ao papel da Voz do Morro na comunidade, foram levantadas questões da falta de pessoal envolvido com a rádio – *Roberto* incrementaria o número de pessoas disponíveis “para ajudar a rádio crescer para dar mais força”, *Rachel* não tem ideia do que mudar, mas enfatiza a falta de participação. “Como em todo bairro da periferia, são pessoas que têm pouca informação, muitas vezes, e que buscam só a informação comercial e às vezes não reconhecem o que é comunitário. Não reconhecem a Associação (de moradores), não reconhecem a rádio”. *Fernando* retoma o desejo de mais divulgação para a comunidade. A ideia que têm quanto à cidadania é positiva. Dos depoimentos colhidos empiricamente, os entrevistados acreditam que existe a promoção da cidadania, porém, sempre com espaço para melhorias.

É o principal mérito dela. É discutir e procurar falar das questões que preocupam as pessoas. Ela é indispensável. Ela possibilita que esse pessoal não fique esperando que as coisas venham de cima para baixo. Eles (os comunicadores) têm uma noção de política. Eles podem sim se organizar, são sujeitos com direitos que lhes são negados (Roberto, entrevista concedida em 11 de jan. 2018).

Olha, se fizessem um trabalho mais intenso poderiam potencializar isso. Acho que tem grande possibilidade de aprofundar laços comunitários, fazer as pessoas se reunirem de tempos em tempo. Promoção da cidadania é uma maneira de divulgar o que está acontecendo como uma campanha de vacinação ou promover formas conscientes de a pessoa escolher os governantes, de as pessoas votarem, saber dos motivos de um determinado protesto. E isso a rádio faz de uma maneira muito tímida ainda (Fernando, entrevista concedida em 12 de jan. 2018).

Sim. Colabora com a questão dos debates, das conversas sobre os direitos, com esse convite a participar. Uma rádio comunitária deveria ajudar a vida das pessoas da

comunidade. E a Voz do Morro cumpre esse papel. Trazer cidadania é trazer as pessoas para o debate, indo pra rua, participando de uma mobilização (Rachel, entrevista concedida em 19 de jan. 2018).

*Roberto* destacou a trajetória política e de militância dos comunicadores locutores, o que, na sua opinião, tem peso no que se discute e na forma com que se discutem temas na rádio. Lembrou a condição de comunidades marginalizadas socialmente e das possibilidades que a RADCOM pode trazer em um processo de comunicação horizontal, sem hierarquias, conforme apontam Nunes (2006) e Tabing (2002). Fernando expressa noções que se vinculam ao que pensa Nunes (2006) ao mencionar a possibilidade de divulgar informações como, por exemplo, de campanhas de vacinas. Para o autor mencionado, “as rádios comunitárias podem se converter num poderoso instrumento de educação não-formal” (2006, p.136). *Fernando* ainda classificou como tímida a promoção da cidadania e acredita que há espaço para desenvolvimento, o que depende, segundo ele, de “um trabalho mais intenso”. Para *Rachel*, a Voz do Morro cumpre com o papel de auxiliar na vida das pessoas, pois, a seu ver, promover cidadania é “trazer as pessoas para o debate”.

Em suma, “se a participação na comunicação tem sido apontada como uma maneira de exercer a cidadania” (LAHNI E COELHO, 2009, p.98), consigo perceber que as duas rádios comunitárias pesquisadas nessa tese cumprem seu papel ao oferecerem o espaço e o meio de comunicação para que se concretizem as realizações comunicacionais, porém com déficit de participação na Voz do Morro. Peruzzo (2008) também entende que a cidadania tem estreita relação com a participação. Campos e Barros (2012) elencam a doação à comunidade como principal elemento de uma comunicação comunitária. Nesse sentido, ambos serviços de radiodifusão comunitária atingem o objetivo, pois têm em sua natureza, ser a voz na sociedade daqueles que não tem. Mata (2006) avança nesse debate e explica que a cidadania comunicativa, como a compreende, refere-se necessariamente aos direitos civis, entre eles, a liberdade de expressão e o direito à informação (2006, p.11). Assim, pelo que foi analisado nas doze entrevistas com comunicadores locutores e comunicadores ouvintes, entendo que se as RADCOM podem ampliar as possibilidades de meios de comunicação para seu público no ambiente digital, criam-se novas oportunidades de experiências de cidadania comunicativa.

### **7.3 Síntese analítica**

O caso da rádio a Voz do Morro, inserida em um cenário de digitalização e convergência, remete ao que Peruzzo (2010) entende como um processo de, cada vez mais, estar em contato com a tecnologia no que se refere à comunicação. Como essa realidade não é recente, já existe um movimento de reflexão crítica sobre as implicações do ambiente digital nos processos comunicacionais oferecidos pela RADCOM tanto da parte dos comunicadores locutores, como entre os comunicadores ouvintes.

Apresento, agora, uma síntese analítica dos achados obtidos na Voz do Morro, inicialmente com os comunicadores locutores, perspectivando os objetivos específicos dessa tese. Percebo que os processos de digitalização e de convergência já estão presentes na RADCOM, que teve em sua história a presença desde cedo do digital, quer seja na transmissão, como nos meios disponibilizados para participação do público.

Os comunicadores locutores estão inseridos nessa realidade e dividem semelhanças entre si de escolaridade, pois todos passaram pelo ensino superior e fazem parte de um mesmo grupo etário (jovens adultos) com uma média de idade de 33 anos, contra 64 anos de idade, na Lomba do Pinheiro. Essas duas características podem estar vinculadas ao domínio das mídias digitais, da mesma forma que pode impactar sobre o consumo atual de mídia. Nos três entrevistados não houve uma predileção por um meio específico no momento da busca de informação. Todos tiveram em algum momento de suas vidas contato com os meios elencados (televisão, rádio, jornal impresso, revista e internet). Quanto às semelhanças, ainda foi possível constatar que não existe, na fala dos comunicadores locutores, um sentimento de pertencimento propriamente à região do Morro Santana, exceto para Luciana.

Sobre as mudanças que vivenciaram na forma como consomem e buscam informação, todos fizeram referência à internet como espaço principal na atualidade. Também a partir dos relatos, percebi que *Luciana, Mai e Rafael* levam suas experiências pessoais e comunicacionais para os programas que colocam no ar. Mesmo dominando o ambiente digital, *Luciana* lamenta que a rádio não tenha um telefone, o que, segundo ela, facilitaria ainda mais a comunicação. Os comunicadores locutores buscam, dentro e fora de seus programas, incentivar a participação do público e o fazem por meio das mídias digitais (particulares e da rádio).

A Voz do Morro oferece, ainda, outras modalidades de comunicação que não referentes à radiodifusão, isto é, são feitas mobilizações na comunidade, cobertura de eventos ou pautas de interesse da RADCOM e há, também, o aluguel de equipamentos que levam o logotipo da rádio, na tentativa de ganhar visibilidade. As estratégias para promoção partem dos comunicadores locutores, sem precisar passar pelo aval da gestão. O que percebo ainda a partir dos relatos colhidos nas entrevistas, é que há um desejo de que as realizações comunicacionais



ocorram em meios analógicos, como o telefone, e de forma presencial. Existe, também, uma vontade muito grande de que a comunidade “faça uso *de sua rádio*”.

As palavras de *Luciana* coadunam com o pensamento de Milan, uma vez que *sua rádio* faz referência à questão do pertencimento, o que permite que os cidadãos construam um vínculo com a RADCOM que é, conforme o autor, “o produto de muitas mãos colaborando com um mesmo objetivo” (2008, p.38). Percebo que, com base nas entrevistas com o comunicador gestor e com os comunicadores locutores, esse é o anseio da Voz do Morro, é isso que querem que aconteça: um produto resultante do trabalho coletivo.

Ao abordarem a questão da comunicação cidadã e cidadania, os entrevistados demonstraram entender o papel da RADCOM em um contexto de comunicação contra-hegemônica e buscam, dentro de suas limitações, alavancar as possibilidades que um serviço de radiodifusão comunitária oferece para a comunidade. Destacaram em suas falas, entretanto, que a participação pode ser maior dos comunicadores ouvintes. Como motivo para a pouca interação, observaram que o cenário socioeconômico brasileiro pode ter impactado na vida das pessoas a ponto de as prioridades serem outras que não o estreitamento de laços com a RADCOM.

Da mesma forma, os dados empíricos obtidos na Voz do Morro a partir das entrevistas com os comunicadores ouvintes traçam possíveis cenários importantes para essa tese. Primeiramente cabe a observação de que a amostra de entrevistados da rádio foi a mais complexa de ser obtida em todas as entrevistas realizadas nessa tese, incluindo os comunicadores locutores e comunicadores ouvintes da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro. A RADCOM sabe que tem participação, por menor que seja, mas encontrar esses sujeitos no ambiente digital não foi tarefa fácil, pois não há uma marca de uma presença física. Há um registro digital que precisa ser rastreado sem a garantia que esse sujeito retorne a esse local – no caso de uma postagem, por exemplo.

*Roberto, Fernando e Rachel* não residem no bairro onde a Voz do Morro está instalada - dois deles moram fora de Porto Alegre (Fernando e Roberto), mas acessam a programação via internet. Dessa forma, não há um sentimento de pertencimento à região e sim, aos temas que são propostos na programação. A escolaridade deles é semelhante, pois todos cursaram ou ainda cursam o ensino superior e pertencem a um mesmo grupo etário (jovens adultos), com 32 anos de idade. Em comparação, na Lomba do Pinheiro esse dado chega a 74 anos de idade.

Quanto às transformações dos processos de digitalização e de convergência, todos os entrevistados já vivem essa realidade em suas vidas, não havendo um *gap* digital no grupo. Dessa forma, o grau de competências digitais permite a eles circular no ambiente digital e fazer

uso das possibilidades oferecidas pela Voz do Morro. Acerca das formas de participação, os três entrevistados utilizam todas as modalidades oferecidas pela RADCOM: presencial, WhatsApp (do apresentador), blog e Fanpage. Na Voz do Morro não há um sentido de pertencimento à rádio ou à região, e sim de vínculo com as temáticas oferecidas nos programas e/ou à proposta de comunicação realizada.

Ao analisar as formas com que os comunicadores ouvintes pensam, concebem e participam dos processos comunicacionais com a RADCOM, percebi nos depoimentos de *Rachel, Fernando e Roberto* que os três trazem suas trajetórias pessoais de uso e consumo para a comunicação que têm com a Voz do Morro. *Rachel* prefere o encontro presencial, mas não descarta a participação digital. Já *Fernando e Roberto* optam pelo digital. A avaliação da participação na perspectiva do comunicador ouvinte - grupo do qual fazem parte - não foi completamente positiva, pois acreditam que haja mais possibilidades para o incremento por parte do público. *Fernando* classificou a comunicação da rádio em si como desconexa e inexistente. Lembrou que apenas os programas é que dialogam com as pessoas e não a própria RADCOM. Essa percepção pode ter relação com o fato de que as estratégias para promoção da participação partam dos comunicadores locutores, sem precisarem passar pela gestão, que teria uma visão mais sistêmica de todos os processos.

Os comunicadores ouvintes apontaram, ainda, que existe comunicação, mesmo que inexpressiva quantitativamente, mas reforçam a falta de participação não pela escassez de meios para que se concretize, mas, talvez, por haver falta de interesse e/ou motivação, podendo estar ligada, também, à realidade socioeconômica do país, como jornada de trabalho exaustiva e subempregos, que limitam o tempo das pessoas. A mesma percepção foi levantada pelos comunicadores locutores.

Como último elemento analisado, constatei que os comunicadores ouvintes percebem a rádio comunitária como um espaço que pode trazer benefícios para a comunidade, um serviço que fomenta a cidadania. Entretanto, mais uma vez a questão da falta de participação foi levantada, o que poderia restringir todo o esforço da RADCOM.

A partir das perspectivas teóricas e das observações e entrevistas realizadas na Voz do Morro, acredito que os processos comunicacionais têm o caráter de uma comunicação comunitária, uma vez que busca constantemente a mobilização da comunidade no entorno da emissora e sobre temas que têm interesse para a região. É clara a intenção de comunicadores gestores e locutores de desenvolver um sentimento de pertencimento ao Morro Santana. Entretanto, a participação é muito restrita a certos programas por vínculos pessoais existentes entre os apresentadores e público fora do espaço de radiodifusão comunitária. Não existe um

fluxo intenso de duas vias (comunicador locutor e comunicador ouvinte), havendo a necessidade de incremento no que tange a comunicação entre os dois sujeitos comunicantes. Mesmo com possibilidades digitais de participação não se observa uma apropriação desses meios para interagir com a RADCOM.

A população ouvinte questionou a gestão dos referidos meios, alegando não haver feedback quando as mensagens são enviadas e uma percepção de desconexão entre os programas, não existindo uma comunicação *da* rádio para com seu público e sim de programas isolados. Isto posto, quando existe a interação, ela tem caráter de comunicação comunitária como entendem os autores aqui tratados nessa tese e há o fomento da cidadania comunicativa, mesmo que em raras ocasiões, como pontuaram os entrevistados.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese, a partir do foco *rádio comunitária*, traz discussões importantes, perspectivando o momento atual em que vivemos, como as relativas à comunicação comunitária,<sup>118</sup> à digitalização,<sup>119</sup> à cidadania comunicativa<sup>120</sup> e às reconfigurações de comunidade<sup>121</sup> e do sujeito comunicante – neste caso, denominado por nós como comunicador ouvinte.<sup>122</sup> A pesquisa buscou compreender as interações comunicativas entre a RADCOM e seus públicos. Apresento, aqui, as considerações finais acerca dos achados empíricos e teóricos.

Parto da compreensão – à luz dos autores estudados e das entrevistas em profundidade realizadas na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro e A Voz do Morro – de que o cenário midiático da atualidade, no que se refere aos serviços de radiodifusão comunitária, em especial, em Porto Alegre, não está alheio ao ambiente digital, porém, ainda sofre com as limitações impostas por diferentes contextos e competências (BONIN, 2016) que obstaculizam o acesso às possibilidades que a tecnologia digital oferece, o que Peruzzo entende como um *gap digital* (2004b).

Dito isso, ao apresentar os sentidos da investigação, destaco o potencial existente nas rádios comunitárias no processo de democratização da informação. Entretanto, para que isso ocorra, é necessária uma participação ativa e orgânica daqueles mais envolvidos com elas: seu público. Como aponta Peruzzo, “democratizar a comunicação não significa apenas aumentar o número de meios (canais), mas democratizar a própria comunicação, entendida em todo o seu processo de planejamento, gestão, geração de conteúdos e sua difusão”. (2007a, p.153). Assim, para que todas as referidas etapas se concretizem, o comunicador ouvinte precisa sentir-se motivado a participar, bem como é necessária a existência de formas e meios de comunicação que possibilitem o diálogo. Nesse sentido, tais formas e meios oferecidos para - e construídos com - o público ouvinte são elementos fundamentais para a manutenção e existência da rádio comunitária.

Não é de hoje que se reflete que, por meio das rádios comunitárias, é possível que ocorram o debate e a veiculação de informações de interesse a uma determinada região,

---

<sup>118</sup> A partir de: Dornelles (2007), Peruzzo (2008), Milan (2008), Cogo (2005), Campos e Barros (2012), Lahni e Coelho (2009), Hadland e Thorne (2004), García Canclini (2010), Castells (2013) e Martín-Barbero(1998).

<sup>119</sup> A partir de: Braga (2012), Fausto Neto (2010/2008), Bonin (2016), Hjarvard (2012), Maldonado (2008/2003), Volpato (2014), Linares (2016) e Lacerda (2002).

<sup>120</sup> A partir de: Berger (2006), Reis (2003), Josgrilberg (2010), Mata (2006/1991), Maldonado (2011), Cortina (2005) e Santos (2008).

<sup>121</sup> A partir de: Peruzzo (2007a), Esposito (2007), Cogo (1998), Miani (2011), Paiva (2007), Mata (2006), Ortriwano (1985), Prado (1989), Coelho Neto (2002, p.68), Cabral Filho e Oliveira (2017).

<sup>122</sup> A partir de: Fausto Neto (2010), Maldonado (2013), Barros (2012), Martín-Barbero (1998), Bonin (2016/2013), Quadros et al. (2017), Targino (2009), Certeau (1994) e Santos (2008).

excluída da mídia tradicional (COGO, 1998; CABRAL FILHO E OLIVEIRA, 2017; BENEVENUTO JÚNIOR, 2002), em um movimento contra-hegemônico e que desperta “a atenção pública e governamental”. (EGARGO, 2008, p. 24-25). Nessa linha de raciocínio, com a compreensão da fundamental importância da participação e com o desenvolvimento de tecnologias que permitem possibilidades de interação no meio digital, o problema de pesquisa ganhou forma – especialmente pela questão das relações que podem se estabelecer com as novas dinâmicas oferecidas pelo digital (CASTELLS, 2006; GUARESCHI, 2004; PERUZZO, 2000; MIANI, 2011).

Esta pesquisa focalizou, então, processos de comunicação que se realizam entre os comunicadores ouvintes e as rádios comunitárias da Lomba do Pinheiro e A Voz do Morro, e na participação dos meios de comunicação analógicos e/ou digitais nesses processos.

De início do processo de construção teórica – e depois nas entrevistas em profundidade – ficou claro que o protagonismo do cidadão (RIBEIRO E ORTIZ, 2007; PAIVA, 2003; LAHNI E COELHO, 2009) e o espaço que lhe dado à comunicação são direitos inalienáveis, como ressaltam Ribeiro e Ortiz ao afirmar que a questão é “ser sujeito e não objeto da comunicação” (2007, p.5). Sem ambos não há comunicação comunitária. É a partir desse processo de construção comunicativa com sua RADCOM que busquei entender se o que se produz é *de fato* uma comunicação comunitária, que penso ser, em parte, um processo que, independente do meio utilizado, assegure a qualquer integrante da comunidade a possibilidade de participação.

Nesse ponto, ambas as rádios investigadas são comunitárias. Ao avançar no conceito de uma comunicação plural (PERUZZO, 2004a; COGO, 1998), que respeita as diferenças, produz conteúdos que buscam desenvolver a comunidade nas suas diversas dimensões constitutivas, visando a manutenção/ampliação da cidadania, percebi que existe um esforço da Voz do Morro em ser comunitária – levando temas relevantes à população ouvinte e que cumprem o que Peruzzo entende como “participação-poder” (2004a). Nesse processo, entretanto, as relações comunicacionais com os comunicadores ouvintes são escassas. Por outro lado, na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, as interações ocupam toda a programação, porém, não extrapolam, de modo geral, no caso dos comunicadores pesquisados, a questão do entretenimento. Isto posto, ambas RADCOMs, no processo de construção participativa a que Peruzzo se refere, estão na modalidade de participação-poder, pelo critério democrático a que se propõem, mas na Lomba não há indicações, nas entrevistas realizadas de que haja efetivamente, um “crescimento das pessoas ou das organizações coletivas enquanto sujeito”. (2004a, p.81).

Dessa forma, no cruzamento da análise teórica e dos dados obtidos empiricamente, há pistas de que essa rádio desenvolve uma comunicação *semicomunitária* ou, em outras palavras, não atinge a totalidade das especificidades esperadas à luz dos autores. Reforço esse achado com o esclarecimento trazido por Peruzzo (2005) ao lembrar da existência de emissoras de rádio “pseudocomunitárias” (2005, p.2). Em outras palavras, serviços de radiodifusão outorgados, mas não cumpridores das funções que se esperam de uma RADCOM:

[...] a rádio comunitária que faz jus a este nome é facilmente reconhecida pelo trabalho que desenvolve. Ou seja, transmite uma programação de interesse social vinculada à realidade local; não tem fins lucrativos; contribui para ampliar a cidadania melhorando o nível de informação, educação informal e cultura dos receptores sobre temas diretamente relacionados à sua vida; permite a participação ativa das pessoas residentes na localidade e de representantes de movimentos sociais e de outras formas de organização coletiva na programação, nos processos de criação, no planejamento e gestão da emissora (PERUZZO, 2005, p.2).

Se por um lado, A Voz do Morro objetiva a construção de um vínculo com seu público devido, entre outros fatores, ao engajamento político e de militância de seus comunicadores locutores, no sentido de ser um “produto de muitas mãos colaborando com um mesmo objetivo” (MILAN, 2008, p.38), e não tem o retorno que espera, na Lomba do Pinheiro os altos índices de participação, uma vez compreendendo o que a riqueza das possibilidades oriundas dessas interações pode representar para o fomento à cidadania comunicativa, não são revertidos naquilo que se entende como importantes para a comunidade, como a reflexão e a discussão. Como propõe Peruzzo (2004), a comunicação comunitária pode ser entendida como um caminho para a conscientização e um espaço de educação.

Outro ponto crucial, em que os dois serviços de radiodifusão comunitária tensionam os conceitos aqui apresentados, diz respeito à compreensão de comunidade. Para Esposito, o elemento *relação* entre os sujeitos é um dos núcleos conceituais, pois a comunidade não é “um sujeito coletivo, nem mesmo um conjunto de sujeitos” (2007, p.19). Nesse sentido, o que existe na Lomba do Pinheiro é uma comunidade de proximidade (TÖNNIES apud PAIVA, 2007) e na Voz do Morro, uma comunidade espiritual (ibid). Trago Egargo para auxiliar na reflexão que pretendo, ao pensar comunidade como

[...] grupo de pessoas, que têm um senso de propósito comum e/ou interesse para que assumam responsabilidade mútua, que reconhecem sua interconexão, que respeitem as diferenças individuais entre os membros e que se comprometam com o bem-estar um do outro e a integridade e bem-estar do grupo (2008, p.6-7).

Exposto isso, vejo uma comunidade originada a partir da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro - constituída, concreta e viva. Por outro lado, não vejo, a partir dos dados coletados nas entrevistas, uma comunidade nestes termos no caso da Voz do Morro. Existe um projeto estruturado, uma intenção, mas que não chega a se concretizar pela baixa participação – mesmo com o argumento de que a rádio funciona somente aos domingos. Precisei, portanto, rever minha percepção quando ao que penso ser uma comunidade – como uma coletividade constituída em torno de um elemento agregador com o qual os sujeitos se identificam, a rádio comunitária.

A ambiência digital também demandou um conceito mais amplo do que pode ser essa modalidade comunicativa, já que outras possibilidades de comunicação se fazem presentes, como os dispositivos móveis, por exemplo, que trazem consigo lógicas próprias (BRAGA, 2015) e que demandam novas competências (PERUZZO, 2007b). Contudo, o estar presente na rádio comunitária através de visitas, telefonemas, envio de recados ou cartas não parece ter sido substituído pela comunicação mediada pela rede de computadores, conforme constatei já nas investigações exploratórias realizadas. Em outras palavras, são processos que não se anulam ou são anulados pela presença do digital. Como explica Gómez, ao referir-se a velhas e novas mídias, “a chegada de um novo meio ou tecnologia não supõe necessariamente, nem tampouco imediatamente, a suplantação da outra” (2006, p.84), isto é, os referidos processos comunicacionais analógicos e digitais podem coexistir dentro de um mesmo processo de radiodifusão comunitária.

Cabe aqui um resgate de uma percepção relevada ao longo das entrevistas em profundidade com os comunicadores locutores no sentido de entender como as mídias digitais se inserem nos processos comunicacionais que se realizam entre os comunicadores ouvintes e suas RADCOMs: enquanto os processos comunicacionais na Lomba do Pinheiro ganham o ambiente digital, na Voz do Morro, o desejo dos apresentadores é de que possam adquirir um telefone fixo para estabelecer um contato mais próximo com o comunicador ouvinte. O desejo de proximidade com o público foi um dos obstáculos enfrentados pelos próprios comunicadores da própria Voz do Morro no momento de elencar possíveis ouvintes entrevistados para a pesquisa. Dada a falta de contato e de conhecimento real de quem são os comunicadores ouvintes da rádio, o processo demorou para ser concretizado. Na Lomba do Pinheiro, após a primeira visita, já recebi os nomes e os contatos dos ouvintes. A experiência empírica aponta para uma dificuldade, às vezes não aparente, das relações no ambiente digital.

Com base nos achados empíricos e nas análises, reflito que o mais importante não seja o ambiente e sim a própria participação, tão escassa em uma rádio que *teria* todos os elementos

necessários para registrar um número interessante de interações e participações, o que não ocorre na Voz do Morro. No que tange às concepções, estratégias e realizações comunicacionais dos comunicadores relativas à participação comunicativa do público, da parte dos comunicadores locutores e comunicadores ouvintes da RADCOM há uma crítica contundente da falta de participação – atribuída, pelos entrevistados, às dificuldades do cenário socioeconômico atual no Brasil e também, em parte, ao distanciamento, e não aproximação, que o ambiente digital favorece. Na Lomba do Pinheiro, essa questão não suscitou críticas ou comentários que pudessem denotar insatisfação.

Nesse sentido, talvez sejam mais efetivas sólidas relações que possibilitem a construção identitária dos grupos, do que diferentes e distintas formas de participação no ambiente digital que acabam por individualizar os programas, como relatado por alguns dos entrevistados – o que acarreta na perda de uma unidade enquanto rádio comunitária. Com um processo de migração e/ou adaptação a meios de comunicação digitais recente, o que foi vivenciado ao longo da confecção desta tese na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, fica comprometida qualquer análise mais profunda nesse sentido.

Resgato, novamente, o objetivo geral deste trabalho que é o de analisar se e como os processos comunicativos que se realizam entre as rádios comunitárias e seus públicos e se permitem a construção de uma comunicação comunitária na perspectiva da cidadania comunicativa. Nesse sentido, faço aqui considerações finais quanto a esse último conceito. Se autores, como Cortina (2005) assinalam que a questão da identidade se correlaciona com cidadania, uma vez que a primeira é um elemento definidor da segunda, é preciso olhar nas experiências radiofônicas de Porto Alegre – Lomba do Pinheiro e Morro Santana – a existência de uma identidade local. Nesse sentido, mesmo com Peruzzo (2008) pontuando que a noção territorial como elemento que estrutura a comunidade está superada pelas mudanças advindas das novas tecnologias de informação e comunicação, não vejo na Lomba do Pinheiro – isolada digitalmente até fim de 2017 – outro componente agregador que os laços tecidos no território (PERUZZO, 2006b/2007a; LACERDA, 2002; HOLLANDER, 2012; COÊLHO, 2014).

Para Cortina (2005), a aproximação dos semelhantes, como reforça Tönnies (apud Paiva (2007) ao diferenciar os tipos de comunidade, constrói os laços que formam a cidadania. Nesse aspecto, Voz do Morro e Lomba do Pinheiro buscam, em suas limitações técnicas, operacionais e participativas, congregar e atrair os moradores das regiões em que estão instaladas. Josgrilberg (2010) traz à discussão a necessidade de um cidadão ativo, isto é, aquele que busca informação e alternativas de participação em espaços democráticos. Advirto, contudo, que para que seja realmente concretizada a democratização de acesso e uso são necessários outros



fatores, entre eles, as próprias competências, isto é, o domínio para utilizar as possibilidades oferecidas de interação, analógicas e digitais e a vontade pessoal de interagir com os meios de comunicação oferecidos.

Mata (2006) ressalta a complexidade do conceito de cidadania comunicativa, pois se refere a direitos como o acesso à comunicação, à informação e à liberdade de expressão. Isto posto, as duas RADCOMs focalizadas na pesquisa, enquanto meios, abrem espaço para seus comunicadores ouvintes. Por outro lado, para que seja garantido seu exercício pleno, é necessária a presença de quatro níveis conforme a autora, a saber: cidadania comunicativa formal, cidadania reconhecida, cidadania exercida, cidadania ideal (MATA, 2006).

A partir de análise do material colhido nas entrevistas, afirmo que na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, três níveis são atingidos por parte dos comunicadores locutores e dos comunicadores ouvintes, isto é, (1) os cidadãos têm o direito à comunicação garantido, (2) se reconhecem enquanto cidadãos e têm noção de seus direitos. Entretanto, o terceiro nível aparece nas entrevistas, mas de uma forma sutil em que o exercício da cidadania ocorre esparsamente. Na Voz do Morro, a situação é diferente, entre outros fatores devido ao histórico político e de militância de apresentadores e ouvintes entrevistados. Isto é, os quatro níveis são atingidos, mesmo que com raros exemplos de participação, sendo o último (4) referente à expectativa para uma real mudança social. Me alinho com Mata (2016) ao afirmar que em toda essa construção, fica explícito o protagonismo do cidadão. Dessa forma, mesmo compreendendo que o nível de participação do comunicador ouvinte tem um caráter restritivo, quando ele participa é para fomentar o diálogo, buscar e oferecer reflexão acerca de um tema abordado na programação. Entendo, assim, que existe a concretização da cidadania ideal. As trajetórias políticas, de luta, de militância e de engajamento social dos comunicadores gestores e locutores têm reflexo no que é veiculado, nas pautas propostas e na participação, mesmo que raras, dos comunicadores ouvintes.

Outro argumento que reforça os achados empíricos de que não há uma realização concreta e constante de cidadania comunicativa, isto é, ainda está em desenvolvimento esse processo na Lomba do Pinheiro é apontado na argumentação de Nunes: “A mídia e a comunidade fundem-se numa só estrutura: a rádio comunitária, que confronta abertamente os poderes constituídos e exige a atendimento de suas reivindicações e o respeito aos direitos coletivos essenciais”. (2006, p.137). Apesar de haver uma relação direta da RADCOM com a comunidade na qual está inserida, os achados empíricos não apontaram para uma pauta de reivindicações por meio das ondas do rádio. O processo é embrionário e demanda, talvez, uma maior conscientização daqueles que estão à frente do microfone e que podem engajar mais o

público ouvinte a levantar questões importantes para o desenvolvimento da região. O que acontece, porém, é o espaço democrático à disposição da comunidade que o utiliza como fonte de entretenimento de segunda a segunda.

Diante do exposto é possível desenvolver uma comunicação comunitária mais efetiva e comum consequente fomento à cidadania comunicativa nas duas rádios estudadas. No caso da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, esse incremento se daria por meio da conscientização da relevância do espaço democrático oferecido pela RADCOM e da veiculação de temas que suscitem a reflexão do público ouvinte. Ela tem público e tem meios de comunicação, faltando, na programação, temas que dialoguem com as realidades locais. Não intenciono que a emissora perca sua característica de entretenimento, porém, intervenções pontuais em horários de maior audiência – medido pelo número de participações – poderia ser o início desse processo de acréscimo de foco na participação. Na Voz do Morro, existe comunicação comunitária e o fomento à cidadania comunicativa, porém, com baixa adesão de moradores do bairro Morro Santana. Assim, o incremento se daria, em um nível diferente do sugerido para a Lomba do Pinheiro, pois necessitaria de investimento para aquisição de, por exemplo, um telefone fixo para atender às demandas de comunicação dos moradores da região. A rádio tem um público cativo de determinados programas, porém, sem representatividade da região em que a emissora está instalada. Dessa forma, um aumento de visibilidade da Voz do Morro em eventos locais poderia levar ao conhecimento do entorno a existência da rádio e as possibilidades a partir dela. Todavia, cabe, em última instância, ao próprio cidadão querer participar.

Por fim, esta pesquisa aponta para um cenário em que as relações humanas são mais importantes do que os meios de comunicação oferecidos à participação, em que o protagonismo do comunicador ouvinte representa um capital valioso dentro dos serviços de radiodifusão comunitária, em que o ambiente digital traz vantagens e desvantagens àqueles que fazem uso de suas possibilidades de interação. Acredito, ainda, ter oferecido elementos para a reflexão sobre as práticas comunicacionais envolvendo RADCOM e seus públicos. No processo de confecção desta tese, me deparei com um cenário vivo, em constante mudança, o que abre novos horizontes de pesquisa na área da comunicação comunitária, espaço ainda a ser explorado e aprofundado em futuras pesquisas. Nesse sentido, acredito que um olhar mais direcionado acerca do *participar* possa trazer mais pistas para compreender os motivos que levam o comunicador ouvinte a interagir (ou não) – o que acredito que é o ponto de partida de qualquer comunicação genuinamente comunitária. Que este estudo possa contribuir para o fortalecimento de uma comunicação genuinamente democrática e cidadã é o que almejo.

## REFERÊNCIAS

- AGERT. **Como deve ser a programação de uma rádio comunitária?** Porto Alegre, [2015?] Disponível em: <<http://www.agert.org.br/index.php/component/content/article?id=12042:o-que-e-uma-radio-comunitaria>>. Acesso em: 15 dez. 2015.
- ALBUQUERQUE, Marina Zoppas de. **A comunicação cidadã na mídia digital: concepções e realizações dos sites MNDH, DH Net e Conectas**. 2012. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2012.
- ARANHA, Tais. **A rádio comunitária como vetor do processo de democratização da comunicação: a experiência do projeto rádio escola e as mudanças ocorridas na Rádio Z FM, em Mauá-SP**. 2012. 220 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.
- ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE RÁDIOS COMUNITÁRIAS. **Conceito**. Rio de Janeiro, [2016?]. Disponível em: <<http://amarcbrasil.org/conceito/>>. Acesso em: 02 abr. 2016.
- BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BARROS, Laan Mendes. Recepção, mediação e midiaticização: conexões entre teorias europeias e latino-americanas. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Org.). **Mediação & Midiaticização**. Salvador: EDUFBA, 2012. p.79-106.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BELTRÁN, Luiz Ramiro. Adeus a Aristóteles: comunicação horizontal. **Comunicação & Sociedade**: Revista semestral de estudo da comunicação, São Paulo, set., n. 6, p. 5-35, 1981.
- BENEVENUTO JÚNIOR, Álvaro. As histórias, as novas mídias e a comunicação alternativa como interlocutores de novas práticas sociais. In: PERUZZO, Cecília K; COGO, Denise; KAPLÚN, Gabriel (Org.). **Comunicação e Movimentos Populares: Quais redes?** São Leopoldo: UNISINOS, 2002.
- BERG, Bruce L. **Qualitative Research Methods for the Social Sciences**: Long Beach: Pearson, 2009.
- BERGER, Christa. Apresentação. In: COGO, Denise; MAIA, João. **Comunicação para a cidadania**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.
- BIANCHI, Graziela. Memórias midiáticas e midiaticizadas – as relações que se estabelecem no âmbito da recepção radiofônica. In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação**. Florianópolis: Insular, 2013. p.127-145.

BONIN, Jiani Adriana. Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas. In: DE MOURA, Cláudia Peixoto; DE LOPES, Maria Immacolata Vassallo (Org.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p.213-231.

\_\_\_\_\_. Problemáticas metodológicas relativas à pesquisa de recepção/produção midiática. In: MALDONADO, Alberto Efendy (Org.). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**. Espanha: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, v.1, 2014. p.41-54.

\_\_\_\_\_. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. In: BONIN, Jiani Adriana.; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação**. Florianópolis: Insular, 2013. p.23-42.

\_\_\_\_\_. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p.21-39.

BORDIEU, Pierre et al. **A profissão do sociólogo**. Preliminares epistemológicas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOSI, Ecléa. Entre a opinião e o estereótipo. In: BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p.113-126.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campus sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Org.). **Mediação & midiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012. p.31-52.

\_\_\_\_\_. Sobre “mediatização” como processo interacional de referência. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 15., 2006, Bauru. **Anais eletrônicos...** Bauru: UNESP, 2006. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_446.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_446.pdf)> Acesso em: 12 dez. 2017.

BRAMBILLA, Ana Maria. **Jornalismo open source: discussão e experimentação do OhMynews International**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)> Acesso em: 26 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963**. Aprova o Regulamento dos Serviços de Radiodifusão. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/Antigos/D52795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D52795.htm)>. Acesso em: 30 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 2.615, de 3 de junho de 1998**. Aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D2615.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2615.htm)>. Acesso em: 15 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1967.** Institui o Código Brasileiro de Telecomunicações. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4117.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4117.htm)>. Acesso em: 30 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998.** Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9612.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9612.htm)>. Acesso em: 15 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.597, de 11 de dezembro de 2002.** Altera o parágrafo único do art. 6º da Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, que instituiu o Serviço de Radiodifusão Comunitária, para aumentar o prazo de outorga. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2002/L10597.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10597.htm)>. Acesso em: 15 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Norma nº1/2011.** Serviço de Radiodifusão Comunitária. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/component/mtree/por-tipo/portarias/portaria-n-462-de-14-de-outubro-de-2011>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Norma Complementar do Serviço de Radiodifusão Comunitária nº 191, de 06 de agosto de 1998.** Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/radiodifusao/legislacao/sonora/radcom/portarias/norma-complementar-do-servico-de-radiodifusao>>. Acesso em: 15 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Portaria nº197, de 1º de julho de 2013.** Estabelece data limite para a apresentação de pedido de renovação de outorga de serviço de radiodifusão comunitária e altera a Norma nº 1/2011, aprovada pela Portaria nº 462, de 14 de outubro de 2011. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/portarias/27271-portaria-n-197-de-1-de-julho-de-2013>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Portaria nº4.334/2015 (Norma 1/2015).** Regulamenta, no âmbito do Ministério das Comunicações, o Serviço de Radiodifusão Comunitária. Disponível em: <[http://www.mc.gov.br/documentos/imagens/2015/Portaria\\_4334\\_2015\\_Dispo\\_e\\_sobre\\_o\\_servi%C3%A7o\\_de\\_radiodifus%C3%A3o\\_comunit%C3%A1ria.pdf](http://www.mc.gov.br/documentos/imagens/2015/Portaria_4334_2015_Dispo_e_sobre_o_servi%C3%A7o_de_radiodifus%C3%A3o_comunit%C3%A1ria.pdf)>. Acesso em: 02 abr. 2016.

CABRAL FILHO, Adilson Vaz. Sustentabilidade na radiodifusão comunitária: desafios e possibilidades. **Logos - Comunicação e Universidade: Rádio nas bordas – Cartografias da radiodifusão comunitária, livre e alternativa** v.24, n.1, jan-abr, 2017. p. 23-36.

CABRAL FILHO, Adilson Vaz; OLIVEIRA, Cinthya Pires. Mídias sociais e radiodifusão comunitária como plataformas complementares. **Comunicação & Inovação**, v.18, n.37, 2017. p. 66-83.

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CAMPOS, Leticia; BARROS, Ludmila Caminha. **Comunicação comunitária: essa é sua onda**. Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), 2012. Disponível em: <<http://www.gta.org.br/wp-content/uploads/2012/02/cartilha-comunica%C3%A7%C3%A3o-comunit%C3%A1ria.pdf>> Acesso em: 25 jul. 2017.

CARVALHO, Carlos Alberto de; LAGE, Leandro. Pela adoção da perspectiva de pertinência em pesquisas comunicacionais. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 21., 2012, Juiz de Fora. **Anais eletrônicos...** Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1879.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1879.pdf)> Acesso em: 15 mar. 2015.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. Inovação, liberdade e poder na era da informação. In: MORAES, Dênis. **SociedadeMidiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2006. p.225-231.

\_\_\_\_\_. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro, Zahar, 2003a.

\_\_\_\_\_. Internet e sociedade em rede. In: DE MORAES, Dênis. **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003b. p.255-287

CELULAR é principal meio de acesso à internet no Brasil, mostra IBGE. **Agência Brasil**, Brasília, 06 maio 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-04/celular-e-principal-meio-de-acesso-internet-na-maioria-dos-lares>>. Acesso em: 07 mai. 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CÉSAR, Cyro. **Rádio - A mídia da emoção**. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

COÊLHO, Tamires Ferreira. Cultura, Identidade e Perspectivas de Cidadania: Uma Pesquisa de Recepção dos Processos Comunicativos na Comunidade CS POA. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 23., 2014, Belém do Pará. **Anais eletrônicos...** Belém do Pará: Universidade Federal do Pará, 2014. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/biblioteca/comp%C3%B3s\\_tamirescoelho\\_2278.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/comp%C3%B3s_tamirescoelho_2278.pdf)> Acesso em: Acesso em: 03 ago. 2017.

COELHO NETO, Armando. **Rádio comunitária não é crime, direito de antena: o espectroeletr magnético como bem difuso**. São Paulo: Ícone, 2002.

COGO, Denise. Comunicação, mídia e cidadania: um percurso pelas interfaces de um núcleo de pesquisa da Intercom. In: COGO, Denise; MAIA, João (Org.). **Comunicação para a cidadania**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_. **Mídias Comunitárias: outros cenários e cidadanias**. Rio de Janeiro: Ibase, 2005. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/1114283/midias-comunitarias---outros-cenarios-e-cidadanias>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **No Ar...uma rádio comunitária**. São Paulo: Paulinas, 1998.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania**. São Paulo: Loyola, 2005.

CREMADES, Javier. **Micropoder: a força do cidadão na Era Digital**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2009.

CUNHA, Magda; HAUSSEN, Doris. F. **Rádio brasileiro**. Episódios e personagens. Coleção Comunicação. Vol. 29. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Elementos para uma teoria geral do estado**. 23. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista**: noções de política social participativa. São Paulo: Cortez, 1988.

DORNELLES, Beatriz. Divergências conceituais em torno da comunicação popular e comunitária na América Latina. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação**, 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/176/177>>. Acesso em: 15 abr. 2016. p. 1-18.

DRUETTA, Delia Covi. Internet, a aposta na diversidade. In: FRAGOSO, Suely; MALDONADO, Alberto Efendy. **A internet na América Latina**. São Leopoldo: Unisinos, 2009. p.41-58.

DUARTE, Fábio. Democracia no território digital. **Revista Comunicação e Educação**. São Paulo: ECA-USP/Moderna: n.14, jan./abr.,1999. p.27-32.

EGARGO, Fernando Navidad. **Community Radio Broadcasting in the Phillipines**. Mandaluyong City: National Book Store, 2008.

ESPOSITO, Roberto. Nihilismo e Comunidade. In: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2007.

FAUSTO NETO, Antônio. As bordas da circulação. **Revista Alceu**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, 2010. p. 55-69.

\_\_\_\_\_. Fragmentos de uma analítica da midiatização. **Matrizes**, v. 1, n. 2, 2008. p.89-105.

FERNANDES, André de Godoy. **Meios de Comunicação Social no Brasil: promoção do pluralismo, direito concorrencial e regulação**. 2009. 460 f. Tese (Doutorado em Direito Comercial – Universidade de São Paulo). São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2132/tde-02122009-152713/pt-br.php>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

FRAGOSO, Suely; MALDONADO, Alberto Efendy. **Panorama da internet na América Latina**. A internet na América Latina. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

FRASER, Colin; ESTRADA, Sonia. R. **Community Radio Handbook**. Paris: UNESCO, 2001.

FUSER, Bruno. Rádios comunitárias em Campinas: a perda do espaço da alternativa popular. In: COGO, Denise; MAIA, João. **Comunicação para a cidadania**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

GAMBARO, Daniel. **Rádio e tecnologias: os novos espaços e caminhos possíveis do meio sonoro**. 2011. 137 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Meios e Processos

Audiovisuais). São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

\_\_\_\_\_. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: USP, 2008.

GHAI, Yash. Globalização, multiculturalismo e direito. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.555-613.

GILLMOR, Dan. **We, the media**. O'Reilly Media, 2005.

GIRARD, Bruce. (Org.). **Empowering radio: good practices in development and operation of community radio**. Washington: World Bank Institute (WBIST), 2007. Disponível em: <[http://comunica.org/pubs/cr5cs\\_and\\_country\\_reports.pdf](http://comunica.org/pubs/cr5cs_and_country_reports.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2016.

GOMES, Pedro Gilberto. Mídia e tecnologia: um conceito, múltiplas vozes. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. v. 23, n.2. Porto Alegre, 2016. p.1-22.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis. **Sociedade Mídia**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2006. p.81-98.

GORTARI, Eli de. **Introducción a la lógica dialéctica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.

GRABOW, Karsten; RIECK, Christian. E. (Org.). **The KAS democracy report 2008: media and democracy**. Vol. 2. Sankt Augustin; Berlin: Konrad Adenauer Stiftung (KAS), 2008.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação e controle social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. 2. Ed. Lisboa: Edições Dom Quixote, 1989.

HADLAND, Adrian; THORNE, Karen. **The people's voice: the development and current state of the South African small media sector**. Cape Town: Human Sciences Research Council (HSRC), 2004. Disponível em: <<http://www.hsrcpress.ac.za/product.php?cat=15&freedownload=1&productid=2017>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Unesco, 2009.

HALLER, Rudolf. **Wittgenstein e a filosofia austríaca: Questões**. São Paulo: EDUSP, 1990.

HJARVARD, Stig. Mídia e tecnologia: conceituando a mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 8, n. 1, 2014. <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/issue/view/ISSN%201982-2073/> Acesso em: 10 set. 2017. p. 21-44.



\_\_\_\_\_. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

\_\_\_\_\_. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 5, n. 2, 2012. p.53-91.

HOLLANDER et al. Community media and community communication. In: Jankowski, N. W. (Ed.): **Community Media in the information age**, Cresskill: Hampton, 2002.

HUDSON, Rex. A. (Ed.). **Brazil: A Country Study**. Washington: GPO for the Library of Congress, 1997. Disponível em: <<http://countrystudies.us/brazil>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de Informações Básicas Municipais**. Perfil dos Municípios Brasileiros 2012. Brasília: 2012. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Perfil\\_Municipios/2012/munic2012.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Perfil_Municipios/2012/munic2012.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **PNAD 2009**: Rendimento e número de trabalhadores com carteira assinada sobem e desocupação aumenta. 2010. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1708](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1708)>. Acesso em: 16 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa de Informações Básicas Municipais**. Perfil dos Municípios Brasileiros 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/2009/munic2009.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2015.

JACKS, Nilda; FRANKE, Filipe. Recepção radiofônica: análise da produção acadêmica na década de 90. **Revista da Intercom**, v. 29, n.1, 2006. p.85-105.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo. Aleph, 2.ed., 2009.

LACERDA, Juciano de Souza. A internet na gestão dos movimentos sociais. Estudo de caso das estratégias discursivas da Rede Brasileira de Comunicadores Solidários à Criança. In: PERUZZO, Cicilia K.; COGO, Denise; KAPLÚN, Gabriel. **Comunicação e Movimentos Populares**: Quais redes? São Leopoldo: Unisinos, 2002.

LAGO, Silvia (Comp.). **Ciberespacio y Resistencias**: exploración en la cultura digital. Buenos Aires: Hekht Libros, 2012.

LAHNI, Cláudia Regina. Reflexões iniciais sobre comunicação comunitária, formação de jornalistas e cidadania, a partir de artigos na Intercom e na Compós. **Razón y Palabra**, v. 18, n.86, 2014. p. 1-19.

LAHNI, Cláudia Regina; COELHO, Fernanda. Participação de jovens em uma comunitária autêntica e em três autorizadas de Juiz de Fora. In: Universidade Federal da Paraíba (PPGC). **Culturas midiáticas**, v.2, n.1, 2009. p. 96-111.

LEAL, Sayonara. Repensando a Rádio Comunitária no Brasil: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2006, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: Universidade de Brasília, 2006. Disponível em: <

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/22740422619589032760839352372741983730.pdf>  
> Acesso em: 15 mar. 2015.

LIMA, Venício de; AGUIAR, Cristiano. A. Rádios Comunitárias. Coronelismo eletrônico de novo tipo (1999 – 2004). **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 2007. Disponível em: <  
<http://observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/o-coronelismo-eletronico-de-novo-tipo-19992004/>> Acesso em: 10 dez. 2015.

LINARES, Alejandro. Acceso y participación ciudadana. Una actualización de indicadores para la democratización de las comunicaciones. **Revista da Intercom**, v. 39, n. 3, 2016. p.37-54.

LÓPEZ VIGIL, José Ignacio. **Ciudadania radio**: el poder del periodismo de intermediación. Venezuela: Ministerio de Comunicación e Información, 2008. Disponível em:  
<<http://www.rebelion.org/docs/77807.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

LUZ, Dioclécio. **Radiojornalismo nas rádios comunitárias: conceitos e práticas**. 2011. 314 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Comunicação). Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Rádios Comunitárias: a arte de pensar e fazer**. Brasília: Independente, 2007.

MALDONADO, Alberto Efendy. Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa. In: Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre. (Org.). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**. 1. ed. Salamanca, Espanha: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014, v.1. p.17-40.

\_\_\_\_\_. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. **Processualidades metodológicas**: configurações transformadoras em comunicação. Florianópolis: Insular, 2013. p.87-103.

\_\_\_\_\_. América Latina, cidadania comunicativa e subjetividades em transformação: configurações transformadoras em uma época de passagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1645-1.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. A construção da cidadania científica como premissa de transformação sociocultural na contemporaneidade. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre, 2011. Disponível em <[www.compos.org.br/biblioteca](http://www.compos.org.br/biblioteca)>. Acesso em: 10 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: Maldonado, A. E; Bonin, J.A.; Rosário, N. (Org.) **Perspectivas metodológicas em comunicação**: novos desafios na prática interrogativa. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2008. p. 27-54.

\_\_\_\_\_. Práxis reflexiva comunicacional e configurações sociais transformadoras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte, 2003.

\_\_\_\_\_. Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, n. 9, Rio de Janeiro, 2002. p.1-15.

MALERBA, João Paulo. Por uma genealogia das rádios comunitárias brasileiras. **Logos - Comunicação e Universidade: Rádio nas bordas – Cartografias da radiodifusão comunitária**, livre e alternativa v.24, n.1, jan-abr, 2017. p.8-22.

MARRE, Jacques. **A construção do objeto científico na investigação empírica**. Seminário de pesquisa do oeste do Paraná. Cascavel, outubro de 1991.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

MARTINO, Luiz C. Elementos para uma epistemologia da comunicação. In: FUENTES NAVARRO, Raúl; VASSALO DE LOPES, Maria Immacolata (Comps.). **Comunicação, campo y objeto de estudio: Perspectivas reflexivas latino-americanas**. México: ITESO, Universidad de Guadalajara, 2001. p.75-90.

MATA, María Cristina. Comunicación y ciudadanía: Problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras**, v.8, n.1, São Leopoldo, janeiro / abril 2006. p. 5-15. Disponível em <<http://seminariodemocratizar.eci.unc.edu.ar/files/6113-18691-1-SM-1.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Radio: memorias de la recepción – aproximaciones a la identidade de los setores populares. In: **Dialogos de la Comunicación**, n.30. Lima, 1991. p.1-18.

MATTELART, Armand. & MATTELART, Michele. **Pensar as mídias**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MC reduz burocracia para ampliar rádios comunitárias e educativas. **Portal Brasil**, Brasília, 21 setembro 2015. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/sala-de-imprensa/todas-as-noticias/institucionais/37033-mc-reduz-burocracia-para-ampliar-radios-comunitarias-e-educativas>>. Acesso em: 26 set. 2015.

MENDEL, Tony. **Tuning into development: an international comparative survey of community broadcasting regulation**. Paris: UNESCO, 2013.

MENDES, Soraia da Rosa. **Esfera pública e direitos humanos fundamentais: um estudo das rádios comunitárias, segundo J. Habermas**. 2006. 102 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006. Disponível em: <[sabi.ufrgs.br](http://sabi.ufrgs.br)>. Acesso em: 15 dez. 2015.

MIANI, Rozinaldo A. Os pressupostos teóricos da comunicação comunitária e sua condição de alternativa política ao monopólio midiático. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, v.2, n.25, 2011. p. 221-233. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/16547/14492>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

MILAN, Stefania. What makes you happy? Insights into feelings and muses of community radio practitioners. In: SCIFO, S. (Ed.): **Westminster Papers in Communication and Culture**, vol. 5, no. 1. London: University of Westminster, 2008.p.25-43. Disponível em: <<http://www.wmin.ac.uk/mad/page-1842>>. Acesso em: 20 set. 2015.

MILLS, Charles Wright. Do artesanato intelectual. In: MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Rádio Comunitária**, Brasília [2016?]. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/radio-comunitaria>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Rádiodifusão comunitária**, Brasília [2015?]. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/radiodifusao-comunitaria>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Perguntas frequentes**, Brasília. 2011. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/radiodifusao/perguntas-frequentes/radio-comunitaria>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

MINIWATTS MARKETING GROUP. South America. In: **Internet World Stats: usage and population statistics 2015**. Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/south.htm>>. Acesso em: 06 mai. 2016.

MORIN, Edgar. **O método III: O conhecimento do conhecimento**. Lisboa: Europa-América, 1986.

MOTTER, Paulino. O uso político das concessões das emissoras de rádio e televisão no governo Sarney. In: **Comunicação & Política**,v.1. Rio de Janeiro, 1994. p.89-116.

NEUMANN, Laurício. **Educação e comunicação alternativa**. Petrópolis: Vozes, 1991.

NORRIS, Christopher. **Epistemologia, conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

NUNES, Márcia V. Rádios comunitárias: exercício da cidadania na estruturação dos movimentos sociais. In: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2007. p.95-118.

\_\_\_\_\_. As rádios comunitárias nas campanhas eleitorais: exercício da cidadania ou instrumentalização (1998 – 2000)? In: COGO, Denise; MAIA, João. **Comunicação para a cidadania**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Guilherme Jeronymo Pereira Hernandez e. **Novas ondas: o uso do rádio como elemento de mobilização e difusão. Estudo de caso em mídia sonora ligada ao movimento sindical - Jornal Brasil Atual**. 2011. 88 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Ciências da Comunicação).USP, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

ORTRIWANO, Gisela. S. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

PAIVA, Raquel. Para reinterpretar a comunicação comunitária. In: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2007. p.133-148.

\_\_\_\_\_. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Rio de Janeiro, Ed. Mauad, 2003.

PALÁCIOS, Marcos. Sete teses equivocadas sobre comunidade e comunicação comunitária. In: MONTORO, T. S. (Org.). **Comunicação, cultura, cidadania e mobilização social**. Série Mobilização Social, v. 2. Brasília/Salvador: Editora da Universidade de Brasília, 1997. p.103-110.

PEIRCE, Charles. S. **A fixação da crença**. (1877) Disponível em: <[http://www.lusosofia.net/textos/peirce\\_a\\_fixacao\\_da\\_crenca.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/peirce_a_fixacao_da_crenca.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2015.

PENTER, Camila et al. Inventário rápido da fauna de mamíferos do Morro Santana, Porto Alegre, RS. **Revista Brasileira de Biociências**, v.6, n.1, 2008.

PEREIRA, Guilherme Alves. **Noções básicas de Ética e Cidadania**. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[r1.ufrj.br/cfar/d/download/Etica%20e%20Cidadania%20.pdf](http://r1.ufrj.br/cfar/d/download/Etica%20e%20Cidadania%20.pdf)> Acesso em: 24 jul. 2017.

PERUZZO, Cecília M. K. A comunicação no desenvolvimento comunitário e local, com cibercultur@. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 21., 2012, Juiz de Fora. **Anais eletrônicos...Juiz de Fora**, 2012. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1803.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1803.pdf)> Acesso em: 23 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Rádios Comunitárias no Brasil: da desobediência civil e particularidades às propostas aprovadas na CONFECOM. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 19., 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <[http://www.compos.com.puc-rio.br/media/g6\\_cicilia\\_peruzzo.pdf](http://www.compos.com.puc-rio.br/media/g6_cicilia_peruzzo.pdf)>. Acesso em: 11 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, n. 17, São Paulo, 2009. p. 131-156. Disponível em <[www.revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2108/1247](http://www.revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2108/1247)>. Acesso em: 11 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões do setor. **Palavra Clave**, vol.11, n.2, diciembre, 2008. p. 367-379.

\_\_\_\_\_. **Televisão comunitária: dimensão pública e participação cidadã na mídia local**. Mauad Editora Ltda, 2007a.

\_\_\_\_\_. Rádio comunitária, educomunicação e desenvolvimento. In: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2007b. p.69-94.

\_\_\_\_\_. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília, 2006a.

\_\_\_\_\_. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. In: COGO, Denise; MAIA, João. **Comunicação para a cidadania**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006b.

\_\_\_\_\_. **Rádios Comunitárias: entre controvérsias, legalidade e repressão**. São Bernardo: Cátedra Unesco-Umesp, 2005. Disponível em: <[www2.metodista.br/unesco/agora/pmc\\_forum\\_iluminando\\_peruzzo.pdf](http://www2.metodista.br/unesco/agora/pmc_forum_iluminando_peruzzo.pdf)>. Acesso em: 11 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Comunicação nos movimentos populares**. A participação na construção da cidadania. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004a.

\_\_\_\_\_. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE ESCOLA LATINO-AMERICANA DE COMUNICAÇÃO/ NOS PAÍSES DO MERCOSUL, 8., 2004, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo, 2004b. Disponível em: <[http://www.portalgens.com.br/comcom/direito\\_a\\_comcom.pdf](http://www.portalgens.com.br/comcom/direito_a_comcom.pdf)> Acesso em: 08 mai. 2017.

\_\_\_\_\_. Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/99061099541813324499037281994858501101.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Comunidades em tempo de redes. In: PERUZZO, Cecília K; COGO, Denise; KAPLÚN, Gabriel (Org.). **Comunicação e Movimentos Populares: Quais redes?** São Leopoldo: UNISINOS, 2002a. p.275-298.

\_\_\_\_\_. Ética, liberdade de imprensa, democracia e cidadania. In: ENCUESTRO NACIONAL DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 3., 2002, Santa Cruz de La Sierra – Bolívia. **Anais eletrônicos...** Bolívia, 2002b. Disponível em: <[http://ciciliaperuzzo.pro.br/?page\\_id=371](http://ciciliaperuzzo.pro.br/?page_id=371)> Acesso em: 20 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania. Comunicação e Sociedade 2. **Cadernos do Nordeste**. Série Comunicação, v.14. 2000.

POPPER, Karl. R. **Conhecimento objetivo**. São Paulo: EDUSP, 1975.

PORTAL ABRAÇO. **Estatuto da Abraço-RS**, Santa Cruz do Sul, 2006. Disponível em <http://www.abracors.org.br/abraco/default.asp?ids=328> Acesso em: 13 ago. 2017.

PRADO, Emílio. **Estrutura da Informação Radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Criação e história dos bairros**, Porto Alegre, [2017?] Disponível em [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p\\_secao=128](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=128) Acesso em: 02 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. Câmara aprova projeto que cria 15 bairros e altera delimitações, Porto Alegre, 2015. Disponível em

[http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?reg=25437&p\\_secao=56&di=2015-12-21](http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?reg=25437&p_secao=56&di=2015-12-21)  
Acesso em: 02 ago. 2017.

PROCEMPA. **Porto Alegre em análise**, Porto Alegre, 2017. Disponível em [http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regiao=1\\_2\\_594](http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regiao=1_2_594) Acesso em: 02 ago. 2017.

QUADROS, Claudia Irene de et al. Perfis de ouvintes: perspectivas e desafios no panorama radiofônico. **Matrizes**, v.11, n.1, 2017. p.189-209

RABELO, Desirée Cipriano. Comunicação comunitária se aprende na escola? Relatos de um aprendiz. In: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RIBEIRO, Fernanda; ORTIZ, Daniel. **A função social do jornalismo comunitário**. CELACOM, 2007. Disponível em: <  
[http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/A\\_fun%C3%A7%C3%A3o\\_social\\_do\\_jornalismo\\_comunit%C3%A1rio](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/A_fun%C3%A7%C3%A3o_social_do_jornalismo_comunit%C3%A1rio)> Acesso em: 23 jul. 2017.

RODRIGO, Miquel Alsina. **Los modelos de La comunicación**. Madrid: Tecnos, 1989.

RUAS, Cláudia Mara Stapani. **Rádio comunitária: uma estratégia para o desenvolvimento local**. Campo Grande: UCDB, 2004.

SABBATINI, Marcelo. Do receptor passivo ao emissor ativo. In: MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina; SATLHER, Luciano (Org.) **Mídia Cidadã-utopia brasileira**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p.213-228.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, Denize Daudt dos. **Territorialidade compartilhada: comunicação e cidadania**. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Comunicação). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

SECOM. **Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view> Acesso em: 10 set. 2017.

SECOM. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2014**. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://blog.planalto.gov.br/pesquisa-brasileira-de-midia-2014/>>. Acesso em: 30 set. 2015.

SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA. **História dos bairros de Porto Alegre**, Porto Alegre, 2017. Disponível em [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu\\_doc/historia\\_dos\\_bairros\\_de\\_porto\\_alegre.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf) Acesso em: 02 ago. 2017.

**SILVA, Rogério Carvalho da.** História do Jornalismo: **evolução e transformação**. Revista Temática. n.7, 2012. Disponível em: <[http://www.insite.pro.br/2012/Julho/historia\\_jornalismo\\_evolucao.pdf](http://www.insite.pro.br/2012/Julho/historia_jornalismo_evolucao.pdf)> Acesso em: 03 jun. 2017.

ROSTELATO, Telma Aparecida; SIQUEIRA, Dirceu Pereira. Inclusão social, processo coletivo e minorias no ordenamento jurídico brasileiro. **Direito e Humanidades**, n. 16, 2010. p.221-237. Disponível em [http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_direito/article/view/878](http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_direito/article/view/878) Acesso em: 03 ago. 2017.

SODRÉ, Muniz. Prefácio. In: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2007.

\_\_\_\_\_. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, Dênis. **Sociedade Midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2006.p. 19-31.

SOUZA, Maria Luiza. **Desenvolvimento de comunidade e participação**. São Paulo: Cortez, 2008.

STEINBRENNER, Rosane Maria Albino. **Rádios Comunitárias na Transamazônica: desafios da comunicação comunitária em regiões de midiaticização periférica**. 2011. 372 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido). Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2011. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

TABING, Louie. **How to Do Community Radio: A Primer for Community Radio Operators**. UNESCO, 2002.

TARGINO, Maria das Graças. **Jornalismo cidadão**: Informa ou deforma? Brasília: Ibct; Unesco, 2009.

THOMPSON, Paul. **História oral**: a voz do passado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORO, José Bernado; WERNECK, Nísia Maria Duarte. **Mobilização Social**: Um modo de construir a cidadania e a participação. Belo Horizonte: Autêntica, v.2, 2004.

VILLAS BÔAS, Bruno. **Celular se torna principal meio de acesso à internet nos lares, diz IBGE**. Folha de São Paulo, São Paulo, 06 de abril de 2016. Editoria Mercado. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/04/1757972-celular-se-torna-principal-meio-de-acesso-a-internet-nos-lares-diz-ibge.shtml>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

VOLPATO, Marcelo. Comunicação comunitária: trajetórias e inovações. **Revista UNINTER de Comunicação**. v. 2, n.3, 2014. p. 217-232. Disponível em: <<https://www.uninter.com/revistacomunicacao/index.php/revistacomunicacao/article/view/555>> Acesso em: 25 mai. 2017.



WALLERSTEIN, Immanuel et al. **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1995.

WOLTON, Dominique. Pensar a Internet. In: MARTINS, Francisco Menezes & SILVA, Juremir Machado da (Org.). **A genealogia do virtual**: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2004.

YIN, Robert K. **Case study research, design and methods**. 4<sup>th</sup> Edition. Vol. 5. Thousand Oaks: Sage, 2004.

## APÊNDICE A - Mapeamento das rádios comunitárias

Mapeamento das rádios comunitárias (RADCOM) a partir do recorte geográfico definido para o projeto: a cidade de Porto Alegre.<sup>123</sup>

### 1) Mapear rádios comunitárias existentes a partir do recorte geográfico definido para o projeto – a cidade de Porto Alegre (buscas na internet)

As buscas serão feitas em diferentes espaços digitais. No término serão reunidas em uma única tabela para melhor visualização.

- a. Busca no site da ABRAÇO-RS<sup>124</sup> (<http://www.abracors.org.br/>) de rádios comunitárias que estejam dentro do espaço geográfico definido para esta pesquisa, isto é, a cidade de Porto Alegre. Ao ingressar no site, na lateral direita, encontra-se um link para os “Afiliados” à Associação. A seguir, o que foi encontrado no site.

Rádios Comunitárias - AbraçoRS	
Cidade	Rádio Comunitária
Porto Alegre	Associação Cultural Rádio Comunitária do Bairro Ipanema (Ipanema Comunitária)

Fonte: ABRAÇORS

- b. Busca no site DONOS DA MÍDIA<sup>125</sup> (<http://donosdamidia.com.br/>) de rádios comunitárias que estejam dentro do espaço geográfico definido para esta pesquisa, isto é, a cidade de Porto Alegre. Ao ingressar no site, foi escolhida a opção “Veículos”. Depois “Listar veículos”. Foram preenchidos os campos *Estado Sede* (Rio Grande do Sul) e *Suporte* (Radcom). Foram encontrados dois registros para o escopo deste estudo.

<sup>123</sup> Conforme o governo do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre tem 1. 1.409.351 habitantes e a Região Metropolitana de Porto Alegre é a área mais densamente povoada do estado. Da RMPA fazem parte 9 dos 18 municípios com mais de 100 mil habitantes. Criada em 1973, contava inicialmente com 14 municípios. Atualmente são 34: Alvorada, Araricá, Arroio dos Ratos, Cachoeirinha, Campo Bom, Canoas, Capela de Santana, Charqueadas, Dois Irmãos, Eldorado do Sul, Estância Velha, Esteio, Glorinha, Gravataí, Guaíba, Igrejinha, Ivoti, Montenegro, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, Parobé, Portão, Porto Alegre, Rolante, Santo Antônio da Patrulha, São Jerônimo, São Leopoldo, São Sebastião do Caí, Sapiranga, Sapucaia do Sul, Taquara, Triunfo e Viamão. Para mais informações: [http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/conteudo.asp?cod\\_menu\\_filho=807&cod\\_menu=805&tipo\\_menu=P OPULA&cod\\_conteudo=1396](http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/conteudo.asp?cod_menu_filho=807&cod_menu=805&tipo_menu=P OPULA&cod_conteudo=1396) Acessado em 25 de dezembro de 2015.

<sup>124</sup> Em seu Art. 1º, a “A ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA, com a sigla ABRAÇO/RS, é uma entidade de abrangência estadual, sem fins lucrativos, de duração indeterminada, de caráter social, técnico, cultural, educacional e científico, integrada por entidades de radiodifusão comunitária, abertas, sem fins lucrativos, de programação plural e gestão pública”. Para mais informações: <http://www.abracors.org.br/abraco/default.asp?ids=328> Acesso em: 02 abr. 2016.

<sup>125</sup> De acordo com o site OS DONOS DA MÍDIA, “o Projeto Donos da Mídia reúne dados públicos e informações fornecidas pelos grupos de mídia para montar um panorama completo da mídia no Brasil. Aqui estão detalhadas diversas informações sobre os seguintes tipos de veículos: emissoras e retransmissoras de TV; rádios AM, FM, Comunitárias, OT e OC; operadoras de TV a cabo, MMDS e DTH; canais de TV por assinatura; e as principais revistas e jornais impressos”. Para mais informações: <http://donosdamidia.com.br/inicial> Acesso em: 02 abr. 2016.

Rádios Comunitárias - Donos da Mídia	
Cidade	Rádio Comunitária
Porto Alegre	<i>Associação Cultural Rádio Comunitária do Bairro de Ipanema – Ipanema Comunitária</i>
Porto Alegre	<i>Associação de Moradores do Serra Verde – Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro</i>

Fonte: DONOS DA MÍDIA

- c. Buscas no SITE DA PREFEITURA. O site da prefeitura de Porto Alegre foi acessado e nele, foi feita busca de rádios comunitárias instaladas no município. A seguir, os resultados.

Rádios Comunitárias - Sites de Prefeituras	
Cidade	Rádio Comunitária
Porto Alegre	<a href="http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/">http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/</a> Rádio Comunitária Restinga FM 88.1

Fonte: Prefeitura de Porto Alegre

- d. Buscas no Wikipédia (<https://pt.wikipedia.org>). Foram feitas buscas no Wikipédia com as seguintes palavras: “rádio comunitária” + “Porto Alegre”.

Rádios Comunitárias - Wikipédia	
Cidade	Rádio Comunitária
Porto Alegre	Amorb FM
	Ipanema comunitária FM
	Nonoai FM
	Obirici FM Comunitária

Fonte: Wikipédia

- e. Site ONDA CIDADÃ<sup>126</sup> (<http://www.ondacidada.org.br/>). O site do Itaú Cultural apoia as iniciativas cidadãs e comunitárias. Ao entrar no site, buscou-se o link “Mapeamentos”, que apresenta um mapa com as iniciativas em todo o país. A busca foi reduzida à Porto Alegre e a rádios comunitárias. O resultado, a seguir.

Rádios Comunitárias - Onda Cidadã	
Cidade	Rádio Comunitária
Porto Alegre	Ipanema Comunitária FM

<sup>126</sup> De acordo com o site ONDA CIDADÃ, o “Onda Cidadã é um programa permanente do Itaú Cultural, que busca analisar a produção das mídias autônomas e fomentar conhecimentos que sirvam de base para qualificar o campo da cultura livre no país. O termo Onda deriva das rádios livres e comunitárias, primeiras experiências de midialivrismo que o Onda Cidadã reuniu, em 2003, mobilizando pessoas e emissoras de rádio comunitárias, públicas e universitárias, a fim de estabelecer uma rede de troca de informações e experiências entre profissionais e dirigentes do setor. Três anos depois, o programa ampliou suas atividades, passando a refletir sobre outras formas autônomas de comunicação além das rádios comunitárias: imprensa alternativa, blogs, fanzines, videoblogs, podcasts, mídia tática, arte tática”. Para mais informações: <http://www.ondacidada.org.br/o-que-e/> Acesso em: 02abr. 2016.

Fonte: Onda Cidadã

- f. Site da ANATEL – Sistema de Controle de Radiodifusão SDR (<http://sistemas.anatel.gov.br/srd/>). Ao acessar o site, foram preenchidos os campos “UF” e “Pesquisa Nome Município” na Consulta Geral RADCOM. Foi inserido o município que integra a área geográfica delimitada para esta pesquisa: Porto Alegre.

Rádios comunitárias – SDR	
Cidade	Rádio Comunitária/Entidade
Porto Alegre	Associação Cultural Rádio Comunitária do Bairro De Ipanema
	Associação Comunitária dos Moradores do Conjunto Residencial Rubem Berta
	Conselho Comunitário Todas As Artes – Coarte – Rádio Obirici FM Comunitária
	Associação Comunitária Educativa e Cultural de Radiodifusão Glória Embratel – Rádio Acecrage FM Comunitária
	Associação dos Moradores do Serra Verde – Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro

Fonte: ANATEL

- g. Trabalho de Bruno Lima Rocha e Rodrigo Jacobus – Proposta de um modelo de comunicação comunitária ([www.docslide.com.br](http://www.docslide.com.br)) – as RADCOM apresentadas são divididas em outorgadas e não outorgada, conforme apresentado a seguir.

Rádios Comunitárias - Docslide	
Cidade	Rádio Comunitária
Porto Alegre - outorgadas	Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro
	Rádio Ipanema Comunitária
	Rádio Nonoai FM – <a href="http://www.radiononoai.com.br">www.radiononoai.com.br</a>
	Rádio Obirici
	Rádio Glória
Porto Alegre - sem outorga	Rádio Vila Nova FM – 89,9
	RCB Belém Velho – 87,9
	Quilombo FM – 101,6 - Restinga
	A Voz do Morro – Morro Santana

Fonte: Docslide

### LISTA PRELIMINAR DE RÁDIOS COMUNITÁRIAS EM PORTO ALEGRE

A lista, a seguir, é o produto do somatório das fontes utilizadas de consulta. Ela representa 11 possíveis rádios comunitárias em atividade na capital do Rio Grande do Sul. Entre elas estão emissoras outorgadas e não outorgadas, uma vez que esta característica não é excludente para esta pesquisa.

Rádios comunitárias – Lista preliminar	
Cidade	Rádio Comunitária/Entidade
Porto Alegre	(1) Associação Cultural Rádio Comunitária do Bairro de Ipanema – Ipanema Comunitária
	(2) Associação Comunitária dos Moradores do Conjunto Residencial Rubem Berta – Amorb FM
	(3) Conselho Comunitário Todas As Artes – Coarte – Rádio Obirici FM Comunitária
	(4) Associação Comunitária Educativa e Cultural de Radiodifusão Glória Embratel – Rádio Acecrag FM Comunitária
	(5) Associação dos Moradores do Serra Verde – Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro
	(6) Nonoai FM
	(7) Rádio Comunitária Restinga FM 88.1
	(8) Rádio Vila Nova FM
	(9) RCB Belém Velho - Ascobev - <a href="http://belemvelho.blogspot.com.br/p/ascobev-historia.html">http://belemvelho.blogspot.com.br/p/ascobev-historia.html</a>
	(10) Quilombo FM - <a href="https://radioquilombo.wordpress.com/">https://radioquilombo.wordpress.com/</a>
	(11) A Voz do Morro - - <a href="http://avozdomorro.blogspot.com.br/">http://avozdomorro.blogspot.com.br/</a>

Fonte: Pesquisa do autor.

A partir desse levantamento foram feitos os próximos passos da pesquisa exploratória:

(2) Verificar a existência de site e da versão on-line das rádios comunitárias;

(3) Observação inicial, nos ambientes digitais:

(3.1) de espaços de possível comunicação do comunicador ouvinte com a rádio comunitária - Facebook/atividade da mesma.

(3.2) de espaços de possível comunicação do comunicador ouvinte com a rádio comunitária - E-mail (E); Box de comentário no site (B); Bate-papo – Chat (BP); Telefone (Te); Twitter (Tw); e/ou WhatsApp (W).

(4) Observar os critérios vinculados à compreensão de comunicação comunitária e rádio comunitária particularmente em relação aos comunicadores ouvintes.

## 2) Verificar a existência de site e da versão on-line das rádios comunitárias (site ou blog)

Observação dos ambientes digitais para verificar a existência de site da rádio comunitária e de sua versão no ambiente digital. A pesquisa foi feita no Google da seguinte forma: foi inserido o nome da rádio comunitária/entidade. A partir do que foi apresentado pelo Google foram feitas incursões nos links oferecidos até chegar ao site da Radcom (quando este existe).

Rádios comunitárias/Entidade	Site/blog		Versão on-line	
	Sim	Não	Sim	Não
Rádio Ipanema Comunitária	X		X	
Rádio Amorb FM	X			X
Rádio Obirici FM Comunitária		X		X
Rádio Acecrage FM Comunitária		X		X
Rádio Comunitária Lomba do Pinheiro		X		X
Rádio Nonoai FM		X		X
Rádio Comunitária Restinga FM 88.1		X		X
Rádio Vila Nova 98,3 FM	X		X	
RCB Belém Velho	X			X
Rádio Quilombo FM	X			X
Rádio A Voz do Morro	X		X	

Fonte: Pesquisa do autor.

Neste breve levantamento, há quase uma igualdade entre as rádios que têm e as que não têm um espaço virtual (site). Das que têm representação no espaço digital, metade oferecem o serviço de radiodifusão comunitária por meio da internet (Rádio Ipanema Comunitária – Rádio Vila Nova 98,3 FM e Rádio A Voz do Morro).

### (3) Observação inicial, nos ambientes digitais:

#### (3.1) de espaços de possível comunicação do comunicador ouvinte com a rádio comunitária - Facebook/atividade da mesma.

Observação dos ambientes digitais, isto é, encontrar no site de rede social Facebook, espaços de possível comunicação do comunicador ouvinte com a rádio comunitária – *Fanpage*. Pergunta: Há vida na rede<sup>127</sup>? (+) ou (-). A pesquisa foi feita no Facebook da seguinte forma: foi inserido o nome da rádio comunitária/entidade + cidade de origem. Outra possibilidade foi ao acessar o site oficial da Radcom, procurar pelo ícone que identifica o Facebook.

Rádios comunitárias/Entidade	Versão on-line	
	S	N
Rádio Ipanema Comunitária	X (+)	
Rádio Amorb FM	X (-)	
Rádio Obirici FM Comunitária		X
Rádio Acecrage FM Comunitária		X
Rádio Comunitária Lomba do Pinheiro	X (+)	
Rádio Nonoai FM		X
Rádio Comunitária Restinga FM 88.1		X
Rádio Vila Nova 98,3 FM	X (+)	
RCB Belém Velho		X
Rádio Quilombo FM		X
Rádio A Voz do Morro	X (-)	

Fonte: Pesquisa do autor.

<sup>127</sup> Entende-se como vida na rede, postagens da própria rádio comunitária e/ou do ouvinte consideradas recentes, isto é, com, pelo menos, uma semana.

**(3) Observação inicial, nos ambientes digitais:**

**(3.2) de espaços de possível comunicação do comunicador ouvinte com a rádio comunitária - E-mail (E); Box de comentário no site (B); Bate-papo – Chat (BP); Telefone (Te); Twitter (Tw); e/ou WhatsApp (W).**

<b>Rádio Comunitária</b>	<b>E</b>	<b>B</b>	<b>BP</b>	<b>Te</b>	<b>Tw</b>	<b>W</b>
Rádio Ipanema Comunitária	X	X	-	X	-	X
Rádio Amor FM	X	-	-	X	X	X
Rádio Obirici FM Comunitária	-	-	-	-	-	-
Rádio Acecra FM Comunitária	-	-	-	X	-	-
Rádio Comunitária Lomba do Pinheiro	-	-	-	-	-	-
Rádio Nonoai FM	-	-	-	-	-	-
Rádio Comunitária Restinga FM 88.1	-	-	-	-	-	-
Rádio Vila Nova 98,3 FM	X	X		X	X	-
RCB Belém Velho	-	-	-	-	-	-
Rádio Quilombo FM	X	-	-	-	-	-
Rádio A Voz do Morro	-	X	X	-	X	-

Fonte: Pesquisa do autor.

**Observação:** Os campos deixados em branco (incompletos) são aqueles cujas informações não foram encontradas no site ou na *fanpage* da rádio comunitária. Não parto da premissa de que não existem tais meios de comunicação. Todas as RADCOM foram acessadas via box de mensagem ou e-mail questionando sobre a informação faltante. Aquelas que responderam às solicitações, tiveram os dados aqui inseridos. A partir do que foi colhido no questionário exploratório (presencial ou via e-mail) os dados foram, então, finalizados.

**(4) Observar os critérios vinculados à compreensão teórica de comunicação comunitária e rádio comunitária particularmente em relação aos comunicadores ouvintes.**

A última etapa do mapeamento foi realizada com as saídas de campo ou envio via e-mail da entrevista exploratória cujo roteiro é apresentado no Apêndice B. Nessa etapa foram excluídas as RADCOM que não estão operando e/ou que não atenderam ao que entendo como um serviço de radiodifusão comunitário à luz do arcabouço teórico, restando três rádios em Porto Alegre.

<b>Rádio Comunitária</b>	<b>É uma RADCOM?</b>		<b>Faz comunicação comunitária?</b>	
	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
Rádio Ipanema Comunitária	X		X	
Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro	X		X	
Rádio A Voz do Morro	X		X	

**APÊNDICE B - Roteiro da entrevista exploratória I (comunicador gestor)<sup>128</sup>**

**NOME:**

Nome do meio de comunicação:

Cargo/Função:

Histórico:

- Explique a história da rádio comunitária.
- O que o(a) Sr./Sra. elenca como principais mudanças que ocorrerem na emissora desde sua criação (econômicas – sociais – políticas – midiáticas)?
- É um meio de comunicação outorgado? Explique.
- A quem pertence a rádio comunitária?
- Quem é o ouvinte da rádio comunitária?

Organização:

- Como são organizadas as funções administrativas na rádio comunitária?
- Quantas pessoas participam da gestão da rádio comunitária?
- De que forma o meio de comunicação se mantém economicamente?

Participação e produção de conteúdo:

- A rádio comunitária tem uma linha editorial?
- Quem define e produz o que é veiculado na rádio comunitária?
- De que forma o ouvinte pode participar na rádio comunitária?
- De que forma a rádio comunitária instiga a participação do seu público durante a programação?

Meios de comunicação

- Que meios de comunicação a rádio comunitária oferece ao ouvinte para que se comuniquem com a RADCOM?
- Como a comunicação digital se insere nos processos comunicacionais que se realizam entre os ouvintes e suas RADCOMs?

Questões gerais:

- Você diria que a rádio é comunitária? Por quê?
- A rádio comunitária desenvolve a cidadania? De que forma?

---

<sup>128</sup> Realizado na pesquisa exploratória – primeira saída de campo.



## **APÊNDICE C - Roteiro da entrevista exploratória II (comunicador gestor)**

Objetivo: colher informações para traçar um cenário da rádio comunitária no que tange à relação entre programação e participação do ouvinte. Essa segunda entrevista com os gestores nos dará um panorama para a confecção da amostra de comunicadores que integrará a pesquisa. A partir desse levantamento, uma entrevista em profundidade será feita com um comunicador de cada RADCOM.

- Quantos comunicadores integram a programação da Rádio Comunitária?
- Que programas compõem a grade da programação? Há registros destes programas?
  
- A partir do universo total de comunicadores, quantos abrem espaço para a participação do ouvinte?
- Quem são os comunicadores que abrem espaço para a participação do ouvinte?
- Que programas produzem/veiculam?
- De que forma se dá esta participação em cada programa?
  
- Quais comunicadores abrem mais espaços para a participação do público?
- Que tipo de participação é essa?
  
- Você consegue traçar um perfil do ouvinte de sua RADCOM?
- Como é este perfil?
  
- E o perfil dos ouvintes que participam da programação da rádio, tem como identificar o perfil?
- Como é este perfil?
- Vocês têm registros destas participações?
- Como posso conseguir registros ou indicações de ouvintes que participam da rádio comunitária?
  
- Há contatos dos comunicadores que abem espaço para os ouvintes em sua programação para que eu possa entrar em contato com eles para realização de entrevista?

**APÊNDICE D - Roteiro da entrevista exploratória (comunicador locutor)**

Nome (opcional):

Gênero:

Idade:

Escolaridade:

Ocupação/Profissão:

Programa (dia-horário):

Ao vivo: ( ) Sim ( ) Não

Temática:

Você oferece modalidades de participação ao ouvinte durante o programa? Quais modalidades?

Por que estas?

Em que programas?

Dê exemplos.

Com que frequência o ouvinte participa do seu programa?

Por que você inclui o ouvinte na programação?

Você considera a participação do ouvinte na construção do programa? Como? Descreva

O que você pensa sobre a relação do ouvinte com a rádio comunitária?

**APÊNDICE E - Roteiro da entrevista exploratória (comunicador ouvinte)**

Nome (opcional):

Gênero:

Idade:

Escolaridade:

Ocupação/Profissão:

Com que frequência você escuta a rádio comunitária?

Em que partes do dia costuma escutar?

Desde quando acompanha a rádio?

Por que escuta a rádio?

Você participa da programação da rádio comunitária (por telefone, indo na rádio, na internet)?

Por que você participa?

De que formas participa?

Em que programas?

Dê exemplos da sua participação.

Você faz parte de grupos ou realiza atividades na comunidade ou fora dela?

Se sim, quais?

Como é a sua rotina de trabalho, de lazer e de outras atividades normalmente?

Você indicaria algum morador conhecido seu que também escuta a rádio comunitária e participa da mesma para participar da pesquisa?

Você estaria disposto(a) a colaborar com a nossa pesquisa sobre a rádio e a participação dos ouvintes?

Se sim, deixe seu contato:

Telefone

Email

## **APÊNDICE F - Roteiro da entrevista sistemática (comunicador locutor)**

Nome:

Idade:

Local de residência:

### **BLOCO 1 - TRAJETÓRIA DOS COMUNICADORES - ASPECTOS SOCIOCULTURAIS**

#### **Formação educativa**

- Conte-me sobre sua formação escolar. Em que lugares estudou?
- Até onde foste nos estudos? Que cursos fez?
- Além da formação escolar, fez algum outro tipo de curso? Quais?
- Em relação à comunicação, já fizeste algum curso ligado à área?
- Teve alguma formação em comunicação ou ligada ao trabalho com rádio?

#### **Trabalho**

- Qual era a profissão de seus pais?
- Com que atividades você trabalhou na tua vida e trabalha atualmente?

#### **Formação política/militante**

- Tiveste alguma vinculação política, ao longo da sua vida? Qual, como era/é a sua participação?
- Tiveste ou tens alguma relação com alguma associação ou sindicato? O que? Com que trabalhava e qual era a sua participação?
- Tiveste ou tens vínculo com algum movimento social ou causa? Com quais, como participou e/ou participa?

#### **Lugares vividos e relações comunitárias**

- Onde você nasceu?
- Em que lugares morou?
- Teve relações com as comunidades em que morou? De que tipo?
- Qual a sua relação com a região em que moras e onde a rádio comunitária está instalada?

### **BLOCO 2 - TRAJETÓRIAS DE CONSUMO E USOS ATUAIS DAS MÍDIAS**

- Que meios de comunicação utilizou ao longo da tua vida e para que fins: TV/ Rádio/ Jornal impresso/ Revistas/ Internet
- Em que meios buscas informação? Por quê?
- A forma de buscar informação sofreu alteração ao longo de sua vida?
- Como te comunicas com as outras pessoas? Que meios utilizas para se comunicar? Por quê?
- Tens conhecimento de como se navega na Internet? Sabes se comunicar utilizando computador ou smartphone?
- Consegues identificar uma relação entre a forma que tu consumes informação e te comunicas com as pessoas com a forma que ofereces de comunicação na rádio comunitária?

### **BLOCO 3 - TRAJETÓRIA DOS COMUNICADORES - MÍDIAS E RÁDIO COMUNITÁRIA**

#### **Trajectoria em outros meios**

- Teve experiência em outros meio de comunicação? Em quais?
- Me fale da tua trajetória como comunicador nestas outras experiências:
- Que funções tinha?
- Produziu comunicação nestes meios? Sobre que temas e conteúdos?
- Como era a relação com o público nestes meios? Havia participação? Como? Que tipo de participação?
- O que aprendeu nestas experiências te ajuda no trabalho com a rádio comunitária atualmente?

### **Trajetória em outras rádios comunitárias**

- Teve experiência em outras rádios comunitárias? Em quais?
- Me fale da tua trajetória como comunicador nestas outras experiências:
- Que funções tinha?
- Participou ou foi comunicador de programas?
- Que temas e conteúdos faziam parte destes programas?
- Como era a relação com o público nestes programas? Havia participação? Como? Que tipo de participação?

### **Trajetória na rádio comunitária**

- Quando e como começou a trabalhar nesta rádio comunitária?
- Que funções já teve durante este tempo na rádio?
- Participou ou foi comunicador de outros programas antes do atual?
- Que temas e conteúdos eram abordados nestes outros programas?
- Como era a relação com o público nestes programas? Havia participação? Como? Que tipo de participação? Por que?
- Qual o sentido da participação do público neste tipo de proposta?
- Consegues perceber alguma relação entre sua história pessoal e o modo como os programas que comunicas são elaborados? Traz algum conhecimento que te orienta nessa prática?

### **Sobre a rádio comunitária**

- Me fale um pouco sobre a rádio comunitária desde que começaste a ter contato com ela. O que mudou? Que processos mudaram?
- Como é a estrutura organizacional da rádio? Ela mudou ao longo dos anos?
- A rádio enfrentou dificuldades? De que tipo?
- Durante este tempo, como a rádio estabeleceu e estabelece relação com seu público? Como se comunica com ele?
- Houve mudanças nestes modos de se relacionar com o público?
- Para você, a comunicação que é feita na rádio é comunitária? Por quê? O que faz com que ela seja comunitária?
- Qual o lugar das pessoas da comunidade numa comunicação que busca ser comunitária?

#### **BLOCO 4 - ATUAÇÃO DOS COMUNICADORES NA RÁDIO COMUNITÁRIA**

- Quais são as suas funções atualmente na rádio comunitária?
- Que tarefas realizas na rádio comunitária? E em relação ao programa que apresentas?
- Me conte sobre suas rotinas de trabalho na rádio comunitária.
- Você pensa na comunicação com o ouvinte durante a sua rotina de trabalho?

#### **BLOCO 5 - PROCESSOS COMUNICACIONAIS COM OS OUVINTES – O LUGAR DAS MÍDIAS DIGITAIS**

- De que programas participa/realiza atualmente na rádio comunitária?
- Que temas e conteúdos são abordados nestes programas?
- Os temas e conteúdos são pensados em função do público? De que maneira?
- Quais os meios utilizados para se comunicar com o ouvinte durante a veiculação do programa? Por que são utilizados estes meios?
- Quem é o público que participa? Que perfis tem?
- Como o público participa? Que temas, conteúdos, sentidos tem esta participação?
- Que sentido tem esta participação para a proposta do programa?
- Há outros meios de relação com o público? Quais? De que modo se dão?
- Que estratégias utiliza para fomentar a participação e a comunicação com o ouvinte? Quem decide essas estratégias?
- Como você avalia estas estratégias e sua efetividade para promover a participação?
- Há limites para a participação do público?
- Que lugar ocupam as mídias digitais nos processos comunicacionais da rádio? E de seu programa?
- Como você avalia as mídias digitais no contexto da rádio comunitária?
- Como você avalia a efetividade da comunicação por meio das mídias digitais?

#### **BLOCO 6 - PERCEPÇÕES SOBRE A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E A CIDADANIA COMUNICATIVA**

- Na tua visão, a rádio comunitária promove uma comunicação efetivamente comunitária? Como? Há limites nesta atuação?
- A rádio colabora para a promoção da cidadania do público? De que maneira? Há limitações?

## APÊNDICE G - Roteiro da entrevista sistemática (comunicador ouvinte)

Nome:

Idade:

Estado civil:

Profissão:

Escolaridade:

Local de residência:

### BLOCO 1 - TRAJETÓRIA DOS OUVINTES - ASPECTOS SOCIOCULTURAIS

#### Formação educativa

- Conte-me sobre sua formação escolar. Em que lugares estudou?
- Até onde foste nos estudos?
- Além da formação escolar, fez algum outro tipo de curso? Quais?

#### Trabalho

- Qual era a profissão de seus pais?
- Com que atividades você trabalhou na tua vida e trabalha atualmente?

#### Formação política/militante

- Tiveste alguma vinculação política, ao longo da sua vida? Qual, como era/é a sua participação?
- Tiveste ou tens alguma relação com alguma associação ou sindicato? O que? Com que trabalhava e qual era a sua participação?
- Tiveste ou tens vínculo com algum movimento social ou causa? Com quais, como participou e/ou participa?

#### Lugares vividos e relações comunitárias

- Onde você nasceu?
  - Em que lugares morou?
  - Teve relações com as comunidades em que morou? De que tipo?
- Qual a sua relação com a região em que moras atualmente (onde a rádio comunitária está instalada)?

### BLOCO 2 - TRAJETÓRIAS DE CONSUMO E USOS ATUAIS DAS MÍDIAS

- Que meios de comunicação utilizou ao longo da tua vida e para que fins:
- TV
- Rádio
- Jornal impresso
- Revistas
- Internet
- Havia participação sua? Como? De que tipo?
- Conte algumas situações em que participou e como participou.
- Em que meios buscas informação? Por quê?
- A forma de buscar informação sofreu alteração ao longo de sua vida?
- Como te comunicas com as outras pessoas? Que meios utilizas para se comunicar? Por quê?
- Tens conhecimento de como se navega na Internet? Sabes se comunicar utilizando computador ou smartphone?

- Consegues identificar uma relação entre a forma que tu consomes informação e te comunicas com as pessoas com a forma que participas na rádio comunitária?

### **BLOCO 3 - TRAJETÓRIA DOS OUVINTES COM RÁDIO E COM A RÁDIO COMUNITÁRIA**

#### **Rádios**

- Teve experiência como ouvinte de rádio ao longo da sua vida? Em quais rádios?
- Havia participação sua? Como? Que tipo?
- Conte algumas situações em que participou e como participou.

#### **Outras rádios comunitárias**

- Teve experiência como ouvinte em outras rádios comunitárias além desta.....? Em quais?
- Havia participação sua? Como? Que tipo?
- Conte algumas situações em que participou e como participou.

#### **Rádio comunitária**

- Quando e como começou a escutar a rádio comunitária?
- Me fale um pouco sobre a rádio comunitária desde que começaste a ter contato com ela. O que mudou? Que processos mudaram?
- Durante este tempo, como a rádio estabeleceu e estabelece relação com seu público? Como se comunica com ele?
- Houve mudanças nestes modos de se relacionar com o público?
- Em que dias horários escuta a rádio comunitária?
- Por que escuta a rádio comunitária?
- Que programas acompanha? Por que?

### **BLOCO 4 - PARTICIPAÇÃO NA RÁDIO COMUNITÁRIA**

- De que programas participou e participa atualmente na rádio comunitária?
- Que temas e conteúdos são abordados nestes programas?
- Como participava/participa? Através de que meios?
- Por quê participava/participa? Que sentido tem esta participação?
- Conte algumas situações em que participou e como participou em cada um destes programas.
- Você usa as mídias digitais (internet, WhatsApp...) para se relacionar com a rádio comunitária?
- Se sim, como você avalia a maneira como a rádio usa as mídias digitais para se relacionar com os ouvintes?

### **BLOCO 5 - PERCEPÇÕES SOBRE A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E A CIDADANIA COMUNICATIVA**

- Para você, a comunicação que é feita na rádio é comunitária? Por quê? O que faz com que ela seja comunitária?
- Qual o lugar das pessoas da comunidade numa comunicação que busca ser comunitária?
- Você tem alguma sugestão ou mudaria alguma coisa na rádio pensando no seu papel na comunidade?
- O que você acha da maneira como os ouvintes/membros da comunidade participam na rádio?
- Como você avalia a forma como os comunicadores promovem a participação?



- Se fosse responsável pela rádio mudaria alguma coisa na maneira como os comunicadores se relacionam com os ouvintes?
- Na tua opinião, a rádio colabora para a promoção da cidadania das pessoas da comunidade? De que maneira?

## APÊNDICE H - Síntese das entrevistas exploratórias e sistemáticas

Os nomes dos comunicadores ouvintes entrevistados foram preservados. No lugar, foram escolhidos nomes de logradouros existentes na região em que as respectivas rádios comunitárias estão situadas.

### ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS

#### Comunicadores gestores (segunda entrevista)

Nome	Data	Meio/Local
Rodrigo Rodrigues	21.08	Presencial/Sede da RADCOM
João Batista Santafé Aguiar	21.08	Presencial/ Centro de Porto Alegre
Paulo Silva	21.09	Presencial/ Sede da RADCOM

#### Comunicadores locutores - Lomba do Pinheiro

Período de contato: Entre 30 de outubro e 13 de novembro de 2017

Número de comunicadores locutores informados pelo comunicador gestor: 5

Número de comunicadores locutores entrevistados: 4

Nome	Data	Meio/Local
Edson da Rosa Rodrigues	30.10	Presencial/Sede da RADCOM
Itamar Silveira	14.11	Presencial/Sede da RADCOM
Gastão Moreira da Rocha	16.11	Presencial/Sede da RADCOM
Rosa Maria Nunes da Silva	16.11	Presencial/Sede da RADCOM
Getúlio Silva		Não encontrado

#### Comunicadores locutores - A Voz do Morro

Período de contato: Entre 30 de outubro e 13 de novembro de 2017

Número de comunicadores locutores informados pelo comunicador gestor: 7

Número de comunicadores locutores entrevistados: 4

Nome	Data	Meio / Local
Luciana Ferreira Soares	13.11	Skype
Marcela Passos Gonçalves (Mai)	14.11	Skype
Rafael da Silva Freitas	13.11	Ligação WhatsApp
Pablo Silva Figueiredo	14.11	Skype
Filipe Rossau	17.11	Não atua mais na RADCOM como comunicador
DJ Chakal		Não encontrado
Fábio Melo		Não encontrado

#### Comunicadores ouvintes - Lomba do Pinheiro

Período de contato: Entre 02 de dezembro e 07 de janeiro de 2018

Número de comunicadores ouvintes informados pelo comunicador gestor: 6

Número de comunicadores ouvintes entrevistados: 4

<b>Nome</b>	<b>Data</b>	<b>Meio / Local</b>
Francisca (Rua Dona Francisca)	18.12	Presencial/Em casa/ Lomba do Pinheiro
Adão (Avenida Deputado Adão Pretto)	19.12	Skype
Rui (Rua Rui Barbosa)	08.01	Presencial/Residência na Lomba do Pinheiro
Ana (Rua Ana Terra)	08.01	Presencial/ Rádio Comunitária Lomba do Pinheiro
Carol (Rua Carol)		Não encontrada
Fátima (Rua Nossa Senhora de Fátima)		Não encontrada

#### Comunicadores ouvintes - A Voz do Morro

Período de contato: Entre 02 de janeiro e 10 de janeiro de 2018

Número de comunicadores ouvintes informados pelo comunicador gestor: 5

Número de comunicadores ouvintes entrevistados: 5

<b>Nome</b>	<b>Data</b>	<b>Meio / Local</b>
Emílio (Rua Emílio Keidan)	05.01	Skype
Germano (Rua Germano Schmarczek)	05.01	Skype
Roberto (Rua Roberto Brinco)	09.01	Skype
Fernando (Rua Fernando Souto da Silva)	09.01	Skype
Rachel (Rua Rachel Wolfrid)	18.01	Skype

#### ENTREVISTAS SISTEMÁTICAS

##### Comunicadores locutores - Lomba do Pinheiro

Período de contato: Entre 15 de outubro e 20 de dezembro de 2017

Número de comunicadores locutores entrevistados: 3

<b>Nome</b>	<b>Data</b>	<b>Meio/Local</b>
Edson da Rosa Rodrigues	18.12	Presencial / Sede da RADCOM
Gastão Moreira da Rocha	18.12	Presencial / Sede da RADCOM
Rosa Maria Nunes da Silva	20.12	Presencial / Sede da RADCOM

##### Comunicadores locutores - A Voz do Morro

Período de contato: Entre 15 de outubro e 20 de dezembro de 2017

Número de comunicadores locutores entrevistados: 3

<b>Nome</b>	<b>Data</b>	<b>Meio/Local</b>
Marcela Passos Gonçalves (Mai)	15.12	Presencial / FAPA (Porto Alegre)
Luciana Ferreira Soares	18.12	Presencial / EMEF José Mariano Beck (Bairro Bom Jesus – Porto Alegre)
Rafael da Silva Freitas	19.12	Presencial / Residência (Bairro Sumaré – Alvorada)

Comunicadores ouvintes - Lomba do Pinheiro

Período de contato: Entre 01 de janeiro e 10 de janeiro de 2018

Número de comunicadores ouvintes entrevistados: 3

<b>Nome</b>	<b>Data</b>	<b>Meio / Local</b>
Francisca	10.01	Presencial/Em casa/ Lomba do Pinheiro
Adão	10.01	Presencial/Em casa/ Lomba do Pinheiro
Rui	10.01	Presencial/Em casa/ Lomba do Pinheiro

Comunicadores ouvintes - A Voz do Morro

Período de contato: Entre 01 de janeiro e 19 de janeiro de 2018

Número de comunicadores ouvintes entrevistados: 3

<b>Nome</b>	<b>Data</b>	<b>Meio / Local</b>
Roberto	11.01	Presencial/Canoas
Fernando	12.01	Presencial/Alvorada
Rachel	19.01	Presencial/Porto Alegre

## **APÊNDICE I - Detalhamentos relativos ao contato com os comunicadores (gestores – locutores – ouvintes)**

A título de informação, apresento aqui o passo a passo de contato com as rádios comunitárias, organizado por data:

### Dia 06 de maio de 2016

A primeira rádio comunitária contatada foi a *Rádio da Lomba do Pinheiro*, no dia 06 de maio de 2016, por meio do telefone 3319-4566. No dia anterior, houve a tentativa de contatar o diretor da RADCOM, Flávio Cassal, pelo celular 8524-2199, porém, sem sucesso. Com a confirmação da possível visita, confirmei o endereço e a forma de acesso ao local. Foi-me informado que a rádio opera na rua Beco da Taquara, número 336, sala 8 e que a linha de ônibus que atende a região é a Bonsucesso. Por meio da ligação telefônica, confirmei, então, a visita e a entrevista com o diretor na segunda-feira (09.05) entre 9h e 10h. No mesmo dia, entrei em contato com a segunda rádio comunitária - *A Voz do Morro* por meio de e-mail (avozdomorro@hotmail.com) e pela *Fanpage* da RADCOM (<https://www.facebook.com/avoz.morro/?fref=ts>) sem resposta no mesmo dia. A terceira RADCOM, *Rádio Ipanema Comunitária* foi acessada pela caixa de mensagens disponível no site <http://ipanemacomunitaria.blogspot.com.br/>. Ambas rádios receberam mensagem de possível visita para a semana entre os dias 09 e 13 de maio. A quarta rádio, *Amorb FM*, foi acessada pelo telefone da Associação de Moradores do Bairro Rubem Berta - 3390-7063. Solicitei visita e entrevista com o coordenador da entidade, Cleusi Coelho. Durante contato telefônico, recebi a instrução de enviar e-mail (amorb2013@gmail.com) para solicitar a entrevista, o que realizei prontamente. A resposta não ocorreu no mesmo dia.

### Dia 07 de maio de 2016

Recebi resposta da mensagem enviada à *Voz do Morro* no dia 06 por meio da *Fanpage*. O perfil Rod Rodrigues (Rodrigo Rodrigues – coordenador da Rádio) solicitou a inclusão no meu grupo de amigos e informou que a RADCOM poderia me receber ao longo da semana. As comunicações passaram, então, de *Fanpage* x Perfil para Perfil x Perfil, espaço em que troquei informações sobre data, endereço e como fazer o deslocamento. Da conversa ficou acertado que a visita e a entrevista ocorrerá no dia 10 de maio, às 10h no endereço Espir Rivaldo, Acesso 2.

### Dia 09 de maio de 2016

Realizei a visita e a entrevista com Flávio Cassal, diretor da Rádio da Lomba do Pinheiro e apliquei a entrevista exploratória I (comunicador gestor) apresentada no Apêndice B. No mesmo dia confirmei a entrevista com a *Voz do Morro* e obtive uma resposta positiva quanto à visita à *Ipanema Comunitária*. O coordenador da RADCOM, João Batista Santafé Aguiar, informou, por contato telefônico, que está presente na emissora somente quando precisa presencialmente resolver algum problema da rádio. Do contrário, toda a programação é gravada previamente e administrada por um software que coloca os programas no ar. Mesmo com a informação, decidi encontrar o coordenador na sexta-feira, dia 13 de maio às 11h30, no centro de Porto Alegre.

### Dia 10 de maio de 2016

Realizei a visita e a entrevista com Rodrigo Rodrigues, coordenador da Rádio A Voz do Morro e apliquei a entrevista exploratória I (comunicador gestor) apresentada no Apêndice B. Busquei, no mesmo dia, contato com a rádio *Amorb FM*.

### Dia 12 de maio de 2016

Entrei em contato com a rádio *Amorb FM* e ficou acertado que na segunda-feira, dia 16.05, ligar para confirmar entrevista pré-agendada com Cleusi Coelho, diretor da Associação de Moradores que é responsável pela RADCOM, que ocorrerá na terça-feira, dia 17.05.

#### Dia 13 de maio de 2016

Encontrei o coordenador da RADCOM, João Batista Santafé Aguiar, no centro de Porto Alegre para realização da entrevista exploratória I (comunicador gestor) apresentada no Apêndice B.

#### Dia 14 de maio de 2016

Visitei a Rádio Ipanema Comunitária.

#### Dia 16 de maio de 2016

Entrei, mais uma vez, em contato com a *Amorb FM* para confirmar a visita à RADCOM. Sem sucesso. Decido não utilizá-la no Relatório de Qualificação. Porém, não a descarto como possível meio de comunicação comunitário a ser visitado após a fase de Qualificação. Após a fase de qualificação, a tentativa de contato com a rádio foi frustrada. Gestores não se mostraram interessados em permitir visitas e entrevistas no espaço físico da RADCOM.

#### Dia 26 de julho de 2017

A comunicação com os comunicadores gestores é retomada depois de finalização da parte teórica da tese. Foi marcada nova visita in loco nas três rádios comunitárias: A Voz do Morro, Lomba do Pinheiro e Ipanema Comunitária. A intenção é aprofundar as temáticas abordadas na primeira visita e conseguir organizar um grupo de comunicadores ouvintes para entrevistas subsequentes. Para tal, será aplicado o roteiro da entrevista exploratória II (comunicador gestor).

#### Dia 16 de agosto de 2017

Contato com as rádios Ipanema Comunitária e Voz do Morro por Facebook. Resposta de ambas no mesmo dia. Acerto de visita na Ipanema Comunitária para a segunda-feira (dia 21) e Voz do Morro nos próximos dias (ainda incerto).

#### Dia 17 de agosto de 2017

Contato com o representante da Voz do Morro, Rodrigo Rodrigues. Informação de que entrarão no ar no domingo (dia 20). Acerto da visita à rádio e da entrevista às 15h do domingo.

#### Dia 19 de agosto de 2017

Confirmação por Facebook com o representante da Voz do Morro. Devo ir sozinho até local combinado. No dia, precisei de auxílio de moradores locais para chegar à rádio, dada à semelhança das ruas no Morro Santana e a inexistência de placas indicativas de ruas e números.

#### Dia 20 de agosto de 2017

Visita à rádio Voz do Morro. Entrevista conduzida com aparelho celular. Entrevistado Rodrigo Rodrigues entre 15h e 17h. Foi aplicado o roteiro da entrevista exploratória II (comunicador gestor).

#### Dia 21 de agosto de 2017

Visita à Ipanema Comunitária no fim da manhã (11h). Entrevista conduzida com João Batista Santafé Aguiar. Duração de 2h. Foi aplicado o roteiro da entrevista exploratória II (comunicador gestor). A partir do resultado da entrevista, percebeu-se que a referida RADCOM não seguiria adiante como objeto desta tese. Justificativa: programação da emissora comunitária

é totalmente veiculada de forma gravada, sem inserção de programas ao vivo – que possibilitariam a participação e comunicação com os ouvintes.

Dia 11 de setembro de 2017

Contato com a Rádio Lomba do Pinheiro via telefone.

Dia 18 de setembro de 2017

Contato com a Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro pelo telefone fixo. Fui informado da troca da direção. No mesmo dia, entro em contato telefônico com Paulo Silva, novo comunicador gestor e marco a entrevista para o dia 21 de setembro.

Dia 21 de setembro de 2017

Me desloco de ônibus até a Lomba do Pinheiro, onde encontro o novo diretor da RADCOM, Paulo Silva. A entrevista ocorreu no estúdio da rádio entre 10h e 11h. Apliquei o roteiro da entrevista exploratória II (comunicador gestor). Ao término da entrevista, fico o número de WhatsApp para agendar as entrevistas com os comunicadores ouvintes.

Dia 21 de outubro de 2017

Recebi mensagem via Facebook o contato de todos os comunicadores da Voz do Morro. Enviei uma mensagem para cada um deles solicitando um encontro presencial para realizar a entrevista – aplicação do roteiro de entrevista exploratória (comunicador locutor), que gerará o grupo final para as entrevistas em profundidade.

Entrei em contato com Paulo Silva solicitando encontro/visita à RADCOM na segunda-feira (23.10) para organização dos contatos com comunicadores locutores e comunicadores ouvintes para as entrevistas. Mensagem enviada via WhatsApp. Confirmação no mesmo dia.

Comunicador gestor da rádio A Voz do Morro enviou os contatos dos comunicadores locutores via Facebook. No mesmo dia, entrei em contato com eles solicitando entrevista.

Dia 23 de outubro de 2017

Encontro na Rádio Lomba do Pinheiro para obter os contatos com os comunicadores locutores.

Dia 30 de outubro de 2017

Encontro na Rádio Lomba do Pinheiro para entrevista com comunicador locutor Edson da Rosa Rodrigues pela manhã. Gravação feita com celular. Aplicado roteiro da entrevista exploratória (comunicador locutor). Decupagem no mesmo dia.

Dia 13 de novembro de 2017

Contato com os comunicadores locutores da Voz do Morro Luciana Ferreira Soares e Rafael da Silva Freitas. No caso de Luciana, ligação via Skype à noite. Rafael trabalha como segurança do Supermercado Big em Alvorada. Dessa forma, a entrevista ocorreu via WhatsApp na madrugada. Aplicado roteiro da entrevista exploratória (comunicador locutor). Decupagem dois dias mais tarde.

Dia 14 de novembro de 2017

Encontro na Rádio Lomba do Pinheiro para entrevista com comunicador locutor Itamar Silveira pela tarde. Gravação feita com celular. Aplicado roteiro da entrevista exploratória (comunicador locutor). Decupagem no dia seguinte.

Contato telefônico com a comunicadora locutora da Voz do Morro Marcela Passos Gonçalves (Mai) para realização da entrevista no mesmo dia à noite via Skype. Mesmo procedimento com

Pablo Silva Figueiredo, da mesma rádio. Aplicado roteiro da entrevista exploratória (comunicador locutor). Decupagem no dia seguinte.

#### Dia 16 de novembro de 2017

Encontro na Rádio Lomba do Pinheiro para entrevista com os comunicadores locutores Gastão Moreira da Rocha e Rosa Maria Nunes da Silva pela manhã. Gravação feita com celular. Aplicado roteiro da entrevista exploratória (comunicador locutor). Decupagem no mesmo dia.

#### Dia 15 de dezembro de 2017

Encontro presencial pela manhã com a comunicadora locutora da Voz do Morro Marcela Passos Gonçalves (Mai) na FAPA, zona norte de Porto Alegre para realização da etapa sistemática da pesquisa. Gravação com celular. Decupagem no mesmo dia.

#### Dia 18 de dezembro de 2017

Pela manhã, visita à comunicadora ouvinte Francisca, em sua residência na Lomba do Pinheiro, para a realização da etapa exploratória da pesquisa. Gravação com celular. Decupagem na semana seguinte.

Na mesma manhã, me desloco à rádio comunitária Lomba do Pinheiro para entrevistas sistemáticas com os comunicadores locutores Edson da Rosa Rodrigues e Gastão Moreira da Rocha. Gravação com celular. Decupagem na semana seguinte.

Na parte da tarde, às 16h30, me desloco de Cabify para o bairro Bom Jesus para encontrar com a comunicadora locutora da Voz do Morro Luciana Ferreira Soares na EMEF José Mariano Beck. Foi realizada a etapa sistemática de entrevista. Gravação com celular. Decupagem na semana seguinte.

#### Dia 19 de dezembro de 2017

Pela manhã me desloco até o bairro Sumaré, em Alvorada, para entrevistar o comunicador locutor da Voz do Morro Rafael da Silva Freitas na etapa sistemática da pesquisa. Gravação por celular. Decupagem na semana seguinte.

À tarde entro em contato por telefone com o comunicador ouvinte Adão, morador da Lomba do Pinheiro e agendamos entrevista na mesma noite. Aplico o roteiro da entrevista exploratória (comunicador ouvinte). Gravação via Skype. Decupagem no mesmo dia.

#### Dia 20 de dezembro de 2017

Encontro na Rádio Lomba do Pinheiro para entrevista com a comunicadora locutora Rosa Maria Nunes da Silva pela manhã. Gravação feita com celular. Aplicado roteiro da entrevista sistemática (comunicador locutor). Decupagem no mesmo dia.

#### Dia 05 de janeiro de 2018

Contato via Skype com os comunicadores ouvintes da Voz do Morro Emílio e Germano para realização da etapa exploratória de entrevistas. Gravação pelo celular. Decupagem no mesmo dia.

#### Dia 08 de janeiro de 2018

Ida à Lomba do Pinheiro para entrevistas exploratórias com os comunicadores ouvintes Rui e Ana. Rui foi entrevistado em sua residência que fica próximo à RADCOM e Ana, em um banco de um estabelecimento comercial no andar térreo de onde se localiza a rádio, pois tem problemas para subir escadas. Gravação por celular. Decupagem no mesmo dia.

#### Dia 09 de janeiro de 2018



Contato via WhatsApp e, na sequência, Skype com os comunicadores ouvintes da Voz do Morro Roberto e Fernando para realização da etapa exploratória de entrevistas. Gravação por celular. Decupagem no mesmo dia.

Dia 10 de janeiro de 2018

O dia foi reservado para a última ida à Lomba do Pinheiro. Pela manhã, visita à comunicadora ouvinte Francisca, em sua residência. A entrevista sistemática foi acompanhada pela sua filha, já que se trata de uma pessoa idosa. Na sequência, pego ônibus para a rádio comunitária e no caminho confirmo a segunda entrevista com Rui, também realizada em sua residência que eu já havia visitado na etapa exploratória. O comunicador ouvinte Rui é entrevistado no mesmo turno em sua casa. Gravação por celular. Decupagem na semana seguinte.

Dia 11 de janeiro de 2018

Deslocamento até Canoas para fase sistemática com comunicador ouvinte da Voz do Morro Roberto. Gravação por celular. Decupagem na semana seguinte.

Dia 12 de janeiro de 2018

Deslocamento até Alvorada para fase sistemática com comunicador ouvinte da Voz do Morro Fernando. Gravação por celular. Decupagem na semana seguinte.

Dia 18 de janeiro de 2018

Contato via Facebook e, na sequência, Skype com a comunicadora ouvinte da Voz do Morro Rachel para realização da etapa exploratória de entrevista. Gravação por celular. Decupagem no mesmo dia.

Dia 19 de janeiro de 2018

Encontro com a comunicadora ouvinte da Voz do Morro Rachel, no bairro Mário Quintana, para realização da etapa sistemática de entrevista. Gravação por celular. Decupagem no mesmo dia.